

# **“Há correias que imprimem movimento”: o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)**

**Joana Cristina Beato Ribeiro**

## **Trabalho de Projecto**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

## **Mestrado em Património**

**Outubro, 2018**

*“Há correias que imprimem movimento”: o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)*

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Património realizado sob a orientação científica da  
Professora Doutora Maria de Lurdes Rosa.

*“Há correias que imprimem movimento”: o espólio de Fernando da Silva Correia (1893-1966)*

*Para a minha família, em especial o meu Avô e o Henrique*

*“escrito de colaboração do cérebro com o coração”*

(RIBEIRÉTE, 1937, p. III).

## **Agradecimentos**

É sempre impossível, em trabalhos deste género, relembrar todas as pessoas que merecem o nosso agradecimento, todos os autores que nos inspiraram e todas as situações que ajudaram a construir ideias e a materializar o seu registo escrito.

Em primeiro lugar, um agradecimento à Professora Maria de Lurdes Rosa que desde o primeiro momento me desafiou a perspectivar os arquivos familiares e pessoais no seio do património documental. Deve-se outro a todos os Professores que me acompanharam durante os últimos cinco anos em que completei a licenciatura em História e agora o mestrado em Património na FCSH-UNL. Merecendo, em representação dos restantes, destaque os que mais acompanharam estes últimos momentos: o Professor António Camões Gouveia, a Professora Paula Ochôa e a Professora Graça Filipe.

É, depois, imperativo agradecer à Doutora Natália Correia Guedes e a toda a família Correia, em especial, nas pessoas das Doutoradas Carmina Montezuma e Leonor Correia-Guedes. Mais do que agora, em 1993 e em 2015 foi a Doutora Natália Correia Guedes quem garantiu o acesso ao objecto de estudo deste trabalho, promovendo o seu tratamento, mas também a sua divulgação e colocando a cargo do PH a valorização deste sistema de informação, em que se reconheceram inúmeras potencialidades para o avanço do conhecimento. Agradeço a sincera partilha das suas memórias familiares que ajudaram a compreender muitas das relações que é possível estabelecer a partir do estudo do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia.

Em terceiro lugar, mas igualmente fundamental, agradeço imenso à Dra. Isabel Xavier, que manifestou o maior interesse neste trabalho e confiou em absoluto na minha intenção de tratar e valorizar este património. Mais do isso, agradeço à Dra. Isabel o incansável acompanhamento deste trabalho!

No seio do PH, gostaria de destacar a Dra. Paula Cândido, cujo trabalho é ainda hoje actualíssimo, que tão gentilmente me colocou ao corrente de inúmeros pormenores da história custodial do sistema de informação em estudo e que me tem desafiado a mergulhar nestas questões, ainda tão longínquas, das Ciências da Informação.

E agradeço ainda ao Dr. João B. Serra que, com a Dra. Isabel Xavier, me ajudou a conhecer a história do PH (uma associação já com 25 anos!), mas que, mais do que por esse contributo, merece ser relembrado pelo exemplo de intervenção (cultural) de uma qualidade irrepreensível.

Através do PH conheci ainda duas pessoas que me mostraram existir de facto a possibilidade de estabelecer relações entre este sistema de informação e outros que possam complementá-lo (e vice-versa) – tarefa fundamental para a valorização deste património -: a Doutora Teresa Silva e o Dr. Hélder Machado.

Neste campo vale a pena acrescentar todas as pessoas que o PH me permitiu conhecer ou com quem tenho vindo a contactar de forma bastante furtiva: a Dra. Rita Sáez e o Designer Fausto Vicente, a Dra. Dóris Santos, a Dra. Joana Vitorino, a Dra. Margarida Araújo e (já afastada do PH, mas envolvida no primeiro tratamento do objecto de estudo) a Doutora Helena Pinto.

Agradeço ainda aos investigadores e autores que referencio ao longo deste trabalho ou que, mesmo indetectáveis aqui, ajudaram a desenvolver pequenas e grandes ideias sobre este sistema de informação. Entre estes investigadores está o Doutor Fernando da Silva Correia que, em especial, merece aqui uma pequena homenagem pelo percurso activo profissional e intelectualmente, que criou espaço para a formulação deste trabalho de projecto.

Agradeço a todos os meus amigos, já de uma vida ou mais recentes, que têm acompanhado os meus projectos de forma entusiástica, sendo capazes de aguentar valentes ‘secas’ só para me fazerem feliz. Em especial, à Briana, a minha tradutora particular!

E, por último, mas sempre os primeiros no meu coração. Agradeço a toda a minha família, em especial às minhas avós e aos meus avôs Francisco e Paulino, que hoje sei serem aqueles que cultivaram em mim este bichinho da História. Aos meus pais, cujo apoio incondicional tem sido sempre a minha força. À minha irmã que me obriga a elevar a fasquia diariamente. E ao Henrique, cuja paciência para mim é infinita.

**“Há correias que imprimem movimento”: o espólio de Fernando da Silva Correia  
(1893-1966)<sup>1</sup>**

**Joana Cristina Beato Ribeiro**

**RESUMO**

O conjunto documental produzido por Fernando da Silva Correia e a sua família entre a segunda metade do século XIX e a década de 1970, chegou até aos dias de hoje conhecido somente pela sua vertente pessoal. Verificou-se que esta ideia, que pretendia uma rápida identificação do produtor informacional, não correspondia totalmente à verdadeira origem da documentação. Além disso, acrescentou-se o facto do espólio reunido não ser somente composto pelo que constituía a parte documental do património de Fernando da Silva Correia, pois incluía uma variedade de outras tipologias patrimoniais. O objecto de estudo deste trabalho de projecto não corresponde ao espólio, mas sim, ao sistema de informação que foi seleccionado e depositado pela Doutora Natália Correia Guedes, sobrinha de Fernando da Silva Correia, na sede da associação *Património Histórico – Grupo de Estudos* em 1993. Analisa-se o que compõe este conjunto que, à parte singelos momentos de investigação e tratamento, se encontra praticamente estático desde 1995. Este sistema de informação (será tratado segundo o modelo sistémico) constitui parte de um legado familiar, o que torna fundamental a sua definição enquanto património documental e a adaptação do seu tratamento à metodologia definida para os arquivos familiares e pessoais. A relação que se estabelece entre estas duas áreas de estudo pretende formular um projecto interdisciplinar, que as conjugue, como meio para a produção de um conhecimento mais aprofundado sobre vários aspectos relativos aos objectos de estudos patrimoniais e arquivísticos/ informacionais. Este trabalho apresenta-se como um momento preliminar do estudo e tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, sendo este o objectivo principal do projecto que se constituirá. Nesse sentido, elabora-se um estudo biográfico do(s) produtor(es) informacional(is) e uma história custodial deste sistema de informação, assim como se analisa a sua situação actual, os problemas que coloca e se apresentam os primeiros resultados da investigação produzida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Património documental; História; Medicina; Arquivos familiares e pessoais; Fernando da Silva Correia

---

<sup>1</sup> O presente trabalho de projecto segue o Acordo Ortográfico de 1990 e as referências bibliográficas são indicadas a partir da Norma Portuguesa 405.

## **ABSTRACT**

The documentary set produced by Fernando da Silva Correia and his family between the middle of nineteenth century and the 70's, was until now known only by its personal documents. It was verified that idea, which intended a quick identification of its informational producer, was not exactly the true origin of all documentation. Besides that, we must consider that the heritage collected not only consisted of the Fernando da Silva Correia documentary heritage's, but also by a diversity of other assets. The object of study of this project work doesn't correspond to this collected spoil, but to the information system selected and deposited by Doutora Natália Correia Guedes, niece of Fernando da Silva Correia, at the *Património Histórico – Grupo de Estudos* headquarters of the association in 1993. This information system (will be treated according to the systemic model) that, beside unassuming moments of treatment and investigation, was found practically static since 1995. It consists in a part of a family legacy, which makes fundamental its definition as documentary heritage and the adaptation of its treatment to the methodology defined for family and personal archives, fundamental. The relationship established between both of these areas of study intends to formulate an interdisciplinary project that conjugate them as a way to produce a more in-depth knowledge of different aspects related to the heritage studies and archival/informational objects of study. This work presents itself as a preliminary moment of the study and treatment of the personal and family information system Fernando da Silva Correia, this being the main goal of the project to constituted. For this purpose, a biographical study of the informational producer(s) and a custodial history of this information system are made, as well as an analysis of the current situation, the problems that it arises and the presentation of the first results of the information system research.

**KEYWORDS:** Documentary heritage; History; Medicine; Family and personal archives; Fernando da Silva Correia

## **Índice**

Introdução .....	1
Capítulo I: O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia: entre o objecto e a problemática.....	3
1. Escolha do objecto de estudo .....	3
2. Os primeiros passos da investigação .....	4
3. Enquadramento metodológico-conceitual .....	5
Capítulo II: A construção de um património documental: os arquivos familiares e pessoais.....	7
1. Património cultural e documental: um breve estado da questão.....	9
2. Os arquivos familiares e pessoais – a sua identificação e tratamento. 18	
2.1. Estudos de casos entre os arquivos familiares e pessoais – alguns exemplos .....	25
Capítulo III: Entre os problemas antigos, um novo: o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia.....	28
Capítulo IV: Explorar produtores, entidades custodiais e documentos: os primeiros passos do tratamento.....	31
1. Fernando da Silva Correia: o princípio da informação .....	31
1.1 Fernando da Silva na historiografia .....	34
1.2 Um médico e um historiador (autodidacta) entre séculos.....	41
1.3 A família Correia: mais produtores de informação? .....	66
2. A construção e o trajecto de um sistema de informação .....	69
2.1 Os “papéis” de Fernando da Silva Correia: da produção à fragmentação..	70
2.2 De espólio a “Arquivo Fernando da Silva Correia” .....	74
2.2.1 Uma associação e um espólio para a história das Caldas da	



Rainha .....	77
2.3 Os instrumentos de descrição documental do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia: o que revelam? .....	86
3. Explorar documentos, descobrir a informação – de “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia” a sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia...92	
Capítulo V. O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia – hipóteses para um projecto de investigação .....	106
Conclusão.....	112
Referências bibliográficas .....	114
Apêndices.....	i
1. Modelo de declaração para autorização das entrevistas .....	ii
2. Declaração da entrevistada Doutora Natália Correia Guedes .....	iii
3. Guia para a entrevista à Doutora Natália Correia Guedes.....	iv
4. Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes.....	vi
5. Declaração da entrevistada Dra. Isabel Xavier.....	xxxii
6. Declaração do entrevistado Dr. João B. Serra .....	xxxiii
7. Guias para as entrevistas à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra...xxxiv	
8. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra .....	xxxv
9. Breve cronologia da vida de Fernando da Silva Correia (1893-1966)...lxix	
10. Árvore Genealogia de quatro gerações da família Correia .....	lxxi
11. Obra científica e literária de Fernando da Silva Correia .....	lxxii
12. Cronologia sobre a história custodial do espólio de Fernando da Silva Correia .....	c
13. <i>Quadro Provisório de Classificação</i> (reconstituído) de Paula Cândido .....	cii
14. Recuperação das várias secções e subsecções do campo “Nível de descrição” no tratamento de Joana Vitorino .....	ciii

15. Proposta de quadro orgânico-funcional do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia .....	cxv
16. Registo fotográfico do tratamento.....	cxviii
17. Registo fotográfico do Colóquio e Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia” .....	cxxv
18. Registo de autoridade de Fernando da Silva Correia em ICA-AtoM...cxxx	
19. Registo da entidade detentora em ICA-AtoM .....	cxxxi
20. Registo da descrição (nível Fundo) em ICA-AtoM .....	cxxxii
Anexos .....	cxxxiii
1. <i>Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia</i> por Paula Cândido...cxxxiv	
2. <i>Normas de Arquivo</i> por Joana Vitorino .....	cxlix
3. Carta de doação da Doutora Natália Correia Guedes .....	clvi

## **Lista de abreviaturas**

AHM – Arquivo Histórico Militar

AHMCR – Arquivo Histórico-Municipal das Caldas da Rainha

CAPI – Corpo de Artilharia Pesada Independente

CEP – Corpo Expedicionário Português

FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa

ICA – International Council on Archives

IDD – Instrumento de descrição documental

ISHRJ – Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge

PH – Património Histórico – Grupo de Estudos

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## **Introdução**

O presente trabalho de projecto tem, como o próprio título introduz, a intenção de dar movimento (entenda-se: valorizar) a um património. Esta questão, como se verá, assume uma importância fulcral para a continuidade dos objectos em análise nos estudos de património. Neste caso, avançam-se algumas hipóteses de tratamento e estudo do núcleo documental produzido por Fernando da Silva Correia e a sua família entre a segunda metade do século XIX e a década de 1970. Este chegou até aos dias de hoje conhecido, entre outros nomes, por “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia”, mas verificou-se que estes, que visavam antes de mais uma rápida identificação do produtor informacional, não correspondiam totalmente à verdadeira origem da documentação.

O objecto deste estudo não corresponde ao que seria o espólio na sua totalidade (reunido no final da década de 1960), mas ao núcleo documental que foi seleccionado e depositado pela Doutora Natália Correia Guedes na sede do PH em 1993. Analisa-se o que compõe este conjunto que, à parte singelos momentos de investigação e tratamento, se encontra praticamente estático desde 1995. Este sistema de informação (será tratado segundo o modelo sistémico) constitui parte de um legado familiar, o que torna fundamental a sua definição enquanto património documental e a adaptação do seu tratamento de acordo com a metodologia definida para os arquivos familiares e pessoais. A relação que se estabelece entre estas áreas de estudo, pretende concorrer para a formulação de um projecto interdisciplinar que as conjuga como meio para a produção de um conhecimento mais aprofundado sobre vários aspectos relativos aos objectos de estudos patrimoniais e arquivísticos/ informacionais.

Conhecer este sistema de informação é uma tarefa que apenas está completa quando se analisam os seus vários produtores, pois este reflecte o que foram produzindo ao longo da vida. Fernando da Silva Correia (1893-1966) é essencialmente valorizado pelas suas actividades profissionais enquanto médico, higienista, historiador da Medicina e professor, apesar de o núcleo documental que produziu e acumulou reflectir outras actividades de que se ocupou, por exemplo, as de romancista ou publicista. Além destes, o presente trabalho revela outros aspectos da sua vida: a passagem pela Universidade de Coimbra (1911-1917) ou pela Grande Guerra (1918); a vivência nas Caldas da Rainha, enquanto médico municipal, que lhe permitiria lançar-se depois para outras instituições enquanto professor - Instituto de Serviço Social - ou enquanto

investigador - Instituto para a Alta Cultura - ou ainda o desempenho de director do ISHRJ, cargo de que reformaria em 1961, dedicando os últimos anos de vida à investigação.

Este texto apresenta-se como um momento preliminar do estudo e tratamento do sistema de informação pessoal e familiar de Fernando da Silva Correia, sendo o tratamento integral o objectivo principal do projecto que no futuro se constituirá. Analisa-se a situação actual do referido sistema e apresentam-se os primeiros resultados da investigação produzida, cujo percurso obedece às indicações da FCSH-UNL para este tipo de trabalho final de mestrado.

No capítulo I é feita uma apresentação do objecto e da problemática em que se insere. No capítulo II é analisada a mais relevante bibliografia científica, referente ao estudo do património cultural/documental e dos arquivos familiares e pessoais. Através da elaboração de um estado da arte, define-se o enquadramento conceptual e metodológico deste trabalho e procura-se justificar a possível contribuição para o avanço do conhecimento científico que o mesmo pode suscitar. No capítulo III enquadra-se o objecto de estudo no contexto apresentado anteriormente, definindo-se os seus problemas, identificando aqueles que se procurou resolver neste trabalho de projecto e os que só se solucionarão no futuro. Do capítulo IV constam os resultados da investigação exploratória realizada em torno do objecto de estudo, respondendo aos problemas colocados. Este capítulo divide-se em três partes: a primeira é composta pela biografia dos produtores de informação, destacando-se Fernando da Silva Correia, identificado como produtor principal; a segunda parte estabelece a história custodial deste sistema de informação e a terceira apresenta alguns elementos sobre o seu estudo e tratamento. No capítulo V planificam-se algumas ideias sobre o projecto a desenvolver no âmbito do doutoramento em Arquivística Histórica na FCSH-UNL. Este capítulo inclui algumas hipóteses de investigação deste objecto de estudo no âmbito das Ciências da Informação, tendo por base as metodologias empregues no tratamento dos arquivos familiares e pessoais, assim como algumas propostas de divulgação e valorização enquanto património documental. Em simultâneo, dá-se conta das actividades já iniciadas ou desenvolvidas no âmbito deste trabalho de projecto.

Na sequência dos capítulos elencados encontram-se as referências bibliográficas que ajudaram na prossecução deste trabalho, assim como os anexos e apêndices que o completam.

## **I. O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia: entre o objecto e a problemática**

Este trabalho de projecto desenvolve o estudo e o tratamento do sistema de informação a que, por diversas razões clarificadas adiante, começou por se atribuir o nome “espólio de Fernando da Silva Correia”.

Desde o início do trabalho de aproximação ao objecto e à problemática que lhe está associada, percebeu-se a impossibilidade de não atender a algumas das suas especificidades, que o colocam claramente no centro das áreas de estudo trazidas para a análise. Considerou-se que este sistema de informação é relevante no campo do património (documental), assim como integra uma problemática muito actual: a dos arquivos familiares e pessoais. A este enquadramento, já por si complexo e extenso, foi-se agregando uma outra área de estudo que acaba por se interligar de forma mais convicta com as anteriores, a Arquivística Histórica.

### **1. Escolha do objecto de estudo**

A escolha do objecto de estudo deste trabalho tem, como é habitual, uma breve história associada. Durante o mestrado em Património, sempre se vislumbrou a questão da documentação como parte fundamental da análise dos bens patrimoniais e, mesmo, como uma parte desses bens, passível de ser patrimonializável. Foi neste sentido que se desenvolveram, em primeiro lugar, uma breve análise do espólio de Francisco João Beato (1929-2016)<sup>2</sup> e, em segundo lugar e de forma mais séria e abrangente, o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia (1893-1966). O estudo deste sistema permitiu a sua definição como principal objecto deste trabalho académico, o que, como será apresentado adiante, abriu espaço a outras investigações, apresentadas em encontros científicos, publicadas na imprensa e em revistas científicas, assim como a uma exposição fotográfica e documental com o título “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”.

---

<sup>2</sup> Neste âmbito foi desenvolvido o trabalho *Do património familiar ao património local – uma construção em torno do «negócio» de Francisco João Beato* para o seminário “História, Metodologias e Teoria do Património em Portugal” leccionado pela Professora Graça Filipe e foi apresentada a comunicação “Os bens alimentares no comércio local: um estudo de caso – Francisco João Beato (1960-1980)” no Congresso Internacional «Para a mesa: produção, transformação e distribuição alimentar nos séculos XIX, XX e XXI” em Fevereiro de 2017.

Este sistema de informação apresentou-se como um bem patrimonial de valor ainda incalculável e inédito, se se tiver em conta o limitado conhecimento da informação ou do seu próprio tratamento, pouco desenvolvido desde 1999. Assim, este revelou-se fundamental para a valorização e divulgação deste património documental, tornando-se o objectivo do projecto que aqui se desenvolve.

## **2. Os primeiros passos da investigação**

O acesso ao sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia foi um processo demorado na sua descoberta, mas rápido no seu estabelecimento. Isto porque a associação *Património Histórico – Grupo de Estudos*, na pessoa da Dra. Isabel Xavier, actual presidente da direcção, rapidamente mostrou a maior satisfação por ver este sistema de informação ser objecto de um trabalho académico numa área de estudo em que se desenvolve a sua actividade. Esta associação, com sede nas Caldas da Rainha, é a actual proprietária do sistema, pois em 2015, a Doutora Natália Correia Guedes doou-o oficialmente, após um período c. 22 anos em que este foi mantido na sua sede sob um depósito não oficial.

Neste processo foi igualmente importante o contacto estabelecido com a família Correia, em que se destaca a Doutora Natália Correia Guedes, cujo testemunho é essencial para vislumbrar a personalidade de Fernando da Silva Correia enquanto indivíduo no seio familiar. Foi esta senhora, sobrinha do referido produtor, quem reuniu o seu espólio na década de 1960, participando na história custodial do sistema de informação que representa parte desse espólio.

Para salvaguardar as suas memórias, mas também para conhecer o percurso do sistema de informação até dar entrada na associação e, depois, já enquadrado neste seu proprietário, foram efectuadas duas entrevistas: à Doutora Natália Correia Guedes e, em conjunto, à Dra. Isabel Xavier (actual presidente da direcção do PH) e ao Dr. João B. Serra, que em 1993 – data do depósito do sistema de informação na sede do PH - era presidente da sua direcção. Estabeleceu-se ainda contacto com todas as investigadoras que estiveram mais próximas deste sistema: a Dra. Paula Cândido, a Dra. Margarida Araújo, a Doutora Helena Pinto e a Dra. Joana Vitorino.

Em simultâneo, foi decorrendo um trabalho exploratório para conhecimento do sistema de informação. Este permitiu conhecer outros aspectos da vida de Fernando da Silva Correia que, ao estarem documentados neste sistema de informação, o fazem

adquirir uma importância acrescida quando se pretende a classificação de um sistema de informação de acordo com o modelo adoptado nesta análise.

### **3. Enquadramento metodológico-conceptual**

A bibliografia científica reunida procurou dar resposta às duas problemáticas que estão na base desta análise. Ao longo das últimas décadas tem sido crescente a vontade de desenvolver as metodologias seguidas nos estudos patrimoniais (ROSA, 2011, p. 316) e no tratamento de arquivos familiares e pessoais (PEREIRA, 2018, pp. 14-18). O presente trabalho de projecto acaba por fazer uma simbiose destas áreas de estudo, na medida em que, através de um estudo de caso, se pretende associá-las para que se complementem de forma interdisciplinar.

Para uma análise da perspectiva patrimonial ou do património cultural/documental, ter-se-á em conta o(s) conceito(s), as definições, os valores, a questão da conservação/preservação e da divulgação/valorização. Para uma análise da perspectiva da Arquivística/ das Ciências da Informação e, em especial, no que diz respeito aos arquivos familiares e pessoais, há a ter em conta o seu papel na história desta ciência. Tal deverá ser feito através da análise da evolução desse tratamento, avaliando o impacto que a sua existência tem provocado nas metodologias da Arquivística.

Por exemplo, as dinâmicas público-privado e familiar-pessoal têm provocado um estudo intensivo tanto entre os investigadores que se dedicam ao tratamento destes sistemas de informação, como entre aqueles que se dedicam aos estudos patrimoniais. Qualquer uma destas dinâmicas coloca mais próximos dos estudos patrimoniais estes sistemas de informação, por duas razões principais, que, à partida, podem não ter relação directa: 1) constituem um legado – principal (e simplista) conceito de património - do qual se pode identificar mais claramente um herdeiro ou uma comunidade herdeira, tendo em conta a informação veiculada pela sua documentação ou 2) na ausência de um claro herdeiro, a valorização de um sistema, tendo por base os seus valores patrimoniais, afirma-se como uma possibilidade de intervir na preservação, conservação e divulgação que o sistema necessita.

A evolução que tem pautado estas duas áreas de estudos, mas especialmente a Arquivística/ as Ciências da Informação, tem concorrido para a definição de uma nova abordagem, conhecida por Arquivística Histórica (ROSA, 2017). Esta, pelo principal objecto a que consagra a sua análise, aproxima ainda mais a relação que é possível



estabelecer entre os estudos patrimoniais e o tratamento dos arquivos familiares e pessoais.

Para cumprir o objectivo principal deste trabalho de projecto - o tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia -, é necessário conhecer a metodologia destas áreas de estudo e, em simultâneo, adaptá-la a este caso. A perspectiva patrimonial permite a valorização deste sistema, o que concorre com a ideia de uma consciencialização para a sua existência e para a importância que este pode assumir para uma comunidade que o veja como património seu, o que transpõe um legado privado/familiar para o meio público. A perspectiva da Arquivística/ das Ciências da Informação conjuga a sua análise para a resposta necessária à valorização introduzida pela perspectiva patrimonial, na medida em que a valorização (e todas as acções que lhe são adjacentes) pressupõe um conhecimento aprofundado e integral de um determinado bem. Ora, a metodologia desta área de estudos tem como objectivo máximo a descrição e o conhecimento da informação que compõe os sistemas de informação. Assim, encontra-se um primeiro objectivo que acaba por ter algumas semelhanças entre as duas áreas: o acesso, seja a investigadores, seja a um público mais geral. De certa forma, o estudo aprofundado e aperfeiçoado de um bem patrimonial/ de um sistema de informação acaba sempre por permitir (o que é essencial para dar sentido à investigação) o acesso público, seja este aceite ou não como um dos objectivos iniciais da área de estudos.

É nesta conjugação de objectivos comuns que a Arquivística Histórica vai introduzir um objecto de estudo renovado: o arquivo/ o sistema de informação, seguindo metodologias próprias. Assim, tal como as Ciências da Informação (SILVA, 2004, p. 56), esta nova área de estudos facilita a integração dos estudos patrimoniais na análise que se produz para conhecimento da informação que os arquivos/ sistemas veiculam, assim como na análise destes enquanto objecto de estudo em si mesmos.

## **II. A construção de um património documental: os arquivos familiares e pessoais**

Neste capítulo é desenvolvido o contexto metodológico-conceitual, já sumariamente apresentado, no qual estão enquadrados o objecto de estudo e a análise que dele é produzida neste trabalho de projecto. A metodologia que serviu de base à elaboração deste texto aproxima-se da empregue nos estados da arte. Consideraram-se várias concepções para formular este trabalho e o olhar que se dirige ao objecto de estudo, não se produzindo aqui uma análise exaustiva das questões. Como fios condutores da investigação, surgem duas questões principais: 1) como se têm enquadrado ou como se podem enquadrar os arquivos enquanto parte de um património cultural/ documental mais vasto, considerando que esse estudo implica a sua valorização e divulgação e 2) como se tem processado o tratamento dos arquivos familiares e pessoais, quando definidos como sistemas de informação com uma composição própria.

A resposta à primeira questão tem vindo a ser desenvolvida no âmbito do mestrado em Património da FCSH-UNL. A frequência dos seminários ajudou a problematizar o património nas suas várias vertentes, incluindo a documental (que aqui importa especialmente). A bibliografia reunida em torno desta problemática contribui para a constituição de alguns campos centrais da sua acção, como: a definição dos conceitos (património cultural e património documental), os valores, a classificação, as medidas para salvaguarda/conservação/preservação, a divulgação/valorização ou o inventário/ descrição (ESPERANÇA, 1997).

Para responder à segunda questão foram reunidas várias obras e artigos que, além do tratamento dos arquivos familiares e pessoais, serviram de intróito à metodologia seguida pelas Ciências da Informação enquanto área de estudos dedicada ao tratamento da informação (e da documentação em que esta é veiculada). Conhecer estas metodologias não é de somenos importância, pois existe uma estreita relação entre a evolução desta ciência e o estudo dos arquivos familiares e pessoais, assim como se tornou relevante orientar a conceptualização deste objecto de estudo no mesmo sentido do modelo sistémico (SILVA, 1999 e 2002).

Procura-se demonstrar como, após a aceitação de qualquer arquivo como parte de um património documental, seja qual for o seu âmbito de produção, enquadramento

ou valor, é possível cruzar as metodologias desenvolvidas tanto para os estudos patrimoniais, como para as Ciências da Informação. Os estudos de património têm com efeito vindo a definir-se de uma forma altamente interdisciplinar que cruza e incorpora as metodologias empregues em diferentes ciências sociais ou outras, de que são exemplo a Arquitectura ou a Conservação e Restauro.

A classificação do património ou a simples consciencialização da sua existência e, no caso dos documentos, do seu valor enquanto um bem/ uma herança que não deve apenas ser valorizada pela informação que veicula, mas igualmente pelo valor de (uma) cultura que testemunha e transmite, vai alargar grandemente a importância que detêm. Os estudos patrimoniais necessitam do contributo de inúmeras ciências, mas a sua integração nessas mesmas ciências pode trazer grandes vantagens à análise produzida. Assim, os estudos de património estão mais próximos dos bens patrimonializáveis e devem estar também mais próximos daqueles que se dedicam ao seu estudo.

Estas ideias podem ser ainda mais úteis para o caso específico dos arquivos familiares e pessoais, já que, exceptuando-se os casos em que as famílias e os indivíduos não tenham herdeiros, estes têm automaticamente uma (mesmo que pequena) comunidade que os valoriza: aqueles que os herdaram. Mesmo que não (re)conheçam todos os valores que estes podem assumir, na maioria dos casos, os herdeiros atribuem-lhes outros valores, sendo o afectivo o mais comum, uma vez que os arquivos lhes recordam os familiares (seus produtores) já desaparecidos. Fica somente a questão: um património (documental) familiar ou pessoal pode ser valorizado por membros exteriores ao seu contexto de produção, ou seja, ter uma comunidade (mesmo que diminuta) que o salvguarde e valorize?

Muitas vezes são o estudo e a divulgação destes bens patrimoniais que possibilitam a constituição desta comunidade que é, como se verá, essencial à manutenção do “movimento” (BOAS, 2012, pp. 127-128) e da vivência do arquivo.

## **1. Património cultural e documental<sup>3</sup>: um breve estado da questão**

*“Património é uma coisa que nunca mais tem fim.”* (ROSSA, 2015, p. 149).

*“El archivo como ‘monumento cultural’ europeo y materialización del patrimonio histórico-artístico común. (...) Conservar documentos, ordenados de una determinada manera, destruirlos, esconderlos, copiarlos, etc., etc., son actividades todas ellas que reflejan usos y prácticas sociales y culturales de extrema importância.”* (BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, p. 596).

A definição e a classificação de bens patrimoniais têm vivido um processo próximo das realidades emanadas por organismos internacionais. Tal é facilmente explicável, pois são muitas vezes as disposições desenvolvidas por entidades como a UNESCO, que fazem alterar os organismos internos de cada país.

Um pouco por toda a Europa, a preocupação patrimonial começou centrada na preservação dos monumentos (CHOAY, 2006 e ROSAS, 1995), ou seja, no que hoje é conhecido por património imóvel, edificado ou arquitectónico (CORREIA, 2015). Mais tarde, destacaram-se os bens patrimoniais pela sua vertente cultural, isto é, o seu valor enquanto testemunho de uma determinada civilização ou cultura.

No contexto português mantém-se como elemento principal, para perceber como tem vindo a ser encarado o património cultural, a Lei de Bases 107/2001<sup>4</sup>. Esta define património cultural como um conjunto de “testemunhos [materiais ou imateriais] com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante”, tendo o Estado Português como objectivo garantir a sua “especial protecção e valorização.” Salvaguarda-se igualmente a necessidade de integração dos “respectivos contextos [de criação, vivência, etc.] que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa”.

A política cultural definida nesta Lei, assenta em alguns princípios, de que são exemplo: a **inventariação**, como um levantamento sistemático e em constante actualização que permite uma rápida identificação dos bens culturais; o **planeamento**, que tenta assegurar a sua planificação (planos de conservação, prevenção...) e a

<sup>3</sup> Uma aproximação entre estas duas vertentes do património foi também elaborada em LAGE, 2002,

<sup>4</sup> *Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural.* [Em linha]. DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. [Cons. 25 de Setembro de 2017]. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>.

**programação**, tendente à sua divulgação; a **coordenação**, como uma forma de colocar estes bens culturais em relação com “as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo” ou, um último exemplo, a **informação**, “a recolha sistemática de dados” que “faculta o acesso aos cidadãos e outros organismos interessados”. Compreendendo as várias áreas de acção desta política, desenvolve-se uma classificação baseada em três modelos: de interesse nacional, público e municipal. Isto, seguindo determinados critérios relativos, por exemplo: ao “génio do respectivo criador”; ao “interesse do bem como testemunho notável de vivências ou factos históricos”, ou ao “valor estético, técnico ou material intrínseco do bem”.

Entre os bens que devem ser classificados, é imediata a identificação da língua portuguesa como “um elemento essencial”. Qualquer bem cultural móvel deve ter sido produzido por portugueses ou em território nacional, o que se reflecte nos critérios aplicados à sua classificação enquanto património arquivístico, bibliográfico ou fotográfico – tipologias que integram o conceito de património documental.

A lei ajuda a materializar, na actualidade, uma preocupação já bem antiga. Na história (do património) nacional, foi no duplo monumento pátrio - edifício e documento - de Alexandre Herculano, que se iniciaram os estudos patrimoniais, na medida em que esta preocupação com a “lembrança do passado” (*Apud* CABRAL, 2013, p. 17) fez emergir um estudo continuado do património.

O “conceito contemporâneo de património” tem, assim, sido formulado “para garantir o futuro do passado”. Nesta concepção dos estudos patrimoniais está implícita a necessidade “de subtrair as coisas [veja-se, os bens] ao tempo”, no entanto este processo acarreta inúmeros riscos, de que é exemplo a “construção do próprio passado” (ARAÚJO, 2015, pp. 49-50). Em simultâneo, o conjunto de práticas intelectuais que tem guiado os estudiosos do património, tem vindo a desenvolver o conceito, assim como tem alargado o conjunto de bens passíveis de patrimonialização<sup>5</sup>. Através de diferentes campos de acção e propiciando a aceitação das mais diversas intervenções patrimoniais, tornando esta área de estudos cada vez mais aberta, dinâmica e

---

<sup>5</sup> “A construção da consciência da relevância civilizacional integradora do património (...) universalizou” e “desmaterializou” o património. Deolinda Folgado considerou que as “novas tipologias” patrimoniais surgem como a solução tendente a “harmonizar uma espécie de conflito emergente entre o presente e o passado”, FOLGADO, 2011, pp. 323-324.

interdisciplinar. Só assim se constitui um conjunto de práticas “que não sejam redutoras” do objecto de estudo “pluridisciplinar e omnidimensional” que é o património (ESPERANÇA, 1997, pp. 28-29).

Património define-se, em primeira instância, como o “que é recebido dos pais, a herança familiar”, transformado em objecto ou “matéria” numa “construção global”. No entanto, enquadrado ou não no seio da família, só existe património, quando este “suscita o interesse de alguém, preferencialmente de quem, por alguma forma, esteja inserido na comunidade institucionalmente melhor posicionada para o poder proteger, usufruir e desenvolver.” É este “alguém” “que faz do património um ativo presente (...), requerendo atenção e gestão permanentes, ou seja, estudo, divulgação, planeamento e desenvolvimento” (ROSSA, 2015, pp. 11-15). O património surge então na relação comunidade-cultura como uma forma presente e disponível de acesso do primeiro ao segundo vector, sendo este capaz de melhorar a qualidade de vida do primeiro e de lhe proporcionar momentos de lazer, tal como é proposto na Lei de Bases 107/2001.

Hugues de Varine tem trabalhado a valorização do património enquanto elemento de “desenvolvimento local”, assegurando as respectivas vivência e dinâmica. Património é, assim, “o resultante, material e imaterial, da actividade criadora e conjunta do homem e da natureza” e deve ser valorizado tendo em conta que “é, antes de tudo, local, antes de ser nacional ou mundial.” Este autor considera também que um património “só vale pelo uso que dele se pode fazer”, alargando-se assim os bens patrimonializáveis, sejam privados ou de maior ou menor valor histórico e antiguidade, desde que o seu uso seja relevante para a comunidade que o valoriza. A “acção cultural”, tendente à valorização do património, inicia-se com a elaboração de um inventário, seguindo-se a criação de actividades “no seio do próprio património” e “a partir” dele (VARINE, s. d., p. 11, 14, 23-24, 86-89, 229).

Nos estudos patrimoniais, as questões mais comuns já adquiriram uma “harmonização” aparente, que ainda não chegou à “teorização” de todo o “universo cultural” que envolve tanto o bem patrimonial, como a sua concepção e estudo (ROSSA, 2015, pp. 15-16; ESPERANÇA, 1997, p. 16). É neste contexto de indefinição que se convoca “um apolítico senso comum, que não ignora a essência da questão, mas que não convoca para a discussão todos os atores” e que leva à ideia de “património partilhado” ao estilo de Stuart Hall (ROSSA, 2015, pp. 15-16). Esta ideia integra as

concepções dos *Critical heritage studies*<sup>6</sup>, campo interdisciplinar com métodos próprios assente numa relação próxima com os estudos culturais.

Entre as concepções patrimoniais já enunciadas, surge a de Guilherme Martins que parece mais completa: “um conjunto de recursos herdados do passado, (...) um reflexo e uma expressão dos valores, crenças, saberes e tradições. Fazem parte de um movimento incessante que atravessa o tempo, independentemente do regime da propriedade dos bens, ou até de uma perspectiva apenas material. Pedras vivas e pedras mortas, herança e criação – eis o que temos de entender como permanente evolução. Afinal, há sempre uma ligação fecunda entre as pessoas e os lugares, (...). Pessoa e comunidade, eis os factores por excelências da cultura.” Para este autor, as várias acções tendentes a valorizar o património devem garantir a sua continuidade, através da sua “identificação, estudo, interpretação, protecção, conservação e apresentação” (acções enquadradas em “medidas legislativas para o exercício do direito ao património cultural”) e da promoção da “protecção do património cultural como elemento central dos objectivos de desenvolvimento sustentável, diversidade cultural e criação contemporânea”, reconhecendo “o valor do património em si, independentemente da sua origem ou pertença” (MARTINS, 2011, p. 337).

Como já foi possível perceber, o conceito de património cultural tem sido utilizado de forma abrangente, agrupando uma série de outras “tipologias” patrimoniais que, em maior ou menor escala, também se foram introduzindo nesta área de estudo (FOLGADO, 2011). Na verdade, qualquer bem (material ou imaterial) para ser patrimonial, tem como premissa obrigatória a sua vertente cultural, na medida em que deve ser o testemunho da acção de um indivíduo (, comunidade ou sociedade) enquanto representação de um tempo e das vivências que lhe estão associadas.

É neste sentido que o património documental deve ser entendido como património cultural, ou seja, como o produto de um tempo, no seio de uma realidade específica que o leva a transmitir uma determinada cultura. Esta tipologia patrimonial, confluindo os patrimónios arquivístico, bibliográfico e fotográfico, convoca, tal como estes, a ideia de “lugar de memória”, retornando à expressão de Pierre Nora (*Cit. CABRAL*, 2013, p. 17). À parte esta concepção dos arquivos, o conceito “património

---

<sup>6</sup> Vide HARRISON, 2013 e *International Journal of Heritage Studies*, [Em linha]. [Consult. a 17 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: <https://www.tandfonline.com/toc/rjhs20/current>.



documental” tem servido essencialmente para alargar a capacidade de conservação destes bens<sup>7</sup>.

Retornando às entidades internacionais, o património documental tem vindo a ser estudado no âmbito do programa “Memória do Mundo”<sup>8</sup>, que pretende garantir o acesso e a sua preservação a nível internacional, nacional e regional. Um dos seus objectivos é “Criar uma maior consciência (...) da existência e da importância do património documental”, sendo este aceite independentemente da sua extensão ou âmbito de produção (EDMONSON, 2002, pp. 10; 16-17).

Aí se percebe que esta tipologia patrimonial impõe um duplo (ou triplo) modo de olhar e valorizar um bem (um documento enquanto suporte físico), a informação que veicula e ainda o contexto de criação/ produção e a conservação/ trajectória de vida.

Na tentativa de contribuir para esta visão e, em simultâneo, para a construção deste bem enquanto activo económico, em Outubro de 2014 um acontecimento juntou a 2.ª Conferência Anual de Arquivos, a 9.ª Conferência Europeia de Arquivos e as 13as Jornadas Imatge i Recerca em Girona sob o mote “Arquivos e Indústrias Culturais”. No Arquivo Municipal de Girona procurou debater-se o potencial da documentação dos arquivos enquanto recurso para a criação e o consumo de cultura entre os cidadãos. O debate dividiu-se em três perspectivas: a dos conteúdos – como os organizar, descrever, digitalizar e difundir de forma a favorecer o seu acesso e contribuir para a sua valorização; a das indústrias culturais – que negócios se podem associar a esses conteúdos e como articular esse negócio com os sectores público e privado – e, por último, a da cidadania – quais os interesses e hábitos de consumo dos cidadãos e que tendências parecem advir para o futuro<sup>9</sup>.

Talvez devido à inclusão das 13as Jornadas da Imatge e Recerca, uma grande parte dos trabalhos apresentados dedicou-se essencialmente ao património fotográfico. Tal poderá ser também uma consequência do acesso mais facilitado que a imagem proporciona, sendo reconhecido pelos participantes o dever de difundir e partilhar o

---

<sup>7</sup> Vide BELLO, 2002 e a obra *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* (2012), em que se perspectivam algumas achegas às questões da conservação dos documentos enquanto património (ESLAVA OCHOA, 2012, pp. 707-709).

<sup>8</sup> Mais informações sobre o programa em: <http://www.unesco.org/new/en/santiago/communication-information/memory-of-the-world-programme-preservation-of-documentary-heritage/>.

<sup>9</sup> “Girona 2014: 1 congresso, 3 acontecimientos” In *Girona 2014. Archivos e Industrias Culturales*. [Em linha]. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://www.girona.cat/web/ica2014/esp/presentacio\\_ica2014.php](http://www.girona.cat/web/ica2014/esp/presentacio_ica2014.php).



património cultural, em especial através das plataformas virtuais/ digitais (IRALA HORTAL, 2014, p. 1).

Norma Fenoglio considerou os arquivos um “patrimonio unico e irremplazable” – compreendendo o “conjunto de documentos de valor permanente, que sirven como fuente de información para mostrar la identidad, para estudios de cualquier naturaleza y que constituyen la memoria de un pueblo. (...) una imagen de la sociedad, la herencia que cada generación transmite a las siguientes”. Assumiu como momentos da constituição do património documental, as tarefas de tratamento arquivístico. (FENOGLIO, 2014)

Francesc Salamanca ocupou-se do fundo fotográfico do geógrafo Bartolomeu Pericàs, que apresentou como uma personalidade de destaque na primeira metade do século XX. Este geógrafo trabalhou em diferentes âmbitos científicos, o que lhe permitiu estabelecer relações com intelectuais por todo o mundo e lhe terá despertado curiosidade pelo campo cultural. À semelhança do caso de estudo deste trabalho, também foi a sua família que doou o seu arquivo à associação Comunitat Autònoma. A divulgação deste arquivo tem sido feita de forma a tirar partido da sua vertente fotográfica e a sua descrição efectuada através do ICA-AtoM. Para o autor, este arquivo é “un patrimoni de procedència científica però ambindubtable valor històric i cultural” (BONNÍN SALAMANCA, 2014, p. 1). A sua análise centrou-se, inicialmente, na “figura científica” do produtor informacional, passando depois por uma breve descrição dos fundos e terminando com a planificação da sua divulgação através da digitalização, catalogação e difusão de conteúdos<sup>10</sup>.

Jorge Chávez preocupou-se essencialmente com a definição do que pode ser uma indústria cultural: “«aquellas industrias que combinan la creación, la producción y la comercialización de contenidos creativos que sean intangibles y de naturaleza cultural» y que «incluyen generalmente los sectores editorial, multimedia, audiovisual, fonográfico, producciones cinematográficas, artesanía y diseño»” (NÚÑEZ CHÁVEZ, 2014, p. 1). Entre as acções que o autor indicou para a difusão dos arquivos, destacam-se a publicação de livros e catálogos, sítios web, visitas guiadas, exposições, actividades

---

<sup>10</sup> Pilar Hortal, ao tratar de um fundo fotográfico pessoal, destacou o “gran valor histórico y cultural desde el punto de vista de la historia fotografía y de su estética, así como del conocimiento de los personajes que han participado en la historia de España”. A autora descreveu o “proyecto de difusión” do arquivo que estuda através de novas tecnologias, IRALA HORTAL, 2014, p. 3.

artísticas e culturais no recinto, espaços na rádio, televisão ou imprensa e redes sociais na internet.

Outros autores têm explorado esta questão da divulgação (/dinamização) dos arquivos, enquanto património. Entre o contexto espanhol, pareceu de relevância a obra *Archivos y cultura: manual da dinamización* (2001). De uma forma abrangente, semelhante à proposta publicada em 1999, por Armando Malheiro da Silva (e outros), os autores desta obra propõem a relação entre arquivos-bibliotecas-museus, definindo que a dificuldade em estabelecer um contacto furtivo com a comunidade reside essencialmente, no facto de serem lugares sem movimento: “oscuros, cerrados, polvorientos y silenciosos”. É na renovação desta relação cultura/arquivos-comunidade que assenta o desenvolvimento destes últimos enquanto “empresas culturales”, ou seja, promotoras de actividades tendentes à valorização e divulgação dos seus conteúdos. As actividades podem ser as mais variadas, destacando-se, por exemplo, a realização de exposições (BAIGET, 2001, p. 437-438).

Em Portugal, Maria de Lurdes Rosa estabeleceu a patrimonialização dos arquivos familiares e pessoais como parte de um processo que permite não só a construção de memória, mas também a sua valorização enquanto activo capaz de integrar as “redes internacionais”, que na área da “indústria de conteúdos culturais”, desenvolve o “turismo cultural” (ROSA, 2011, p. 315). Entre as propostas que esta autora definiu para a valorização deste património encontram-se “acções de dinamização cultural e científica (exposições, colóquios)” (ROSA, 2009, pp. 25-26). Esta perspectiva dos estudos patrimoniais acabou por integrar a obra que organizou em 2012. Os vários autores que participaram na última parte desta obra “Salvaguarda patrimonial e difusão”, debateram quais os arquivos que dentro deste conjunto devem ser considerados património documental, que entidades devem assumir um papel activo na sua defesa (tanto a administração pública, como a sociedade civil em geral) e que actividades devem promover a sua “difusion y promoción” (“exposiciones temporales, publicaciones, monografias y catálogos”) (LAFUENTE URIÉN, 2012, pp. 669-671). Um dos aspectos que, nesta obra, vem confirmar a possível relação entre os estudos patrimoniais e as ciências da informação, é o facto de integrarem esta última parte, algumas explicações e orientações para o tratamento destes arquivos. Por exemplo, Aránzazu Lafuente Urién revelou os principais momentos do tratamento arquivístico efectuado pela instituição cultural “Archivo Histórico de la Nobleza” e, como se verá

adiante, muitos destes passos são semelhantes ao que compõem o modelo adoptado nesta análise. São estes, além do primeiro contacto com os proprietários e do trabalho inicial de recepção dos arquivos em instituições como esta, a produção de uma história institucional e da biografia dos produtores que permitirá conhecer “el origen, transformación, desarrollo y funcionamiento del organismo o sobre la vida o actividade de los individuos que han producido da unidad”; na sequência deste trabalho surgirão então: a “análisis del estado de organización del archivo”; a elaboração de instrumentos de descrição documental e a sua valorização e avaliação, segundo alguns critérios como o do seu valor sentimental, patrimonial, documental (“valoración física; (...) del contenido;”) ou “valor para el organismo receptor del fondo”. Acrescentou-se ainda, neste processo de avaliação, a importância da percepção de qual o volume total, ou seja, se o volume recebido tem perdas, etc.; qual a sua extensão temporal; de que forma pode ser “reconocido valor histórico” aos documentos, tendo em conta os indivíduos que estão imbricados na sua produção, recepção, conservação; assim como se diz valor histórico, também se poderá dizer “valor artístico”. Nesta perspectiva, o tratamento deverá ainda enquadrar a “Organización y clasificación de fondos”, o acesso aos mesmos e a sua difusão (LAFUENTE URIÉN, 2012, pp. 673-684).

Os arquivos familiares e pessoais integram claramente estas lógicas do património documental e algumas das questões que levantam podem ser tratadas de forma mais clara no seio dos estudos patrimoniais. Por exemplo, Francisco Borja de Aguinagalde perguntou: “Archivos de titularidade privada e interés público?” (BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, pp. 591-592). Esta relação público-privado já foi revista (mesmo que por vezes de forma indirecta) nos estudos patrimoniais e, Hugues de Varine explora o património local – na maioria dos casos, os arquivos familiares e pessoais estão sempre em relação com o seu local de produção ou com a comunidade em que estes registos se desenvolveram – enquanto elemento activo para o desenvolvimento sustentável. Estes arquivos produzidos pelas famílias ou pelos indivíduos, inseridos na comunidade de que são testemunho de uma identidade e cultura (por vezes já esquecida e que é aconselhável recordar), surgem como esse património local que ajuda na construção identitária da comunidade e no seu desenvolvimento.

A forma como Francisco Borja de Aguinagalde tratou os “arquivos domésticos” aproximou-os de uma concepção patrimonial, quando definiu o arquivo como “«monumento cultural»”, “materialización del patrimonio histórico-artístico común” ou

ainda como parte do “tesoro” capaz de reconstruir a identidade dos seus produtores e a “razón de ser” da sua existência, enquanto “reserva de informaciones” sobre a evolução (familiar). Nesta concepção já não é apenas o arquivo que se assume como património, mas é também a forma como este foi ou é organizado/ tratado “de una u outra manera de cuenta de costumbres adquiridas, heredadas o copiadas; nos pone en la pista de relaciones sociales y culturales trans-rueopeas, de redes de sociabilidades, erudición, estúdios” (BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, pp. 596-597).

Borja de Aguinalalde conjugou ainda algumas formas de valorização do património documental em contexto local, enquanto forma de recuperar a “memoria local o comunitária”: “Donde mejor que en el entorno local se puede comprender la subtil relación que existe entre el resto arqueologico o monumental, le paisaje, y/o documentos que los describen, les dan su razón de ser?” (BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, p. 603).

Olga Gallego Dominguéz, por seu lado, considerou os arquivos familiares e pessoais parte do “patrimonio historico-archivistico” de um país e, conseqüentemente, o “patrimonio historico documental universal” (GALLEGO, 1993, pp. 14-15; pp. 31-32).

Maria de Lurdes Rosa integrou também os arquivos familiares e pessoais no seio do património documental, ao analisar a forma como se tem processado a sua valorização e estudo no seio de um interesse especial em torno destes arquivos desde a década de 1980 (ROSA, 2009, p. 29). Para esta autora, os arquivos familiares pelo seu “valor patrimonial e testemunho de memória (...) se revelam um objecto de análise particularmente rico para o conhecimento da sociedade actual e das já passadas, situado no cruzamento de áreas como o património comunitário, as buscas de identidade, as modificações nas relações entre saberes, a interrogação da interpretação histórica” (ROSA, 2012, p. 15). Conjugaram-se numa única análise, várias abordagens do arquivo e, através dela, introduziu-se a “História social do arquivo” que centra a sua análise no arquivo como objecto em si mesmo, capaz de, por sua vez, conjugar uma série de outras áreas de estudo, de que são exemplo, a história cultural/ estudos culturais (ROSA, 2012, p. 25). Virada para uma perspectiva mais prática, destaca-se também a obra publicada em 2014, que procura ser um “guia” (ROSA, 2014, p. 15) para todos os possíveis detentores do “património cultural” (FERNANDES, 2014, p. 78) que são os arquivos de família. Neste âmbito, Maria de Lurdes Rosa reconheceu por várias vezes a possibilidade de estudo levantada pelo Congresso Casa Nobre (ROSA, 2009, p. 29), a

análise de um património como um todo que em torno de uma casa, englobando “«armas», arquivos e bibliotecas, objectos de arte, jardins” (ROSA, 2011, p. 315).

Por outro lado, há ainda a acrescentar a ideia de que na base do estudo do património documental e do seu contexto de produção estão as memórias captáveis oralmente, ou seja, património imaterial (NÓVOA, 2011, p. 358; FARELO, 2012, p.186; SOUSA, 2012, p. 499; SILVA, 1999, pp. 81-91).

## **2. Arquivos familiares e pessoais – a sua identificação e tratamento**

*“Los archivos de familia son una realidad muy viva. Hoy, quizá, más que nunca.”*

(BORJA DE AGUINAGALDE, 2017, p. 599).

Os conjuntos documentais que comumente são designados por arquivos familiares e pessoais, têm de ser analisados de forma a perceber como se processou a sua evolução e a do seu tratamento (arquivístico) dentro das áreas de estudo que se foram transformando e ligando a sua acção a estes bens.

Em primeiro lugar, importa salientar que, apesar dos séculos decorridos desde o início da sua produção, nem sempre houve a ideia clara de que estes arquivos faziam parte do património de um país. Integrados num património familiar, só recentemente se percebeu o seu valor histórico - na medida em que pode alargar o conhecimento produzido nesta área sobre variados aspectos - ou arquivístico/ documental – reservando-se a partir daí um espaço para o seu tratamento e preservação. Isto porque, à Arquivística, uma das disciplinas auxiliares da História - principalmente preocupada com as fontes para a ‘grande História nacional’ -, pouco importava conhecer estes arquivos (ROSA, 2011, p. 317). Só com a valorização de novos campos na historiografia e a progressiva independência da Arquivística/ Ciências documentais/ Ciências da Informação face à História, se projecta um maior interesse pelos arquivos familiares e pessoais (GALLEGO DOMINGUEZ, 1993, p. 33; GUEDES, 2017, p. 519) e pelos arquivos privados de uma forma geral<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Maria de Lurdes Rosa elaborou já uma história do tratamento dos arquivos familiares e pessoais em Portugal, focalizando a sua análise para o tipo de abordagem de que tem sido alvo: “uma reflexão sobre a organização dos arquivos familiares de Antigo Regime”, assim como uma discussão em torno das classificações mais e menos adequadas ao seu tratamento (ROSA, 2009, pp. 35-36; 2012, pp. 26-27).

É neste processo evolutivo que a Arquivística surge repensada e desenvolvida de forma a realizar uma mudança de objecto de estudo: do documento à informação. Em poucas palavras, assim se define o momento em que a Arquivística se “coloca firmemente” entre as Ciências da Informação (SILVA, 1999, p. 12). A obra *Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação* tem como objectivo “introduzir uma mudança de atitude, uma visão nova face à realidade social que os arquivos são, investigar os seus fundamentos últimos para os conhecer na sua essência, (...) determinar o enquadramento que os envolve, analisar a base da sua criação, definir o contexto genético, o modo como crescem, as ligações que estabelecem com outros sistemas que com eles convivem” (SILVA, 1999, p. 19).

A proposta da análise do arquivo em função da informação (enquanto um conjunto de dados “materializado através das mensagens contidas nos documentos”, sempre dependente “do processo que a produz”), “visa precisamente a criação de «memórias»”, passíveis de serem utilizadas sempre que houver necessidade de as recuperar. O que implica “procedimentos de controlo da informação, de criação de meios de acesso às referidas memórias e de desenvolvimento de dispositivos susceptíveis de accionar os meios de acesso” (SILVA, 1999, pp. 25-26).

No presente trabalho é importante perceber as vantagens que a utilização do modelo sistémico traz para a análise do arquivo/ da informação enquanto património documental. Uma delas é o facto de, tal como se realiza nos estudos patrimoniais, ter um especial enfoque no estudo dos contextos de criação/ produção e preservação do seu objecto de estudo. A simples concepção de que o produtor deve ser também analisado, pois é indicado como o princípio da sua concepção, é fundamental, já que algumas respostas para a razão de ser daquela informação/ documentos vêm com certeza de elementos exteriores ao sistema (SILVA, 1999, pp. 35-36, 39-40). Assim, compreende-se a necessidade de abrir as Ciências da Informação a outras áreas de estudo (que não só a História).

A “exploração multidireccional” do processo informacional, como definem os autores, conjuga-se numa estreita relação com as “políticas culturais”, contribuindo para “a valoração cultural da informação” (SILVA, 1999, pp. 36-37). No entanto, a interdisciplinaridade que os autores reivindicam não é definida para campos específicos, “pode ainda enveredar por outros caminhos, conforme a natureza específica dos casos em estudo.” É neste sentido que apresentam a possibilidade de constituir um “sistema

patrimonial complexo”, pressupondo a reunião das áreas de Arquivo, Biblioteca e Museu. A concepção deste sistema abrangente pretende chamar à atenção para a possibilidade de não ser feita “uma separação grosseira (...) dos documentos arquivísticos dos livros e periódicos”, acção muito comum que mostra uma tendência antiga para separar o que num conjunto patrimonial será a parte documental – seja ela bibliográfica ou arquivística – do que são objectos tidos, muitas vezes como musealizáveis. Esta solução permite manter unidos todos os bens patrimoniais de forma abrangente, dinâmica e integradora (SILVA, 1999, pp. 40-41; SILVA, 2015, pp. 103-124).

Assim, os autores propõem como objecto de estudo das Ciências da Informação a “informação social”, no âmbito da qual esta “estuda o arquivo enquanto sistema (semi-)fechado, não através de um dispositivo metodológico fragmentário virado só para a componente funcional/serviço, isto é, transferência e recuperação da informação, mas através de um dispositivo coeso, retrospectivo e prospectivo, **capaz de problematizar** em torno de leis formais ou princípios gerais, **a actividade humana e social implicada no processo informacional** arquivístico.” (SILVA, 1999, p. 211).

Para Maria de Lurdes Rosa e Rita Sampaio da Nóvoa, esta evolução da Arquivística, descrita de forma sumária anteriormente, levou à constituição da Arquivística Histórica (que será abordada mais à frente), uma das razões para a integração do estudo e do tratamento dos arquivos familiares e pessoais na ordem do dia (NÓVOA, 2011, pp. 354-357). No entanto, este “interesse renovado” (ROSA, 2012, p. 15; PEREIRA, I - 2018, p. 14), não se verificou somente no seio deste novo campo. Francisco Borja de Aguinalde considera-o uma consequência das alterações na vida social e cultural. Um dos aspectos dessa alteração é “el interés por lo próximo”, ou seja, um interesse centrado em novos protagonistas: famílias ou pessoas singulares que deixaram testemunho das suas vidas (BORJA DE AGUINALDE, 2017, pp. 599-601).

Com base neste modelo sistémico, Armando Malheiro da Silva definiu uma possibilidade de estudo e tratamento para os arquivos familiares e pessoais. Começou por acentuar as dificuldades de acesso e de tratamento destes arquivos, tanto pela sua (possível) permanência em contexto familiar, como pela atitude negligente que tem limitado a sua conservação (SILVA, 2004, pp. 61-63). Nesta adaptação postulou-se uma distinção entre os SIF - sistemas de informação familiares - e os SIP – sistemas de



informação pessoais. Este autor seguiu uma abordagem orgânico-funcional e nunca funcional-temática<sup>12</sup> (SILVA, 2004, p. 69). Para introduzir o factor organicidade na sua abordagem aos SIF, definiu a família como um grupo que vai criando “fundamentos orgânicos” que estão por detrás da sua estrutura própria e da forma como produzem a sua informação, seja ela representante de uma “unidade familiar”, proveniente de uma “interacção geracional” ou mesmo de diferentes “trajectórias individuais” (SILVA, 2004, pp. 69-71). Assim, o modelo dos SIF está concebido para captar a “organicidade inerente ao ser humano”, individual e colectivo. Este factor será depois aplicado ao quadro orgânico-funcional, “disposto de acordo com o esquema multinível das ISAD(G)” (SILVA, 2004, p. 72).

Armando Malheiro da Silva considerou que muitas vezes os SIP não passam de uma fragmentação progressiva de um SIF; pois, julgou difícil a existência de um ser humano desligada de quaisquer “laços bio-parentais” (SILVA, 2004, p. 77). A “organicidade pessoal (...) surge plasmada em quatro etapas evolutivas”: infância, adolescência, juventude e adultez/ velhice (SILVA, 2004, p. 78). Segundo explicou, “entendemos que é, infinitamente, mais rigoroso, fixar a informação de um indivíduo (...) na fase de vida ou no segmento etário em que ele a adquiriu ou produziu, guardando-a e usando-a pontualmente até ao fim dos seus dias” (SILVA, 2004, p. 79).

Neste âmbito, já vários investigadores aplicaram as bases do modelo sistémico nas suas investigações ou no tratamento de determinados arquivos pessoais e familiares, por exemplo: Abel Rodrigues (RODRIGUES, 2007, 2008 e 2009) e Patrícia Marques (MARQUES, 2013).

Uma das primeiras questões que tem surgido em torno destes arquivos é a sua identificação: perceber quais são os familiares e quais os pessoais. Esta parece uma questão simples, mas à medida que se analisa a sua documentação, as diferenças podem tonrar-se bastante ténues. Luís Lima foi um dos autores que alertou para esta situação: “A existência de documentos não passíveis de individualização, ou seja, de identificação com um único produtor, porque provêm de atividades ou interesses coletivos, fundamenta a distinção entre fundos familiares e fundos pessoais” (LIMA, 2015, p. 7 e 35).

Francisco Borja de Aguinalalde considerou a existência de: arquivos privados familiares plurigeracionais e os arquivos privados familiares pessoais. Estes últimos

---

<sup>12</sup> Vide GALLEGO DOMINGUÉZ, 1993 e GONÇALVES, 1996.



compreendem aos “de un único individuo, y constituidos por la documentación reunida por él en el desarrollo de sus actividades profesionales y sociales o en la ocupación de funciones de cualquier tipo.” (BORJA DE AGUINAGALDE, 1985, p. 211).

Olga Gallego Dominguéz, por seu lado, considerou que quando estes arquivos incluem documentos produzidos no desempenho de determinados cargos públicos devem ser considerados públicos e não privados; no entanto, a definição de arquivo de família da autora vai ao encontro da de Francisco Borja de Aguinagalde. A autora também considerou a possibilidade de existirem “archivos de individuos” e, o que torna mais confusa a atribuição de familiar ou pessoal a um arquivo, é o facto destes, além dos “documentos de carácter personal y de función”, poderem reunir “sin duda, documentos referentes a los familiares más directos, mujer o marido, hijos, hermanos, etc., pues es imposible desligar al hombre de la familia” (GALLEGO DOMINGUÉZ, 1993, pp. 17, 57-58).

Assim, se os arquivos familiares podem ser unigeracionais, reunindo a documentação de uma família nuclear e, em simultâneo, os arquivos pessoais podem ser produzido por um único indivíduo, mas deste não deve ser separado o seu contexto familiar (aceitando-se que esse arquivo tenha documentação de outros familiares), que diferenças podem concorrer para os distinguir?<sup>13</sup>

Esta dificuldade em encontrar “as fronteiras entre arquivos familiares e pessoais” (LIMA, 2015, p. 7 e 18), deve ser ultrapassada através do trabalho de investigação que acompanha o modelo sistémico adaptado aos arquivos familiares e pessoais, que permite um melhor conhecimento e caracterização da documentação que os compõe e, conseqüentemente, da forma como devem ser identificados.

Esta caracterização permite, em simultâneo, conhecer o arquivo e os seus produtores, pois, como diz Francisco Borja de Aguinagalde, o “archivo familiar es el reflejo documental de la evolución de una familia (...). Sus fondos son la transcripción fiel de la historia de ésta, y ambas entidades —la familia/el archivo— evolucionan paralelamente y son inseparables.” Seja a imprevisível evolução natural da família<sup>14</sup>,

---

<sup>13</sup> Zélia Pereira fez uma análise pormenorizada da evolução das perspectivas e da discussão em torno desta distinção, PEREIRA, I - 2018, pp. 36-150.

<sup>14</sup> Tal serve para cada família como caso individual, mas igualmente para a família enquanto instituição com lugar na história ou na sociologia. A evolução desta instituição é identificada como uma das razões para a transformação que se tem operado nos arquivos que produz: de um conjunto único a vários conjuntos dispersos (extinção do morgadio no século XIX) ou de um conjunto plurigeracional e a unigeracional.

seja a forma como esta coligiu e preservou o seu arquivo, na maior parte das vezes este acaba como um conjunto incompleto, “poco homogéneo e muy desigual” (BORJA DE AGUINAGALDE, 1985, pp. 214-215).

Só depois de caracterizado e identificado o arquivo, os seus produtores e efectuada uma primeira investigação exploratória, parece conveniente avançar para o tratamento arquivístico propriamente dito. Esta é uma outra questão que tem reunido diferentes posições e modelos.

Luís Lima mencionou o perigo da inexistência de “instrumentos de normalização” para a classificação dos arquivos familiares e pessoais, o que obriga a que esta seja efectuada através de modelos predefinidos “sem se respeitar ou destacar a singularidade de cada conjunto documental” (LIMA, 2015, p. 1). Tratou vários aspectos da análise deste tipo de arquivos privados que são muito caras ao objecto desta investigação: a definição do princípio da proveniência como a forma ideal para conservar a “organização estabelecida pela entidade produtora” ou qual a finalidade da arquivista – restabelecer o arquivo de acordo com a sua produção ou permitir a sua consulta? Acrescentou ainda a questão da impossibilidade de lidar com “a totalidade dos documentos produzidos pela família” – como de certa forma se pressupõe com a criação de “fundos” –, “pois é forçoso considerar as destruições voluntárias e involuntárias, bem como as dispersões físicas motivadas pelas partilhas de bens, pelas vicissitudes das transferências para as instituições detentoras de arquivos e até mesmo as disposições testamentárias. (...) Assim, consideramos que os documentos englobados no fundo familiar integraram, no passado, o sistema de informação familiar, e como tal poderão refletir algumas das suas dinâmicas, mas não representarão a globalidade desse sistema.” (LIMA, 2015, pp. 9, 11 e 36-37).

Neste contexto, vale a pena voltar a destacar a obra *Arquivos de família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* (2012). Ao congregar dados sobre uma série de trabalhos em torno desta temática, permite fazer uma análise do tratamento efectuado e das práticas que lhe estão associadas. A maioria dos autores destacou a importância de analisar os produtores dos documentos/ da informação como forma de contextualizar um testemunho que advém da “actividade humana” (LACERDA, 2012, p. 11). Após a contextualização do produtor e da própria histórica custodial (mais sucinta ou mais extensa) a maioria dos autores partiu para uma breve descrição dos arquivos em análise, contando alguns aspectos da sua situação à época, seja no seio das famílias (suas

criadoras), seja já enquadrados noutra tipo de entidade detentoras. Foram também exploradas algumas hipóteses de estudo destes arquivos, centradas essencialmente na sua História e nas várias abordagens que desta é possível fazer (GALVÃO-TELLES, 2012, pp. 286-297). Esta obra conseguiu reunir três áreas de estudos que, de igual forma se tenta convocar para esta análise: as ciências da informação, a História e os estudos patrimoniais.

Como já foi dito anteriormente, através da bibliografia analisada parece existir uma maior proximidade metodológica – o objecto de estudo, por exemplo – entre a Arquivística Histórica e os estudos patrimoniais. Esta análise parte essencialmente da conceptualização desta área de estudos desenvolvida no âmbito do doutoramento na FCSH-UNL. Para Rita Sampaio da Nóvoa, os “desafios pós-modernistas” e “a Era da Informação” conjugaram-se para tornar os arquivos “como objectos de estudo em si mesmos, *per se* merecedores de um esforço problematizante.” Este esforço pretende questionar os processos de “preservação de fontes e de arquivos”, entendidos já não “como um fenómeno *natural, orgânico* ou *evidente*”, mas “antes” como parte de “complexos processos racionais e intencionais (leia-se, não acidentais ou nem sempre acidentais) que foram determinando não só quais e quantos documentos deviam ser conservados (...) mas também a forma como essa conservação se deveria processar.”

No seio da renovação da Arquivística, “resultaram dois movimentos essenciais”: o “*archival turn* (“viragem arquivística”), sobretudo animado pela produção científica ligada aos EUA, Inglaterra e Canadá; e o *tournant documentaire* (“viragem documental”), propagado por autores oriundos de França, Bélgica, Espanha, Itália e, em menor medida, Portugal.” O primeiro de “cariz mais teórico e plenamente pós-modernista, mais próximo à Ciência da Informação (*Archival Science*) e com um enfoque particular no papel representado pelo arquivo e pelos arquivos numa sociedade da Informação”. E o segundo “de feição mais historiográfica – isto é, mais ligada à história dos arquivos – ao mesmo tempo que recupera algumas das preocupações «tradicionais» da Arquivística como, por exemplo, o tratamento e descrição da documentação.”

Ao contrário do que se vulgarizou até à actualidade – o estudo do conteúdo dos documentos -, estes dois movimentos procuram “questionar o seu percurso de conservação” e “problematizar a razão da sua existência” (NÓVOA, 2011, pp. 354-369; 2016, pp. 9-10). Os arquivos familiares e pessoais afirmaram-se, neste campo, através

de uma “(re)descoberta de um leque alargado de potencialidades que por norma escapam àqueles conjuntos documentais «oficiais».” (NÓVOA, 2011, pp. 354-355). Como forma de exemplificar esta perspectiva, a autora tratou o arquivo Gama Lobo Salema, começando por fazer, na vertente da história social, uma caracterização da família (NÓVOA, 2011, pp. 356-357), debruçando-se depois sobre a sua história custodial e a organização à data.

Em relação com a Arquivística Histórica, têm-se aflorado também a “corrente historiográfica da «História social dos arquivos»”, dando destaque ao estudo das práticas de inventariação<sup>15</sup> (HENRIQUES, 2016, p. 91; ROSA, 2012, pp. 571-596), enquanto testemunho das “estratégias arquivísticas utilizadas para organizar, ordenar, controlar e recuperar a informação contida nos arquivos” (NÓVOA, 2016, pp. 25-26).

## **2.1 Estudos de casos entre os arquivos familiares e pessoais – alguns exemplos**

No seio desta revalorização dos arquivos familiares e pessoais, surgiram alguns casos específicos que obrigaram à introdução de novas perspectivas de análise ao modelo sistémico. Os casos que em seguida serão apresentados, não foram seleccionados de forma inocente, pois foram acompanhados à medida que se aprofundava o trabalho exploratório em torno do objecto de estudo deste trabalho. Pretendendo-se assim, aproximar estas metodologias (do modelo sistémico e destes casos específicos), ajudando na definição deste objecto de estudo, tendo em conta o desenvolvimento dos “archivos de científicos” (FERNÁNDEZ GRANADOS, 2015), dos sistemas de informação de médicos (PESTANA, 2014) e da “arquivística literária” (GRAÇA, 2011).

Olga Gallego Dominguéz introduziu os “archivos científicos”, enquanto parte da problemática dos arquivos familiares e pessoais. Eram estes os arquivos “de sábios, escritores, artistas, hombres de Estado, políticos, militares, membros de la Iglesias, periodistas, obreros, profesionales, etc., que han producido y conservado documentación de sus actividade” (GALLEGO DOMINGUÉZ, 1993, p. 17). Aproximando-se desta concepção também Francisco Borja de Aguinagalde (BORJA DE AGUINAGALDE, 1985, p. 211). Mais recentemente, mas também em contexto espanhol, encontram-se os trabalhos de Lúcia Fernández Granados. Esta autora

---

<sup>15</sup> Maria de Lurdes Rosa tem dedicado especial atenção a este estudo das práticas de inventariação: ROSA, 2012, pp. 571-596.

preocupou-se especialmente com a questão do património documental e mostrou seguir atentamente as questões actuais do tratamento destes arquivos, abordando a sua “historia arquivística” (FERNÁNDEZ GRANADOS, 2015, p. 285).

No seio destes arquivos de científicos, podem localizar-se os arquivos de médicos que, (como neste caso de estudo) acabam por reunir o seu contexto profissional e académico (RIBEIRO, 2009, p. 111). Assim, seja com enquadramento institucional, seja através de uma produção individual/ pessoal, estes arquivos constituem uma “realidade (...) multifacetada” que é necessário analisar de forma interdisciplinar, tendo em conta o modelo sistémico; o estudo da “realidade informacional em análise”; perceber “as relações sistémicas internas e externas” ou, ainda, levar a cabo as tarefas de descrição e classificação desta documentação (RIBEIRO, 2009, pp. 123-124).

Estes arquivos de médicos têm sido especialmente estudados através de uma parceria entre Portugal e o Brasil, que promoveu o estabelecimento do projecto *SiS Médicos e a Cultura* e a realização dos Colóquios MEDINFOR I-IV (2008, 2011, 2014 e 2017)<sup>16</sup>. O projecto foi iniciado com o pós-doutoramento de Zeny Duarte e tinha como objectivo: “disseminar novos conhecimentos a partir do resgate e divulgação desses acervos, com inserção de dados em plataformas digitais”. Para cumprir este objectivo, o trabalho desenvolvido incluiu “uma pesquisa em torno da vida, obra, pensamento e acervos pessoais de médicos que produziam para além da medicina (...). Em particular, será dada ênfase à avaliação retro e perspectiva do fluxo informacional” (PESTANA, 2014, pp. 405-406)<sup>17</sup>.

Juntando os arquivos científicos e médicos, teve lugar em 2014 o Encontro Arquivos Científicos, em Lisboa, que, com a participação de vários investigadores, pretendia explorar novos campos de análise em torno destes arquivos. É exemplo desta relação, o trabalho apresentado por Assunção Júdice e Teresa Cunha, dando ênfase ao arquivo científico de Reinaldo dos Santos<sup>18</sup>.

No caso da Arquivística literária, segue-se o trabalho de Almerinda Graça sobre o arquivo da escritora Luísa Ducla Soares. A autora começou por identificar este

---

<sup>16</sup> Mais informações sobre a IV edição do Colóquio em: <http://ocs.letras.up.pt/index.php/medinfor/MEDINFOR> [Consult. a 24 de Maio de 2018].

<sup>17</sup> Mais informações sobre o projecto em: <https://medicoseacultura.webnode.com.br/> e <http://www.medicoseacultura2.ufba.br/> [Consult. a 21 de Setembro de 2018].

<sup>18</sup> Mais informações sobre o encontro em: <https://arquivoscientificos.wordpress.com/comunicacoes/> [Consult. a 23 de Agosto de 2018].

arquivo como pessoal, defendendo a necessidade de encarar um arquivo/ sistema de informação como uma construção dependente de um contexto: “O que faz de uma fotografia um documento de arquivo é unicamente a razão por que é conservada: necessidade de garantir, no tempo, a função de prova e/ou informação sobre uma dada actividade, devendo esta mesma fotografia estar ligada – física ou intelectualmente – para manter a sua eficácia arquivística, ao contexto documental a que reporta.” Este contexto documental está relacionado com a “trajectória do documento, desde a sua produção até ao seu arquivamento.” Neste caso, esse contexto “veicula duas perspectivas: uma funcional, outra relativa ao trajecto da escrita desde a 1.<sup>a</sup> versão de um texto até à versão final, isto é, à génese da escrita.” (GRAÇA, 2011, pp. 1-2).

É neste aspecto que a análise desta autora se liga à arquivística literária, desenvolvida por António Brás de Oliveira, “uma arte «híbrida»” ou “disciplina”, “cuja vocação consiste em seguir ou acompanhar o processo criativo do autor/escritor até ao texto impresso e que tem, como objecto de estudo, documentos de várias tipologias” (*Apud* GRAÇA, 2011, p. 3).

Conhecendo esta proposta, a autora define um documento composto agregando todos os documentos relacionados com uma publicação específica que tem como “função-fim «criação literária»” (GRAÇA, 2011, pp. 4-6). Associado a cada título surge, à partida, um processo arquivístico que explica a história de um livro/ publicação.

### **III. Entre os problemas antigos, um novo: o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia**

No capítulo I definiu-se como principal objectivo deste trabalho de projecto o tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. No capítulo II mostrou-se todo o enquadramento que, quer a definição deste sistema de informação enquanto património documental acarreta, quer as metodologias empregues no tratamento dos arquivos/ sistemas de informação com especificidades tão próximas da deste objecto de estudo definem.

Assim, surgiram algumas questões a resolver agora e outras a que, eventualmente, será necessário dar resposta depois (estes constarão no capítulo V). Entre os problemas a resolver agora encontram-se alguns momentos essenciais ao tratamento da informação que constitui o sistema em estudo.

Como será possível perceber através da estrutura que em seguida se apresenta, aqui desenvolveu-se um modelo de tratamento deste sistema de informação que se baseia no que Armando Malheiro da Silva definiu, mas acrescenta-se uma ideia essencialmente desenvolvida no campo da Arquivística Histórica, que compreende uma análise mais atenta aos instrumentos de descrição documental<sup>19</sup>.

Assim, tendo por base este modelo enunciado, o capítulo IV irá desenvolver a resposta aos três primeiros problemas:

1. Quem são os produtores deste sistema de informação? E de que forma os seus percursos (individuais) influenciaram a informação reunida e preservada?
2. Quais os lugares de custódia deste sistema? De que forma estes intervieram nele/ o trataram?
3. Seleccionado o modelo sistémico para o tratamento da informação: quais os primeiros passos para a sua prossecução?

A resposta a estes problemas iniciais reflecte o percurso desta investigação, assim como o trabalho exploratório efectuado que permitiu, em simultâneo, avaliar a situação deste sistema, o papel dos seus produtores e lugares de custódia na sua

---

<sup>19</sup> Além dos trabalhos de Maria de Lurdes Rosa neste âmbito, vários autores têm integrado nas suas investigações este estudo das práticas de inventariação, muitas vezes associadas à própria história custodial dos arquivos. *Vide* “Parte IV – Fazer História dos Arquivos de Família” In ROSA, 2012, pp. 465-661.



constituição e conhecer já parte das questões que a sua informação levanta, desenvolvendo algumas hipóteses de estudo.

Acrescenta-se aqui uma breve calendarização das tarefas desenvolvidas para assegurar a resposta estes problemas, assim como se indicam quais as opções escolhidas para a sua obtenção.

Em Maio de 2017, teve início o contacto com a associação Património Histórico, proprietária do sistema de informação. Este contacto baseou-se no acesso ao instrumento de descrição documental produzido pela Dra. Joana Vitorino. A partir daí, seguiu-se um trabalho de exploração deste instrumento, na tentativa de ir conhecendo este sistema que, entretanto, deixou de ser alvo de qualquer tipo de descrição ou tratamento.

Em Dezembro seguinte, utilizando o mesmo instrumento de descrição documental, mas já no âmbito deste trabalho de projecto, foi incluída a descrição das caixas 154 a 216, sendo que os documentos que integraram as caixas 205 a 216 ainda não tinham sido alvo de qualquer tratamento, pois, ao contrário das caixas 154 e 204, estes documentos não tinham qualquer numeração.

Entre Janeiro e Março deste ano, efectuaram-se as entrevistas à Doutora Natália Correia Guedes, à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, na tentativa de reunir novos elementos para as respostas aos problemas antes enunciados. Além destes elementos, foi também essencial o contacto estabelecido com a Dra. Paula Cândido. Em simultâneo, foi decorrendo a descrição de 25 caixas com periódicos e também uma descrição simples da correspondência dividida em 46 caixas e num total de 7984 documentos, dos quais 6628 já se encontravam numerados. As fotografias que também constituem este sistema e que, como a restante informação estão separadas, mas igualmente e esporadicamente incorporadas entre os “Documentos”, encontram-se em parte descritas e acondicionadas em 3 caixas e 1 dossier.

Entre Abril e Junho, houve uma consulta exploratória de toda a informação, de forma a preparar a resposta ao terceiro problema: o quadro orgânico-funcional deste sistema. Esta consulta permitiu já uma primeira adequação de parte da informação aos subsistemas, secções e subsecções que na terceira parte do capítulo IV serão descritas, tentando perceber que informação foi produzida nos vários momentos da vida do(s) produtor(es) informacional(is).



Como também já se procurou mostrar no capítulo II, a bibliografia foi sendo reunida ao mesmo tempo que este trabalho decorria. Assim, algumas das questões pertinentes a esta análise já tratadas/ mencionadas por outros investigadores ajudaram a responder aos problemas existentes.

Algumas destas questões ajudaram a compreender o sistema de informação, mas também a caracterizá-lo tendo em vista, por exemplo, o “«encaixe»” da informação familiar entre a informação pessoal (SILVA, 2004, p. 72). Estabelecer esta relação, permitirá, como adiante se verifica, enumerar um conjunto de produtores informacionais, em torno de um recolector posterior, sendo este um termo aqui se julga melhor para corresponder o contexto em que a informação integra o sistema em estudo.

A bibliografia consultada permitiu ainda desenvolver algumas ideias sobre qual a abordagem conveniente à informação que compõe este sistema. As diferentes abordagens possíveis, capazes de integrar a análise/ o tratamento dos sistemas de informação familiares e pessoais, permitem melhor compreender a informação que estes contêm, tendo em conta o percurso dos seus produtores. Assim, o tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia só ficará completo quando, além do modelo sistémico que aqui se segue, se lhe acrescente algumas das metodologias empregues para os sistemas a este similares, mas em que se destacam as actividades dos produtores como caracterizadoras da informação que os compõem. Neste sentido, nunca deixando de seguir o modelo sistémico, perspectivou-se a possibilidade de analisar este sistema de informação trazendo para o tratamento algumas questões dos arquivos 1) científicos, 2) médicos e 3) literários.

#### **IV. Explorar produtores, entidades custodiais e documentos: os primeiros passos do tratamento**

##### **1. Fernando da Silva Correia: o princípio da informação**

*“Não há duas pessoas iguais, logo, não há dois arquivos pessoais iguais, as vivências de cada um individualizam-no, tornam-no único. Estamos, então, perante um estudo de caso, à que estudá-lo segundo critérios científicos, que nos permitam respeitar o produtor, este foi o mentor daquele objecto seu, produzido por ele, vivenciado por ele, e se ele não deixou nenhum quadro de classificação da sua produção, à que estudar exaustivamente o seu percurso de vida de forma a respeitar as diferentes fases da sua existência.” (CÂNDIDO, s. d., p. 10).*

A disparidade de produtores de informação que estão na origem dos sistemas de informação familiares e pessoais, explica a opção apresentada por Armando Malheiro da Silva, que procura a adaptação do quadro orgânico-funcional a cada caso de acordo com as suas especificidades: “O vector orgânico-funcional que releva do [sic] contexto histórico onde se situa a acção geradora de fluxo informacional tem de ser modelizado com o máximo de rigor num instrumento específico – o quadro orgânico-funcional” (SILVA, 2004, p. 61).

Para a prossecução deste trabalho de projecto, seguindo o modelo mencionado, mostrou-se fundamental a reunião de alguns aspectos sobre os membros da família envolvidos na produção da informação que compõe o sistema em estudo, destacando-se Fernando da Silva Correia, cujo percurso mais importa desenvolver, uma vez que tem sido considerado o único produtor informacional. Apesar de, como ser verâ, este dado ser questionável, é claro que o médico foi o elemento que mais informação produziu, sendo, por vezes, difícil destrinçar a origem da informação ou o contexto de entrada neste sistema em estudo.

“O mesmo modelo está concebido para captar, na medida do possível, a organicidade inerente ao ser humano – único e extremamente complexo.” Para Armando Malheiro da Silva “a pessoa humana é uma totalidade psicossomática que

nasce, cresce, amadurece e envelhece”, sendo nestas fases que se desenvolvem “um leque de possibilidades de acção (ou de actividade)” (SILVA, 2004, p. 72).

Assim, o autor defende que a organicidade de um sistema de informação apenas é adquirível quando se possuem “elementos prosopográficos ou biográficos detalhados” do(s) seu(s) produtor(es) (SILVA, 2004, p. 80). Daí que a resposta à primeira questão colocada no terceiro capítulo, materialize a reunião de todos os elementos possíveis, até à data, sobre Fernando da Silva Correia e alguns elementos da sua família. Urge ainda acrescentar que, quando se tratam sistemas familiares ou pessoais, estes trabalhos estão intimamente relacionados.

Este primeiro ponto do presente capítulo baseou-se num conjunto de fontes e bibliografia que mencionam Fernando da Silva Correia e a sua obra, assim como outros elementos da família Correia. A maioria das fontes consultadas fazem parte do sistema em estudo e a recolha desta informação interligou-se com o trabalho desenvolvido para o seu tratamento. Se, inicialmente, se percebeu a necessidade de conhecer Fernando da Silva Correia (e a sua família) para tratar este sistema de informação, mais tarde tornou-se bastante evidente, à medida que se ia realizando essa construção/ mediação da informação, que vários pormenores da sua vida só eram captáveis através dessa mesma informação que de alguma forma legou. Somente através deste intercâmbio entre a informação e os factos (já conhecidos), é possível identificar os contextos de vida deste médico e, consequentemente, os contextos em que produziu, reuniu e preservou a documentação (e a informação) que agora se analisa.

Entre a bibliografia reunida constam algumas investigações já elaboradas sobre Fernando da Silva Correia, destacando-se as notas biográficas de Maria Antónia Almeida, João B. Serra (em conjunto com Paula Cândido) e João Reis. Para conhecer outros elementos da família Correia foi igualmente fecundo o trabalho desenvolvido por João B. Serra sobre Joaquim Manuel Correia, pai de Fernando da Silva Correia.

Acrescentar-se-ão outras notas de autores sobre a vida, os interesses e a obra de Fernando da Silva Correia. Estas podem parecer de somenos importância para conhecer o(s) produtor(es) de informação, mas serão relevantes para a análise da sua obra que, como se verá, constitui o principal conjunto informacional deste sistema. Estas notas não foram reunidas de forma intensiva, foram identificadas durante a investigação, à medida que se aprofundava o estudo sobre este médico, e pareceu correcto introduzir

estes dados que ajudam a construir a biografia deste intelectual no seu tempo e na historiografia.

O contacto com a Doutora Natália Correia Guedes, elemento da família Correia que melhor conhece o sistema de informação em estudo, foi fundamental para este e para os pontos seguintes. Após algumas reuniões que serviram para colocar a Doutora Natália Correia Guedes ao corrente deste trabalho, foi através de uma entrevista, sobre as várias fases da vida de Fernando da Silva Correia e que se estendeu aos restantes membros do seu núcleo familiar, que se reuniram algumas das informações seguintes. Incluir aqui os dados obtidos através desta acção de história oral, permite destacar esta metodologia, cada vez mais útil a este tipo de investigações e, aceites as suas singularidades, introdutora de novos campos à análise. Para a entrevista foi preparado um “guia de inquérito”, que “enuncia um certo número de temas e (...) questões, deixando ao interessado toda a liberdade para lhe responder” (POIRIER, 1999, p. 22) (Apêndice 3). A entrevista possível e validada pela entrevistada *a posteriori* (Apêndice 4), permite acrescentar a esta breve biografia alguns traços mais pessoais deste médico, provenientes da memória desta sua descendente, provavelmente aquela que mais próxima dele esteve, devido às afinidades intelectuais que possuíam.

Assim, nesta breve monografia biográfica, reúnem-se os elementos que normalmente estão associados a este tipo de investigações. A intenção é “averiguar qual a função do individual e/ou do colectivo na História”, acrescentando-se a vontade de “compreender as possibilidades e realizações da acção individual [e/ou colectiva] que historicamente se tenha produzido”. O que na perspectiva de José Amado Mendes distingue a “nova biografia”, é o facto de esta vontade ser extensível a qualquer indivíduo “cuja actuação e percurso tenha algum significado histórico-científico” (MENDES, 1995, pp. 10 e 14).

Por outro lado, o método conhecido por “história de vida” é apresentado como uma forma de repor “o indivíduo no seu vivido”, servindo “as especificidades” da sua acção como elementos caracterizadores de si próprio (POIRIER, 1999, pp. 157). Mesmo parecendo esta abordagem mais intimista que a metodologia biográfica comum, é fácil perceber que ambas se conjugam para permitir um verdadeiro conhecimento do indivíduo. No entanto, é necessário aqui acrescentar uma outra abordagem difundida, que se centra essencialmente na sua obra: a biografia intelectual e/ou científica. Não será esta a forma seguida neste

momento, mas, esta abordagem tem marcado o formato deste trabalho e revelou-se igualmente incontornável através do trabalho exploratório da informação e que, em parte, se materializa no quadro orgânico-funcional, que é o objectivo final deste momento da investigação (encarado como um elemento que representa claramente a investigação constituída até hoje), mas que se assume como ponto de partida para propostas futuras.

Um exemplo de uma biografia científica foi elaborado por Diogo Vivas, dedicando-se ao arquivista Mário Costa. O autor seguiu “os parâmetros correntes deste tipo de abordagem”: “conhecer, de forma geral, o percurso de vida; estudar a formação académica; analisar a carreira profissional (...) bem como a actividade desenvolvida nos vários cargos que ocupou.” Acaba também por fazer uma aproximação à “história de vida”, definindo que a abordagem biográfica vive na dependência do “seu objecto de estudo, isto é, o indivíduo na sua singularidade, destacando-se pelo discurso objectivo, construído pelo investigador a partir da informação disponível”. Não esquecendo que ele é um produto “da sua época, do lugar e do grupo onde desenvolve a sua actividade” (VIVAS, 2012, p. 8).

Uma outra biografia científica foi produzida por José Carlos de Oliveira sobre António Gião. Entre as fontes reunidas para a prossecução desta tese de doutoramento o autor salienta a consulta do “vasto espólio de um cientista” (OLIVEIRA, 2012, p. 15). Este, tal como Diogo Vivas, recorreu ao trabalho de Henrique Leitão que considera a biografia um “equilíbrio entre uma história narrada, mista de memória e documentos; e o conteúdo científico” (*Apud* OLIVEIRA, 2012, p. 18). José Carlos de Oliveira acrescentou uma breve investigação sobre “Os estudos em torno a Gião” (OLIVEIRA, 2012, pp. 22-25), seguindo-se uma abordagem centrada na análise do espólio, produzindo um discurso diacrónico em torno da vida e obra de António Gião, que varia entre as diferentes residências que ocupou e as metodologias e temas dos seus estudos.

### **1.1 Fernando da Silva Correia na historiografia**

Vários são os autores que já consultaram obras de Fernando da Silva Correia, mas poucos são os que o estudaram mais atentamente, dando destaque à sua vida para melhor conhecer a sua extensa obra. Maria Antónia Pires de Almeida, João B. Serra (com Paula Cândido) e João Reis, produziram breves (mas incontornáveis) biografias que servem para conhecer o médico no que concerne às suas principais ocupações e

realizações. Estes trabalhos são um ponto de partida para uma investigação que se pretende mais completa, integrando outros pormenores da vida do médico, higienista e historiador (autodidacta) que vão além da vertente profissional. Na perspectiva de contribuir para uma “redefinição de identidades” que, tal como indica Maria de Lurdes Rosa, procura um “sujeito plural, não já só o filho de uma pátria-nação mas sim, antes, ou também, membro de uma família, de uma comunidade, de um local, de uma etnia, etc., possuindo historias próprias no interior das grandes narrativas oficiais, e não raras vezes em conflito com estas” (ROSA, 2012, p. 15). Ou ainda, como sugere Vitorino Magalhães Godinho, procurar uma “inteira personalidade, com a sua maneira de pensar, os seus valores, opções e aspirações, a sua afectividade (sentimentos e emoções), a sua experiência vivida, as coacções que do exterior sobre ela se exercem” (GODINHO, 2011, p. 28).

Rapidamente se percebeu que Fernando da Silva Correia só muito residualmente permanece na memória daqueles que directamente se relacionam com os mesmos locais, cargos e iniciativas a que este esteve ligado – um exemplo disso é o facto de, no início da década de 1990, apesar dos esforços envidados por João B. Serra (fundador do núcleo Património Histórico da Casa da Cultura) e pelo Dr. Mário Gonçalves (director do Centro Hospitalar das Caldas da Rainha) não ser possível atribuir o seu nome ao Hospital Distrital (situado nessa cidade), quando o médico se mostrava um completo patrono para a instituição. Este não será o espaço para discutir ou tentar definir uma possibilidade para que tal se tenha proporcionado, mas a verdade é que decorridos 51 anos após a sua morte, apesar de ter sido lembrado algumas vezes, poucos são os trabalhos que analisam a sua acção científica.

Diz-se acção científica, pois é inegável que Fernando da Silva Correia de um homem da Ciência<sup>20</sup> se trate, no entanto, possuía os mais variados interesses e todos eles desenvolveu em diferentes momentos da vida. Prova disso mesmo são os vários ‘papéis’ que lhe atribuem, as diversas áreas em que trabalhou ou os diferentes temas que investigou.

Maria Antónia Almeida identificou-o como “médico, higienista, professor” e interessado em “saúde pública, termalismo, misericórdias, história da medicina”. Referiu igualmente alguns dos principais temas que tratou: higiene, saúde pública,

---

<sup>20</sup> Na obra dirigida por Pedro Calafate relativa ao século XX, Fernando da Silva Correia é referido na parte que se debruça sobre a História da Ciência e da Filosofia da Ciência (CALAFATE, 2000, p. 548).

puericultura, higiene escolar (educação física e desporto), medicina social, serviço social e assistência. Sugeriu como a sua obra mais significativa a tese de doutoramento: *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)*; pois, como indicou, foi constituída com base nos quinze anos de “experiências sanitárias e médico sociais” e acompanhando o que se fazia em Portugal e internacionalmente. A autora salientou ainda algumas das teses que defendeu na referida obra: indicou a imunização e a salubridade como principais procedimentos da profilaxia; apontou o acto de ‘fazer praia’ (expressão usada casualmente na actualidade) como forma de medicina preventiva e considerou flagelos sociais a tuberculose, a sífilis e o alcoolismo, sendo este último hereditário e uma “arma de enfraquecimento da raça”.

A autora referiu a sua obra dramática e literária que, como se apurará através da análise do objecto de estudo deste trabalho, foi mais alargada do que é conhecido. As áreas que mais lhe são atribuídas são a História e a Biografia, em especial no que toca à Medicina. No caso da História é dado destaque ao estudo do termalismo, das misericórdias e da vertente clínica - especialmente no diagnóstico da morte de personalidades históricas - e na abordagem biográfica, Fernando da Silva Correia dedicou-se à investigação sobre a vida de médicos e professores de medicina, de que são exemplo Ricardo Jorge e Maximiano de Lemos<sup>21</sup>.

Assim como Maria Antónia Almeida, outros investigadores destacaram a obra *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)*. A tese de doutoramento de Fernando da Silva Correia, defendida em 1938 e publicada pela Direcção-Geral de Saúde Pública, é uma das suas obras mais citadas e conhecidas<sup>22</sup>. João Pita e Ana Pereira fizeram uma análise mais pormenorizada desta obra no que concerne à Beira Interior (PITA, 2011, pp. 49-64).

O sociólogo Frederico Ágoas fez também uma análise desta obra, assim como uma apreciação do seu autor: “um discreto médico higienista (...). Laborioso polígrafo, autor, entre outras obras, de duas peças de teatro (...) e de um romance (...), foi também

---

<sup>21</sup> ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – *Correia, Fernando da Silva*. [Em linha]. CIUHCT. [Cons. 16 de Setembro de 2017]. Disponível em: <http://ciuhct.org/pt/correia-fernando-da-silva>. É ocasião para acrescentar que Fernando da Silva Correia também se destacou por biografar outras personalidades, por exemplo o miniaturista e caldense Francisco Elias (AA.VV., 1987, pp. 13-19; AA.VV., s. d., pp. 8-22).

<sup>22</sup> Muitas obras, investigações e estudos têm referenciado esta obra, alguns exemplos: ALMEIDA, 2014, pp. 687-708; BELL, 2016, pp. 359-379; COSTA, 2012; MORAIS, 2012, pp. 43-50; MORAIS, 2016, pp. 117-124 e VIEIRA, 2014, pp. 102-130. São analisadas esta e outras obras (sobre puericultura) em SOBRAL, 2009, pp. 377-402.



tradutor de Júlio Verne e de obras de medicina social, área em que assinou ainda alguns trabalhos originais, entre os quais se deve destacar *Portugal Sanitário*, extensa síntese do estado da saúde pública da nação”. Dedicou especial atenção ao artigo “Esboço da história das ciências do homem em Portugal” publicado em 1956 na revista *Imprensa Médica*. O facto deste artigo surgir numa revista de medicina, era de “aparência extravagante; mas é o próprio elenco de saberes abordados que importa destacar (e que de certa forma justifica a opção) – em concreto, estatística, demografia médico-social, antropologia, biotipologia, psicologia, psicologia social, medicina psicossomática, sociologia descritiva, genética e eugenia, política da população, política da família, pedagogia, criminologia e penologia. Importa destacar, efetivamente, a perfeita indistinção entre ciências naturais e sociais que estruturava o texto; mas sobretudo a amálgama entre conhecimentos científicos e políticas sociais que o caracterizava – prática até então relativamente corrente e que nos deverá dizer desde já alguma coisa acerca da procedência compósita das ciências humanas e da potencial relevância das políticas públicas na sua constituição. De facto, e ao contrário do que é hoje vulgar, os diversos itens considerados encontram-se então agrupados não tanto pelo tipo de abordagem, mas pelo respetivo objeto – no presente caso, o Homem” (ÁGOAS, 2010, pp. 5-6; 2013, pp. 221-235).

Ana Gato Rodrigues também analisou a obra *Portugal Sanitário (Subsídios para o seu estudo)* e outros artigos produzidos por Fernando da Silva Correia, a sua maioria, quando era director do ISHRJ, publicados no *Boletim* que foi introduzido precisamente em 1946, quando tomou posse do cargo. Para a esta autora, Fernando da Silva Correia era “um dos médicos sanitaristas com maior influência ao tempo” (RODRIGUES, 2013, p. 94 e 131).

Por seu lado, o Dr. Mário Gonçalves deixou também testemunho da obra de Fernando da Silva Correia em *Pergaminhos das Caldas*, sendo um dos patrocinadores da sua publicação. Atribui-lhe as posições de médico, professor e historiador, identificando as Caldas da Rainha como um enfoque dos seus estudos. À cidade teria dedicado “todo o seu sentido clínico inovador, o seu profundo saber de investigador e o melhor do seu afecto.” É destacada a Rainha D. Leonor, também enaltecida nas obras de Fernando da Silva Correia que, de uma forma geral, são para o Dr. Mário Gonçalves dignas de homenagem (CORREIA, 1995, p. XI).



A 21 de Maio de 1993, a *Gazeta das Caldas* assinalou o centenário do seu nascimento, referindo-o como “médico e publicista” e dando ênfase à actividade “nos domínios clínico, termal, da saúde, higiene e assistência públicas” que desenvolveu nas Caldas da Rainha e destacando o espaço consagrado “à história das mais antigas instituições caldenses”<sup>23</sup>.

Em 2012, a associação Património Histórico mencionou Fernando da Silva Correia no prefácio da obra fac-símile de Augusto Silva de Carvalho, *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)* de 1932. Neste prefácio, as obras do médico são incluídas entre as quatro iniciativas que se destacam na bibliografia sobre as Caldas da Rainha, um “conjunto de estudos, crónicas, investigações, e artigos publicados na imprensa nacional, parte dele baseado nos estudos de carácter medicinal e histórico” por si realizados sobre a vila/ cidade, o Hospital Termal Rainha D. Leonor “e a utilidade das suas águas termais na cura das enfermidades”. A maioria destas investigações foi publicada pelo “emérito médico e intelectual português”, a partir de 1928 (CARVALHO, 2012, p. VIII). Ao longo desta reedição, Fernando da Silva Correia é também citado por Augusto Silva de Carvalho, que recorre à sua obra *História da Rainha D. Leonor e da Fundação do Hospital das Caldas* (1928), assim como a uma outra investigação, desenvolvida em conjunto com Brito e Silva e António Rocha Madail, publicada no *Diário de Notícias* sobre a descoberta de uma imagem da Rainha D. Leonor “pejada”.

Na 2.<sup>a</sup> edição da obra de Fernando da Silva Correia *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas* (1944)<sup>24</sup>, promovida pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1999, também são feitas considerações importantes sobre a vida e obra do autor, aqui incluem-se as relativas à obra; sobre a sua vida surgirão adiante. A provedora da Misericórdia, Maria do Carmo Romão, considerou que esta obra não poderia ficar esquecida, assim como a “emblemática personalidade de um autor que pesquisou com incontestável interesse a vida e a obra da fundadora desta Instituição, a Rainha D. Leonor”, ao qual se prestava homenagem (CORREIA, 1999, p. 7).

Na mesma obra, é importante fazer menção à nota liminar da Doutora Natália Correia Guedes que, através de uma consulta da “vasta bibliografia” do seu tio,

---

<sup>23</sup> “Centenário de Fernando da Silva Correia” In *Gazeta das Caldas*. Caldas da Rainha, 21/5/1993, s. p.

<sup>24</sup> Esta obra também contribuiu para diversas investigações. É citada por vários dos participantes nas II Jornadas de Estudo sobre as Misericórdias: FERNANDES, 2009. Ou em: VIEGAS, 2006. Esta e outras obras também são referidas em: ALBERTO, 2010; DUARTE, 2008.

considerou que “a vida e obra de D. Leonor de Lencastre” e, em especial, “a fundação das Misericórdias” foram duas das temáticas que mais “lhe atraíram o espírito” entre “diversas” outras como a história da medicina e da assistência, a hidrologia, o teatro ou a pedagogia. Acrescentou que esta é uma obra conhecida e citada por investigadores e por aqueles que se interessam pelo tema. E caracterizou ainda, tendo por base a introdução do próprio autor, a forma como se processou a investigação e a construção desta obra: “o estudo que empreendeu foi demorado, «sempre com a preocupação constante de máximo escrúpulo e de máxima imparcialidade» e «esclarecendo dúvidas, desfazendo erros correntes e permitindo compreender claramente o que foi a instituição»” (CORREIA, 1999, p. 9).

É ainda de destacar que nesta obra de 1944, assim como no 3º Congresso do Mundo Português (8 de Julho de 1940), Fernando da Silva Correia propôs a elaboração das *Caritatis Monumenta Historica* (CORREIA, 1944, p. 315). A sua ideia foi recuperada em 2002 por José Pedro Paiva, presidente da Comissão Científica dos 10 volumes da *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. É este autor que o diz, considerando que Fernando da Silva Correia é “um nome incontornável no panorama historiográfico deste campo de estudos” (PAIVA, 2002, p. 12). Neste primeiro volume e nos restantes, Fernando da Silva Correia é citado com alguma frequência.

Ivo Carneiro de Sousa elaborou também uma análise da obra de Fernando da Silva Correia, especialmente no que concerne ao estudo da Rainha D. Leonor. O autor percorreu um elevado número de artigos e obras da autoria deste médico ou cuja publicação foi por si promovida, como é o caso das obras de Jorge de São Paulo (SOUSA, 2002, p. 109). Na sua opinião, Fernando da Silva Correia produziu “um estranho «processo judicial»” ao redigir *O Julgamento da Rainha D. Leonor* (1943), no entanto, assumiu que este “era – e continuaria longamente a ser – o principal responsável pelo alargamento das investigações em torno de D. Leonor, obrigando-as ainda a situar-se em bases sólidas, verdadeiramente documentais e históricas.”

O autor considerou notável a obra de Fernando da Silva Correia até 1940: “dezenas de títulos ligados à higiene pública, vários artigos sobre o termalismo, um continuado interesse pela saúde escolar, cruzavam-se com compósitos trabalhos dedicados à história da assistência e da medicina em que a actividade leonorina comparecia frequentemente investigada e discutida.” Destacou ainda a “publicação da sua obra mais conhecida, a monumental história” das misericórdias portuguesas;

indicando que de 1944 data também o início da publicação de *Charitas Monumenta Historica*, “colectânea de documentação que seria continuamente editada até 1956, para ser substituída, entre 1960 e 1963 pela colecção de fontes intitulada *De Sanitate in Lusitania Monumenta Historica. Documentos para a história da saúde pública em Portugal*” no *Boletim de Assistência Social*, cuja direcção era assumida pelo próprio. A obra de Fernando da Silva Correia é “generosa e variada”, conjugando “uma investigação primária e documental profunda”, que levou Ivo Sousa a perguntar porque não surgiu pela mão deste médico uma obra de maior envergadura dedicada à rainha D. Leonor: “Entenderia o probo investigador da história da assistência em Portugal que não estavam ainda reunidas as condições para concretizar um trabalho desse género?” (SOUSA, 2002, pp. 141-142).

Entre o leque de investigadores que consultaram ou citaram Fernando da Silva Correia encontrou-se Rita Sampaio da Nóvoa que, num breve artigo sobre “a lepra, os leprosos e as leprosarias”, mencionou como em Portugal alguns “«médicos-historiadores» (...) publicaram inúmeros trabalhos na primeira metade do século XX” sobre o tema, destacando entre eles Fernando da Silva Correia, Augusto da Silva Carvalho e Bissaya-Barreto, “autores de um extenso rol de obras onde a doença no contexto medieval recebeu especial destaque.” Acrescentou ainda o facto de todos serem contemporâneos da inauguração da “última leprosaria portuguesa”, o Hospital-Colónia Rovisco Pais. Tal inauguração decorreu em 1947 sob plano de Bissaya-Barreto, pretendendo materializar a protecção da Nação contra “tão repugnante doença”, ideia que a autora destacou do artigo de Fernando da Silva Correia “A Idade de Ouro da Assistência Cristã. A Assistência na Idade Média” (1939) na *Acção Médica* (NÓVOA, 2010; 2012, p. 78).

Saúl António Gomes, no artigo “Caldas da Rainha, das origens ao século XVIII. Problemas sobre história local e história global”, mencionou várias obras de Fernando da Silva Correia e considerou-o um “grande investigador de temas de história caldense” (GOMES, 1995, p. 44).

Rita Garnel colocou Fernando da Silva Correia entre os médicos oitocentistas e novecentistas – Ricardo Jorge, Maximiano de Lemos e Maximino Correia - que “cultivaram com brilho a História da Medicina – também ela rito de memória -, não deixando esquecer, entre outros, Amato Lusitano, Ribeiro Sanches, Manuel Constâncio” (GARNEL, 2017, pp. 142-143).

Priscila Silva também consultou várias obras de Fernando da Silva Correia para aludir à situação da saúde em Portugal no século XV, considerando-o um “grande especialista no tema” da assistência (SILVA, 2012, p. 28).

Teresa Silva desenvolveu também uma outra faceta da carreira profissional de Fernando da Silva Correia, a de professor do Instituto de Serviço Social, em Lisboa (entre 1935 e 1957) – a primeira escola da área. A autora atentou especialmente à sua introdução na edição portuguesa (do ISHRJ) da obra de Mary Richmond *Diagnóstico Social* (SILVA, 2016, pp. 75-78; 127-129 e 154-156).

Carlos Subtil e Margarida Vieira fizeram uma breve apreciação do artigo “Subsídios para a história da saúde pública Portuguesa do séc. XV a 1822” publicado em 1958 (SUBTIL, 2012, pp. 179-187).

Cristina Moisés estudou os “Hospitais Medievais de Lisboa” (MOISÃO, 2012, pp. 68-72), tendo como base a obra de Fernando da Silva Correia “Os velhos Hospitais da Lisboa Antiga” (1942).

Através deste elenco de autores que já citaram e analisaram a obra de Fernando da Silva Correia, parece que este autor já conta com algum protagonismo entre os investigadores actuais. No entanto, foi possível perceber – fazendo um contraponto entre a obra ‘estudada’ e a obra ‘esquecida’ – que na realidade existem muitos pormenores a explorar.

## **1.2 Um médico e um historiador (autodidacta) entre séculos**

*“O médico teve tradicionalmente nas sociedades europeias, e certamente no nosso país, um papel de autoridade, possivelmente não igualado por outros agentes de disciplinas técnicas ou científicas, uma autoridade que transcendeu em muito a sua actividade profissional. Os médicos envolveram-se na política, na guerra, nas artes”* (LEITÃO, 2017, p. 12).

Fernando da Silva Correia nasceu a 20 de Maio de 1893 em Alfaiates, freguesia do concelho do Sabugal, distrito da Guarda (REIS, 1981, p. 146). Filho de Joaquim Manuel Correia (1859-1945) e de Carlota Filomena da Silva Correia (1873-1954). Foi baptizado a 17 de Junho na Igreja de São João Baptista, no Sabugal. Através do auto do seu baptismo escrito pelo Padre Manuel Nabaes, é possível saber que a família residia

na Rua de Campos. Os seus avós paternos, Joaquim Correia e Maria Luiza Correia, eram proprietários e ambos naturais da Ruvina. Os avós maternos, Fernando Maria Garcia da Silva e Filomena Augusta dos Santos Silva, residiam em Peniche, local em que o Dr. Fernando Silva era médico municipal. Estes foram os seus padrinhos de baptismo, o avô foi representado na cerimónia pelo procurador João Correia Martins e a avó Filomena esteve presente. O avô Fernando Silva era natural de Torres Vedras e a avó e madrinha Filomena da Roliça, freguesia do concelho do Bombarral, distrito de Leiria<sup>25</sup>.

Fernando da Silva Correia frequentou a instrução primária no Sabugal e fez exame no Liceu da Guarda, para onde entrou em seguida<sup>26</sup>, frequentando o ensino liceal<sup>27</sup> entre 1902 e 1904. Nesse ano, passou para o Liceu de Leiria, em que andou até 1907<sup>28</sup>.

Em 1905, na sequência da morte do avô materno de Fernando da Silva Correia, a família Correia veio residir para as Caldas da Rainha<sup>29</sup>. No entanto, este jovem não se fixou permanentemente nesta vila, pois ao sair do Liceu de Leiria, passou para Coimbra, onde frequentou o Liceu entre 1908 e 1911<sup>30</sup>.

*“Só voltaremos a ser rapazes quando, depois de todos desaparecidos,  
ressuscitarmos na memória dos autênticos rapazes de cada geração.  
É assim que ordena a velha praxe coimbrã...”*<sup>31</sup>

Entre 1911 e 1917, frequentou o curso de Medicina da Universidade de Coimbra. Sobre a vivência do seu tio em Coimbra, a Doutora Natália Correia Guedes destacou a sua “grande facilidade de comunicação e de contacto com os outros, de fazer amigos”. E a verdade é que Fernando da Silva Correia manteve por toda a vida um próximo contacto com muitos dos seus condiscípulos. “Foi viver para uma república que era na

---

<sup>25</sup> “Certidão de idade que prova ter vinte e oito anos”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

<sup>26</sup> REIS, 1981, p. 146. “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC (documento) 872, p. 3.

<sup>27</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxiv.

<sup>28</sup> PT/PH - CR/FSC 4128, p. 1.

<sup>29</sup> CORREIA, 1995, p. XV. Num documento escrito em 1954, na sequência da morte da sua mãe, Fernando da Silva Correia indicou que a mudança para as Caldas também servira para melhorar a educação dos três filhos do casal, PT/PH - CR/FSC 1841.

<sup>30</sup> PT/PH - CR/FSC 4128, p. 1.

<sup>31</sup> CORREIA, 1958. PT/PH - CR/FSC 1840.

Rua das Esteirinhas, exactamente aquela que vem desenhada na capa da *Vida Errada*, que é uma espécie de barco, é uma casa de esquina.” É ainda mais interessante perceber a forma como a Doutora Natália Correia Guedes relembra a emoção e a saudade que Fernando da Silva Correia demonstrava ao falar de Coimbra: “o paraíso”, o local das “grandes partidas (...) tudo, tudo era Coimbra, até morrer. Era qualquer coisa que ficava no sangue dos alunos de então.”<sup>32</sup>

Isabel Amaral reconheceu que esta “Geração de 1911” protagonizou uma viragem na educação médica, que “transitou de um universo livresco para uma erudição assente na investigação científica” de forma a constituir uma “elite intelectual esclarecida, na construção de um Estado moderno, onde a vocação científica assumia um papel de relevo” (AMARAL, 2017, p. 157).

Logo em 1911, Fernando da Silva Correia participa na obra *Homenagem a João de Deus. Escola Maternal*, editada por ocasião da inauguração de um Jardim-Escola em honra de João de Deus em Coimbra (acontecimento descrito na obra *Vida Errada: O Romance de Coimbra*, CORREIA, 1960, pp. 139-142).

Durante o ano lectivo 1911-1912, o jovem estudante esteve matriculado nos cursos de Ciências naturais, Anatomia descritiva e Farmacologia<sup>33</sup>. No ano lectivo seguinte, esteve matriculado no primeiro semestre nas cadeiras de Anatomia topográfica, Histologia e embriologia, Fisiologia geral e especial e Farmacologia. Em Março de 1913, passou com 17 valores no exame de primeira época de Anatomia descritiva e Anatomia topográfica. No segundo semestre desse ano, esteve matriculado nos cursos de Química biológica e de Física biológica, assim como nas cadeiras de Histologia e embriologia e de Fisiologia geral e especial<sup>34</sup>. No segundo semestre do ano lectivo 1913-1914 esteve matriculado nas cadeiras de Anatomia patológica, Bacteriologia e Propedêutica cirúrgica<sup>35</sup>.

No ano lectivo 1914-1915, Fernando da Silva Correia esteve matriculado nas cadeiras de Terapêutica e técnica cirúrgica, 1.<sup>a</sup> Clínica cirúrgica (ambas leccionadas nos Hospitais da Universidade), Medicina legal (no Instituto de Medicina Legal), Higiene

---

<sup>32</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxvi.

<sup>33</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1911-1912. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/22949>.

<sup>34</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1912-1913. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22970>.

<sup>35</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1913-1914. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22936>.



(no Instituto de Higiene), Toxicologia, Clínica psiquiátrica, Psiquiatria forense e Epidemiologia<sup>36</sup>.

No ano lectivo 1915-1916, esteve matriculado no primeiro semestre nas cadeiras de 1.<sup>a</sup> Clínica médica, 2.<sup>a</sup> Clínica cirúrgica, Clínica obstétrica, Clínica ginecológica, Terapêutica, Clínica oftalmológica e Clínica urológica. Já no segundo semestre, matriculou-se em Clínica obstétrica, 1.<sup>a</sup> Clínica médica, 2.<sup>a</sup> Clínica cirúrgica e em Clínica ortopédica. Nesse ano foi ainda distinguido com a honra “accessit” por ter obtido 18 valores no 8.º Exame de Higiene, Epidemiologia, Medicina Legal, Toxicologia e Clínica psiquiátrica (realizado a 27 de Julho de 1915)<sup>37</sup>.

No ano lectivo 1916-1917, esteve matriculado nas cadeiras de 2.<sup>a</sup> Clínica médica, História e filosofia médicas, Clínica pediátrica, Clínica dermatológica e sifiligráfica e Clínica neurológica. Já durante o segundo semestre foi distinguido com a 2.<sup>a</sup> honra “accessit” no 6.º Exame de Clínica cirúrgica, Terapêutica e técnica cirúrgica e especialidades cirúrgicas com 18 valores (30 de Junho de 1916<sup>38</sup>) e com a mesma honra no 1.º Exame de Clínica obstétrica e clínica ginecológica também com 18 valores (15 de Julho de 1916)<sup>39</sup>.

Durante o ano 1917-1918, Fernando da Silva Correia obteve uma honra de “accessit” sem gradação no 5º Exame Clínica médica, Terapêutica e especialidades com 18 valores (a 20 de Julho de 1917)<sup>40</sup>.

A notícia “Dr. Fernando Correia” publicada no jornal *O Círculo das Caldas* de 26 de Julho de 1917, referiu a conclusão do curso “Com a classificação de 18 valores”. O autor da breve notícia não está identificado, mas é bastante elogioso, evidenciando os

---

<sup>36</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1914-1915. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22991>.

<sup>37</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1915-1916. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22991>. “Publica forma da certidão dos «accessits» que obteve durante o curso”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

<sup>38</sup> “Publica forma da certidão dos «accessits» que obteve durante o curso”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

<sup>39</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1916-1917. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/23013>. “Publica forma da certidão dos «accessits» que obteve durante o curso”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

<sup>40</sup> *Anuário da Universidade de Coimbra*. 1917-1918. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22983>. “Publica forma da certidão dos «accessits» que obteve durante o curso”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

“superiores dotes intelectuais” do jovem médico e a “excelencia do seu character e por uma sensatez pouco vulgar na sua idade.”<sup>41</sup>

Ainda antes de iniciar a sua vida académica, mas essencialmente a partir desse momento, Fernando da Silva Correia rodeou-se de um núcleo de amigos que, como ele, se dedicou e se interessou sempre pelos estudos humanísticos e, não somente, científicos. Alguns destes amigos foram constantes confidentes e correspondentes: Luís Ibérico Nogueira, Américo Cortez Pinto (1896-1979) ou Maximino Correia (1893-1969), reitor da Universidade de Coimbra entre 1943 e 1960<sup>42</sup>.

Outras informações sobre a passagem de Fernando da Silva Correia pela Universidade de Coimbra estão descritas na obra *Vida Errada. O Romance de Coimbra* (1ª edição em 1933 e 2ª edição em 1960). Através da personagem principal, Luís Augusto, o autor relatou inúmeras histórias suas e dos seus condiscípulos. É possível traçar o percurso deste jovem estudante a partir das notas que acrescentou à 2ª edição da obra. No entanto, um dos aspectos que valerá a pena salientar é a sua ligação ao Orféon Académico de Coimbra, com o qual viajou pelo país e fez também uma viagem a França em 1911 (CORREIA, 1960, pp. 143-174).

Ainda em 1915 e em 1917 publicou duas das suas obras dramáticas: *A Máscara* e *À Sombra dos Esculápio*, respectivamente, a última foi escrita para ser representada nesse ano pelos quintanistas do curso de Medicina. A representação teve lugar Teatro Sousa Bastos e, sempre que os actores se reuniram, celebrando o final do curso, esta representação foi evocada.

Mal terminou o curso, Fernando da Silva Correia foi convidado para 1.º Assistente da Faculdade de Medicina, pelo “Lente da Cadeira de Medicina Legal, Dr. Fernando da Almeida Ribeiro”<sup>43</sup>, cargo que acabou por rejeitar (OLIVEIRA, 1969, s. p.). Este lugar estava vago, pois o Dr. Alberto Cupertino Pessoa (1883-1942) fora mobilizado para a guerra (REIS, 1981, p. 146).

Adiou a defesa da sua “tese de formatura”<sup>44</sup> até 1919, ano em que regressou da sua participação na Grande Guerra. Depois da permanência em França entre 1918 e

---

<sup>41</sup> “Dr. Fernando Correia” In *O Círculo das Caldas*, Ano 24, nº 925. Caldas da Rainha, 26 de Julho de 1917, p. 1.

<sup>42</sup> “CORREIA, Maximino José de Moraes (1893-1969)” In *Universidade de Coimbra*. [Em linha]. [Consult. 25 de Maio de 2018]. Disponível na internet: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/autores/CORREIAmaximinojosedemoraes](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CORREIAmaximinojosedemoraes).

<sup>43</sup> “Curriculum Vitae de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 1.



1919, estava dispensado do referido trabalho, mesmo assim o jovem médico não prescindiu de o apresentar, com o título *Profilaxia das febres tifóide e paratifóide A e B pela vacinação* (CORREIA, 1919), fazendo parte do júri os médicos Serras e Silva, Elísio de Moura e Rocha Brito<sup>45</sup>.

A carreira militar de Fernando da Silva Correia começou quando frequentava o curso de Medicina. Segundo a sua *Caderneta Militar*, assentou praça como recrutado a 1 de Julho de 1913, integrando o contingente “a cargo do distrito de Guarda”. A 12 de Janeiro de 1914 é “incorporado” como soldado número 8 do 2º Grupo de Companhias de Saúde, com quartel em Coimbra. A 9 de Julho, finda a recruta, o jovem estudante foi licenciado, podendo domiciliar-se na freguesia da Sé Velha, onde residia. A 16 de Janeiro de 1915 voltou a integrar o contingente, sendo licenciado a 11 de Fevereiro<sup>46</sup>. Regressou ao quartel de Coimbra a 15 de Outubro desse ano, recebendo licença para pernoitar fora daí em 18<sup>47</sup>. Uma “junta hospitalar de inspecção reunida no hospital de Coimbra, em sessão de 15 de Novembro” julgou-o “incapaz de todo o serviço”, razão pela qual saiu do efectivo a 4 de Dezembro de 1915<sup>48</sup>.

Fernando da Silva Correia partiu de Lisboa a 10 de Janeiro de 1918<sup>49</sup> e a sua acção esteve ligada ao CAPI<sup>50</sup>. Através da correspondência que enviou com extenso cuidado para informar a mãe, conhecem-se vários pormenores das viagens e dos locais onde permaneceu em França. No final de Janeiro de 1918 relatou a sua “excelente” situação, instalado num comboio, em que dispunha de um quarto para dormir e de um “gabinete de trabalho”. O jovem médico descreveu o seu dia-a-dia e mencionou algumas das pessoas com quem estabeleceu maior proximidade, por exemplo: o seu

---

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>46</sup> PT/PH - CR/FSC 4125, p. 2.

<sup>47</sup> PT/PH - CR/FSC C1859. Neste documento, surge a informação de que Fernando da Silva Correia é o soldado número 61 da mesma Companhia. Num outro documento é-lhe ainda atribuído o número 238: PT/PH - CR/FSC 4130.

<sup>48</sup> PT/PH - CR/FSC 4125, p. 2.

<sup>49</sup> Boletim individual de Fernando Correia da Silva do Corpo Expedicionário Português: PT-AHM-DIV-1-35A-09-2930. Houve uma troca dos apelidos do médico corrigida “pelo Diário do Governo nº 146-2ª série de 6-7-927”: PT/PH - CR/FSC C3370.

A partida para a guerra ficou imortalizada no capítulo “A «licença funerária»”, primeiro e único da obra *Vida Nova. O romance da guerra*. Esta obra deveria ser o segundo volume de um “tríptico” sobre a vida de Luís Augusto, que o autor propõe em 1960, no entanto, nunca terminou esta obra e, mais do que isso, houve uma alteração a este plano inicial, pois neste capítulo a personagem central passa a ser Alberto Aleixo. CORREIA, 1960, p. 8. PT/PH - CR/FSC 2037.

<sup>50</sup> Pouco tempo depois de iniciada a guerra, a França, país aliado, pediu apoio a Portugal para completar o seu corpo de artilharia. Neste sentido, foi assinada (a 17 de Maio de 1917) uma “Convenção Militar” que estabelecia as bases para a organização do CAPI, que deveria integrar as forças do exército francês. Apesar da Convenção definir que os militares recebiam assistência médica dos serviços de saúde franceses, cada bateria teria um médico “português”. PEREIRA, 2012, pp. 8-10; 78-79.

impedido, Joaquim Vinha ou os seus condiscípulos e camaradas Bernardo Vieira Ribeiro (1891-1956)<sup>51</sup> e António Alberto Sousa Gomes (1895-1947). O acampamento em que o CAPI permaneceu mais tempo e fez a sua instrução situava-se em Bailleul-sur-Thérain, próximo de Paris (PEREIRA, 2012, pp. 12-14).

Fernando da Silva Correia partiu como alferes médico miliciano<sup>52</sup>, mas foi promovido ao posto de tenente a 28 de Fevereiro de 1918<sup>53</sup>. No mês seguinte, participou na primeira missão do CAPI (PEREIRA, 2012, p. 15) e, já no dia 25, acompanhado dos seus camaradas, foi obrigado a abandonar o campo de instrução, após uma grande ofensiva iniciada pelos “alemães” em local próximo. O jovem médico relatou a viagem de comboio até Sommesous nos dias 29 e 30 seguintes<sup>54</sup>.

Em Abril de 1918 acompanhou o Exército Francês para Champagne (PEREIRA, 2012, p. 17). Esse mês foi especialmente difícil para a família Correia, que mostrou a maior satisfação ao receber uma carta de Fernando da Silva Correia datada do dia 24. Em resposta, o pai conta-lhe o que se dizia do “tal dia 9 de Abril”: “Dizem talvez exagerando que ficaram 13.000 soldados prisioneiros, 200 oficiais mortos e 200 prisioneiros. (...) Os jornais contam feitos heroicos de soldados e oficiais”<sup>55</sup>.

No final do mês de Junho, Fernando da Silva Correia baixou ao Hospital de Hendaye<sup>56</sup>. E, em Agosto, gozou uma licença de 8 dias, em que aproveitou para visitar Paris, Bourdeaux, Lourdes, Pau e Cauterets<sup>57</sup>. É possível afirmar que a partir de Outubro, se encontrava próximo dos militares que, em Suippes e St. Martin L’Heureux, trabalhavam na construção de linhas férreas (PEREIRA, 2012, pp. 17-18), acompanhando estes trabalhos, sobre os quais escreveu em 1926. A 16 de Novembro de 1918, o CAPI alojou-se em Crecques (PEREIRA, 2012, pp. 18-19)<sup>58</sup>. Terminada a guerra, decidiu-se que o 1º Grupo da CAPI se ligaria à 2ª Divisão do Corpo Expedicionário Português, formando o Grupo de Artilharia Pesada (PEREIRA, 2012, p. 77). No dia 21 de Janeiro de 1919, o jovem médico iniciou uma licença de dez dias,

---

<sup>51</sup> PT/PH - CR/FSC C2717, 4 páginas datadas de 23 de Janeiro de 1918.

<sup>52</sup> Fora promovido a 29 de Outubro de 1917: “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872.

<sup>53</sup> *Ibid.*

<sup>54</sup> PT/PH - CR/FSC 1661.

<sup>55</sup> Carta de 4 de Maio de 1918 do Dr. Joaquim Manuel Correia para Fernanda da Silva Correia, na posse da família.

<sup>56</sup> PT/PH - CR/FSC C3518.

<sup>57</sup> Carta de Fernando da Silva Correia para o Dr. Joaquim Manuel Correia de 10 de Agosto de 1918, na posse da família.

<sup>58</sup> Inicialmente a correspondência enviada para Fernando da Silva Correia era remetida para Paris e a partir deste momento a morada altera-se para Crecques.

devendo apresentar-se no dia 31<sup>59</sup> junto do Grupo, permanecendo em França até Maio desse ano.

Fernando da Silva Correia recebeu vários louvores “pela energia, competência e zelo de dedicação de que deu sobejas provas na preparação e execução dos tiros feitos em 18 de Maio ultimo”; “pela grande competência (...) e bôa vontade [demonstradas], quer (...) na frente, quer em repouso e especialmente durante um bombardeamento de aviões em que saiu imediatamente do abrigo em que se encontrava, quando lhe constou que havia feridos” e “pelo zêlo e competência (...) [demostrados durante o] bombardeamento de Somesous, em 29 de Julho de 1918, e [do] desastre na região de St. Hilairele-Grande, em Outubro”<sup>60</sup>.

*“Pelas características que evidenciam a sua obra. Relações de ordem familiar e excelentes serviços nela prestados, há que considera-lo filho adoptivo das Caldas e reservar-lhe um lugar próprio entre o autores deste distrito.”*<sup>61</sup>

A 14 de Maio de 1919<sup>62</sup>, Fernando da Silva Correia regressou a Portugal e instalou um consultório nas Caldas da Rainha<sup>63</sup>. Ainda nesse ano, tirou a especialidade de Medicina Sanitária em Coimbra<sup>64</sup> que o habilitou para o exercício do cargo de delegado de saúde, ao qual competia a direcção de serviços sanitários, o licenciamento de estabelecimentos, a fiscalização do estado sanitário e higiénico de trabalhos operários ou agrícolas, do acompanhamento infantil e das condições sanitárias da população em

---

<sup>59</sup> PT/PH - CR/FSC 3677.

<sup>60</sup> PT/PH - CR/FSC 481, 5 páginas.

Para mais informações sobre a participação de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra, consultar: RIBEIRO, 2018, pp. 55-76.

Rubrica “Um médico das Caldas na Grande Guerra” In *Gazeta das Caldas*, entre Fevereiro e Setembro de 2018, em: <https://gazelacaldas.com/> e <http://phcaldas.pt/>.

<sup>61</sup> PT/PH - CR/FSC 4134, p. 1.

<sup>62</sup> PT-AHM-DIV-1-35A-09-2930.

<sup>63</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 4. O consultório foi instalado na casa de família, onde Fernando da Silva Correia residiu inicialmente. Esta, ainda hoje propriedade da família Correia, situa-se na Rua Rafael Bordalo Pinheiro, números 22/24 nas Caldas da Rainha. Não há muito tempo era um alojamento local, com o nome “Casa dos Plátanos”, Vide “Guia de hotéis – Casa dos Plátanos”. *Boa Cama. Boa Mesa – Expresso*. [Em linha]. S. d. [Consult. 20 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: <http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/guia/casa-dos-platanos>.

<sup>64</sup> No “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia” (PT/PH - CR/FSC 872) surge uma informação diferente do que é apresentado em ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – *Correia, Fernando da Silva*. [Em linha]. CIUHCT. [Consult. 16 de Setembro de 2017]. Disponível em: <http://ciuhct.org/pt/correia-fernando-da-silva>, que afirma ter sido no Instituto Central de Higiene que Fernando da Silva Correia tirou a especialidade em questão.

geral<sup>65</sup>. A Doutora Natália Correia Guedes escreveu que, após a sua instalação nas Caldas da Rainha, começou por exercer “clínica gratuitamente aos pobres, aos abandonados, deslocando-se às aldeias a cavalo, por atalhos lamacentos, aos tugúrios mais gélidos, noite fora” (CORREIA, 1999, p. 10). Acrescentou ainda um vasto leque de sociabilidades em que o médico se enquadrava: “O «outro», para o Autor, tanto eram estes ilustres condiscípulos de Coimbra, como a cigana a quem ajudou a ter um filho em plena rua, a criança queimada que salvou «in extremis» porque a bruxa lhe receitara ovos a ferver colocados directamente no ventre ou o ancião analfabeto que ficou sem comer três dias porque o Senhor Doutor lhe dissera para pôr o termómetro de vidro na boca sem lhe notar que o deveria tirar” (CORREIA, 1999, p. 11).

A 13 de Maio de 1921 concluiu o curso de Hidrologia em Lisboa com 13 valores (CORREIA, 1995, p. XVI)<sup>66</sup>, que lhe deu competências para o estudo do termalismo, (provavelmente) motivado por um interesse pessoal sobre esta questão e pela sua relação de proximidade com as Caldas da Rainha, vila termal por excelência. Não podendo ainda precisar as datas, nas décadas de 1920 e 1930<sup>67</sup> terá desempenhado os cargos de médico externo do Hospital Termal Rainha D. Leonor e de director clínico do Balneário das Águas Santas, ambos os estabelecimentos no município onde residia<sup>68</sup>.

O cargo que Fernando da Silva Correia desempenhou no Hospital Termal Rainha D. Leonor revê-se hoje na investigação produzida e publicada (Apêndice 11). Individualmente ou em conjunto (destacando-se a parceria com o seu (primeiro) sogro António de Mello Ferrari, director do Hospital Termal) desenvolveu vários trabalhos sobre a assistência termal nas Caldas da Rainha. Pouco se sabe sobre as tarefas que desempenhou no Hospital Termal, no entanto, é mais fácil conhecer a acção desenvolvida em torno do Balneário das Águas. Em 1923, o abandono a que este edifício havia sido votado preocupava os munícipes, que nas sessões camarárias discutiam e alertavam para esta situação. Em 1926, na ausência de concorrentes para o aluguer do estabelecimento balnear, fica decidido que seria a Comissão Executiva da

---

<sup>65</sup> ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – *Op. Cit.*

<sup>66</sup> “Publica forma da certidão do exame do Curso de Hydrologia”, entre os documentos entregues a 17 de Setembro de 1921 à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal.

<sup>67</sup> Detinha estes cargos 1938. “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3.

<sup>68</sup> Através da análise de alguma correspondência existente no sistema em estudo, sabe-se que enquanto residiram nas Caldas da Rainha, Fernando da Silva Correia e a sua (primeira) esposa, Mariana Benedita Arnaud Ferrari de Melo Correia (1895-1943), a sua casa se localizava na Rua Sebastião de Lima, nº 32.

Câmara Municipal a intervir no edifício, executando as obras necessárias à sua reabertura<sup>69</sup>.

O “Balneário das Águas Santas”, construído em 1855 “por subscrição pública”, era, em 1927, aquando da elevação da vila das Caldas da Rainha a cidade, “um edifício higiénico, com óptimas tinhas de mármore, onde recentemente foram feitos grandes melhoramentos pela Camara Municipal.” As suas águas eram eficazes em doenças de pele e, para aqueles que desejassem aí fazer termas, existiam “Carreiras diárias de camionete, ao preço de 2\$00 (ida e volta), partindo da Praça da República às 8 da manhã.”<sup>70</sup>

Em 1928, a *Gazeta das Caldas* descreveu a inauguração do balneário<sup>71</sup>, dizendo que “o povo caldense [o] olhou com grande simpatia”. No dia 15 de Maio, “o pequenino balneário da Camara Municipal, com um asseio irrepreensível, cheio de flôres, com o seu jardim bem tratado e onde tocou, até quasi noite, a filarmónica de Obidos” foi inaugurado. Durante a cerimónia “percorreram os visitantes os locais onde a agua para abastecimento do publico tem sido captada e ainda aquele onde se encontra em construção um deposito, que a chuva não tem deixado levantar.”<sup>72</sup> Em 1942, o jornal indicou que o estabelecimento “Remodelado e posto sob os mais rigorosos cuidados higiénicos, pela alta competencia do Excelentissimo Doutor Fernando Correia”, aumentava progressivamente o número que aquistas<sup>73</sup>.

No seu currículo, Fernando da Silva Correia destacou ainda da sua vertente de hidrologista, a eleição para a International Society of Medical Hydrology, participando na sua reunião anual em 1930 – o XIII Congresso Internacional de Hidrologia em Lisboa<sup>74</sup>.

Tornou-se médico municipal interino a 11 de Agosto de 1921, a 18 de Novembro passou a médico municipal efectivo e a 26 desse mês foi nomeado

---

<sup>69</sup> AHMCR, Livro nº 33 das Actas da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

<sup>70</sup> COMISSÃO DE INICIATIVA DAS CALDAS DA RAINHA, 1927. PT/PH - CR/FSC 3585.

<sup>71</sup> Tal como o Hospital Termal, o Balneário das Águas Santas era (re)inaugurado todos os anos a 15 de Maio, dia da cidade das Caldas da Rainha.

<sup>72</sup> “O Verão nas Caldas. Realizaram-se 3 inaugurações no dia 15 de Maio” In *Gazeta das Caldas*, 20 de Maio de 1928, p. 5.

<sup>73</sup> “Águas Santas” In *Gazeta das Caldas*, 10 de Julho de 1942.

<sup>74</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3. Fernando da Silva Correia apresentou quatro comunicações neste Congresso: “As «Águas Santas» das Caldas da Rainha na terapeutica dermatológica”; “Um tipo de ficha termal”; “O Hospital termal das Caldas da Rainha; a sua história; as suas águas; as suas curas” e “Cento e trinta anos de Clínica termal nas Caldas da Rainha”. PT/PH - CR/FSC 3293.

subdelegado de saúde das Caldas da Rainha (CORREIA, 1995, p. XVI)<sup>75</sup>, somente começando a exercer esta actividade a 28 de Janeiro de 1922<sup>76</sup>. No desempenho destes cargos iniciou “uma acção notável no domínio da saúde pública” (CORREIA, 1995, p. XVI), sendo responsável por inúmeras iniciativas que visavam o desenvolvimento da assistência nessa vila. Para a Doutora Natália Correia Guedes, uma das razões para que a intervenção médica e cívica de Fernando da Silva Correia fosse tão activa foi o conhecimento próximo da dura realidade em que vivia a população caldense (CORREIA, 1999, p. 10), quer na zona que hoje corresponde à sua malha urbana, quer nas zonas rurais limítrofes.

O desempenho dos cargos de médico municipal e subdelegado de saúde das Caldas da Rainha marcaram a sua carreira e definiram um campo de análise a que voltaria inúmeras vezes. Ana Gato Rodrigues definiu “as qualidades de um subdelegado de saúde” a partir das palavras de Fernando da Silva Correia: “incluiriam a boa educação, a inteligência, o bom senso, a ponderação, a honestidade, resistência e energia, bons conhecimentos técnicos, capacidade de adaptação e comunicação, autocontrolo (nomeadamente no que respeita à atracção pelo sexo feminino), paciência, persistência, sociabilidade, dinamismo e capacidade de liderança.”

À época “os médicos municipais não chegavam para as necessidades. Fora dos grandes centros urbanos, onde muitas vezes, médico municipal era o único existente, assumia simultaneamente as funções de delegado de saúde e assegurava o lugar de clínico noutras instituições” (RODRIGUES, 2013, p. 55).

Em 1924, Fernando da Silva Correia instalou um Laboratório Municipal, o qual dirigiu enquanto desempenhava as funções de médico municipal, já que a direcção do Laboratório era uma das funções inerente a esse cargo.

A 30 de Janeiro de 1926 foi publicado o “Regulamento do Laboratório Municipal” na acta dessa sessão camarária. Através deste regulamento é possível conhecer parte do trabalho efectuado no laboratório, assim como as funções dos vários funcionários que este requeria. Faziam-se aí análises químicas, bacteriológicas, higiénicas – leites e alimentos - e clínicas – urina, sangue, etc. O preço das análises era estipulado pelo director e aprovado pela Comissão Executiva da Câmara Municipal, mas quando as análises eram requeridas por esta ou pelo médico municipal eram

---

<sup>75</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3.

<sup>76</sup> PT/PH - CR/FSC 275.



gratuitas. O edifício funcionava, pelo menos, 4 horas diárias, 3 de manhã e 1 à noite. Todos os materiais necessários eram adquiridos pela Câmara Municipal, após aval de uma requisição do director. As receitas do Laboratório eram entregues, mensalmente, à Câmara Municipal. O pessoal do Laboratório era composto pelo director, um analista (proposto pelo director e aceite pela Câmara Municipal, que era apoiado por um zelador municipal) e uma “servente jornaleira” responsável pela limpeza das instalações<sup>77</sup>. Nesse ano, era analista Heitor Ferreira (GAZETA DAS CALDAS, 1926, p. 17).

*“Houve quem, pela natureza da sua profissão, em contacto permanente com aquela miséria e com aquela ignorância, apontasse a necessidade imediata dum organismo inteligentemente orientado, que salvasse algumas dessas criancinhas, para aí abandonadas de tudo! Não lho dizia apenas a observação directa da sua clínica, partindo-lhe o coração: Diversas pessoas davam-lhe noticia de vários casos isolados, que ainda mais o faziam sofrer, em sua natural bondade.”* (FORSADO, s. d., s. p.).

No ano seguinte, Fernando da Silva Correia colaborou com a criação do Lactário-Creche Rainha D. Leonor, “uma obra de assistência materno-infantil pioneira” (CORREIA, 1995, p. XVI). O médico municipal destacou-se como fundador e membro da gerência da instituição, com a qual também colaboraram as suas irmãs, especialmente Filomena Augusta da Silva Correia, depois detentora do curso de Serviço Social do Instituto de Serviço Social de Lisboa. A instituição foi inaugurada oficialmente a 18 de Novembro de 1925 (COUTO, 2010, p. 75), pelas 16:30h, estando sediada numa enfermaria do Hospital (Termal) Rainha D. Leonor<sup>78</sup>.

Rui Forsado (membro dos corpos gerentes do Lactário) descreveu em pormenor todas as actividades que permitiram a criação desta instituição. Até à abertura do Lactário não existia qualquer tipo de “assistência à pobreza” na vila das Caldas, como excepção das “escassas esmolas domiciliárias proporcionadas pelos sentimentos cristãos, muito de respeitar, dêsse bom vêlhinho, que foi o coronel Soeiro de Brito”. Neste contexto, as criancinhas recém-nascidas (...), nasciam e morriam ao desamparo, vítimas da miséria e da ignorância dos pais.” Foi para solucionar este problema socialmente relevante que, celebrando o IV Centenário da morte da Rainha D. Leonor,

<sup>77</sup> AHMCR - Livro nº 33 das Actas da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

<sup>78</sup> “A comemoração do 4.º centenário da morte da Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (18 de Novembro de 1925), p. 8.

surgiu o Lactário, fruto da persistência de Fernando da Silva Correia e de um grupo de senhoras caldenses. Da união de vontades destes e com peripécias várias, o Lactário fez parte de um conjunto de instituições que intervieram significativamente nas Caldas da Rainha e que terão despertado o olhar dos médicos e políticos mais atentos para a acção de Fernando da Silva Correia, peça-chave para “movimentar” a assistência nesse município<sup>79</sup>.

Entre os serviços que o Lactário-Creche proporcionava encontram-se: a distribuição de leite, roupas e medicamentos; uma “escola de mãis”, complementada pelos diversos folhetos que Fernando da Silva Correia preparou e as colónias marítimas em São Martinho do Porto e na Foz do Arelho, com a intenção de aproveitar os benefícios da água salgada (FORSADO, s. d., s. p.).

Na *Gazeta das Caldas* eram publicadas notícias sobre a eleição dos corpos gerentes do Lactário<sup>80</sup> ou, com o propósito de recordar a acção “das senhoras da vila”, sobre as inúmeras actividades de angariação de fundos, como as festas “da Flôr” (em 1925 e em 1926) e os Bailes “«da Telha»” e “«da Areia»”<sup>81</sup>. A estes fundos acrescentou-se o valor das quotas de “sócios protectores” que se inscreveram para tomar parte na obra. À data da inauguração foram instaladas cinco crianças, indicando-se que a principal preocupação residia no acolhimento das que padeciam de doenças contagiosas. As mães deixavam as crianças no Lactário pelas 8:30h, indo depois buscá-las às 18h, durante esse tempo “as creanças serão lavadas, ser-lhes-há fornecido fato, serão pesadas, medidas e vigiadas.” Este serviço era complementado por um “externo”, disponível para todas as mães e crianças que o desejassem. As crianças internadas recebiam lembranças nas épocas festivas e tanto o Lactário, como as casas particulares eram vigiadas por “«Senhoras Visitadoras»” que garantiam as melhores condições para as crianças<sup>82</sup>.

No entanto, este era apenas o princípio de uma obra mais vasta. Na sequência desta inauguração foi criada uma “Comissão Instaladora” com a missão de angariar as

---

<sup>79</sup> Vários nomes da elite da época são mencionados como visitantes do Lactário, por exemplo, o presidente da República Óscar Carmona. “Casas de beneficência. O que tem feito o Lactario-Créche durante os 5 anos da sua existencia. Palavras lidas por um membro da Direcção do Lactario-Créche Rainha D. Leonor, na sessão cinematográfica efectuada em 17 de Novembro, no Teatro Pinheiro Chagas [sic], em beneficio desta casa de protecção á infancia”. *Gazeta das Caldas* (30 de Novembro de 1939), p. 2.

<sup>80</sup> “Direcção do Lactario-Creche”. *Gazeta das Caldas* (18 de Novembro de 1925), p. 8.

<sup>81</sup> CORREIA, Fernando da Silva – “Quem fundou o Lactário Creche Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (15 de Maio de 1964), s. p. PT/PH - CR/FSC 2519.

<sup>82</sup> “Lactario-Créche Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (29 de Novembro de 1925), p. 8.



verbas necessárias à fundação de um edifício capaz de servir o propósito assistencial do Lactário. Em 1926, este já estava “instalado numa casa excelente, com os seus serviços organizados, tinha já protegido 20 creanças, tendo salvo a vida a algumas d’elas.” E até 1927, mais 22 crianças foram acolhidas<sup>83</sup>.

Tornou-se comum a reunião anual dos seus sócios e corpos gerentes, com o intuito de apresentar um relatório de contas do ano anterior. Em 1928, quando a obra celebrava o seu terceiro aniversário foi homenageado Fernando da Silva Correia: “quis a direcção dar um justo e sincero testemunho da sua gratidão, ao dedicadíssimo médico do Lactário-Crèche e nosso presado amigo, sr. dr. Fernando Correia, que, sem favor e sem exagero, tem sido o melhor propugnador da sua obra, assistindo-lhe com a maior devoção na defeza da saude dos pequeninos, principalmente nos ensinamentos que presta ás respectivas mães, numa campanha de todas as horas, que muita gente ignora, mas que é preciso publicar, como justo reconhecimento á meritória acção clínica e social.” A homenagem concretizou-se com a atribuição do nome do médico à “sala de consultas e tratamentos”: “E, no meio de aplausos da assistencia, a mãe do distinto médico, ex.ma sr.<sup>a</sup> D. Carlota da Silva Correia, descerrou o mármore que batisava o modesto gabinete, - «Sala Fernando Correia»”. Comovido, Fernando da Silva Correia agradeceu e, depois de apresentado o relatório da gerência, leu o seu relatório médico<sup>84</sup>.

Em 1929, repetiu-se esta reunião e a *Gazeta das Caldas* apresentou as conclusões do relatório médico de Fernando da Silva Correia: “bons resultados colhidos pela colonia marítima de S. Martinho, com que beneficiaram 13 creanças, ás aplicações de raios ultra-violetas, com que se trataram até hoje 56 creanças e adultos, não se limitando a beneficiar os internados, mas externos e até doentes de fóra do concelho./ Muitos dos doentes melhoraram com o tratamento, especialmente creanças fracas que ganharam apetite e vivacidade e se desenvolveram melhor apoz ele. Ao tôdo foram feitas no passado ano de gerência 636 aplicações de raios ultra-violetas.”<sup>85</sup>

As notícias continuaram nos anos seguintes, fazendo referência à acção benéfica junto das crianças desfavorecidas, mas igualmente à acção benemérita de Fernando da

---

<sup>83</sup> “Em prol da infancia. O Lactario-Crèche Rainha D. Leonor completou em 18 do corrente dois anos de existencia”. *Gazeta das Caldas* (20 de Novembro de 1927), p. 3.

<sup>84</sup> “Instituições de beneficência. O 3.º aniversario da Fundação do Lactário-Crèche Rainha D. Leonor. Uma homenagem justa”. *Gazeta das Caldas* (25 de Novembro de 1928), p. 3.

<sup>85</sup> “Pela infancia desvalida. Passou em 18 do corrente o quarto aniversario do Lactário-Crèche”. *Gazeta das Caldas* (24 de Novembro de 1929), p. 8.

Silva Correia<sup>86</sup>. Em 1933, teve início um período de suspensão das actividades do Lactário, instalado numa dependência do Laboratório Municipal. Maria Dulce Lopes, presidente da instituição, mencionou ainda a existência de uma “Comissão do Edifício do Lactário Crèche”, que pretendia a alargar o seu âmbito para Jardim-Escola (CARVALHO, 1933, p. 2). A 15 de Maio de 1935 foi inaugurado o edifício da “«Crèche»”, cerimónia em que participou Fernando da Silva Correia<sup>87</sup>. Eram organizadas actividades para angariação de fundos, como foi o caso de uma sessão cinematográfica a 17 de Novembro de 1939. Por tudo isto, “O «Lactario-Crèche» tem servido de modelo a outros e tem tido a honra de ser elogiado por algumas das figuras marcantes da puericultura portuguesa, como os drs. Professores Costa Sacadura e Almeida Garrett.”<sup>88</sup>

O Lactário sobreviveu por alguns anos, estando Filomena da Silva Correia envolvida nos seus projectos. Actualmente o último edifício em que esteve instalado, aquele construído de raiz com esse objectivo, é o Jardim de Infância Dr. Leonel Sotó Mayor (CARDOSO, s. d., pp. 43 e 45), na rua Dr. Fernando Correia.

Entre 1927<sup>89</sup> e 1928, Fernando da Silva Correia integrou a “Comissão Instaladora da Misericórdia das Caldas da Rainha” (RODRIGUES, 1993, p. 445). Esta obra assistencial pretendia a melhorar as condições de vida de uma população pobre, analfabeta e sem quaisquer hábitos de higiene (GARNEL, 2017, p. 144). Mais uma vez, será Rui Forsado a revelar o papel de Fernando da Silva Correia para que as Caldas tivessem uma Misericórdia: “Um dia, apareceu alguém, bem conhecido nesta terra pelas suas campanhas em favor dos pobres, que acalentou a esperança de tornar possível o desaparecimento dessa miséria, das ruas da cidade, com a fundação dum estabelecimento de assistência a êsses desgraçados. E conseguiu-o! A seu alvitre, reuniu-se um grupo de moradores das Caldas. Dessa reunião saíu a Misericórdia./ O que a Misericórdia tem feito, nos curtos anos da sua existência, é bem sabido de todos (...): Veste, calça, alimenta e recolhe 50 velhinhos de ambos os sexos; auxilia viúvas e órfãos; paga funerais; paga o transporte de doentes para os hospitais; dá uma refeição a todos os pobres de passagem pela cidade” (FORSADO, s. d., s. p.).

---

<sup>86</sup> “Casas de Bem-Fazer. O Lactário Rainha D. Leonor continua a cumprir a sua missão”. *Gazeta das Caldas* (19 de Outubro de 1930), p. 5.

<sup>87</sup> “Para as crianças pobres. Realizou-se em 15 de Maio a inauguração solene do edifício da «Crèche»”. *Gazeta das Caldas* (19 de Maio de 1935), p. 7.

<sup>88</sup> “Casas de beneficência... *Gazeta das Caldas* (30 de Novembro de 1939), p. 2.

<sup>89</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3.

O seu primeiro refeitório foi inaugurado a 15 de Maio de 1928, numa dependência do Hospital de Santo Isidoro<sup>90</sup>. No ano seguinte, após a oferta de um prédio na Cova da Onça, foi preparada uma Albergaria para os pobres<sup>91</sup>. E, em 1930, foi lançada a primeira pedra no novo edifício<sup>92</sup>. Na *Gazeta das Caldas* foram publicados artigos sobre os donativos entregues para esta instituição, assim como, depois de dotada de edifício próprio, os relatórios da sua gerência.

Ainda na década de 1920, Fernando da Silva Correia foi um dos fundadores (e assíduo autor) da *Gazeta das Caldas* (RODRIGUES, 1993, p. 445). A 9 de Abril de 1926, assinalando os 8 anos da Batalha da La Lys, prestou uma homenagem aos militares portugueses que haviam, como ele, participado na Grande Guerra (CORREIA, 1926, p. 5). Este é apenas um dos aspectos que compõem a acção cultural e intelectual que o médico municipal desenvolveu em torno das Caldas da Rainha. Ainda em jornais anteriores publicou alguns artigos numa tentativa de propaganda turística dos efeitos benéficos das águas termais<sup>93</sup> e viria a publicar outros tendentes à crítica de arte. Por exemplo, segundo indica Dóris Santos, em Março de 1925, este e o seu amigo António Montês (1896-1967), ambos pertencentes à chamada “Comissão de Iniciativa”, escreveram na *Gazeta das Caldas*, favorecendo a criação na (ainda) vila do “Museu Rafael Bordalo Pinheiro” (SANTOS, 2013, p. 19). Mais tarde, o “Dr. Fernando Correia” fez parte da primeira Liga dos Amigos do Museu José Malhoa (SANTOS, 2013, p. 125).

E, ainda em 1925, seria solicitado pela “Comissão de Iniciativa das Termas” para colaborar no programa de evocação do IV Centenário da morte da Rainha D. Leonor. Como é explicado pelo redactor da *Gazeta das Caldas*, no programa da evocação somente faltava o lançamento da primeira pedra no monumento à rainha<sup>94</sup>. Para a colocação deste monumento, decorreram um processo de angariação de fundos e um concurso, mas a estátua de Francisco Franco só foi inaugurada dez anos depois,

---

<sup>90</sup> “O Verão nas Caldas. Realizaram-se 3 inaugurações no dia 15 de Maio”. *Gazeta das Caldas* (20 de Maio de 1928), p. 5.

<sup>91</sup> “Protegendo os pobres. Como foi possível a instalação da Albergaria da Misericórdia”. *Gazeta das Caldas* (13 de Janeiro de 1929), p. 3.

<sup>92</sup> “Misericórdia das Caldas. O lançamento da primeira pedra para um edifício proprio efectuou-se na segunda-feira”. *Gazeta das Caldas* (23 de Novembro de 1930), p. 5.

<sup>93</sup> CORREIA, 25 de Junho de 1919, s. p. PT/PH - CR/FSC 475, recorte de jornal com data manuscrita.

<sup>94</sup> “A comemoração do 4.º centenário da morte da Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (18 de Novembro de 1925), p. 8.

tendo Fernando da Silva Correia acompanhado todo este processo, como atestam inúmeros recortes de jornal que reuniu.

Em 1929, a Direcção-Geral de Saúde Pública encarregou este médico municipal de realizar um inquérito sobre a Higiene nos municípios portugueses. Este trabalho foi efectuado “por intermédio dos Delegados de Saude de todo o País e do estudo das posturas municipais de todos os concelhos”<sup>95</sup>. A partir dos resultados obtidos, Fernando da Silva Correia orientou a fundação do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha no ano seguinte (CORREIA, 1995, p. XVI). E, em 1931, seria também responsável pela inauguração de uma “«Casa de Repouso»”, na rua Moinho de Vento, nessa mesma cidade. Esta instituição podia acolher 12 doentes que “passarão ali algumas horas do dia, tendo além disso, uma refeição substancial.”<sup>96</sup>

Em 1932, “frequentou os serviços anti-rabicos do Instituto Bacteriológico Camara Pestana” para assumir a direcção de serviços semelhantes que a Câmara Municipal das Caldas da Rainha desejava instalar no referido Dispensário<sup>97</sup>.

Será por volta de 1933, que Fernando da Silva Correia conhece a sua segunda esposa, Maria Aurora Baptista Ribeiréte, que estava responsável por vários “Serviços de Defesa da Família” no Dispensário, em que o médico era director, no Lactário-Creche e na Casa de Repouso. No relatório que elaborou em 1936, esta senhora fez um resumo dos “dois anos e meio [em que trabalhou] no serviço social das Caldas da Rainha” (RIBEIRÉTE, 1937, p. 4) e em 1938, descreveu as actividades desenvolvidas enquanto visitadora das instituições assistenciais caldenses, indicando que os seus serviços incluíam o recenseamento dos pobres, a luta contra a sífilis, a protecção domiciliária às grávidas e, na Casa de Repouso, o cadastro dos pobres e a distribuição de roupa (RIBEIRÉTE, 1940).

A Doutora Natália Correia Guedes resume: “as Caldas eram a outra aurícula do coração dele.”<sup>98</sup> As inúmeras actividades (REIS, 1981, p. 147) em que Fernando da Silva Correia se envolveu nesta vila (depois cidade) construíram a sua carreira, ainda jovem impôs à sua acção uma dinâmica muito diferente da que o irá caracterizar nos cargos que se seguiram. Entre estas actividades, há a acrescentar a de médico dos

---

<sup>95</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 4464, p. 13.

<sup>96</sup> “«Casa de Repouso» nas Caldas da Rainha”. *Diário de Notícias* (9 de Setembro de 1931), s. p. PT/PH - CR/FSC 4475, recorte de jornal com data manuscrita.

<sup>97</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 3.

<sup>98</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxvii.

Comboios de Portugal (CP), pelo menos entre 1924 e 1938, assim como de clínica geral, tratando principalmente “doentes de oftalmologia e pediatria” até 1943<sup>99</sup>.

Em 1932, Fernando da Silva Correia candidatou-se ao cargo de delegado de saúde de Lisboa, mas acabou por integrar a “Comissão encarregada de estudar as bases da reforma dos Serviços de Assistência em Portugal” (CORREIA, 1995, p. XVII). Segundo uma notícia publicada a 14 de Abril de 1932 (?), cujo recorte o médico guardou<sup>100</sup>, faziam parte da comissão: José Alberto de Faria, Condessa de Rilvas, Sousa Gomes, Guilherme Possolo, Azevedo Souto, Colares Pereira, assim como Alberto Mira Mendes, Júlio de Macedo e Artur Barrô. A integração nesta Comissão, ligou o médico ao Subsecretariado da Assistência, parte da Direcção-Geral de Saúde Pública – Ministério do Interior. Talvez a constituição desta Comissão tenha sido a razão para que Fernando da Silva Correia assumisse, alguns anos depois, as funções de delegado e dirigente da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional “Defesa da Família”, criada em 1935 (PIMENTEL, 1999, p. 493).

A 23 de Junho de 1934, Fernando da Silva Correia deixa de prestar funções enquanto médico municipal e subdelegado de saúde das Caldas da Rainha, no entanto só dois anos depois desocuparia oficialmente o cargo, pois só em 1936<sup>101</sup> foi nomeado para inspector da 3ª Área de Saúde Escolar (CORREIA, 1995, p. XVII) (incluindo os distritos de Castelo Branco, Guarda, Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro<sup>102</sup>), após convite do Dr. Serras e Silva<sup>103</sup>. Uma das ocupações que acumulou, foi a de redactor da revista *Boletim de Saúde Escolar*, em que publicou diversos artigos sobre a sua acção e a dos médicos e visitadoras escolares ao longos dos anos em inspeccionou os trabalhos destes. Ainda em 1934, iniciou a sua carreira de docente no Instituto Central de Higiene Dr. Ricardo Jorge, leccionando a disciplina “Administração Sanitária” no Curso de Medicina Sanitária, curso que passou a dirigir em 1946 (CORREIA, 1995, p. XVIII). No Instituto de Serviço Social de Lisboa regeu os cursos de História da Assistência

---

<sup>99</sup> *Ibid.*, pp. 3 e 14.

<sup>100</sup> “Assistencia pública. A comissão incumbida de estudar a reforma dos respectivos serviços teve ontem a sua primeira reunião”. *Diário de Notícias* (? – interrogação de Fernando da Silva Correia) 14/4/1932 (? – data manuscrita).

<sup>101</sup> A 5 de Novembro de 1936, Fernando da Silva Correia mandou uma carta à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, em que pediu a demissão dos cargos que desempenhava, para cumprir a nomeação oficial que lhe fora feita e na qual já trabalhava há dois anos por “contracto”. Esta carta encontra-se junto aos documentos entregues à Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o concurso a médico municipal de 1921 – este conjunto de documentos forma um processo relativo ao período em que o médico desempenhou funções para aquele organismo municipal.

<sup>102</sup> ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – *Op. Cit.*

<sup>103</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 6.

(SILVA, 2016), Profilaxia das Doenças Venéreas e Legislação Sanitária (CORREIA, 1995, p. XVIII)<sup>104</sup>.

Fernando da Silva Correia terminou o seu doutoramento em Coimbra com a dissertação *Portugal sanitário (Subsídios para o seu estudo)*, quando prestou provas nos dias 17 e 18 de Fevereiro de 1938. A obra foi depois publicada Direcção-Geral de Saúde Pública, com o intuito de chegar a todos os delegados de saúde<sup>105</sup>.

Desde 1938, ano da fundação da Ordem dos Médicos, que o Doutor Fernando da Silva Correia ficou ligado à instituição. Esta tinha como objectivo “defender os princípios ético-deontológicos da profissão e garantir a qualidade técnica do exercício da medicina, sendo o seu primeiro bastonário Elysio de Moura (1877-1967)” (ALVES, 2014, p. 344). Entre esse ano e Janeiro de 1946<sup>106</sup>, o Doutor Fernando da Silva Correia fazia parte do seu Conselho Directivo (MOREIRA, s. d., p. 33).

Em 1940 foi um assíduo participante nos Congressos do Mundo Português, sendo responsável por três comunicações. Duas delas integradas no II Congresso, cujo tema era “História Medieval”: “A assistência aos pobres no comêço da nacionalidade portuguesa” e “Algumas teses sôbre a História da Assistência em Portugal”<sup>107</sup>. A terceira comunicação integrou o VIII Congresso sobre o tema “História da Actividade Científica Portuguesa”, constando na secção “Ciências Médicas”, com o título “Subsídios para a história da actividade científica da Faculdade de Medicina de Coimbra”<sup>108</sup>.

A acção do Doutor Fernando da Silva Correia em torno das comemorações da fundação de Portugal, seria ainda mais alargada. Através do conjunto de correspondência que lhe era endereçada, foi possível descobrir que era Presidente da Sub-Comissão da Assistência das Comemorações Centenárias na Província da Estremadura.

---

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>105</sup> *Id.*, *Ibid.*, p. 13. “Curriculum Vitae de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 4464, p. 14.

<sup>106</sup> “Homenagem do Conselho Geral da Ordem dos Médicos ao sr. dr. Fernando Correia”. *Diário de Notícias* (19 de Janeiro de 1946), s. p. PT/PH - CR/FSC 4014, recorte de jornal.

<sup>107</sup> COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS – *Congresso do Mundo Português. Publicações*. II Volume. Lisboa: Secção de Congressos e Bertrand, 1940, pp. 621-660.

<sup>108</sup> COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS – *Congresso do Mundo Português. Publicações*. XIII Volume, Tomo II. Lisboa: Secção de Congressos e Bertrand, 1940, pp. 237-266.



“Polígrafo, aparentemente disperso, os temas que tem versado teem todavia todos, sem excepção dum só, um laço comum, verdadeiro rumo ou programa, que está afinal de acordo com a legenda do seu ex-libris: “Ubique bonum quaerito”.<sup>109</sup>

“O seu nome impôs-se entre os historiadores” (CORREIA, 1995, p. XIX), quando em 1941 recebeu uma bolsa do Instituto para a Alta Cultura para um projecto de investigação sobre a história das Misericórdias. Como resultado da investigação foram publicados vários estudos e, em 1944, a obra *Origens e formação das Misericórdias portuguesas*. O Instituto para a Alta Cultura (depois Instituto de Alta Cultura) e a Junta de Educação Nacional representam as duas “agências estatais” que, entre as décadas de 1920 e 1950, contribuíram para o financiamento da investigação científica e médica (ALVES, 2014, p. 372). Mais tarde, em 1960, o Doutor Fernando da Silva Correia, pediria nova equiparação a bolseiro deste Instituto, com a intenção de preparar a obra *Desenvolvimento e evolução das Misericórdias Portuguesas* (REIS, 1981, p. 150).

Ao fazer referência à Junta Nacional da Educação, parte do Ministério da Educação Nacional, vale a pena referir que desde 15 de Novembro de 1940, o Doutor Fernando da Silva Correia era “delegado da 2.<sup>a</sup> Sub-secção (Antigüidades, escavações e numismática) da 6.<sup>a</sup> Secção da Junta Nacional da Educação no concelho de Caldas da Rainha”<sup>110</sup>.

Em 1943, passou a dirigir o *Boletim de Assistência Social*, a convite do Subsecretário de Estado da Assistência Social, Dr. Diniz da Fonseca. A partir de 1948, integrou a redacção das revistas: *A Medicina Contemporânea*, dirigida por Egas Moniz; *a Imprensa Médica*, dirigida por Belo de Moraes e *O Médico*, por Mário Cardia<sup>111</sup>, tendo colaborado e publicado também noutras revistas, como a *O Ocidente*.

“Não cabe, evidentemente, num simples artigo, toda a documentação que diz respeito a tão complexos talentos, capacidade e obras.”<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 16.

<sup>110</sup> PT/PH - CR/FSC 4133.

<sup>111</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 14.

<sup>112</sup> Sobre o Dr. Ricardo Jorge In CORREIRA, Fernando da Silva – “Ricardo Jorge na hierarquia dos físicos-mores, médicos municipais e sanitaristas portugueses.” Separata do *Boletim dos Serviços de Saúde Pública*, vol. V, nº 3. Lisboa, Abril-Junho de 1958, p. 7.

A 24 de Janeiro de 1946, o Doutor Fernando da Silva Correia tomou posse do cargo de director do ISHRJ. Foi convidado para o desempenho desta função pelo Subsecretário da Assistência Social, Trigo de Negreiros (REIS, 1981, p. 150)<sup>113</sup>. Durante os quinze anos em que ocupou este cargo, reuniu um conjunto de outras representações e actividades: foi vogal do Conselho Superior de Higiene; representante da Direcção-Geral de Saúde no Conselho Geral da Ordem dos Médicos e membro de diversas sociedades científicas (CORREIA, 1995, p. XVIII), com destaque para a Associação de Arqueólogos Portugueses, a Sociedade de Geografia, o Instituto de Coimbra e a International Society of Medical Association<sup>114</sup>. O desempenho destas funções “Proporcionou-lhe contactos internacionais completamente diferentes daqueles que ele tinha nas Caldas.” Sempre que viajou ou participou nalguma actividade, fê-lo em representação do Estado português, o que lhe conferia um outro estatuto nacional e internacionalmente. “Mas, era também uma paixão; ele entrava no Instituto, não sei se às 9 da manhã e saía à noite, trabalhava de manhã, de tarde e à noite. E vivia em frente; mudou-se para a R<sup>a</sup> Gomes Freire<sup>115</sup> porque era muitíssimo mais prático atravessar a rua para ir para o emprego.”<sup>116</sup>

Como o próprio escreveria<sup>117</sup>, o ISHRJ tinha como funções: “O ensino e formação sanitária de médicos e engenheiros”; a “Promoção de trabalhos de higiene e introdução de melhoramentos de aplicação sanitária”; a “Educação sanitária” através de conferências e visitas ao Museu do Instituto; a “Realização de análises laboratoriais exigidas pelas inspecções sanitárias” e o estudo de problemas sanitários<sup>118</sup>. No dia 25 de Janeiro de 1946, o novo director começou por visitar “as suas dependências e ouvir todos os seus funcionários”, registando as suas primeiras impressões, conclui que o Instituto era a “obra ainda do seu fundador” que “Não pôde (...) pôr em prática tudo o que planeava tão inteligentemente, já por falta de verbas, já devido a resistências várias”.

---

<sup>113</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 14. Só em 1949, Fernando da Silva Correia foi nomeado oficialmente para o cargo.

<sup>114</sup> Talvez destacadas pelo próprio (colaborador da Verbo) em: *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, p. 7.

<sup>115</sup> Enquanto residia nesta rua, ocupava o 1º andar esquerdo do prédio número 3 e tinha o seguinte número de telefone: 58.072. PT/PH - CR/FSC 4128, p. 1.

<sup>116</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xlv.

<sup>117</sup> Para proceder à análise da informação existente no espólio em estudo, foi igualmente fundamental a consulta do *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge* (publicado entre 1946 e 1953) e do *Boletim dos Serviços de Saúde Pública* (a partir de 1953), onde surgem inúmeras publicações (finais) dos textos existentes na sede da associação Património Histórico – Grupo de Estudos.

<sup>118</sup> “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de Junho de 1957. PT/PH - CR/FSC 979.



No primeiro semestre pretendia proceder a uma conveniente limpeza e arrumação do edifício, à preparação de novos e mais diversificados cursos, à avaliação e aproveitamento dos meios existentes para cumprimento das obrigações legais do Instituto, à organização de actividades que promovessem o “culto pela memória” do Dr. Ricardo Jorge, à elaboração de um “relatório estatístico do movimento da Secretaria” que incluísse a contagem das análises laboratoriais efectuadas e, por fim, pretendia a publicação de um boletim do Instituto (CORREIA, 1946, pp. 40-47). No entanto, o trabalho efectuado no edifício parece ter sido insuficiente e, em Agosto de 1952, o director escrevia sobre a “Necessidade dum edificio próprio”<sup>119</sup>. E, em 1954, é “nomeado presidente da Comissão que se vai encarregar de proceder ao estudo” das novas instalações (e de um “novo tipo”) do Instituto. A Comissão era constituída por Bernardino de Pinho e Ângelo Prazeres (da Direcção-Geral de Saúde), mas “os grandes obreiros do projecto” foram Arnaldo Sampaio e Gonçalves Ferreira, médicos do Instituto (REIS, 1981, p. 150).

Quando em 1952, o ISHRJ celebrou 50 anos de existência, o seu director aproveitou para dar a conhecer novos aspectos da história da instituição<sup>120</sup> e de, com conhecimento de causa – visitou vários institutos de higiene no mundo –, afirmar o prestígio da obra do Dr. Ricardo Jorge<sup>121</sup>.

Na lição proferida pelo director na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde, a 11 de Junho de 1957, foi apresentado um resumo da evolução do Instituto. O Doutor Fernando da Silva Correia enumerou todas as conquistas que remontavam aos seus onze anos na direcção do ISHRJ, compondo-se elas dos dez pontos seguintes: (1) a ampliação de “todos os serviços já existentes, ocupando todas as salas do edificio”; (2) a nomeação do “pessoal técnico” necessário; (3) o apetrechamento de “todos os laboratórios com material do melhor”; (4) a atribuição de subsídios para viagens “ao estrangeiro de muitos dos seus técnicos”; (5) impulso à biblioteca; (6) a publicação dos “41 números do Boletim”; (7) a colaboração “em trabalhos no *Boletim dos Serviços de Saúde Pública*”; (8) a reorganização administrativa do Instituto; (9) a realização de novos cursos e de conferências sobre

---

<sup>119</sup> PT/PH - CR/FSC 1965, p. 1.

<sup>120</sup> CORREIA, 1952. PT/PH - CR/FSC 2993.

<sup>121</sup> Conferência realizada na Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária a 3 de Abril de 1952. In CORREIA, Fernando da Silva – “No Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. Separata de *O Médico*. Porto: Tipografia Sequeira, Lda, 1952, p. 14. PT/PH - CR/FSC 3115.

assuntos de interesse para a Saúde Pública e (10) a criação de uma delegação do Instituto no Porto<sup>122</sup>.

No ano de 1958, o Doutor Fernando da Silva Correia integrou duas Comissões: uma dedicada à evocação do I Centenário do nascimento do Dr. Ricardo Jorge<sup>123</sup> e a outra ao V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor. Para ambas, algumas vezes em conjunto, preparou várias obras e artigos em que biografava ou destacava determinadas acções ou períodos de vida das duas personalidades históricas. Uma das actividades em que o director do ISHRJ mais se empenhou, foi a exposição no Convento da Madre Deus em colaboração com a Fundação Calouste Gulbenkian (FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, 1958).

Terminados os quinze anos na direcção do ISHRJ a 30 de Setembro de 1961<sup>124</sup>, o Doutor Fernando da Silva Correia elaborou um “Exame de Consciência”<sup>125</sup> que, à semelhança dos relatórios efectuados em todos os anos de direcção, procurou fazer um balanço das actividades desenvolvidas. No entanto, ao invés do tom de prestigiante positividade que sempre acompanhou os números, eventos e acções relatadas anteriormente, neste texto, publicado na revista *Semana Médica* (29 de Janeiro de 1961), o antigo director mostrou-se decepcionado com os resultados por detrás dos doze pontos descriminados.

---

<sup>122</sup> “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, em 11 de Junho de 1957. PT/PH - CR/FSC 979, pp. 12-13.

<sup>123</sup> Logo em 1946, o Doutor Fernando da Silva Correia, “reuniu cerca de 60 pessoas com o intuito de organizar um plano de homenagens póstumas que incluiria a reedição de obras, conferências e homenagens a realizar em Lisboa, Porto e Coimbra.” Neste *Grupo dos Amigos do Prof. Ricardo Jorge*, encontravam-se personalidades como Egas Moniz, Reinaldo dos Santos, Augusto de Vasconcelos ou Eduardo Coelho. Rui Costa considerou que o Doutor Fernando da Silva Correia se tornou um dos autores que mais se dedicaram à investigação sobre o Dr. Ricardo Jorge. COSTA, 2014. *A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge* (1960), obra do Doutor Fernando da Silva Correia é analisada por Rui Costa mas também em: ALVES, 2008, pp. 85-90.

No ano de 1958, o Doutor Fernando da Silva Correia fez parte das Comissões de Honra e Executiva, estando esta última por detrás do programa definido. Este pretendia: a constituição de uma Comissão organizadora dum *In-Memoriam*; a preparação de uma sessão de abertura solene; a elaboração de uma exposição biblio-iconográfica do Dr. Ricardo Jorge com catálogo; a emissão de um selo e de uma medalha comemorativas; a publicação do primeiro *Livro do Provimento da Saúde*; a execução de um busto de bronze do Dr. Ricardo Jorge; a colocação da primeira pedra para a construção do novo edifício do Instituto e uma sessão de encerramento na sede da Sociedade das Ciências Médicas. In CORREIA, 1959. João Reis diria mesmo que o Doutor Fernando da Silva Correia foi “talvez o único” a ser fiel “até ao fim” à memória do Dr. Ricardo Jorge. REIS, 1981, p. 150.

<sup>124</sup> O Doutor Fernando da Silva Correia demitiu-se do cargo de director “por motivo de doença”, tendo já completado quarenta anos de “Serviços Públicos”. PT/PH - CR/FSC 4128, p.1.

<sup>125</sup> PT/PH - CR/FSC 45, segundo este documento manuscrito, o texto posteriormente publicado foi escrito no dia 1 de Janeiro de 1961 entre as 6h45 e as 8h45 da manhã.

Em 1961, o ISHRJ não era ainda a “«Instalação condigna»” que desejava, apesar das várias obras e adaptações efectuadas. Afirmou ter procurado apetrechar o Instituto de forma adequada às funções que lhe estavam previstas, apoiando todas as requisições de material e destacando a “criação dum Dispensário polivalente para prática e estágio dos alunos do Curso de Medicina Sanitária”. Através de inúmeros eventos, publicações e das actividades organizadas no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do Dr. Ricardo Jorge em 1958, o antigo director procurou fazer o “Culto pela alta figura mental e profissional do patrono do Instituto”. Considerou que o trabalho desenvolvido no ISHRJ não era reconhecido por várias entidades nacionais, apesar dos esforços desenvolvidos por toda a equipa. “A investigação científica no campo sanitário não alcançou a intensidade ou o nível que poderia”. No campo pedagógico, considerou que os únicos resultados alcançados, dependeram somente dele próprio. Lamentou não ter criado um ambiente favorável à organização sistemática de brigadas de estudo de problemas sanitários; não ter criado o curso de Administração Hospitalar; não ter proporcionado o “ambiente [necessário] para a criação dum centro de educação sanitária”; não ter conseguido impedir que o curso de Visitadoras Sanitárias e o Boletim do Instituto se extinguissem<sup>126</sup>; não ter conseguido mostrar aos professores a importância das aulas práticas e, por fim, lamentou a impossibilidade de “criar ambiente para a realização da II Semana Portuguesa de Higiene” nos moldes em que se realizara a primeira em 1931.

Não foi só o Doutor Fernando da Silva Correia que criticou a sua própria acção no Instituto, João Reis, mesmo reconhecendo as dificuldades que foram impostas a este director, não deixa de, alertando para os inconvenientes externos, referir a “falta de uma dinâmica directora adequada e persistente”. Para este autor, o Doutor Fernando da Silva Correia, à semelhança do Dr. Ricardo Jorge, acabaria por adoptar “uma filosofia” para o Instituto centrada no eixo “História”. A sua crítica vai, portanto, para o facto deste praticar “um certo atavismo literário”<sup>127</sup>.

Através da correspondência, foi possível perceber que, pelo menos, durante o período em que dirigiu o ISHRJ, o Doutor Fernando da Silva Correia manteve uma casa

---

<sup>126</sup> Elisa Garcia e José Amendoeira analisaram um dos artigos publicados no *Boletim do Instituto Superior de Higiene Doutor Ricardo Jorge* sobre o Curso de Visitadoras Sanitárias, encerrado em 1953. GARCIA, 2014, p. 84.

<sup>127</sup> Nesta linha, o Doutor Fernando da Silva Correia ligou-se ao “Grupo de S. Pedro de Muel”, composto por outros autores como Afonso Lopes Vieira, em “que cultivavam o saudosismo literário e coimbrão”. REIS, 1981, p. 149.

de férias em Óbidos. Enquanto morava nas Caldas da Rainha, estabeleceu contacto com algumas personalidades aí residentes, por exemplo, Marcello Caetano (1906-1980). Além destes contactos, outros amigos mantinham também uma residência nessa vila: o médico Henrique Moutinho, D. Manuel de Melo Correia, director do Museu de Arte Popular ou ainda o pintor Eduardo Malta. Segundo descreveu a Doutora Natália Correia Guedes, era “uma casa do século XVIII que tem muitas chaminés”, fora das muralhas<sup>128</sup>.

Enquanto aposentado, o Doutor Fernando da Silva Correia deu um especial incremento às obras de Paulo de S. Jorge, ao propor à Academia das Ciências a edição da obra *O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656* (1967) (CORREIA, 1995, p. XIX). A Doutora Natália Correia Guedes recordou: “Ele até aos últimos dias nunca deixou de produzir. Talvez a última vez que o vi tenha sido no casamento de um irmão meu, que se casou em Dezembro e ele faleceu poucos dias depois. (...) mas esteve lúcido até à última hora e sempre optimista. Enquanto médico sabia bem que tinha uma grande fragilidade de saúde. E acompanhei-o muitas vezes ainda nesse ano; ele continuava a frequentar tudo o que eram associações e grémios literários, sei lá, museus, tudo...”<sup>129</sup>.

O Doutor Fernando da Silva Correia faleceu a 19 de Dezembro de 1966, em Lisboa<sup>130</sup>. A sua sobrinha considerou que uma das principais causas para o seu falecimento terá sido o agravamento de um problema crónico de sinusite de que sofria.

Através desta descrição das inúmeras tarefas e actividades em que Fernando da Silva Correia se envolveu, muitas vezes em simultâneo, é fácil aceitar e comprovar o traço geral da sua personalidade definido pela Doutora Natália Correia Guedes: “Muito activo, muito preocupado em ser útil aos outros, preenchendo o seu tempo na totalidade, atento à modernidade e ao passado em simultâneo, tentando recolher o maior número de elementos históricos sobre todos os aspectos, preocupado com a divulgação da ciência e da história; tem aqui os traços mais importantes, portanto, de bondade, de atenção, de disponibilidade.”<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xlv.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. xlv.

<sup>130</sup> ALMEIDA, Maria Antónia – *Fernando da Silva Correia*. [Em linha]. ResearchGate. [Cons. 6 de Novembro de 2017]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277195649\\_Fernando\\_da\\_Silva\\_Correia](https://www.researchgate.net/publication/277195649_Fernando_da_Silva_Correia).

<sup>131</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxx.

Resta somente acrescentar algumas notas sobre a obra de Fernando da Silva Correia que, como se verá adiante, é bastante significativa e um elemento fundamental no sistema de informação que produziu e reuniu. Foi possível localizar c. 300 obras, entre artigos em revistas e livros. Segundo a sua própria análise, entre 1927 e 1955 publicou c. 253 trabalhos, destes 39 eram sobre “Higiene, Saúde Pública, Administração sanitária, Epidemiologia e Profilaxia”; 9 sobre “Puericultura”; 22 sobre “Medicina social”; 12 sobre “Medicina escolar”; 5 sobre “Educação Física, Cultura Física e Desportos”; 21 sobre “Assistência geral ou Médica, hospitalar ou domiciliária”; 11 sobre “Serviço social”; 6 sobre “Águas minero-medicinais”; 7 sobre “Ordem dos Médicos e Deontologia”; 22 “Biografias”; 2 “Notas sobre patologia portuguesa”; 41 sobre “História da Medicina, da Higiene e da Assistência”; 33 “Críticas e outros assuntos”<sup>132</sup>; 10 “Assuntos literários” e 13 “Edições (revisão e prefácio de obras ou documentos dos Séculos XVI e XVII e outros, a maior parte até então inéditos)”<sup>133</sup>. O que já fornece uma panorâmica geral sobre o tipo de assuntos que este médico investigou ou aos quais dedicou parte do seu tempo. No entanto, um aspecto que rapidamente se percebe é que muitas destas obras remetem para as actividades que vai desenvolvendo em cada um dos cargos que desempenhou. Esta reunião de inúmeros e relativamente diversificados cargos públicos, terá ajudado a desenvolver as perspectivas de análise do Homem e da Medicina, numa “preocupação constante (...), a de neles observar o meio português”<sup>134</sup>.

### **1.3 A família Correia: mais produtores de informação?**

Joaquim Manuel Correia (Sabugal, 21 de Março de 1858-Caldas da Rainha, 10 de Outubro de 1945) ficou conhecido pelas actividades profissionais e intelectuais de “jurista, político, arqueólogo e executante de guitarra em Coimbra”. Frequentou a Universidade de Coimbra entre 1879 e 1889, mas de 1886 a 1888, desempenhou as funções de administrador do concelho de Peniche.

Entre 1889 e 1904, “advogou” no Sabugal<sup>135</sup>, mas em 1905 instalou-se nas Caldas da Rainha, ligando-se rapidamente aos seus núcleos de interesse, assim se

---

<sup>132</sup> Neste campo pode-se enquadrar a sua acção enquanto publicista, utilizando o pseudónimo Velho Galeno. ANDRADE, 1999, p. 272.

<sup>133</sup> PT/PH - CR/FSC 974.

<sup>134</sup> “*Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872, p. 17.

<sup>135</sup> CORREIA, Fernando da Silva – O Centenário dum «rapaz» de há 75 anos. In *Rua Larga*. Revista dos antigos estudantes de Coimbra. Coimbra: Tipografia Comercial, 1958, p. 6. PT/PH - CR/FSC 1840.

explica que apenas cinco anos depois seja o dirigente local do Partido Republicano Português e desempenhe as funções de Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, na sequência da revolução de 5 de Outubro de 1910 (CORREIA, 1995, p. XVI). Somente ocupou este cargo durante um mês (SERRA, 2003, p. 633), voltando a dedicar-se à advocacia ou desempenhando funções enquanto conservador do registo predial em Leiria (BARRADAS, 2013).

Fernando da Silva Correia escreveu algumas notas biográficas sobre o seu pai, em que revelou aspectos da sua acção cultural e política. O Dr. Joaquim Manuel Correia usou os pseudónimos Heitor da Silva, Alter e Um velhinho, escreveu em jornais nortenhos e caldenses (caso da *Gazeta das Caldas*, de que também foi fundador) “e no *Arqueólogo português* a pedido de Leite de Vasconcelos ou Felix Alves Pereira”<sup>136</sup>. Voltou “à actividade política, de igual modo fugazmente, (...) ao entusiasmar-se com a orientação dada à administração do País pelo Dr. Oliveira Salazar, aceitando então a presidência da Comissão Local da União Nacional.” Foi ainda presidente da Delegação nas Caldas da Ordem dos Advogados e da Assembleia Geral da Misericórdia das Caldas da Rainha<sup>137</sup>.

Carlota Filomena da Silva Correia (Roliça, 1873-Caldas da Rainha, 1 de Junho de 1954), mãe de Fernando da Silva Correia, casou aos 19 anos com o Dr. Joaquim Manuel Correia (1892), indo residir para o Sabugal.

Que circunstâncias deram origem à união entre o jovem sabugalense e a jovem da Roliça? Segundo revelou a Doutora Natália Correia Guedes, “no último ano do Curso de Direito em Coimbra, [Joaquim Manuel Correia] envolveu-se numa insurreição dos estudantes”, sendo feito prisioneiro pela polícia académica. Foi então que, o seu pai, também sabugalense, decidiu enviá-lo “de castigo para Peniche como Administrador do Concelho.” Aí conheceu o seu futuro sogro “e depois foi um passo até conhecer a filha.” O namoro terá encetado através de uma carta escondida num livro entregue a Carlota Silva e terá decorrido algum tempo “sub-repticiamente”, até que Joaquim Manuel Correia “pediu licença ao futuro sogro”, que lhe disse só consentir o namoro se o jovem terminasse o curso em Coimbra. Quando o terminou, “casaram-se e foram viver primeiro para o Sabugal, onde ele foi advogado, onde nasceram os filhos todos,

---

<sup>136</sup> *Id.*, *Ibid.*

<sup>137</sup> CORREIA, Fernando da Silva - “O Centenário do nascimento d’um grande amigo das Caldas”, 6 de Fevereiro de 1958. PT/PH - CR/FSC 1844, p. 4.



excepto” Joaquim Manuel da Silva Correia, pai da Doutora Natália Correia Guedes, natural das Caldas da Rainha<sup>138</sup>.

“E nessa altura resolveram vir viver para as Caldas porquê?” Esta foi a questão que a Doutora Natália Correia Guedes colocou para iniciar uma breve descrição sobre o que sucedeu entre o falecimento do Dr. Fernando Silva e o estabelecimento da família Correia nas Caldas da Rainha. O Dr. Fernando Maria Garcia da Silva era médico da Marinha e em Peniche, detendo propriedades aí e na Columbeira (CORREIA, 1995, p. XV). Ao falecer em 1904, “A minha avó herdou a casa onde vivera em Peniche, vendeu-a (...) e com esse dinheiro compraram esta, a casa das Caldas.”

Fernando da Silva Correia considerou que, nesta decisão de vir residir para as Caldas da Rainha, terá pesado a “educação dos filhos”. Nesta vila, depois cidade, Carlota da Silva Correia “passaria cinquenta anos da sua vida, sempre de austero e exemplar sacrifício pelo bem dos seus, encontrando na leitura de livros escolhidos e principalmente na oração e meditação, lenitivo para as preocupações que a vida sempre traz.” O filho escreveu sobre a sua “querida mamã”<sup>139</sup>: era “respeitada e estimada por quantos a conheciam, era particularmente admirada no meio católico, tendo sido entre 1927 e 1948 presidente do Apostolado da Oração”<sup>140</sup>.

Maria Luiza da Silva Correia (Sabugal, 27 de Junho de 1895-13 de Janeiro de 1981), a irmã mais velha de Fernando da Silva Correia, não casou e dedicou a sua vida à música - tocava piano e órgão - e à religião.<sup>141</sup>

Filomena Augusta da Silva Correia (Sabugal, 21 de Fevereiro de 1898-14 de Janeiro de 1974) apresentou em 1938 uma monografia para o curso de Serviço Social no Instituto de Serviço Social de Lisboa: “Monografia do Hospital Termal Rainha D. Leonor de Lencastre da Rainha” (SILVA, 2016, p. 64). Colaborou nalgumas das actividades em que Fernando da Silva Correia esteve envolvido nas Caldas da Rainha, por exemplo, no Lactário-Creche Rainha D. Leonor, acção em que a irmã Maria Luiza também se destacou (CORREIA, 1964, s. p.).

Joaquim Manuel da Silva Correia (Caldas da Rainha, 18 de Novembro de 1910-8 de Setembro de 1979) casou com Carmina Dulce da Silva e Brito, com quem teve três filhos, Pedro Manuel Brito da Silva Correia, Luís Baltazar Brito da Silva Correia e

---

<sup>138</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, pp. xxxii-xxxiii.

<sup>139</sup> Como a tratou habitualmente na correspondência que trocavam.

<sup>140</sup> PT/PH - CR/FSC 1841, escrito a 19 de Junho de 1954.

<sup>141</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxi.

Maria Natália Brito da Silva Correia, os únicos descendentes da família Correia. À semelhança das irmãs, colaborou em várias actividades de Fernando da Silva Correia, tendo também o Lactário-Creche Rainha D. Leonor como exemplo, em que foi o autor do projecto do edifício (CORREIA, 1964, s. p.).

Através dos dois casamentos de Fernando da Silva Correia, a família cresceu, sendo-lhe acrescentadas, em primeiro lugar, Mariana Benedita Arnaud de Melo Ferrari e, posteriormente, Maria Aurora Baptista Ribeiréte.

A primeira esposa de Fernando da Silva Correia, Mariana Benedita Arnaud de Melo Ferrari (Cabeção, Alentejo, 24 de Setembro de 1895-Caldas da Rainha, 24 de Dezembro de 1943<sup>142</sup>) faleceu de um problema cardíaco. Era “filha do Dr. António Ferrari, médico, director do Hospital Termal. Era uma pessoa muito culta, gostava de literatura, fazia colecções de ex-libris, de selos”. Foi uma das senhoras que colaborou com a instalação do Lactário-Creche Rainha D. Leonor em Caldas da Rainha (CORREIA, 1964, s. p.).

A segunda esposa, Maria Aurora Baptista Ribeiréte era de Óbidos. Segundo a Doutora Natália Correia Guedes “era uma pessoa afável, disponível, que embora não tivesse a formação dele, o acompanhou nos congressos, nas viagens ao estrangeiro, na vida social...”<sup>143</sup> Como já foi dito, esta segunda esposa estava muito ligada ao mundo profissional de Fernando da Silva Correia, aliás, é provável que se tenham conhecido durante o período em que Maria Aurora Baptista Ribeiréte trabalhou nas Caldas da Rainha, enquanto visitadora (RIBEIRÉTE, 1937; 1940).

## **2. A construção e o trajecto de um sistema de informação**

*“A história da constituição, funcionamento e transmissão dos sistemas de informação afirma-se cada vez mais como etapa indispensável ao estudo da informação existente nas formas actuais dos mesmos”* (ROSA, 2012, p. 19).

Neste segundo momento, elabora-se uma “história custodial” (ROSA, 2015, p. 13) do espólio de Fernando da Silva Correia, do qual saiu o sistema de informação que é propriedade da associação *Património Histórico – Grupo de Estudos*, com sede nas

---

<sup>142</sup> PT/PH - CR/FC C597.

<sup>143</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxii.



Caldas da Rainha. O objectivo é, como definiu Abel Rodrigues, “compreender a produção, a acumulação, a recuperação informacional e a organização empreendida” (RODRIGUES, 2012, p. 599).

Este texto começa com a percepção de que existem ainda várias questões a que se deve dar resposta. Todas elas relativas à vida, ou seja, ao percurso que a informação percorreu, desde o momento em que vagueava pela mente de Fernando da Silva Correia (e dos restantes produtores informacionais identificados), ao momento da sua materialização em suporte físico, ao percurso que este suporte fez (e ao percurso que a própria informação, passível de ser (re)utilizada ou (re)veiculada, fez) e, por fim, ao percurso que, depositado na sede desta associação em 1993, fez até à actualidade, o que levará depois à análise da sua situação actual.

Definiram-se então como questões principais: em 1993 foi depositado na sede da associação Património Histórico o quê, como e em que condições? De que forma esta associação preservou e valorizou este património no seio das suas actividades?

Neste processo as entrevistas realizadas foram fundamentais para perceber que significado tinha para cada um dos lugares de custódia o espólio/ sistema de informação recolhido/ recebido e de que forma o viam como contributo para um conhecimento mais aprofundado sobre os seus produtores, mas também de diferentes aspectos da história local, nacional e internacional que o seu conteúdo reflecte.

A entrevista à Doutora Natália Correia Guedes permitiu ainda estabelecer uma relação entre o espólio/ sistema de informação, os familiares e as memórias familiares (independentes ou não do arquivo). Além disso, como disse Filipa Lopes, esta entrevista, assim como a realizada à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, foram ainda fundamentais para conhecer “a história da constituição, da conservação e, eventualmente, da dispersão e «recuperação» destes acervos”, tendo em conta as “funções” que desempenhou ou desempenha hoje este núcleo documental, ajudando a perceber “que futuro lhe desejam” (LOPES, 2017, pp. 2-3).

## **2.1 Os “papéis”<sup>144</sup> de Fernando da Silva Correia: da produção à fragmentação**

*“Assim, sobre o contexto de produção, os acervos acumulam, por exemplo, os critérios de preservação, as intenções, as funções atribuídas aos arquivos ou as*

---

<sup>144</sup> PT/PH - CR/FSC 42, carta para o amigo Luís Ibérico Nogueira, 6 folhas dactilografadas.

*concepções acerca daquele contexto cultivado por todas as entidades que foram manipulando os conjuntos documentais ao longo dos séculos. Daí que os arquivos devam ser lidos (...) como «organismos vivos» cujos constantes processos de mutação alteram a inteligibilidade dessas mesmas realidades. Cabe, portanto, aos historiadores e aos arquivistas, antes de passarem à análise historiográfica e ao tratamento arquivístico dos conjuntos documentais, conhecer e desconstruir estes processos de forma a garantir uma compreensão plena dos seus objectos de estudo e evitar, como lembra Joseph Morsel, a confusão entre as lógicas que determinaram a produção dos documentos e as lógicas que estiveram por detrás da sua conservação.” (NÓVOA, 2011, p. 356).*

Nas próximas linhas foi essencial ter em mente esta ideia de Rita Sampaio da Nóvoa, de forma a tentar perceber o máximo possível do contexto de produção, preservação e transmissão dos documentos de Fernando da Silva Correia.

O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia é actualmente composto por um núcleo documental que compreende um vasto período cronológico: indo de 1850 à década de 1970. Este dado é suficiente para perceber que ultrapassa a vida de Fernando da Silva Correia (1893-1966), inicialmente indicado como seu exclusivo produtor.

Assim, conhecido o seu percurso académico e profissional, é possível indicar já parte do contexto e mesmo os locais em que o médico produziu, reuniu e preservou a documentação (e a informação) que hoje compõe o sistema em estudo. A maior parte da documentação foi produzida dentro de três âmbitos: académico/ científico (passagem pela universidade e investigação científica ao longo da vida); profissional (no desempenho dos vários cargos e funções que teve) e literário (escrita criativa a que se dedicou (romances e peças de teatro) ou publicista).

Neste processo da análise da informação e da documentação, parte da atenção deteve-se nos locais em que foi produzida e preservada, constituindo a sua “origem geográfica” (PEIXOTO, 2012, p. 775). Quanto à produção, podem apontar-se dois locais essenciais e mantidos por mais tempo: Caldas da Rainha e Lisboa. A estes acrescentam-se outros, como: Coimbra, Óbidos ou França.

Podem ainda especificar-se melhor estes locais e aí ter-se-á: em Caldas da Rainha – a casa de família (e o seu consultório), a sua casa particular ou os locais dos

vários estabelecimentos assistenciais em que desempenhou funções; ou em Lisboa – na sua casa particular na Praça do Brasil ou na da Rua Gomes Freire e, ainda, no edifício do ISHRJ, mas também noutros em que desempenhou funções, como é o caso, por exemplo, do Instituto de Serviço Social de Lisboa. Por outro lado, em Coimbra destaca-se a “República Transatlântica” na Rua das Esteirinhas (CORREIA, 1960, pp. 35-56); em Óbidos, a sua casa particular (no Largo do Chafariz Novo)<sup>145</sup> e em França, as várias localidades já referidas anteriormente.

Conhecidos, em parte, o âmbito e os locais em que a documentação (e a informação) foi produzida e/ou preservada, é agora fundamental tentar explicar a função desta documentação, ou seja, porque foi preservada. Através da análise que a consulta da documentação permitiu fazer da informação que esta veicula, foi possível perceber que, de uma forma geral, esta remete em maior quantidade para actividades mais recentes da sua vida profissional ou intelectual, o que não significa a inexistência de conjunto documentais relacionados com momentos mais recuados da sua vida, bem pelo contrário. Se existe um grande conjunto documental relacionado com as actividades no ISHRJ, em simultâneo, existe também um importante conjunto sobre a frequência do curso de Medicina em Coimbra entre 1911 e 1917. Isto porquê? Essencialmente, porque desde 1960, quando Fernando da Silva Correia preparou a 2.<sup>a</sup> edição da obra *Vida errada: o Romance de Coimbra*, passa a dedicar algum tempo a outros trabalhos sobre esse período da sua vida, reunindo a documentação e a informação que lhe era respeitante. Como disse a Doutora Natália Correia Guedes, “porque os canais mantinham-se, não é?”<sup>146</sup>

Assim, a informação foi produzida com o intuito de registar determinados dados, não existindo uma preocupação sistemática com a sua recuperação, mas existindo sempre esta possibilidade em caso de necessidade. Em simultâneo, existem alguns documentos que remetem para a gestão corrente das suas casas particulares ou dos seus locais de trabalho, por exemplo, o consultório que manteve em Caldas da Rainha<sup>147</sup>.

Mas voltando a uma ideia mencionada inicialmente: um ou mais produtores informacionais do sistema em estudo? Como foi dito, o facto de existir documentação

---

<sup>145</sup> Além desta casa, a consulta da informação permitiu encontrar alguns documentos produzidos em Vidago, local para onde Fernando da Silva Correia ia frequentemente nas suas férias.

<sup>146</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, p. xxxi.

<sup>147</sup> Jacques Le Goff recuperou a ideia de que a escrita e o documento “tem duas funções principais”: o “armazenamento” e a reavaliação e reutilização da informação. LE GOFF, 1984.

anterior ao nascimento de Fernando da Silva Correia não levanta questões de maior, na medida em que um indivíduo pode reunir toda a informação que desejar desde que seja, como esta, pré-existente. Uma questão mais complexa levanta já a documentação posterior a 1966, pois esta não foi reunida pelo mesmo produtor. No entanto, uma análise mais atenta dessa documentação em particular, permite perceber que, à semelhança de outros documentos que integram o período de vida de Fernando da Silva Correia, existem diversos subsistemas, que remetem para documentação produzida ou reunida pelos vários membros da família Correia. Por exemplo, a documentação anterior a 1893, foi, na sua maioria, atribuída ao Dr. Joaquim Manuel Correia, pai de Fernando da Silva Correia, tendo em conta o tipo de informação que a compunha e que se descreverá adiante. Enquanto, a documentação posterior a 1966, poderá ter duas origens principais: ou a sobrinha, Doutora Natália Correia Guedes, que em 1993 depositou este sistema de informação na sede da associação Património Histórico e que o completou posteriormente; ou (e esta parece uma hipótese mais pertinente), a segunda esposa, Maria Aurora Baptista Ribeiréte, que continuou a alimentar os “papéis”<sup>148</sup> do falecido marido, quando estes remetiam para assuntos que só a ele interessavam ou, como a maioria da documentação reflecte, que foram produzidos sobre ele após o seu falecimento.

Acrescentam-se ainda alguns documentos que deveriam pertencer inicialmente à mãe e irmãos de Fernando da Silva Correia, assim como à sua primeira esposa e seus familiares. Mas, como disse a Dra. Paula Cândido, este sistema de informação acaba por se centrar “na pessoa de Fernando da Silva Correia, esta situação faz justiça à nova estrutura da sociedade portuguesa, a família nuclear, adequada ao individualismo liberal-burguês da era pós-industrial” (CÂNDIDO, s. d., p. 5).

Mediante estes dados, considerou-se que este sistema é essencialmente pessoal. Junta a documentação produzida por Fernando da Silva Correia no desempenho de funções públicas, documentos produzidos com o intuito de serem públicos, mas concebidos e preservados efectivamente em meio privado e, na sua maior parte, informação privada – produzida em meio privado e veiculada da mesma forma. No entanto, olhar para a documentação produzida pelos vários elementos da família Correia e também para a correspondência remetida para todos eles e produzida por outros indivíduos, implica estabelecer uma forma de incorporação desta informação neste

---

<sup>148</sup> PT/PH - CR/FSC 42.

sistema, sendo quase impossível avançar uma explicação comprovável neste aspecto. Propõe-se então que, não conhecendo este processo de incorporação, esta tenha, na maioria dos casos sido recolectada<sup>149</sup> por Fernando da Silva Correia que, à semelhança da restante informação, desejava dispor desses dados para uma eventual recuperação. Existindo esta distinção reunido/recolectado, a ideia a transmitir é a de que existe uma diferença entre a forma como uns e outros documentos integraram o sistema de informação em estudo. Achou-se então pertinente, assegurar o papel de Fernando da Silva Correia na incorporação de muitos destes documentos, mas identificando os seus produtores originais.

Como se perceberá em seguida, por alguma razão, neste sistema de informação nunca anteriormente foi percepcionada esta diferença entre a documentação reunida e a documentação produzida e recolectada por Fernando da Silva Correia. Assim, este sistema de informação ficou reconhecido por “Arquivo pessoal Doutor Fernando da Silva Correia” (CÂNDIDO, 1994), por “espólio Dr. Fernando Correia” (COUTO, 2010) ou “Arquivo Fernando da Silva Correia”<sup>150</sup>.

## **2.2 De espólio<sup>151</sup> a “Arquivo Fernando da Silva Correia”**

A referência mais antiga ao espólio de Fernando da Silva Correia encontra-se numa carta dactilografada de 24 de Julho de 1959, que remeteu ao seu amigo Luís Ibérico Nogueira. Nela expressou a insatisfação que sentia por, devido à imensa quantidade de trabalho, não conseguir manter organizados os seus documentos e livros: “Não me permite arrumar os livros metodicamente e os mil papeis que se amontoam (em estantes, 7 cadeiras e três mesas e até no chão!...) no meu quarto de dormir e tenho repartidos por salas e corredores, em Lisboa, nas Caldas e em Óbidos.”<sup>152</sup>

---

<sup>149</sup> No âmbito deste trabalho de projecto, a ideia de recollecção pretende fazer a distinção entre um acto de ajuntamento pouco intencional, que pode ser a reunião, e um acto intencional e propositado, que reflecte esta ideia da recollecção. Só assim, se associa ao processo de incorporação desta informação a intenção de um produtor (Fernando da Silva Correia, ou outro), excluindo-se deste processo o total acaso.

<sup>150</sup> Nome utilizado no instrumento de descrição documental produzido pela Dra. Joana Vitorino.

<sup>151</sup> Em Ciências da Informação não fará sentido falar de espólio (*Vide* SILVA, 2004, p. 62; PEREIRA, I - 2018, pp. 50-58), no entanto, nos estudos patrimoniais esta designação não é totalmente descabida, pois sabe-se que muitas vezes só é possível reunir os restos que ficaram de alguém, já que por razões várias alguns objectos são retirados, divididos, etc. Foi a pensar precisamente nesta especificidade da informação em estudo que se atribuiu o título a este trabalho de projecto e, consequentemente, se definiu que, para falar do todo que foi recolhido pela Doutora Natália Correia Guedes, faz sentido utilizar o termo espólio. Mesmo sendo necessário referir que o objecto de estudo aqui é somente o sistema de informação existente na sede da associação Património Histórico.

<sup>152</sup> PT/PH - CR/FSC 42, constituído por 6 folhas dactilografadas.

Dez anos depois, Maria Aurora Baptista Ribeiréte leiloou a maior parte da sua biblioteca<sup>153</sup>. Através da *Resenha bibliográfica da importante e valiosa biblioteca formada pelo ilustre médico e higienista Dr. Fernando da Silva Correia*, elaborada por Arnaldo Henriques de Oliveira e com a participação do José Lopes Dias (amigo do médico falecido), conhecem-se alguns pormenores: o leilão decorreu entre os dias 10 de Dezembro de 1969, 14 de Janeiro e 18 de Fevereiro de 1970 no Centro de Profilaxia em Lisboa e as várias obras leiloadas integrariam as temáticas “Arte, Clássicos, História, Literatura, Monografias, Medicina”, somando um total de quase cinco mil títulos (OLIVEIRA, 1969).

O que restou (daí se remeter para a ideia de espólio) foi reunido pela Doutora Natália Correia Guedes, que salvou toda a documentação ainda na posse da tia. Este conjunto foi depois colocado numa casa de família em Benavente, aí permanecendo até Janeiro de 1993. Não foi possível apurar se os vários objectos do seu tio de que dispõe a Doutora Natália Correia Guedes, foram recolhidos nesta altura, mas hoje percebe-se que “Tudo parece formar uma unidade que, pela sua dimensão simbólica, deve ser salvaguardada. O problema surge quando a família não tem possibilidades de manter tudo na sua posse e essa unidade se perde. Por essa razão, é importante encontrar soluções e tomar decisões sobre que destino dar ao arquivo” (LOPES, 2017, p. 4).

Enquanto se encontrava na posse da família, a Doutora Natália Correia Guedes terá seleccionado, além destes objectos, parte da documentação para assim permanecer. Conhece-se o caso de alguma correspondência remetida para Fernando da Silva Correia, por exemplo, pelos Doutores Egas Moniz e Jaime Cortesão que detém valor afectivo<sup>154</sup>. Percebeu-se, assim, a existência de uma relação afectiva, tanto com as personalidades que estão na origem dos documentos, como com os próprios documentos, o que constituirá uma explicação para que não exista uma separação completa entre a família e estes testemunhos dos seus antepassados.

A entrevista à Doutora Natália Correia Guedes permitiu ainda descobrir um pouco do que foi o tratamento/a consulta que dedicou ao espólio recolhido. Por essa altura, estaria “Completamente adoc, completamente!”, o que a sobrinha explicou: “Ele

---

<sup>153</sup> Vide Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, pp. xlvii-xlviii.

<sup>154</sup> A carta de Jaime Cortesão para Fernando da Silva Correia foi recentemente publicada em RAMALHO, 2016. Existe na sede da associação uma fotocópia desta e doutras cartas que permaneceram com a Doutora Natália Correia Guedes.

tinha tantas actividades e tão dispersas que nem sempre teve tempo para arrumar, embora as sucessivas mudanças também tenham contribuído para desarrumar.” Estas mudanças estão relacionadas com a alteração tanto dos locais de acondicionamento, como dos lugares de custódia: “Da casa dele de Lisboa, não veio tudo cá para as Caldas, primeiro estive numa outra casa que era da minha mãe, em Benavente; estive depois numa outra casa que nós também tínhamos naquela altura e depois é que veio aqui para as Caldas quando esta casa já não tinha inquilinos, porque a seguir ao 25 de Abril estive bastante degradada; esperei que fosse recuperada e só quando reunia condições é que transferi para cá a correspondência e todo o espólio.” Depois da vinda de parte do espólio para as Caldas (pois, como se verá a própria associação ainda foi a Benavente recolher documentação), a Doutora Natália Correia Guedes conheceu o Dr. João B. Serra e este momento-chave fez com que se dedicasse à organização do seu arquivo de família que era composto – talvez separadamente – pelos espólios do avô, Joaquim Manuel Correia, e do tio, Fernando da Silva Correia.

*“(…) comecei a ler a correspondência do meu tio com mais atenção até que constatei que não se referia apenas à vida... (...) Pessoal dele, mas está muito relacionada com as Caldas, tem a ver com o Instituto Ricardo Jorge etc. Mais cem, cem assuntos! Nessa ocasião reconheci que o espólio não interessava apenas à Família, não devia ficar só nas nossas mãos; apresentei ao Dr. João Serra a proposta da Associação promover o inventário, disponibilizando-o a título de depósito temporário no PH com esse objectivo, para depois decidir qual seria o melhor destino, até porque o PH tinha acabado de nascer, só tinha 3 ou 4 anos de vida. E, portanto, ainda não tinham suficiente solidez nos objectivos. O arquivo veio então da minha casa para a sacristia da Igreja de S. Sebastião. (...) A pouco e pouco, à medida que ia sendo inventariado, ainda mais atenção lhe davam no PH. Disse eu ao Dr. João Serra, «Quando encontrar um sítio com condições de segurança e de conservação, tenho muito gosto em o oferecer». Aí está.”<sup>155</sup>*

Como a Doutora Natália Correia Guedes acabaria por dizer, já no momento em que entregou parte do espólio do seu tio à associação Património Histórico, tinha como intenção promover o desenvolvimento local, associando o espólio a um local em que Fernando da Silva Correia viveu e produziu muitas das suas obras.

---

<sup>155</sup> Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes, pp. xlv-xlvii.



*“Com a minha experiência de meio século de vivência patrimonial, chego à conclusão de que quem estima mais o património é a comunidade local - onde nasceu a pessoa, onde viveu a pessoa, onde lhe é valorizado o seu património. (...) E quando se conjuga a autarquia estar interessada, haver uma associação de património e haver uma Natália que oferece, não pode ser melhor! Porque repare, se este espólio fosse parar à Torre do Tombo ou à Biblioteca Nacional, ou enfim a outro qualquer local, não é que o espólio não merecesse, não é isso que interessa, mas daqui a 100 anos talvez houvesse uma Joana Ribeiro que estudasse o espólio, é a realidade. Ao passo que assim estando na própria terra tem outro significado completamente diferente.”<sup>156</sup>*

A partir desse momento, o núcleo documental passa a depender de uma nova custódia, a sua trajectória e tratamento são da responsabilidade de uma associação recém-criada; assim, ambos, núcleo documental e associação Património Histórico constroem uma história comum.

### **2.2.1 Uma associação e um espólio para a história das Caldas da Rainha<sup>157</sup>**

*“A actividade desenvolvida na associação assenta no pressuposto de que a memória colectiva é um bem escasso, de fácil degradação, e de que, portanto, a investigação e a divulgação histórica constituem um serviço à comunidade que tem de ser prestado com exigente critério científico, com coragem e persistência, com seriedade intelectual.” (SERRA, 1995, p. 4).*

Nos últimos anos de vida, Fernando da Silva Correia promoveu a constituição de um grupo de estudos das Caldas da Rainha. O Dr. João B. Serra, que já analisou o breve projecto deste médico, considerou-o um possível “antecessor do PH – Grupo de Estudos”<sup>158</sup>. O “Grupo Cultural de Estudos Caldenses” (SERRA, 2003, p. 252) era constituído por “diversas personalidades «caldenses pelo nascimento ou pelo sentimento»” com destaque nas artes, letras ou ciências, por exemplo: António Duarte,

---

<sup>156</sup> *Ibid.*, pp. xlix-l.

<sup>157</sup> Considerou-se fundamental incluir neste segundo ponto um esboço da história da associação *Património Histórico – Grupo de Estudos*, já que na sua sede se encontra o sistema de informação em estudo. Procurar-se-á apresentar os seus objectivos, a sua constituição e evolução, assim como os projectos já desenvolvidos em torno deste sistema e os planos para a sua divulgação no futuro.

<sup>158</sup> SERRA, João Bonifácio – “Pergaminhos das Caldas/ um monumento ímpar em louvor da cidade. Pequena Antologia” In *Jornal das Caldas*. Caldas da Rainha, 9 de Agosto de 1995, p. 12.



António Montês, Casimiro Campos Silva, José Venâncio, Paulo Rodrigues, Deolinda Ribeiro, João Fragoso ou Luís Teixeira. A reunião destas personalidades pressupunha principalmente a criação de “uma publicação regular em forma de revista – tipo Anais -, a organização de uma monografia histórica do concelho e a edição dos Pergaminhos” (CORREIA, 1995, p. XXI).

Desta sua ideia surgiu o núcleo *Património Histórico – Grupo de Estudos* na Casa da Cultura das Caldas da Rainha. No final da década de 1980, o Dr. João B. Serra começou a reunir vários historiadores e outros interessados que o formaram<sup>159</sup>. Começaram a delinear algumas linhas de investigação em torno do património caldense e, a 29 Março de 1990, foi “aprovado em Assembleia Geral dos cooperadores da Casa da Cultura”, que previa a instituição de “unidades próprias de criação cultural” (SERRA, 1995, pp. 1-2). Assim, os seus objectivos eram: “realizar e publicar estudos locais e regionais em perspectiva histórica, investigar e divulgar o património histórico-cultural, prestar formação científica e didáctica no quadro disciplinar da História e outras Ciências Sociais.”

Já nesta altura, mas principalmente a partir de 1993, o PH aproximou-se, segundo a concepção do Dr. João B. Serra das “sociedades científicas” do século XIX, ressaltando que a sua acção é “conjugada com a experiência dos centros de investigação modernos, mas mantém vivas as exigências cívicas em nome das quais se faz a intervenção cultural militante, isto é, preocupada com a sociedade em que se vive, que se quer ajudar a conhecer-se melhor e a transformar-se harmonicamente” (SERRA, 1995, p. 1). Segundo o então presidente da direcção do PH, esta fugia tanto do modelo de associação de defesa do património (CANINAS, 2011, pp. 281-293; SERRA, 1996, pp. 221-225)<sup>160</sup>, como do modelo de gabinete de história e arqueologia associado às câmaras municipais. Neste sentido, a associação alimentava uma relação especialmente fecunda com as escolas locais e dedicava-se igualmente à sua linha editorial – sendo este um dos principais meios de divulgação dos seus projectos – e, por outro lado, ao trabalho arquivístico e a trabalhos no domínio da museologia.

---

<sup>159</sup> Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, pp. lxi-lxii.

<sup>160</sup> As associações de defesa do património surgiram em grande número nas décadas de 1980 e 1990. Algumas das suas actividades são semelhantes às que o PH desenvolvia à época e, mais tarde, enquanto associação (independente), o PH estabeleceu uma relação de grande proximidade com inúmeras associações do género (*Vide* SERRA, 1996).

Todas as actividades do *Grupo de Estudos* até Janeiro de 1993 estão claramente ligadas à Casa da Cultura, onde estava sediado e enquadrado institucionalmente. Entre as várias iniciativas desenvolvidas em torno do património, destacar-se-ão as que se dedicaram à sua vertente documental ou em relação directa com este objecto de estudo e os seus produtores. Logo em Abril de 1990, foram contratados 3 jovens, ao abrigo do programa IJOVIP, para procederem “a diversas tarefas de organização e inventário preliminares do Arquivo Histórico Municipal”, sendo este trabalho dirigido por João B. Serra e Luís Nuno Rodrigues.

Em Maio de 1992, esteve patente na Capela de São Sebastião a exposição “O compromisso da Rainha”, acompanhada de um catálogo com o texto integral do compromisso de 1512, da responsabilidade de Margarida Araújo.

Em Junho seguinte, pela primeira vez, o *Grupo de Estudos* tornou-se depositário de bens patrimoniais, e não apenas investigador da sua história, ao receber dos descendentes de Júlio Lopes (1898-1961, director da *Gazeta das Caldas* e presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha) um espólio que lhe havia pertencido. Em Setembro, recebeu uma colecção de José Neto Pereira (1909-1987), fotógrafo profissional caldense e, em Dezembro, Casimiro Campos Silva doou 150 negativos em vidro da primeira década do século.

O *Grupo de Estudos* envolveu-se noutras questões de âmbito cultural ou com influência na vivência das instituições caldenses, um exemplo foi a próxima relação que o Dr. João B. Serra estabeleceu com a proposta de atribuição do nome de Fernando da Silva Correia ao Hospital Distrital da altura<sup>161</sup>.

Em Outubro, o *Grupo de Estudos* começa a pensar dotar-se de autonomia jurídica, sendo eleita uma Comissão Instaladora, já que o edifício da Casa da Cultura encerrara para obras de reabilitação. Por essa altura (e até 1995), o *Grupo* tinha já desenvolvido várias actividades: participara em projectos externos – por exemplo, a obra *Terra de Águas*, editada pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha com a colaboração de investigadores sobre a história da cidade; efectuara inventários para instituições como o Hospital Termal, a Câmara Municipal, a Associação Comercial dos Concelhos de Caldas da Rainha e Óbidos e a Secla; colaborara na organização de

---

<sup>161</sup> Na *Gazeta das Caldas* chegou a anunciar-se a mudança de nome do Hospital Distrital para “Hospital Fernando da Silva Correia”, pois na inauguração da exposição sobre Fernando da Silva Correia (em 1993) foi anunciada esta homenagem, não mantida (P. C., 1993, s. p.).

exposições e, entre Maio de 1991 e 1995, haveria de publicar quinze obras numa intensa azáfama editorial.

A 17 de Dezembro, o Grupo teve a aprovação do Conselho de Administração do Hospital para instalar a sua sede na Capela de São Sebastião (Rua José Malhoa) e aí se desenrolou um segundo momento da sua vida.

À instalação na nova sede seguiu-se, a 8 de Janeiro de 1993, a escritura pública que reconheceu a constituição do *Património Histórico - Grupo de Estudos*, enquanto associação sem fins lucrativos. Na escritura constam os treze sócios-fundadores da associação: João B. Serra, Luís N. Rodrigues, Isabel Xavier, Isabel Castanheira, Joaquim António Silva, Jorge Mangorrinha, Paula Cândido, Cristina Horta, Margarida Araújo, Ana Alves Pires, Cláudio Cavaco, Herminio Oliveira e Dulce Soure.

Segundo os seus estatutos, a associação foi constituída por tempo indeterminado, com sede nas Caldas da Rainha. Os seus principais objectivos eram: “a) Aprofundar e divulgar o conhecimento relativo a estudos locais, no domínio da História e afins; b) Efectuar publicações e prestar serviços no âmbito da História e do património local e regional; c) Dar formação científica e didáctica no quadro disciplinar da História e outras Ciências Sociais.”

Qualquer pessoa poderia associar-se ao PH, desde que desejasse “colaborar na prossecução dos seus fins” e fosse proposta pela direcção vigente e admitida em assembleia geral. Os seus órgãos sociais, ainda hoje, são a assembleia geral, a direcção e o conselho fiscal. Os titulares dos órgãos sociais são eleitos por um período de dois anos. A assembleia geral é constituída por todos os membros da associação, sendo a sua mesa formada por um presidente e dois vogais. A direcção deverá ser constituída por um presidente e dois vogais, sendo da sua responsabilidade: “a) Administrar a associação, promovendo todo os actos necessários à prossecução dos seus objectivos; b) Representar a associação e constituir mandatários; c) criar grupos de trabalho com finalidades específicas; d) Elaborar um relatório anual e contas do exercício.” O conselho fiscal é composto por um presidente e dois vogais, devendo elaborar um parecer do relatório de contas da direcção.

No dia 16 de Janeiro, a associação recebeu o espólio - certamente aquele que apresenta maior dimensão entre os vários de que dispõe - de Fernando da Silva Correia.

Este foi depositado informalmente<sup>162</sup> por iniciativa da Doutora Natália Correia Guedes<sup>163</sup>.

“Espólio constituído por cerca de duas centenas e meia de caixas e uma dezena e meia de volumes de correspondência. Encontravam-se em Benavente, em casa de família deshabitada. O espólio foi confiado à associação, para inventário e estudo, por Natália Correia Guedes, sobrinha de FSC. Organização e inventário do Arquivo a cargo de Margarida Gouveia, Paula Cândido e Helena Pinto” (SERRA, 1995, p. 7).

A sua organização e inventário avançou com a ajuda de diversos comerciantes caldenses que ofereceram as unidades de instalação necessárias<sup>164</sup>. A Dra. Paula Cândido (Anexo 1) fez uma descrição da forma como a documentação chegou à associação Património Histórico: “(...) em caixotes e completamente baldeada, com as mudanças perdeu-se a ordem que possa ter sido deixada pelo produtor” (CÂNDIDO, s. d., p. 2).

Ainda em 1993, a associação desenvolveu algumas actividades que promoviam a divulgação deste espólio. A 15 de Maio, foram utilizadas fotografias para a “Organização na montra da Livraria Loja 107<sup>165</sup> de uma pequena exposição” por ocasião do lançamento do projecto *Arquivo fotográfico das Caldas da Rainha*. A 20 de Maio, inaugurou uma exposição bio-bibliográfica sobre Fernando da Silva Correia, organizada e instalada pelo *Grupo de Estudos* no Palácio Real (espaço do actual Museu do Hospital e das Caldas da Rainha). A exposição com título *Fernando da Silva Correia, 1893-1993: um apontamento biográfico*, assinalou o centenário do nascimento do médico, sendo da responsabilidade de Margarida Gouveia, Helena Pinto e Luís Nuno Rodrigues (SERRA, 1995, p. 11), membros da associação. A 21 de Maio seguinte, a *Gazeta das Caldas* publicitou esta exposição e descreveu o trabalho em curso: “A

<sup>162</sup> O depósito inicial diz-se “não oficial” ou “informal”, pois não existe nenhum documento que o ateste ou que defina como se deveria processar o seu tratamento. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lxii.

<sup>163</sup> Em Outubro de 1992, publicou a obra *População e sociedade caldenses no século XVI* que, integrou a colecção Cadernos de História Local lançada pela associação. Associação Património Histórico. Caldas da Rainha - Publicações. [Em linha]. [Cons. 28 de Outubro de 2017]. Disponível em: <http://phcaldas.pt/publicacoes/col-cadernos-historia-local/populacao-e-sociedade-caldense-no-seculo-xvi/>. O primeiro contacto entre a Doutora Natália Correia Guedes e o Dr. João B. Serra será anterior, surgiu na sequência do projecto “Conjunto Turístico das Termas das Caldas da Rainha”. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, pp. lxxiv-lxxvii.

<sup>164</sup> Segundo indicou o Dr. João B. Serra, estes comerciantes dirigiam-se à Papelaria Tália para custear as unidades de instalação utilizadas pela associação para colocar os documentos. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lxxx.

<sup>165</sup> Espaço já encerrado, mas que se destacou nas Caldas da Rainha pela centralidade e qualidade dos serviços.

Associação Património Histórico está a proceder ao inventário do arquivo pessoal do Dr. Fernando Correia, formado por mais de duas centenas e meia de pastas, contendo manuscritos, recortes, correspondência, fotografias, etc. Trata-se de um valiosíssimo espólio que muito enriquece o património caldense.”<sup>166</sup>

O inventário preliminar iniciado à data de incorporação do núcleo documental na sede do *Grupo de Estudos* ficou concluído em Outubro de 1994. Foi elaborado pela Dra. Paula Cândido (em FileMaker Pro da Mackintosh) e continha 3500 fichas - documentos descritos -, não incluindo a correspondência.

Em Julho de 1995, foi publicada uma obra inédita de Fernando da Silva Correia, encontrada em Fevereiro do ano anterior aquando da elaboração do inventário preliminar do arquivo. Os *Pergaminhos das Caldas*<sup>167</sup> foram editados por um grupo de sócios constituído por João Serra, Paula Cândido, Hermínio de Oliveira e Luís Nuno Rodrigues. Como esclareceu o Dr. João B. Serra, inseriu-se “a publicação desta obra póstuma no programa das comemorações centenárias de Fernando da Silva Correia, iniciadas com” a já referida exposição (CORREIA, 1995, p. XV).

Nesta obra, o Dr. João B. Serra descreveu situação do “arquivo pessoal de Fernando da Silva Correia”: “formado por centenas de pastas contendo variada e importante documentação acumulada ao longo de uma vida intelectualmente intensa, encontra-se desde Janeiro de 1993 confiado à associação Património Histórico. Esta situação, estabelecida por sugestão dos familiares daquele historiador e médico, traduzir-se-á na inventariação e organização daquele espólio, e posterior disponibilização para a consulta dos investigadores. Neste momento está já concluído um inventário preliminar de parte da documentação (excluindo a correspondência), num total de 3500 referências, elaborado pela Dr.<sup>a</sup> Paula Cândido. (...) Uma pesquisa atenta nos dossiers de correspondência e de recortes de imprensa do Arquivo permitiu reconstituir os contornos e os passos desse projecto de Fernando Correia” (CORREIA, 1995, XX).

A 14 de Julho decorreu a cerimónia de lançamento desta obra *Pergaminhos das Caldas* “no auditório de ar livre do Museu do Hospital das Caldas (Palácio Real), tendo usado da palavra o Dr. Mário Gonçalves, Director do Centro Hospitalar, que apoiou a

---

<sup>166</sup> “Centenário de Fernando da Silva Correia” In *Gazeta das Caldas*, 21 de Maio de 1993, s. p.

<sup>167</sup> Associação Património Histórico. Caldas da Rainha - *Publicações*. [Em linha]. [Cons. 6 de Novembro de 2017]. Disponível em: <http://phcaldas.pt/publicacoes/col-estudos-e-documentos/pergaminhos-das-caldas/>.

edição, a Dr.<sup>a</sup> Natália Correia Guedes, sobrinha do autor, a Dr.<sup>a</sup> Deolinda Ribeiro, conhecida professora de história caldense que conheceu de perto Fernando Correia, e eu próprio, corresponsável pela fixação do texto” publicado. A cerimónia encerrou com a actuação do Grupo Coral *Reginae Chorus*, aludindo à relação que Fernando da Silva Correia estabeleceu com os orfeões. Tanto a cerimónia de lançamento como a obra, pretendiam homenagear a “figura” de Fernando da Silva Correia – “Mas que forma de homenagear um autor, que nos serve de inspiração – pode exceder a de lhe publicar os textos?” O Dr. João B. Serra escreveu que esta cerimónia e a publicação desta obra, foram um “de entre os momentos altos, pelo seu significado cultural, e gratificante (intelectual e afectivamente) da trajectória da associação «Património Histórico»”<sup>168</sup>.

A associação foi recebendo outros núcleos documentais e, no início de 1995, estavam em curso inúmeras actividades. A reunião de variadas apreciações da actividade desenvolvida pela associação, permitiu aceder à da Doutora Natália Correia Guedes (Conservadora de Museus, presidente do ICOM e antiga presidente do Instituto Português do Património Cultural), que considerava que o tratamento arquivístico, estudo e divulgação do espólio do seu tio: “vêm confirmar a imagem de qualidade, de rigor científico e de empenhamento na perenidade dos valores patrimoniais das Caldas da Rainha” (SERRA, 1995, s. p.).

Depois deste período em que as actividades são inúmeras e em diversos âmbitos, a associação entra numa fase de maior indefinição. Existem corpos gerentes, mas de uma forma geral, os projectos esbatem-se no tempo e diminuem de intensidade. Além desta situação, vai-se tornando óbvia a incapacidade da Capela de São Sebastião garantir as necessidades logísticas do PH, que se afirmara como espaço para a preservação e depósito de núcleos documentais.

*O PH “encontra-se actualmente numa encruzilhada”, mesmo assumindo “uma incontestada proeminência cultural, ao nível da defesa do património regional, que a referencia como uma entidade independente de cultura, altamente reconhecida e valorizada pela comunidade que serve.”*<sup>169</sup>

Esta indefinição impediu a continuação do tratamento e valorização do arquivo de Fernando da Silva Correia, apenas se verificando, entre 1996 e 1999, que “não só

---

<sup>168</sup> SERRA, João Bonifácio – “Pergaminhos das Caldas/ um monumento ímpar em louvor da cidade. Pequena Antologia” In *Jornal das Caldas*. Caldas da Rainha, 9 de Agosto de 1995, p. 12.

<sup>169</sup> Livro de actas da associação Património Histórico – Grupo de Estudos, p. 40.

recebeu mais fundos documentais, como continuou a ser inventariado (com revisão global do critério anterior) pela Paula Cândido.”<sup>170</sup>

A Dra. Isabel Xavier, actual presidente da direcção da associação, lembrou: “desde então foi feito esse trabalho arquivístico da Paula Cândido que não foi até ao fim e que nós entretanto recebemos mais coisas, eu lembro-me até eu de lá ir, anos depois, à casa da Doutora Natália Correia Guedes aqui nas Caldas, foi quando a conheci, porque ela tinha mais sacos e mais caixotes estão para ali tudo a monte porque eu nunca abri, nunca quis saber o que lá ia dentro e portanto as coisas foram ficando e cada vez se foi notando e tornando mais notório que não estavam bem lá em cima na sacristia porque era muito húmido, porque estava tudo muito cheio”<sup>171</sup>.

Durante este período, alguns investigadores mostraram interesse ou tomaram conhecimento da existência deste arquivo, foram eles: Ivo Carneiro de Sousa, João Pita e Ana Pereira, Teresa Silva e (posteriormente) Zélia Pereira. A Doutora Teresa Silva, por exemplo, incluiu na sua tese de doutoramento uma descrição da sua experiência em Agosto de 2014, durante a visita à Capela de São Sebastião: “O espólio do Professor Fernando Silva Correia encontra-se ao cuidado da Associação Património Histórico PH – Grupo de Estudos, com sede nas Caldas da Rainha, na Igreja de S. Sebastião. (...) Neste momento todo o arquivo encontra-se em péssimas condições de conservação correndo sérios riscos de deterioração. A documentação encontra-se meramente listada sem ter sido alvo de tratamento arquivístico, no entanto, da pesquisa realizada não se localizaram documentos sobre o Instituto de Serviço Social” (SILVA, 2016, p. 69).

No caso da Doutora Zélia Pereira (PEREIRA, II - 2018, p. 53), foi possível conhecer o contacto estabelecido através de correio electrónico com a associação Património Histórico. O documento de recolha de informações que foi remetido pela Dra. Joana Vitorino incluía uma breve descrição do “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia” que se abordará em seguida.

O tratamento arquivístico do arquivo de Fernando da Silva Correia é somente continuado em 2015<sup>172</sup>. Neste ano, a sede da associação foi deslocada para três salas da

---

<sup>170</sup> Acta da reunião da assembleia-geral de 28 de Janeiro de 2000; Livro de actas da associação Património Histórico– Grupo de Estudos.

<sup>171</sup> Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lxiv.

<sup>172</sup> À excepção da utilização de conjuntos documentais do espólio em estudo para a organização de uma exposição no Museu José Malhoa em 2010, aquando do centenário da Primeira República. Todos os conjuntos expostos são mencionados no catálogo: COUTO, 2010.



Universidade Sénior Rainha Dona Leonor, em Caldas da Rainha<sup>173</sup>. Depois de acondicionado, a Doutora Natália Correia Guedes doou oficialmente o espólio à associação, comunicando tal decisão numa carta remetida à Dra. Isabel Xavier. Nessa carta, considera estarem “agora reunidas as devidas condições para a conservação e divulgação de espólios documentais.” Deixou ao critério da associação “as condições de acesso e divulgação do espólio” e determinou, caso a associação se extinga, que “o espólio deverá reverter para o Arquivo Histórico das Caldas da Rainha ou, na inexistência deste, para o Arquivo Distrital de Leiria.” (Vide Anexo 3).<sup>174</sup>

Na assembleia geral de 8 de Junho de 2015, a Dra. Isabel Xavier informou da visita e carta de doação da Doutora Natália Correia Guedes e acrescentou que, “quando essa carta [de doação] chegasse ao PH, a associada Paula Cândido se encarregaria do processo necessário à digitalização e disponibilização online da referida documentação, por intermédio do Arquivo Distrital de Leiria.”<sup>175</sup>

Se inicialmente a associação recebeu núcleos documentais como resposta a uma necessidade que se foi formulando (às pessoas que despretenciosamente aí desejavam depositar os seus documentos ou fazendo face à inexistência de um arquivo municipal conveniente), a partir de 2015, este parece já ser um plano da associação que aceita doações e faz aquisições na tentativa de “reforço de uma das componentes essenciais da história da Associação: manutenção de arquivos sobre a História Local e Regional.”<sup>176</sup>

Em 2015, a Dra. Joana Vitorino iniciou num documento Office (Excel) o que se pode considerar a continuação do trabalho desenvolvido pela Dra. Paula Cândido. Em Maio de 2017, essa descrição contava já com 3187 entradas/documentos descritos, exceptuando as fotografias, postais e correspondência. Actualmente e com a intervenção efectuada no âmbito deste trabalho de projecto, esse número já ascendeu a 4586, continuando a excluir as fotografias, mas incluindo já várias caixas entregues pela Doutora Natália Correia Guedes depois de 1999. A correspondência (na sua maioria já

---

Na reedição da obra *Origens e formação das misericórdias portuguesas* (1999), a associação Património Histórico não teve qualquer intervenção.

<sup>173</sup> A Universidade Sénior de Caldas da Rainha localiza-se na Rua Vitorino Fróis, próxima de vários estabelecimentos de ensino e da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha.

<sup>174</sup> Carta existente entre a documentação da associação também na sua sede. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lx.

<sup>175</sup> Livro de Actas da associação Património Histórico – Grupo de Estudos, p. 21. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, pp. lxx-lxvi.

<sup>176</sup> Livro de Actas da associação Património Histórico – Grupo de Estudos, p. 26.



numerada pela Dra. Paula Cândido) foi agora incorporada nesta tarefa, contendo (para já) a descrição de 7984 documentos.

O trabalho desenvolvido pela Dra. Joana Vitorino inseriu-se na intenção da direcção da associação de (re)valorizar este arquivo através da sua digitalização e disponibilização online em parceria com o Arquivo Distrital de Leiria, o que não se verificou. Este trabalho poderá também ter concorrido para a intenção da associação de assinalar o centenário da Grande Guerra, através de uma exposição que desse a conhecer a colecção fotográfica de Fernando da Silva Correia. Daí que, as tarefas desenvolvidas fossem, além da descrição em Office, a digitalização das fotografias existentes neste arquivo ou cedidas pela Doutora Natália Correia Guedes, propriedade da família.

Partindo dos elementos conhecidos sobre a história deste núcleo documental, parece imprescindível reconhecer um aspecto da sua trajectória. O principal produtor informacional, Fernando da Silva Correia, lamentou a impossibilidade de não o conseguir “arrumar” como desejava. Após o seu falecimento, a família tomou decisões que mostram como não conseguiu lidar com a quantidade de documentação reunida, leiloando uma parte ou, na impossibilidade de a conservar, colocando-a à disposição de uma associação bastante sólida à época, capaz de o tratar (arquivisticamente) e de o valorizar e divulgar como um património de interesse a vários níveis. Se, num primeiro momento, é possível verificar uma grande dedicação a estas tarefas, pouco tempo depois, quando a associação mostra menor solidez na prossecução dos seus objectivos, percebe-se que o arquivo foi mantido em condições pouco ideais e sem qualquer plano de divulgação. Resumindo, se inicialmente o espólio esteve dependente do seu produtor, depois passou a estar dependente de terceiros – familiares ou não – aos quais cabia a sua divulgação, valorização e estudo, estes, por razões diversas, nem sempre conseguiram levar a bom termo tal tarefa. Como património que é, este espólio esteve, está e estará sempre dependente do olhar e do gesto daquele que lhe reconhece interesse e dos seus meios disponíveis para o melhor divulgar.

A associação Património Histórico mantém-se, actualmente, “guardião do imenso e polissémico espólio documental deste distinto médico-intelectual” (CARVALHO, 2012, p. VIII).

### **2.3 Os instrumentos de descrição documental (IDD's) do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia: o que revelam?**

Vários autores desenvolveram o papel dos IDD's como elemento para o estudo prosopográfico de um arquivo (IRANZO MUÑOZ, 2009, p. 86). Estes devem ser encarados como um reflexo da organização documental (GALLEGO DOMINGUEZ, 1993, p. 67). Para proceder a esta história custodial, que inclui dados sobre os vários lugares de custódia do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, será igualmente importante conhecer e comparar os vários IDD's produzidos com o intuito duplo de descrever e de conceder acesso aos documentos. Só assim é possível perceber a sua evolução e conhecer o trabalho elaborado, avaliando o que ainda deve ser feito, ou seja, as tarefas a que este trabalho de projecto deverá dar resposta.

O primeiro trabalho de tratamento arquivístico, apesar da participação em maior ou menor escala da Dra. Margarida Araújo e da Doutora Helena Pinto, foi elaborado essencialmente pela Dra. Paula Cândido. Através de um seu trabalho, (*Vide Anexo 1*) gentilmente cedido a investigação, é possível perceber que este tratamento se dividiu em dois momentos.

A “fase inicial ou 1ª fase” integrou os “trabalhos de organização” iniciados em Julho de 1993, que corresponderam à “limpeza da documentação”, à sua numeração por documento e acondicionamento “em pastas numeradas”. Durante este processo, foi utilizada “uma base de dados no programa Filemaker Pro da Mackintosh” criada para o efeito. Segundo a autora, “foram sentidas grandes dificuldades para classificar a documentação, os quadros de classificação apriorísticos que conhecíamos não respondiam às necessidades que este arquivo pessoal apresentava, e não víamos que solução encontrar. O trabalho foi ficando suspenso, por falta de tempo, mas também porque faltava uma base de apoio a um trabalho que pretendia ser sério, a documentação colocava perguntas para as quais não tínhamos resposta.”

A base de dados criada “permitia a consulta” a partir das entradas que representavam a “maior parte dos documentos (...) por título e com a respetiva descrição física, situação que estava longe de ser ideal”. Como representação deste primeiro trabalho de descrição, existe um documento com o título *Arquivo Pessoal Doutor Fernando da Silva Correia – Inventário Preliminar* (1994) da autoria da Dra. Paula Cândido. Este documento com 110 páginas, é composto por alguns dos campos existentes na base de dados criadas: “Secção”, “Título”, “Autor”, “Data”, “Nº Ord.”

(número de ordem) e “Cx. N” (número da caixa). Este documento foi impresso de forma a organizar cronologicamente a informação. No campo “Secções” foram localizadas as seguintes divisões: “Arquivo fotográfico”, “Colecções”, “Correspondência oficial”, “Correspondência particular”, “Correspondência”, “Correspondência oficial e particular”, “Documentos”, “Documentos individuais”, “Gestão Financeira”, “Investigação histórica”, “Publicações”, “Trabalhos de investigação”, “Vida profissional”, “Gestão patrimonial” e “Hospital Termal”.

Este trabalho terminado em 1994, foi retomado quando em “1997, a Dr<sup>a</sup> Natália Correia Guedes voltou a contactar o Grupo PH, no sentido de entregar mais documentação de seu tio, a mesma foi rececionada, igualmente, em caixotes sem qualquer ordem, sendo constituída essencialmente por jornais (cerca de 180 títulos) e correspondência (cerca de 6.628 cartas e postais).”

Nesta primeira fase verificou-se a opção pela ordenação segundo a proveniência, ou seja, o arquivo foi mantido com a ordem exacta que trazia aquando da entrada na sede da associação Património Histórico. A Dra. Isabel Xavier disse mesmo que mais recentemente foi percepcionada esta ideia de que o sistema de informação não possuía ordem nenhuma, o que em parte se justificava pelo “critério adoptado”, que obrigava a manter “tudo espalhado, digamos, pelas caixas e não encontrava nenhum critério, nem nenhuma lógica (...) a ordem é a que vem, mesmo que esteja tudo estropiado e de qualquer maneira, nós recebemos e assim pomos.”<sup>177</sup>

A “2<sup>a</sup> fase dos trabalhos” correspondeu “à construção de um plano de classificação que procurou respeitar os ciclos da vida e as fases de atividade do produtor, não deixando de ter em linha de conta, o acesso à informação por eventuais investigadores interessados.” Por essa altura, o núcleo documental era “constituído por 4768 registos distribuídos por 280 caixas” (CÂNDIDO, s. d., pp. 2-3). Esta segunda fase é explicada ao longo do trabalho, em que “consta um enquadramento teórico onde se faz referência ao historial do arquivo, uma biografia, uma cronologia, uma lista de trabalhos publicados, bem como a explicação da base teórico-metodológica de suporte do trabalho”, assim como “Em CD-ROM é apresentada uma base de dados, que serviu de auxiliar ao tratamento desta informação.” A estes vários elementos não se teve acesso na versão do trabalho, mas já mais recentemente a Dra. Paula Cândido terá cedido um CD-ROM com o que foi possível recuperar a primeira base de dados

---

<sup>177</sup> Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lix.

utilizada. Infelizmente, este apenas contempla a descrição das primeiras 75 caixas. Cada documento continha a descrição dos seguintes campos: “Entidade Detentora”, “Fundo”, “Secção”, “Subsecção”, “Descrição documental”, “Título”, “Autor”, “Data inicial”, “Data final”, “Tipo”, “Nº de folhas”, “Caixa nº”, “Nº de ordem”, “Observações” e “Resumo”.

Nesta 2ª fase, o objectivo “foi a reconstituição do arquivo pessoal Fernando da Silva Correia, seguindo as orientações teóricas e metodológicas propostas no âmbito da disciplina de Arquivística.” Através do trabalho (*Vide Anexo 1*) é possível perceber parte da classificação que a Dra. Paula Cândido desenvolveu (virtualmente) para o sistema de informação em estudo. “Esta tarefa é imprescindível na reconstituição de um arquivo pessoal, este não possui em si uma estrutura administrativa ou judicial de suporte, e no caso deste arquivo e no estado em que a documentação chegou não existe vestígio algum da matriz original. Coloca-se então a questão: Como recuperar a estrutura/organicidade? São os ciclos da vida e as fases de actividade do indivíduo que dão o suporte que vai permitir a reconstituição do seu sistema de informação, a estrutura/organicidade de um indivíduo radica nos seus estádios psicossomáticos de desenvolvimento e nos seus ciclos de existência activa” (CÂNDIDO, s. d., p. 5).

Para continuar a seguir este trabalho da Dra. Paula Cândido, é necessário ver o Apêndice 13, em que foi reconstituído o *Quadro Provisório de Classificação* elaborado entre 1998 e 1999, a partir da descrição sintética que consta neste trabalho. Esse quadro foi constituído com base em dois momentos da vida de Fernando da Silva Correia: a infância/adolescência e a idade adulta. Assim, a secção A refere-se ao primeiro estágio e a secção B ao segundo. Ou melhor, “A Seção A refere-se à sua fase da sua vida [sic] enquanto estudante nos liceus e na universidade de Coimbra e inclui o cumprimento do serviço militar (1917-1919). A Secção B procura abranger as mais variadas atividades da sua vida. Tem início em 1919, quando este inicia a sua actividade de clínico geral nas Caldas da Rainha e término em 1966 com a sua morte.” Segundo a autora, é na secção B que se encontra mais informação, pretendendo as subsecções e subsubsecções “abranger todas as áreas profissionais e também outras áreas de interesse do próprio.”

Da secção A “Estudante e Escritor (1902-1917)” fazem parte três subsecções: “A1 – Universidade de Coimbra (1911-1917)”, “A2 – Escritor (1902-1919)” e “A3 – Serviço Militar (1918-1919)”.

Da secção B “Médico, Professor, Investigador e Escritor (1919-1966)” constam treze subsecções: “B1 – Geral”, “B2 – Inspector da Saúde Escolar 3ª Área (1934-1946)”, “B3 – Director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1946-1961)”, “B4 – Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor”, “B5 – Aurora Ribeiro da Silva Correia”, “B6 – Balneário das Águas Santas”, “B7 – Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha”, “B8 – Laboratório Municipal das Caldas da Rainha”, “B9 – Lactário-Creche Rainha Dona Leonor”, “B10 – Joaquim Manuel Correia”, “B11 – Investigador/ B11.1 – História da Medicina e da Assistência/ B11.2 – Investigação médico-científica/ B11.3 – História Local/ B11.4 - História”, “B12 – Escritor” e “B13 – Professor” (CÂNDIDO, s. d., pp. 5-9)<sup>178</sup>.

Entre os comentários críticos da autora, destaca-se um tecido à classificação, que mesmo “estruturada no percurso biográfico do autor”, sente-se que “cria «artificialmente» algumas situações, no sentido em que estabelece divisões que o próprio jamais imaginaria, pois o indivíduo certamente não se dividia desta forma, não deixava de ser médico para ser escritor e conciliava ao longo da vida as diferentes actividades” (CÂNDIDO, s. d., p. 9).

O tratamento efectuado pela Dra. Paula Cândido compreendeu, cronologicamente, um período que vai de 1993 a 1999. Enquadrado no desenvolvimento das Ciências da Informação e também na evolução que os sistemas de informação/arquivos familiares e pessoais conheceram nesta década de 1990, este trabalho pode ser apresentado como um estudo de caso bastante actualizado que poderia ter sido uma mais valia para o tratamento deste sistema se se concretizasse. No entanto, o que se verificou foi que apenas o interesse despoletado por este trabalho de projecto reavivou a memória em torno de todo o primeiro tratamento que sofreu o sistema de informação. E só recentemente foi possível perceber que este tratamento fora bem mais além do que a mera limpeza e acondicionamento dos documentos, como parecia inicialmente.

Quando foi iniciado este trabalho só foi possível conhecer a descrição que, entre 2015 e 2017, foi desenvolvida pela Dra. Joana Vitorino, iniciada devido à perda de praticamente todo o trabalho da Dra. Paula Cândido. Esta descrição acabou por ficar

---

<sup>178</sup> Neste resumo das secções e subsecções foi corrigido o lapso que levou à passagem da secção B11 para B13.

incompleta e, em termos de classificação, implicou um retrocesso no que era a adaptação ao modelo dos ciclos de vidas adoptado pela Dra. Paula Cândido.

A Dra. Joana Vitorino produziu inicialmente um documento manuscrito em que assinalou alguns aspectos que seguiu para produzir o tratamento do “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia” (Anexo 2). Este trabalho de descrição arquivística foi desenvolvido num documento Office (Excel) que continha os seguintes campos: código de referência; cota; entidade detentora; localidade; dimensão e suporte; idioma e escrita; nível de descrição; datação (datas descritivas, data final, certeza da data final, data inicial e certeza da data inicial); título; âmbito e conteúdo e notas. A partir do Apêndice 14, é possível conhecer as secções e subsecções que foram levantadas através do documento Office utilizado para a descrição efectuada. Para perceber a dificuldade que existe, por exemplo, em termos de acesso à informação, mostra-se o seguinte exemplo, que conta a experiência da pesquisa de informação produzida ou reunida por Fernando da Silva Correia enquanto director do ISHRJ.

A partir do documento Office foram seleccionados os elementos existentes no campo “Nível de descrição”, composto por “Secções” e “Subsecções”. Percebeu-se que 17 (de 64) secções estão relacionadas com o ISHRJ e o período em que Fernando da Silva Correia o dirigiu. De uma forma geral, todas as secções e subsecções existentes neste campo são bastante vagas não permitindo aceder ao tipo de informação nelas incluída ou mesmo do âmbito e conteúdo da sua produção. Reconheceu-se a existência de várias incongruências nos níveis de descrição definidos: por um lado, encontraram-se três secções diferentes dedicadas ao ISHRJ: “Instituto Ricardo Jorge”, “Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge” e “Instituto Superior Dr. Ricardo Jorge”; por outro lado, noutras secções, foram criadas subsecções, também elas reportando ao Instituto: na secção “Documentos”, foi incluída a subsecção “Instituto Superior Ricardo Jorge”; na secção “Programas”, foi criada a subsecção “Instituto Superior Ricardo Jorge” e, por fim, na secção “Relatórios” foram definidas as subsecções “Instituto Dr. Ricardo Jorge”, “Instituto Ricardo Jorge” e “Instituto Superior Ricardo Jorge”. A partir das 17 secções seleccionadas foram contabilizados c. 54 documentos com relevância para a pesquisa, no entanto, este número ascendeu a c. 165 quando efectuada uma análise cronológica<sup>179</sup>.

Já referido acima, o documento enviado em 2015 para a Doutora Zélia Pereira continha uma breve descrição do “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia”. Interessa

---

<sup>179</sup> É necessário referir que estes são os números possíveis através do IDD disponível actualmente.

então remeter para algumas informações que ajudam a caracterizá-lo. Não foi incluída a sua dimensão, mas o suporte indicado foi papel e papel fotográfico. Entre o conteúdo do fundo, a Dra. Joana Vitorino destacou entre o tipo de documentos: “Textos para publicações”, “Anotações sobre temas da sua área de interesse (história e medicina)”, “Revisão de provas”, “Textos biográficos e bibliográficos”, “Correspondência”, “Periódicos” e “Fotografias”. Como “sistema de organização da documentação” é identificada a “Organização Temática”.

### **3. Explorar documentos, descobrir a informação – de “Arquivo Dr. Fernando da Silva Correia” a sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia**

*“Ingenia hominum rem ublicam fecit.”*

(Plínio cit. MCGARRY, 1984, p. 11).

A elaboração de uma proposta de quadro orgânico-funcional do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia é o corolário da investigação que ao longo deste capítulo tem sido apresentada. Mas, na verdade, as linhas que se seguem constituem um dos momentos mais importantes do que se define como o processo de valorização do sistema de informação enquanto património documental. Na medida em que a sua organização e descrição, efectuada de acordo com o modelo sistémico adoptado e seguindo as normas arquivísticas, é a melhor forma de colocar este património acessível a todos os que a ele desejem aceder, contribuindo para este mesmo processo de valorização.

Através da investigação desenvolvida foi descoberto todo o trabalho já efectuado pela Dra. Paula Cândido, o qual não estava disponível na associação Património Histórico. Ambos os trabalhos – o da Dra. Paula Cândido e este -, como foi possível verificar, começaram com o estudo do(s) produtor(es) informacional(is), complementado pela história custodial do sistema de informação. Passados c. 20 anos desde este primeiro momento de tratamento, foi possível (e necessário) desenvolver esta história de forma muito mais alargada. O trabalho da Dra. Paula Cândido, mais do que um elemento a ter em conta, surgiu como uma referência para esta investigação, pois



permitiu confirmar alguns aspectos para os quais se estava em dúvida quanto ao procedimento e avançar na reconstituição do sistema de informação.

De facto, esta ideia da reconstituição é o primeiro problema, pois, em posição indefinida, os arquivistas ainda não são aceites universalmente como “mediadores” da informação que investigam e tratam (NÓVOA, 2011, p. 360; 2016, p. 9). Avançar neste trabalho implica aceitar plenamente esta condição do arquivista ou cientista da informação. Os dados já apresentados neste capítulo ajudam nesta tarefa de mediação da informação que compõe o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Ao efectuar este registo de todos os momentos e acções que o modificaram, aceita-se, como escreveu Rita Sampaio da Nóvoa, que até o tratamento arquivístico deve ser visto como um “processo de reconstrução dos arquivos (...) uma «edição do passado»” (NÓVOA, 2011, p. 360).

Como indicou a Dra. Paula Cândido, o tratamento deste sistema “revelou-se um desafio face à complexidade e heterogeneidade que o constitui.” No entanto, se à época a autora questionava a metodologia seguida, dado que o trabalho se encontrava em “fase embrionária”, hoje é possível adiantar que os “resultados da [sua] aplicação” a este estudo de caso, como este trabalho pretende provar, serão favoráveis, dado que de nada serve os interesses do próprio sistema/ património, a sua manutenção nos mesmos moldes que definiu a 1ª fase do tratamento efectuado no início da década de 1990. Armando Malheiro da Silva já apontou inúmeras vantagens para a utilização do modelo sistémico - “Primeira: superar a mera lógica incorporacionista que, paradoxalmente, cauciona, legitima e banaliza as práticas fragmentadoras dos conjuntos documentais quaisquer que sejam. Segunda: valorizar a complexidade do que é humano e social através de análises sistemáticas, aprofundadas e interdisciplinares, que permitem compreender e tentar a explicação do não linear, do que está para além do aparente, do complexo. Terceira: facilitar a inteligibilidade da informação que perdurou/perdura, através do minucioso exame da contextualização originária e das sucessivas e, por vezes, sinuosas recontextualizações de produção e de uso (fluxo). Quarta: compreender os mecanismos óbvios e mais recônditos e obscuros da necessidade mental/subjectiva – individual e colectiva – de busca da informação, problemática abrangida pela área de estudos de utilizador, também denominada comportamento informacional” (SILVA, 2004, p. 66).

A Dra. Paula Cândido reconheceu, na altura, a possibilidade de completar esta classificação inicial, já que “à medida que se avança outras soluções mais viáveis vão sendo encontradas, a riqueza e quantidade de informação nele retida, tornam-no num trabalho moroso, e constantemente passível de alteração” (CÂNDIDO, s. d., p. 11). Através do trabalho exploratório e de descrição (não ideal, mas dentro dos moldes em que a associação Património Histórico a desenvolvia anteriormente), foi possível rever e encontrar todas as questões que a Dra. Paula Cândido mencionou e, em parte, como se verá, foi possível desenvolver e completar a classificação inicialmente elaborada para o sistema de informação. Este trabalho exploratório iniciou-se em Maio de 2017, tendo em conta que foi a partir desse momento que se desenvolveu o primeiro contacto com a associação Património Histórico.

Na impossibilidade de conhecer ou demonstrar que os produtores preservavam os seus documentos sob alguma ordem por si estabelecida<sup>180</sup>, é lícito impor os dados acima descritos e usar modelos como o de Armando Malheiro da Silva, que em seguida se aplicará ao sistema de informação em estudo.

A situação actual do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia<sup>181</sup> mostra como este, tal como outros “«papéis» de Famílias e de Personalidades mais ou menos ilustres” têm sofrido uma “atitude habitual (...) que tende a negligenciar, a eliminar, a vender e a fragmentar” (SILVA, 2004, p. 61) o todo que poderia existir. Daí que, como foi explicado acima, neste trabalho de projecto este sistema começou por receber o nome “espólio”.

Quanto à preparação da proposta de quadro orgânico-funcional, em primeiro lugar, há a considerar um dado que tanto serve de introdução, pois explica a forma como este sistema será constituído, como serve de conclusão, já que surgiu do trabalho exploratório, necessário a uma percepção (completa) do sistema. Este dado é: o estudo

---

<sup>180</sup> CÂNDIDO, s. d., p. 11, a autora esclareceu que não lhe é possível estabelecer qualquer organização anterior.

<sup>181</sup> Quanto à avaliação do seu estado de conservação – elemento essencial nos estudos patrimoniais –, há a considerar, como a Dra. Isabel Xavier acabou por evidenciar, que o sistema de informação se encontra acondicionado em boas instalações que permitem a sua boa arrumação e, apesar das unidades de instalação estarem “um bocado estragadas” não apresentam problemas de maior. À excepção da necessidade de retirar todos os elementos metálicos (clipes, agramos, etc.) que haviam corroído parte dos documentos e também de alguns vestígios de níveis de humidade elevados (provavelmente consequência da permanência demorada na sacristia da Capela de São Sebastião), a maioria dos documentos encontra-se em bom estado de conservação. O “espaço de arquivo” que a associação Património Histórico detém agora na nova sede foi orientado pela Dra. Paula Cândido, que aconselhou o acondicionamento deste sistema de informação nessa sala, ocupando-a quase na totalidade. Aí permanece desumidificado e sem luz (Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p.lxviii).

deste sistema fez surgir uma nova forma de olhar a distinção entre arquivos familiares e pessoais, já de si complexa e difusa. Neste estudo de caso, encontram-se vários (sub)sistemas de informação pessoais (alguns bastante diminutos), mas que têm uma ligação familiar/ um (/uns) familiar(es) que produziu(ram) e reuniu(ram) a informação que compõe o sistema. Indo ao encontro do que Armando Malheiro da Silva escreveu sobre as componentes necessárias para se estar perante um sistema de informação familiar<sup>182</sup>, parece que este elo (principal) que estabelece a relação entre os vários produtores da informação deste sistema é fundamental para aceitar a dupla condição de pessoal e familiar deste sistema. Esta “situação sistémica híbrida” é também ela conjugada pelo próprio Armando Malheiro da Silva, que considerou a possibilidade de se encontrar um sistema de informação pessoal e familiar, em que se compreende o destaque dado a um indivíduo em detrimento do colectivo (família) em que este está inserido (SILVA, 2004, p. 79 e 81).

Resumidamente: a designação de sistema de informação pessoal (conjunto de sistemas pessoais) e familiar (relação de parentesco por nascimento ou casamento entre os vários produtores) Fernando da Silva Correia, pretende ajudar a transmitir a organicidade deste sistema que reúne como produtores vários elementos da família Correia, mas que aqui se interligam somente pela relação que se estabeleceu ao longo das suas vidas com Fernando da Silva Correia. Este, por sua vez, surge como produtor principal deste sistema dado que, toda a informação reunida tem o propósito, quase sempre explícito, de se ligar com as suas actividades e interesses próprios.

Existe assim, uma “sequência geracional” entre os dois produtores mais antigos deste sistema – o Dr. Joaquim Manuel Correia e Carlota Filomena da Silva Correia – e os restantes produtores (todos elementos da família, esposas de Fernando da Silva Correia e familiares destas, que pelo casamento se ligaram à família Correia). Por outro lado, mais uma vez indo ao encontro ao que define Armando Malheiro da Silva, percebe-se que a reunião (e/ou recollecção) desta informação pressupõe “estratégias comuns de cariz sócio-económico” – relações pessoais/familiares e profissionais ou gestão do património comum “e simbólico” (Fernando da Silva Correia colectou elementos que lhe relembram os pais desaparecidos, assim como a segunda esposa e/ou

---

<sup>182</sup> “(...) o processo tende a tornar-se ainda mais tortuoso, mas para haver estrutura familiar tem de haver unidade e sequência geracional associada a estratégias comuns de cariz sócio-económico e simbólico.” SILVA, 2004, p. 72.

a sobrinha, Doutora Natália Correia Guedes, completaram e recolheram a sua informação).

Na proposta de quadro orgânico-funcional, o subsistema Fernando da Silva Correia materializa uma ligeira adaptação das “quatro etapas evolutivas” - infância, adolescência, juventude e adultez/ velhice - de Armando Malheiro da Silva; já que nesta análise se definem apenas três secções: A) adolescência e juventude, B) idade adulta e C) velhice. Tal acaba por evidenciar alguns aspectos orgânicos da informação que compõe o sistema, pois são escassos os elementos que remetem para a infância de Fernando da Silva Correia e, pelo contrário, pareceu relevante destacar a mudança que se operou na sua vida, quando em 1961 deixou de trabalhar e se dedicou exclusivamente à investigação – o que compreende a sua velhice (SILVA, 2004, p. 79).

A questão da divisão das actividades pessoais e públicas, algo que para Armando Malheiro da Silva não faz sentido e que, provavelmente, também não faria para Fernando da Silva Correia, uma vez que, muitas vezes, as suas investigações eram conjugadas com as actividades profissionais/públicas, mas cujas as exigências seriam inferiores à massa informacional produzida. Assim, aceita-se, como definiu Armando Malheiro da Silva “que é, infinitamente, mais rigoroso, fixar a informação de um indivíduo (...) na fase de vida ou no segmento etário em que ele a adquiriu ou produziu, guardando-a e usando-a pontualmente até ao fim dos seus dias” (SILVA, 2004, p. 79).

Esta proposta de quadro orgânico-funcional surge como “o primeiro produto/instrumento a ser elaborado obrigatoriamente mesmo que” o sistema de informação já “possua uma ordenação física dos documentos e um ou mais instrumentos de pesquisa.” Esta proposta pretende somente facilitar a compreensão da “distribuição cronológico-contextual dos documentos, pelas diferentes fases de uma trajectória de vida.” No entanto, será a partir da ordem que esta consubstanciará que se procederá à “colocação física e descritiva da documentação” (SILVA, 2004, p. 74 e 80).

A opção por manter o sistema em torno de Fernando da Silva Correia e não nos moldes da proposta geracional de Armando Malheiro da Silva (SILVA, 2004, p. 73), prende-se com a ideia de que este produtor (principal) é o responsável pelo vários subsistemas deste sistema. Assim, julga-se ser possível perceber a relação entre os vários produtores, mas também a ideia de que o subsistema que se destaca é o deste médico, com o qual se interligam os restantes subsistemas dos seus familiares e das suas esposas.

No Apêndice 15 encontra-se a proposta de quadro orgânico-funcional que ajuda a esquematizar e classificar a informação, tendo em conta os contextos em que esta foi produzida, de forma a integrar um determinado ciclo de vida de Fernando da Silva Correia. A este subsistema principal, juntam-se depois os restantes subsistemas de informação produzidos (ou reunidos) pelos seus familiares e pelas suas esposas. Em seguida, elabora-se uma sintética descrição da informação que integra algumas das subsecções das três secções definidas para o subsistema de Fernando da Silva Correia e para os subsistemas de Joaquim Manuel Correia e de Mariana Melo Ferrari.

Como já foi referido o primeiro subsistema de informação do quadro é o de Fernando da Silva Correia. A “Secção A – Adolescência e Juventude (1902-1917)” reflecte os seus tempos de adolescência/juventude, uma vez que, como também a Dra. Paula Cândido reconheceu, não existe informação relativa à sua infância. Provavelmente por este período ser de alguma instabilidade: a família mudou de residência e Fernando da Silva Correia estudou em vários estabelecimentos de ensino e localidades, o que poderá ter concorrido para a fragmentação da informação que foi produzida, mas que não integrou este sistema de informação. Entre esta secção foram definidas as seguintes subsecções: “A1 – Estudante (1902-1911)”, “A2 – Estudante universitário (1911-1917)”, “A3 – Membro do Orféon Académico de Coimbra”, “A4 – Escritor (1902-1917)” e “A5 – Praça dos Serviços de Saúde Militar (1915-1916)”.

Em A1 encontra-se informação sobre a sua participação em peças de teatro, jornais e recortes; folhetos de teatro e touradas; notas de peças e outros textos manuscritos (produzidos em Lisboa, Figueira da Foz e Coimbra); manuscrito “Amélia” (sem certeza da sua autoria); rascunhos de correspondência que enviou; cópia dos artigos da rubrica “Primícias literárias de um académico” n’*O Distrito de Leiria* (Junho 1908) e desenhos do Tira-linhas, para o periódico “Sinapismo” (?).

Na subsecção A2 foram incluídos postais e fotografias autografadas de colegas de curso/ de Coimbra; manuscritos sobre a frequência da Universidade; fados e poemas manuscritos (utilizando folhas soltas ou com o logótipo do “Club de recreio do Hospital D. Leonor/ Caldas da Rainha”); blocos de notas e correspondência; fotografia envergando o traje universitário no Parque D. Carlos I, em Caldas da Rainha e outras de grupo; bilhete de identidade da Universidade e bilhete de identidade da Associação Académica de Coimbra.

Em A3 encontra-se informação sobre actividades e espectáculos do Orféon; viagem a França (1911), programas de festejos, “cartes postales”; comprovativos do pagamento de cotas; recortes de jornal sobre o Orféon; publicações do Orféon sobre a viagem a França e a tour de 1911-1912 (1 com o ex-libris de Fernando da Silva Correia).

A subsecção A4 é a que reúne maior número de documentos, foram incluídos: um número especial manuscrito da revista “Luiz de Souza – Doutôrre”, cuja redacção e administração era em “Karuzadorre das Esteirinhas”; exemplares da revista *Ecco Artistico* (1912-1917); obra *Homenagem a João de Deus*, com o poema “Escola Maternal” de Fernando Correia; textos, peças de teatro e poemas manuscritos; jornais e recortes; exemplar de *A máscara*; alguns elementos para a peça *À sombra do Esculápio* - panfletos, guias de ensaio, notícias nos jornais; desenhos; N° 1 manuscrito d’*O Pimpãozinho. Porcaria da Casa*, com redacção e impressão na Rua das Esteirinhas; Exemplares da *Ilustração Portuguesa*; cartazes de teatros, récitas e outras actividades culturais; manuscritos de “Os bandidos da Bicholandia” (1916), “Sempre Fiel” (1917), “A máscara” (1914), “A obsessão” (1915), “Zé cavalaria” (1917), “Fogueira de S. João” (1917), “Coimbra – a praxista” (1917); capa d’ “A Pevide”, com carimbos de “F. da S. Correia”, “A Gazeta do Hospital”; dactilografias de “A terceira pagina” (1916).

Em A5 encontram-se a *Caderneta Militar* de Fernando da Silva Correia e uma fotografia com o 2º Grupo de Companhias de Saúde.

A “Secção B – Idade Adulta (1917-1961)” reúne a informação produzida entre a conclusão do Curso de Medicina, em 1917, e a data em que Fernando da Silva Correia se aposentou, em 1961. Assim, nesta secção encontra-se o que foi produzido/reunido/recolectado em idade activa, compreendendo as tarefas de médico e de outras actividades profissionais que desempenhou, clarificadas nas várias subsecções desta secção e já anteriormente revisitadas,.

A “Subsecção B1 – Oficial do Corpo de Artilharia Pesada Independente - Grande Guerra (1918-1919)” reúne toda a informação que remete para o contexto em que Fernando da Silva Correia esteve em França.

A “Subsecção B2 – Médico municipal, Subdelegado, Delegado e Sub-inspector das Caldas da Rainha (1921-1934/36)” integra a informação que Fernando da Silva Correia produziu e reuniu enquanto desempenhava as funções mencionadas. Entre elas encontram-se a de director do Laboratório Municipal, cuja informação foi integrada na

“Subsubsecção B2.1 – Director do Laboratório Municipal Rainha Dona Leonor (1924-1934/36)”.

A “Subsecção B3 – Director do Posto Médico dos Comboios de Portugal (CP) nas Caldas da Rainha” reúne a informação relativa ao desempenho deste cargo, no entanto ainda não foi possível apurar as datas em que desempenhou tais funções.

O mesmo sucede com a “Subsecção B4 - Médico externo do Hospital Termal”, que reúne a informação relativa às actividades desenvolvidas nesse estabelecimento termal e à investigação em torno da sua história.

A “Subsecção B5 – Médico do Lactário-Creche Rainha D. Leonor (1925-?)” remete para a informação reunida sobre a acção desta instituição, cuja criação foi, em parte, obra de Fernando da Silva Correia.

A “Subsecção B6 – Director Clínico do Balneário das Águas Santas (1927-?)”, não sendo ainda possível determinar a data em que deixou este cargo. Apesar deste estabelecimento fazer parte do conjunto que era administrado pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha, não é ainda certo se Fernando da Silva Correia desempenhou estas funções por ser o médico municipal ou se, por outro lado, foi seleccionado para o cargo pela experiência entretanto adquirida.

A “Subsecção B7 – Médico da Misericórdia das Caldas da Rainha (1928-?)” remete para uma outra actividade que desempenhou nas Caldas da Rainha.

A “Subsecção B8 – Encarregado do Inquérito “Higiene Municipal” (pela Direcção-Geral de Saúde Pública) – 1929” reúne a informação produzida para a análise que lhe foi encomendada.

A “Subsecção B9 – Fundador e Director do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha e da sua Casa de Repouso (1930-1934)”, em parte liga-se com a subsecção anterior, já que o Dispensário foi criado com o intuito de aplicar algumas das propostas de Fernando da Silva Correia no texto elaborado após o Inquérito anterior.

A “Subsecção B10 – Inspector da Saúde Escolar (1934/36-1946)” remete para o desempenho das várias tarefas que estavam associadas ao cargo para o qual foi convidado. Assim, a “Subsubsecção B10.1 - Redactor da revista *Boletim de Saúde Escolar*”, remete para uma outra actividade que associou à de inspector.

A “Subsecção B11 – Membro da Comissão do Subsecretariado da Assistência da Direcção-Geral da Saúde Pública/ Ministério do Interior (1932-?)” reúne as várias actividades que terá desempenhado até se tornar director do ISHRJ. Entre as



subsubsecções encontram-se: “B11.1 – Director do *Boletim de Assistência Social*”, “B11.2 – Delegado e dirigente da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional «Defesa da Família»” e a “B11.3 – Presidente da Subcomissão da Assistência das Comemorações Centenárias na Província da Extremadura (1940)”.

A “Subsecção B12 – Membro do Conselho Directivo da Ordem dos Médicos (1938-1946)” remete para a informação que Fernando da Silva Correia recebeu desta Ordem.

A “Subsecção B13 – Professor e Director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1935-1936; 1946-1961)”, esta é uma das secções com mais documentação e em que a reconstituição das seguintes subsubsecções foi mais complexa: “B13.1 – Director do *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge* (1946-1953)”, “B13.2 – Membro do Conselho Superior de Higiene e Assistência Social (1946-1961)”, “B13.3 - Comissário das Comemorações do Centenário do nascimento do Doutor Ricardo Jorge (1958)” e “B13.4 – Comissário das Comemorações do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor (1958)”.

A “Subsecção B14 – Professor do Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-1957)” remete para a informação que já foi possível reunir sobre este cargo de Fernando da Silva Correia, actualmente, esta série documental encontra-se em processo de digitalização no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa.

A “Subsecção B15 – Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura”.

A “Subsecção B16 – Investigador”, com as subsubsecções “B17.1 – Textos, Artigos e Obras”, “B16.2 – Encontros e Sociedades Científicas”.

A “Subsecção B17 – Actividade Literária”, com as subsubsecção “B17.1 – Escritor” e “B17.2 – Publicista”.

De forma a mostrar alguma da produção informacional que se encontra nesta secção, correspondente à fase da vida activa de Fernando da Silva Correia, faz-se em seguida uma breve descrição do que corresponde aos cargos desempenhados nas Caldas da Rainha e à secção “B17 – Actividade Literária”.

Em B2 encontram-se cartões de visita, correspondência com a Câmara Municipal das Caldas da Rainha e outras instituições locais e do Estado central (entre esta correspondência surge outra endereçada a António de Melo Ferrari (médico municipal antes de Fernando da Silva Correia) – um grande conjunto de

correspondência deste período – 1929-1933 - foi colocada (erradamente pelo produtor?) na pasta “1935-1936/ Mapas mensais dos médicos escolares/ 2º período/ 3ª area”; obras oferecidas; obras, folhetos, editais e outros textos de Fernando da Silva Correia deste período sobre o desempenho destes cargos; atestados de fiscalização sanitária anual a diversas entidades; vários exemplares do “Boletim mensal do movimento de molestias inficiosas” em branco. Na subsubsecção B2.1 encontra-se um inventário do material; bilhetes-postais com fotografia do interior do Laboratório; correspondência com entidades locais e cópia do regulamento do Laboratório.

Em B3 encontram-se publicações com os regulamentos dos serviços de saúde da CP; correspondência e fotografias de correspondência.

Na subsecção B4 encontram-se provas para publicação do *Relatório dum estudo sobre assistência aos doentes do aparelho cardio-circulatório. Realizado no Hospital Rainha. D. Leonor das Caldas da Rainha* (não se conhece a autoria); notas sobre os tratamentos efectuados; fotocópia das obras *O Hospital Termal das Caldas da Rainha. A sua História. As suas águas. As suas curas*; regulamentos do Hospital; manuscrito “Hospital Rainha D. Leonor/ Posse do nosso administrador, Srº Engenheiro Mário Rocha” (s. d.); manuscritos de outros médicos do Hospital; dactilografia sobre “O XIII Congresso Internacional de Hidrologia” (não se conhece a autoria) e dactilografia “A Saúde do espírito... Caldas da Rainha/ O maior conjunto de atractivos do país”, publicado em Álbum das Caldas nº 5 (1934), da autoria de Fernando Correia.

Em B5 integram-se correspondência; manuscrito do seu discurso da inauguração em 1925; notas das receitas e tratamentos administrado no Lactário enquanto médico que serviam para o seu relatório médico anual; publicações (relatórios e regulamentos) do Lactário; blocos com notas sobre os pacientes; panfletos sobre o Baile da Areia, os resultados do Lactário; caderno em branco com a referência “Senhoras visitadoras do Lactário-Creche”; capa com várias publicações e folhas soltas “Lactário-Creche Rainha D. Leonor”; jornais e recortes; discurso e relatório médico lido por altura do 1º aniversário do Lactário e Livro de Visitantes do Lactário-Créche Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha.

Na secção B6 encontram-se correspondência; dactilografias de “Relatorio do director clinico do estabelecimento termal das Aguas Santas (Caldas da Rainha)” de 1938, 1941, 1942; guias de inscrição dos aquistas entre 1938-1942; outros manuscritos e dactilografias de 1939 a 1940; “Livro das Actas da Associação Protectora do Albergue

dos Leprosos nas Aguas-Santas. Caldas da Rainha”; publicação de propaganda do balneário; manuscrito com o registo da análise feita às águas por Charles Lepierre e recorte de jornal com notícia da inauguração do balneário a 16 de Maio de 1928.

Em B7 localizam-se alguma correspondência; comprovativo de pagamento de cotas da Misericórdia; dactilografias com discriminação das despesas efectuadas, orçamentos, etc. e documentos que assina como elemento da Comissão instaladora da Misericórdia.

E em B9 publicações, folhetos, cartazes (sobre a protecção contra a tuberculose) etc. do Dispensário; relatórios Maria Aurora Baptista Ribeiréte; conjunto de documentos entre a pasta “Reorganização da Administração nas Caldas da Rainha”, com o movimento do Dispensário e outros textos e “Inquérito sobre Nutrição” para a Casa de Repouso do Dispensário.

As subsecções da secção “B17 – Actividade Literária” integram documentos compostos manuscritos, dactilografados, provas para publicação e publicações finais de Fernando da Silva Correia enquanto escritor e publicista (usando o pseudónimo Velho Galeno) entre 1918 e 1961, ou seja, enquanto adulto e profissionalmente activo.

Esta descrição é simples, mais interessante poderá ser referir alguns dos títulos que integram as subsecções B17.1 e B17.2 e, num segundo momento, poderá concorrer para o conhecimento destas publicações e da forma como o seu autor as compôs e publicou a reunião de toda a informação existente na correspondência (neste momento – fisicamente - à parte desta documentação). Em “B17.1 – Escritor” encontram-se documentos relativos às publicações das seguintes obras: *Leonor de Lancastre* (1931), *Vida Errada: o romance de Coimbra* (1933) ou “Carta aberta de um barítono sexagenário” em *Impressões do Orfeon* (1955). Em “B17.2 – Publicista” encontra-se informação sobre vários artigos publicados em revista e jornais, assim como obras mais extensas de intervenção social, uma vez que, na maioria dos casos o autor pretendia alertar para a necessidade de promover uma assistência mais cuidada das populações pelos médicos e outros profissionais de saúde. Neste âmbito, destacam-se os seguintes títulos: *A ordem na Medicina* (1940), *Carta aberta perdida para um jovem médico* (1940); *Um erro de diagnóstico* (1949); *Carta aberta ao Snr. Presidente da Câmara de Lisboa a propósito do arejamento dos eléctricos* (1949); *Carta aberta a um antigo ministro* (1952); *Confusão de narizes e de conceitos* (1953); 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> *Carta aberta a um lavrador rico* (1953); *Carta aberta ao Senhor Doutor* (1953); *Carta aberta ao*

*senhor professor* (1953); *Cartas abertas a um Médico novo* (1954); *Cartas abertas a um jovem médico* (1954); *Carta aberta à mãe da D. Carolina* (1954); *Marañon e a Medicina Social* (1956); *Técnica geral e instituição de Medicina Preventiva* (1956); *Carta Aberta ao Dr. Castilho d'Abreu a propósito de Ricardo Jorge* (1959); *Cartas abertas a um lavrador amigo* (s. d.); *O sonho (ou pesadelo) duma noite de Agosto* (*Carta aberta ao Sr. Vereador Ortigão Ramos*) (s. d.); *Os serviços da imprensa à classe médica* (s. d.); *Carta aberta ao senhor prior* (s. d.) e *Terapêutica etiológica* (s. d.).

A “Secção C – Velhice (1961-1966)” inclui para já a “Subsecção C1 - Investigador aposentado”, é composta por alguns textos manuscritos, dactilografados e impressos durante os últimos anos de vida de Fernando da Silva Correia; existindo ainda um desenho em papel vegetal da sua face de perfil, em que aparenta já ter alguma idade, daí que se inclua nesta secção. Enquanto investigador aposentado, publicou ainda alguns artigos, de que são exemplo: “Saudades da Beira Baixa” (1961); “No cinquentenário do primeiro Jardim-Escola João de Deus” (1961); “Quem foi o primeiro provedor da Misericórdia de Lisboa” (1962); “Um distinto cirurgião portuense Dr. José de Melo Ferrari” (1962); “A primeira época termal de inverno nas Caldas da Rainha” (1962); “O Dr. Augusto Cymbron nas Caldas da Rainha (1903-1913)” (1962); “Subsídios para o estudo da cópia do Santo Sudário existente da Igreja da Madre Deus de Lisboa” (1964); “Política sanitária: uma lição de Garcia d'Orta” (1964); “Estâncias termais da Côrte Portuguesa” (1964) ou “Moeda árabe rara/ Uma lição do Prof. David Lopes” (1965).

Entre os restantes subsistemas encontram-se os dos pais: “Dr. Joaquim Manuel Correia (JMC)” e “Carlota Filomena da Silva Correia (CFSC)”; dos irmãos: “Maria Luiza da Silva Correia (MLSC)”, “Filomena Augusta da Silva Correia (FASC)” e de “Joaquim Manuel da Silva Correia (JMSC)”; e das esposas: “Mariana Benedita Arnoud de Mello Ferrari (MMF) e família Ferrari” e “Maria Aurora Baptista Ribeiréte (MABR)”.

A documentação que foi atribuída ao pai da Fernando da Silva Correia, Joaquim Manuel Correia – atribuição já antes formalizada pela Dra. Paula Cândido através da subsecção B10 do *Quadro Provisório de Classificação* (Apêndice 13) – representa ainda uma parte substancial deste sistema de informação. Inclui: vários números do *Boletim Agrícola* (1923-1929); recortes de jornal e outros documentos (correspondência) relativos à Escola Agrícola Móvel das Caldas da Rainha; exemplares

do jornal *O Lavrador* (1916-1940), com a indicação de que eram remetidos para Joaquim Manuel Correia; exemplares da *Revista dos Tribunais* (1890-1896) e da *Revista de Direito* (1905); *Gazeta da Associação dos Advogados de Lisboa* (1895-1896); exemplar da revista *O Occidente* (1896); exemplar do *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal* (1906); exemplar da *Brasil-Portugal, Revista quinzenal ilustrada* (1908); *Relatório da Conferencia de S. Vicente de Paulo de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Pópulo das Caldas da Rainha* (1915-1917); elementos da *Revista da Justiça* (1919); exemplar da *Gazeta das Aldeias* (1928); exemplar da *Colecção de Leis da Republica Portuguesa* (s. d.); manuscritos e dactilografias da obra *Celestina* e Certidão de óbito de Joaquim Manuel Correia.

Entre a informação que compõe o subsistema “Mariana Benedita Arnoud de Mello Ferrari Correia (MMF) e família Ferrari” encontram-se: jornais remetidos a Manuel de Melo Ferrari e artigos seus; o manuscrito “Cópia de Versos e pensamentos de Emilia de Mello Ferrari/ S. Thiago de Cacem 1-II-04”; correspondência para António de Mello Ferrari e outros manuscritos, por exemplo “Relação das operações feitas pelo Dr. José de Melo Ferrari” e correspondência remetida a “Mariana Ferrari Correia”, alguma desta correspondência inclui cartões de visita e ex-libris.

Mais do que esta questão da classificação da sua documentação, este sistema de informação acaba por materializar um outro problema: devem ou não juntar-se tipologias de documentos separados? Como fazê-lo?

Estas questões colocam-se devido à existência de cinco núcleos de documentação distintos/ separados: Fotografias; Correspondência; Postais; Periódicos e Documentos (que engloba todas as outras). De forma a cumprir o quadro orgânico-funcional proposto, o ideal seria compreender o contexto de produção/reunião/recollecção dos vários documentos para proceder a este enquadramento nas várias secções e subsecções. No entanto, através do trabalho exploratório desenvolvido já se percebeu como esta tarefa será dificultada pela ausência de informações, por exemplo, relativa a muitas das fotografias, que retratam documentos e outros edifícios ou, outro exemplo, no caso da correspondência: mantendo uma relação profissional e pessoal com vários dos seus remetentes, a correspondência recebida por Fernando da Silva Correia espelha os vários assuntos que o interessavam ou que tinha em mãos, sejam eles relativos à sua vida profissional, às

suas investigações ou mesmo à sua vida pessoal. Daí que ainda não se tenha perspectivado uma solução definitiva, pois como já indicou Armando Malheiro da Silva, o ideal será produzir virtualmente instrumentos de acesso que interliguem (dessa forma) a documentação, assim, não se perderá uma possível organicidade que possa existir (mas que parece inexistente) (SILVA, 2004, p. 80). Existindo sempre a possibilidade de seguir outros caminhos, por exemplo, a ordenação cronológica para a correspondência (CRUZ, 2012, p. 736).

O caso dos Periódicos tem de ser revisto, tendo em conta a existência de algumas diferenças entre a informação que veiculam: 1) jornais completos que foram guardados sem qualquer indicação de existir um propósito ou uma notícia de relevância; 2) recortes reunidos e contendo uma clara identificação do propósito dessa reunião/ do assunto em destaque ou 3) jornais incompletos e conjuntos de recortes de diferentes cronologias e assuntos, sem organicidade aparente. Como no caso anterior, estas informações devem ser analisadas e enquadradas nas três secções deste sistema de informação.

O núcleo Documentação integra a maior parte da informação que tem vindo a ser enquadrada na proposta de quadro orgânico-funcional ao longo desta parte. No entanto, uma vez que neste núcleo surgem tipologias documentais, também existentes nos restantes núcleos, é necessário definir quais dos seus elementos devem ser tratados em conjunto e de acordo com o que se estipulará para as outras tipologias, com que têm mais semelhanças. Neste caso, é de acrescentar pelo menos uma hipótese já formulada e que vai ao encontro do que Almerinda Graça estabeleceu para o arquivo literário (GRAÇA, 2011, pp. 24; 31-33) que tratou: a definição de documentos compostos que, em cada uma das secções (enquadrados nas subsecções mais adequadas), irão reunir diferentes etapas do processo e criação de textos científicos ou literários de Fernando da Silva Correia.

## **V. O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia – hipóteses para um projecto de investigação**

*“Isto é histórias atrás de histórias.”<sup>183</sup>*

Neste último capítulo explanam-se várias hipóteses de investigação que foram encontradas ao longo deste trabalho exploratório. Estas contribuirão para um projecto a desenvolver no âmbito do doutoramento em Arquivística Histórica, que mais se adequa aos objectivos de estudar/analisar, tratar e valorizar o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Apesar de à primeira vista este projecto parecer um pouco deslocado das problemáticas que, de uma forma geral, ocupam os estudos patrimoniais, nele pretende aliar-se as metodologias de valorização do património e as metodologias das Ciências da Informação. Assim, avança-se uma possível relação entre estas áreas de estudo que, como se explicou, além de terem um objecto de estudo comum, também têm metodologias com algumas semelhanças – a questão da preocupação com o inventário/ instrumentos de descrição documental ou a necessidade de (como nos estudos de património) analisar o(s) contexto(s) específico(s) da produção, preservação e divulgação da informação que compõe os sistemas de informação. Em seguida, enumerar-se-ão as várias hipóteses de investigação.

1) Completar o tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia através da sua descrição e disponibilização online via ICA-AtoM;

2) Elaborar um plano de conservação preventiva, tendo em vista as especificidades materiais do sistema de informação, de forma a contribuir para uma maior longevidade dos documentos;

3) Elaborar um plano de divulgação e valorização do sistema de informação que, a curto, médio e longo prazo possa ser seguido pela entidade detentora – a associação Património Histórico – Grupo de Estudos – de forma a “movimentar” este património de que dispõe e, em simultâneo, ajudá-la a criar metodologias de tratamento e valorização do património documental à sua guarda, que tenham impacto a nível local, regional e nacional;

---

<sup>183</sup> Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, p. lxiii.



4) Aprofundar o estudo e tratamento do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, através da constituição de uma biografia intelectual/científica e patrimonial, que procure analisar este autor de forma panorâmica e centrada nas suas obras e no património (tangível e intangível) que foi produzindo e que se interliga com este património documental.

É necessário definir que todas estas hipóteses parecem indispensáveis aos três objectivos do projecto de investigação: estudar, tratar e valorizar o sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Assim, indicar-se-ão as metodologias para já definidas com o intuito de proceder à realização das várias hipóteses de investigação, assim como se mencionarão alguns exemplos em que tanto estas metodologias, como as hipóteses apresentadas já começaram a ser desenvolvidas no âmbito deste trabalho de projecto.

1) Como foi dito, durante o trabalho exploratório foi efectuada uma primeira descrição de parte do sistema de informação. Mas, esta não é a ideal para garantir o melhor acesso à informação, assim como para a prossecução da proposta de quadro orgânico-funcional entretanto desenvolvida; será necessário adaptar a descrição a este novo elemento organizador da informação que compõe o sistema. Pretende-se, então, que a descrição siga as normas ISAD(G) (2002) e ISAAR (CPF) (1998), no caso dos registos de autoridade arquivística, utilizando o software de descrição arquivística em open-source ICA-AtoM (BUSHEY, s.d.; NÓVOA, 2016, pp. 264-265; SOUSA, 2017, pp. 135-139). Com o intuito de ser continuado, foram já introduzidos em ICA-AtoM o registo de autoridade Fernando da Silva Correia e o registo da entidade detentora Património Histórico – Grupo de Estudos (*Vide* Apêndices 18 e 19).

2) Qualquer património deve ser avaliado, ao longo do tratamento, de forma a proceder-se à sua limpeza e à percepção das suas principais fragilidades. É na sequência desta avaliação que se torna fundamental perspectivar a melhor forma de proceder à sua conservação preventiva. A elaboração de um plano de conservação preventiva deve ter em conta: a localização do edifício em que património documental está acondicionado, as características desse mesmo edifício, o local de acondicionamento e o mobiliário utilizado, assim como deve perspectivar os recursos humanos necessários à concretização do plano elaborado (BELLO, 2002).

3) A associação Património Histórico, enquanto entidade detentora do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Coreia é a instituição mais

competente para proceder ao seu estudo, divulgação e valorização. No capítulo IV já foram descritos os vários momentos de valorização em que a associação se afirmou como principal promotora, segundo foi dito pelo Dr. João B. Serra, esta sempre viu o “estudo como uma forma de defesa [e valorização] do património”. Num âmbito não só local, a associação tem no seu currículo o desenvolvimento de projectos em torno de “espólios” que nalguns casos ficaram acondicionados na sua sede e, noutros, foram estudados “nos sítios onde estavam, (...) ficaram melhor do que estavam antes, mais conhecidos e mais defendidos.” Assim, os arquivos são encarados “como acervo do conhecimento e de memória ao serviço de estudo”<sup>184</sup>. E, portanto, é assim que o tratamento do sistema de informação surge como uma das formas de proceder à sua valorização e conhecimento, promovidas pela própria entidade costudial.

As várias hipóteses de valorização deste sistema de informação devem conjugar os interesses e objectivos da associação que o detém. O avanço deste projecto que pretende concretizar um desejo já antigo da associação, permitirá a relação entre esta entidade e várias outras instituições: a FCSH-UNL (em que se pretende dar continuidade ao projecto), o Museu da Saúde/ Instituto Nacional Doutor Ricardo Jorge e o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa – Universidade Lusíada (duas das instituições com que a associação durante este ano estabeleceu um protocolo de cooperação em torno do espólio de Fernando da Silva Correia e o projecto “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”).

Para já, no âmbito deste trabalho houve a participação no projecto “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”, que através do estudo da participação do médico neste conflito mundial, deu a conhecer o seu testemunho escrito e iconográfico, pontualmente complementado pelos objectos e (outros) documentos que detém a família Correia. Este projecto culminou numa exposição com o mesmo título, cuja a inauguração decorreu a 22 de Setembro e que estará patente no Museu José Malhoa em Caldas da Rainha até 25 de Novembro. No dia da inauguração foi lançado um catálogo e teve lugar um colóquio com a participação de um conjunto de investigadores convidados e aceites após uma chamada de proposta. No sentido de promover a relação entre estes dois trabalhos em curso, desenvolveram-se algumas actividades, por exemplo: o conjunto de artigos publicados na *Gazeta das Caldas* sob o título “Um

---

<sup>184</sup> Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra, pp. lxx e lxxxvii.

Médico das Caldas na Grande Guerra” entre Fevereiro e Agosto deste ano; a publicação do artigo “A «vida nova» de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra” no 16º volume dos *Cadernos de Estudos Leirienses – Os Militares do distrito de Leiria na 1.ª Grande Guerra em França e em África*; a participação no catálogo da exposição – “Fernando da Silva Correia: do registo fotográfico à «vida nova» na Grande Guerra” e “A Grande Guerra, o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI e Fernando da Silva Correia: uma cronologia”; a participação na redacção dos textos de sala e das legendas da exposição em questão e a participação no Colóquio de dia 22 de Setembro com a apresentação de duas comunicações: “Arquivo Fernando da Silva Correia: construção na desconstrução – um caminho a percorrer”, com a Dra. Paula Cândido e “Fernando da Silva Correia: do registo fotográfico à «vida nova» na Grande Guerra”.

Além destas actividades desenvolvidas com o apoio da associação, foram também empreendidas outras em que se destacam: a comunicação apresentada no I Encontro de Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da área metropolitana de Lisboa, no Museu da Farmácia com o título “Memórias e documentos de um directo do (antigo) Instituto Central de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1946-1961)”; a comunicação apresentada no V Congresso Casa Nobre: Um património para o futuro, na Casa das Arte de Arcos de Valdevez com o título “Entre os patrimónios por explorar: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966)” e, por fim, uma aula de sensibilização sobre o património local, a convite da Prof. Margarida Gomes à turma 9ºA do Agrupamento de Escolas D. João II em Caldas da Rainha, em que se deu especial destaque ao registo fotográfico da participação de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra, mas em que o principal objectivo foi mostrar aos jovens a necessidade de preservar o património que se produz em pequenos meios, mas que pode e deve ser preservado para o conhecimento futuro.

Além destas várias tarefas, que se pretende ampliar no futuro, será fundamental complementar com novas possibilidades de valorização deste património. Entre elas nunca se deve esquecer a de classificação do património, através dos critérios definidos pela Lei de Bases 107/2001, em que já se prevê a classificação de “arquivos privados”. Outro aspecto que esta lei prevê é a parceria entre associações como esta e os dispositivos governamentais. Neste caso, há a acrescentar que a Câmara Municipal das Caldas da Rainha tem apoiado as actividades da associação, ajudando a promover a

valorização dos patrimónios que estão à sua guarda, como forma de valorização do património local.

4) A produção de uma biografia intelectual/ científica e patrimonial não surge como último ponto por acaso. Apesar de se considerar que é um ponto fundamental para produzir um conhecimento duplo da informação do sistema e do(s) seu(s) produtor(es) e contexto de produção, sendo este um momento que está dependente dos pontos anteriormente definidos, principalmente do ponto 1, surge como uma última fase deste projecto de estudo, tratamento e valorização.

Esta ideia de constituir uma biografia intelectual/científica e patrimonial surgiu através do trabalho exploratório em torno do sistema de informação, pois foi-se percebendo a importância que poderia ter para o conhecimento da informação existente, mas igualmente, para o conhecimento do contexto de produção, a melhor definição da acção de Fernando da Silva Correia. Só assim, será possível atender a toda a informação deste sistema, que por vezes se revela de difícil classificação, mesmo após a elaboração da proposta de quadro orgânico-funcional. Neste sentido, esta abordagem permitirá desenvolver uma metodologia não seguida pela Arquivística Histórica, mas em que o objecto de estudo/ sistema de informação dirige os pontos de uma biografia centrada neste (principal) testemunho de um homem das Ciências/ médico/ escritor. Ou seja, em que o sistema de informação é estudado não só na sua estrutura como forma de perceber o que foi a produção informacional ao longo do tempo, como também para perceber convenientemente a informação que veicula e a forma como ela possa ter sido consultada e reutilizada.

Elaborar esta biografia serve o modelo sistémico e a Lei de Bases 107/2001, na medida em que ambos buscam um conhecimento integral do contexto de produção informacional/ patrimonial, que é o que se pretende. Acrescentar à biografia intelectual/científica uma vertente patrimonial, compreende a intenção de detectar como é que o produtor informacional foi adquirindo, produzindo ou reunindo o seu património em vida; o que poderá ser complementado com o que é considerado hoje o seu património (tangível e intangível). Se em vida, um indivíduo produz um património tangível, a distância que hoje medeia esse determinado período de produção patrimonial, já só permite conhecer os seus testemunhos<sup>185</sup>. Deve então abrir-se a

---

<sup>185</sup> “A actividade humana manifesta-se e é dada a conhecer através de testemunhos, como construções, objectos, textos escritos, etc.” SILVA, 1999, p. 45.

análise a um conjunto de patrimónios menos tangíveis que é necessário integrar 1) na biografia intelectual/científica e patrimonial e 2) no processo de tratamento e valorização do seu sistema de informação.

Considerou-se que no seio desta biografia seria possível perspectivar o todo que seria o património (e não o espólio) de Fernando da Silva Correia. Antes da sua fragmentação poderia remeter para outros objectos e documentos; um primeiro elemento deste todo será a sua biblioteca, que através da resenha bibliográfica produzida para o leilão de 1969-1970 é possível reconstituir, em relação com a parte existente no sistema de informação (GUEDES, 2017, pp. 533-535). Como colecção que era, a constituição desta biblioteca poderá ajudar a perceber alguns critérios de selecção de autores e obras (CABRAL, 2013, pp. 19-20).

Uma outra parte da documentação que pertenceria ao património familiar foi doada pela Doutora Natália Correia Guedes à Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, constituindo o Centro de Documentação Joaquim da Silva Correia e Natália Correia Guedes<sup>186</sup>. Poderá ainda ser possível, seguindo algumas sugestões da Doutora Natália Correia Guedes e do Dr. João B. Serra, estabelecer uma relação entre o sistema de informação em estudo e os arquivos de Arnaldo Sampaio, de Américo Cortez Pinto, de Maximino Correia, de Francisco Gentil, de Egas Moniz ou de Jaime Cortesão.

Em termos da metodologia seguida para a elaboração desta biografia será essencial ter uma conta os autores já mencionados no início do capítulo IV, com destaque para as obras de Diogo Vivas e José Carlos Oliveira.

---

<sup>186</sup> Centro de Documentação Joaquim da Silva Correia e Natália Correia Guedes In *Câmara Municipal de Salvaterra de Magos*. [Em linha]. [Consult. 20 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: <http://www.cm-salvaterrademagos.pt/informacoes/noticias/item/2803-centro-de-documentacao-joaquim-da-silva-correia-e-natalia-correia-guedes>.

## **Conclusão**

O presente trabalho de projecto foi-se formulando com o intuito de relacionar as metodologias dos estudos patrimoniais com as das Ciências da Informação, tendo como objectivo uma primeira abordagem às hipóteses de estudo, valorização e tratamento do espólio de Fernando da Silva Correia.

Através do trabalho exploratório que ajudou a definir o objecto de estudo e os seus possíveis produtores, foram solucionadas algumas questões iniciais: quem produziu o sistema de informação retirado do espólio mencionado; quais foram os seus lugares de custódia e de que forma a sua acção transformou o sistema em estudo e ainda, como se deve processar o tratamento deste sistema, adoptando o modelo sistémico e aproximando-o da realidade tão específica que são os arquivos familiares e pessoais.

Este trabalho foi acompanhado por uma análise das metodologias seguidas nas áreas já mencionadas, definindo-se, em especial, a incorporação das abordagens de Armando Malheiro da Silva para os sistemas de informação familiares e pessoais e da Arquivística Histórica para concepção do sistema enquanto objecto de estudo, sobre o qual deve ser produzido um conhecimento integral, valorizando o estudo da sua história custodial.

O espólio de Fernando da Silva Correia passou então a sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia, de forma a facilitar a identificação deste objecto. Este sistema foi produzido, reunido e relectado entre as décadas 1850 e 1970 por vários elementos da família Correia, destacando-se como principal produtor Fernando da Silva Correia. Após o seu falecimento, os seus descendentes tiveram alguma dificuldade em lidar com o extenso núcleo documental legado, daí que, procurando também a sua valorização, o que tenham depositado e depois doado ao Património Histórico – Grupo de Estudos. Esta associação tem sido, até à actualidade a principal promotora do tratamento e da divulgação deste sistema, tendo-se enquadrado a história custodial do sistema nas próprias vicissitudes deste novo lugar de custódia.

Este trabalho de projecto desvendou novos aspectos desta história custodial e lançou novos projectos de tratamento e valorização deste património, assumindo-se como um momento preliminar de um conjunto lato de tarefas a desenvolver no futuro

para que se consiga obter um sólido tratamento deste sistema, mas também um conhecimento do que o compõe, dos seus produtores e dos contextos da sua produção.

De uma forma geral, considera-se que os problemas colocados durante o desenvolvimento deste trabalho foram substancialmente solucionados. Tal não implica que as soluções aqui encontradas ou constituídas, não possam sofrer adaptações, no caso da proposta de quadro orgânico-funcional, ou mesmo novos elementos, por exemplo que permitam ter uma diferente percepção do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia. Esta possibilidade de evolução do conhecimento é especialmente reconhecida entre o estudo dos arquivos familiares e pessoais, uma realidade complexa que precisa de ser entendida e que pode sofrer uma alteração estrutural com a descoberta de um pequeno dado ou de um documento imperceptível até então.



## Referências bibliográficas

### 1. Fontes

#### 1.1 Fontes manuscritas

*Boletim individual de Fernando Correia da Silva do Corpo Expedicionário Português:*

PT-AHM-DIV-1-35A-09-2930.

PT/PH - CR/FSC 481.

PT/PH - CR/FSC 1841.

PT/PH - CR/FSC 2037.

PT/PH - CR/FSC 3677.

PT/PH - CR/FSC 4134.

PT/PH - CR/FSC C2717.

PT/PH - CR/FSC C2819.

PT/PH - CR/FSC C3518.

AHMCR, Livro nº 33 das Actas da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

#### 1.2 Fontes impressas

“A comemoração do 4.º centenário da morte da Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (18 de Novembro de 1925), p. 8.

“Aguas Santas”. *Gazeta das Caldas* (10 de Julho de 1942), s. p.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1911-1912. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/22949>.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1912-1913. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22970>

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1913-1914. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22936>.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1914-1915. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22991>.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1915-1916. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22991>.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1916-1917. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/23013>.

*Annuário da Universidade de Coimbra*. 1917-1918. [Em linha.] Coimbra: Imprensa da Universidade. [Consult. 25 de Maio de 2018.] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/22983>.

“Assistencia pública. A comissão incumbida de estudar a reforma dos respectivos serviços teve ontem a sua primeira reunião”. *Diário de Notícias* (14 de Abril de 1932), s. p.

CARDOSO, Leonel Parma – “Misericórdia das Caldas dívida de gratidão” - *Misericórdia das Caldas. Terras da Nossa Terra*, pp. 43 e 45.

CARVALHO, Augusto Silva de – *Memórias das Caldas da Rainha (1484-1884)*. Fac-símile de 1932. Leiria: Textiverso, 2012.

CARVALHO, Augusto - “Uma instituição filantrópica. A «Gazeta» entrevistou o ilustre presidente do Lactário-Crèche”. *Gazeta das Caldas* (27 de Maio de 1933), p. 2.

“Casas de Bem-Fazer. O Lactário Rainha D. Leonor continua a cumprir a sua missão”. *Gazeta das Caldas* (19 de Outubro de 1930), p. 5.

“Casas de beneficência. O que tem feito o Lactario-Crèche durante os 5 anos da sua existencia. Palavras lidas por um membro da Direcção do Lactaria-Crèche Rainha D. Leonor, na sessão cinematográfica efectuada em 17 de Novembro, no Teatro Pinheiro Chahas [sic], em benefício desta casa de protecção á infancia”. *Gazeta das Caldas* (30 de Novembro de 1939), p. 2.

“«Casa de Repouso» nas Caldas da Rainha”. *Diário de Notícias* (9 de Setembro de 1931), s. p. PT/PH - CR/FSC 4475.

“Centenário de Fernando da Silva Correia”. *Gazeta das Caldas* (21 de Maio de 1993), s. p.

COMISSÃO DE INICIATIVA DAS CALDAS DA RAINHA – *V Exposição das Caldas. Agrícola, Pecuária, Industrial e de Automóveis. Catálogo Oficial*. Caldas da Rainha: Tipografia Caldense, 1927. PT/PH - CR/FSC 3585.

- COMISSÃO EXECUTIVA DOS CENTENÁRIOS – *Congresso do Mundo Português. Publicações*. II Volume. Lisboa: Secção de Congressos e Bertrand, 1940.
- *Congresso do Mundo Português. Publicações*. XIII Volume, Tomo II. Lisboa: Secção de Congressos e Bertrand, 1940.
- Conferência realizada na Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária a 3 de Abril de 1952. In CORREIA, Fernando da Silva – “No Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. Separata de *O Médico* (1952). PT/PH - CR/FSC 3115.
- CORREIA, Fernando da Silva – “1858-1958. No Centenário de Ricardo Jorge. Ricardo Jorge julgado pelos seus contemporâneos”. Separata do *Boletim da Assistência Social*, nº 135 e 138 (Janeiro a Junho, 1959).
- “A Lição da História – Evolução geral do Instituto Superior de Higiene” In *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge*. Ano 1 (1946), pp. 40-47.
- “Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. Separata da *Imprensa Médica* (1952). PT/PH - CR/FSC 2993.
- “Exame de consciência”. Separata da *Semana Médica*, nº 92 (29 de Janeiro de 1961). PT/PH - CR/FSC 45.
- “Ricardo Jorge na hierarquia dos físicos-mores, médicos municipais e sanitaristas portugueses.” Separata do *Boletim dos Serviços de Saúde Pública*, vol. V, nº 3 (Abril-Junho, 1958).
- “O 9 de Abril. Após a Guerra”. *Gazeta das Caldas* (9 de Abril de 1926), p. 5.
- “O Centenário do nascimento d’um grande amigo das Caldas”, 6 de Fevereiro de 1958. PT/PH - CR/FSC 1844.
- “O Centenário dum «rapaz» de há 75 anos.” *Rua Larga*. Revista dos antigos estudantes de Coimbra (1958). PT/PH - CR/FSC 1840.
- *Origens e formação das misericórdias portuguesas*. Lisboa: Henrique Torres, Junho de 1944.
- *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte, Junho de 1999.
- *Profilaxia das febres tifóides e paratifóides A e B pela vacinação*. [Em linha]. 1919. ALMAMATER. Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra. [Cons. 8 de Novembro de 2017]. Disponível em: <https://almamater.sib.uc.pt/pt-pt/node/87970>.

- “Quem fundou o Lactário Creche Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (15 de Maio de 1964), s. p. PT/PH - CR/FSC 2519.
- “Tratamento pelas aguas das Caldas nos atacados por gases asfixiantes durante a guerra”. *O Círculo das Caldas* (25 de Junho de 1919), s. p. PT/PH - CR/FSC 475.
- *Vida errada: o romance de Coimbra*. 2ª edição. Coimbra: Coimbra Editora, 1960.
- Curriculum Vitae* de Fernando da Silva Correia”, PT/PH - CR/FSC 872 e 4464.
- DIAS, José Lopes – “Introdução” In Oliveira, Arnaldo Henriques (Dir.) – *Resenha Bibliográfica da Importante e Valiosa Biblioteca Formada pelo Ilustre Médico e Higienista Dr. Fernando da Silva Correia*. Porto: Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria, 1969, s. p.
- “Direcção do Lactario-Creche”. *Gazeta das Caldas* (18 de Novembro de 1925), p. 8.
- “Dr. Fernando Correia”. *O Círculo das Caldas*, Ano 24, nº 925 (26 de Julho de 1917), p. 1.
- “Em prol da infancia. O Lactario-Créche Rainha D. Leonor completou em 18 do corrente dois anos de existencia”. *Gazeta das Caldas* (20 de Novembro de 1927), p. 3.
- FORSADO, RUI – “Duas obras de bemfazer. Sôbre o edificio da Misericórdia. O Lactário-Créche Rainha D. Leonor.” *Álbum das Caldas*, s. d., s. p.
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – *A Rainha D. Leonor. Exposição no Mosteiro da Madre de Deus*. Lisboa: Neogravura, Dezembro de 1958
- GAZETA DAS CALDAS - *Caldas da Rainha (Roteiro-Guia)*. Caldas da Rainha: Tipografia Caldense, 1926.
- “Homenagem do Conselho Geral da Ordem dos Médicos ao sr. dr. Fernando Correia”. *Diário de Notícias* (19 de Janeiro de 1946), s. p. PT/PH - CR/FSC 4014.
- “Instituições de beneficência. O 3.º aniversário da Fundação do Lactário-Créche Rainha D. Leonor. Uma homenagem justa”. *Gazeta das Caldas* (25 de Novembro de 1928), p. 3.
- “Lactario-Créche Rainha D. Leonor”. *Gazeta das Caldas* (29 de Novembro de 1925), p. 8.
- “Lição proferida na abertura do XIII Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de saúde”, 11 de Junho de 1957. PT/PH - CR/FSC 979.
- Livro de actas da associação Património Histórico – Grupo de Estudos.

MARTINS, Luís Augusto Ferreira (Dir.) – *Portugal na Grande Guerra*. Volume 2. Lisboa: Ática, 1938.

“Misericórdia das Caldas. O lançamento da primeira pedra para um edifício proprio efectuou-se na segunda-feira”. *Gazeta das Caldas* (23 de Novembro de 1930), p. 5.

MOREIRA, Ernesto – *Recordando*. Caldas da Rainha: Edição do Montepio das Caldas da Rainha, s. d.

OLIVEIRA, Arnaldo Henriques (Dir.) – *Resenha bibliográfica da importante e valiosa biblioteca formada pelo ilustre médico e higienista Dr. Fernando da Silva Correia*. Porto: Oficinas Gráficas da Sociedade de Papelaria, 1969.

“O Verão nas Caldas. Realizaram-se 3 inaugurações no dia 15 de Maio”. *Gazeta das Caldas* (20 de Maio de 1928), p. 5.

“Para as crianças pobres. Realizou-se em 15 de Maio a inauguração solene do edifício da «Crèche»”. *Gazeta das Caldas* (19 de Maio de 1935), p. 7.

“Pela infancia desvalida. Passou em 18 do corrente o quarto aniversario do Lactário-Crèche”. *Gazeta das Caldas* (24 de Novembro de 1929), p. 8.

“Protegendo os pobres. Como foi possível a instalação da Albergaria da Misericórdia”. *Gazeta das Caldas* (13 de Janeiro de 1929), p. 3.

PT/PH - CR/FSC 42.

PT/PH - CR/FSC 275.

PT/PH - CR/FSC 872.

PT/PH - CR/FSC 974.

PT/PH - CR/FSC 979.

PT/PH - CR/FSC 1661.

PT/PH - CR/FSC 1840.

PT/PH - CR/FSC 1965.

PT/PH - CR/FSC 3293.

PT/PH - CR/FSC 4125.

PT/PH - CR/FSC 4128.

PT/PH - CR/FSC 4130.

PT/PH - CR/FSC 4133.

PT/PH - CR/FSC 4954.

PT/PH - CR/FSC C597.

PT/PH - CR/FSC C1859.

PT/PH - CR/FSC C3370.

RIBEIRÉTE, Aurora Baptista – “Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha. Relatório da Visitadora.” Separata de *Relatório Geral* (1937).

– “Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha. Relatório da Visitadora (1938)”. Separata da *Imprensa Médica*, ano VI. Nº 6 (1940).

## **2. Bibliografia**

### **2.1 Obras de referência**

CORREIA, Fernando da Silva – *Pergaminhos das Caldas*. 1ª edição. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, Julho de 1995.

CUSTÓDIO, Jorge (Coord.) – *100 Anos de património. Memória e identidade*. 2ª edição. Lisboa: Igespar, Novembro de 2011.

ESPERANÇA, Eduardo Jorge – *Património e comunicação – políticas e práticas culturais*. Lisboa: Veja, 1997.

RODRIGUES, Luís Nuno; TAVARES, Mário e SERRA, João B. – *Terra de Águas. Caldas da Rainha, História e Cultura*. 1ª edição. Rio Maior: Grafiartes, 1993.

ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012.

ROSA, Maria de Lurdes (Coord.) – *D. Álvaro da Costa e sua descendência, séculos XV-XVII: poder, arte e devoção*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais; CHAM – Centro de História de Além-Mar. Caminhos Romanos, 2013.

ROSA, Maria de Lurdes e NÓVOA, Rita Sampaio da (Coord.) – *Arquivos de Família: Memórias Habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. [Em linha]. Lisboa: IEM, Coleção Instrumentos de Trabalho 1, 2014. [Consult. 7 de Outubro de 2018]. Disponível na internet: [http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos\\_guia/assets/basic-html/page-2.html](http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos_guia/assets/basic-html/page-2.html).

ROSSA, Walter e RIBEIRO, Margarida Calafate (Org.) – *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. [Em linha]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. [Consult. 19 de Janeiro de 2017]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/37429>.

- ROUSSEAU, Jean-Yves e COUTURE, Carol - *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda; RAMOS, Júlio e REAL, Manuel Luís – *Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação*. Volume 1. Porto: Edições Afrontamento, Junho de 1999.
- SILVA, Armando Malheiro da e RIBEIRO, Fernanda – *Das “ciências” documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- VARINE, Hugues de – *As Raízes do Futuro. O património a serviço do desenvolvimento local*. Tradução brasileira de Maria de Lurdes Parreiras Horta. Medianiz, s.d.

## **2.2 Estudos**

- AA.VV. – *Francisco Elias. Exposição de Miniaturas de Francisco Elias. Catálogo*. S. l.: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Museu da Cerâmica e Comissão Executiva das Comemorações do cinquentenário da morte de Francisco Elias, 1987.
- AA.VV. – *Família Elias. Ceramistas e Miniaturistas*. S. l.: CMYKzero, s. d.
- AFONSO, Octávio – *Arquivo fotográfico da CP. A CP em imagem, setembro – dezembro de 200, estudo descritivo sobre a descrição e preservação de fotografias da CP*. [Em linha]. Relatório de Estágio, Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação. FCSH-UNL, Janeiro 2013. [Consult. 5 de Fevereiro de 2018]. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/9098>.
- ÁGOAS, Frederico – “Narrativas em perspectiva sobre a história da sociologia em Portugal”. [Em linha]. *Análise Social*, 206, XLVIII (2013), pp. 221-256. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_206\\_f03.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_206_f03.pdf), pp. 222-223.
- *Saber e poder. Estado e investigação social agrária nos primórdios da sociologia em Portugal*. [Em linha]. Dissertação de Doutoramento em Sociologia, FCSH-NOVA, Julho de 2010. [Consult. 29 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/5815>.



- AMARAL, Isabel – “A Geração de 1911” In VELOSO, A. J. Barros (Coord.) – *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. 1ª edição. Lisboa: By the Book, 2017, pp. 157-172.
- ALBERTO, Edite – *Um negócio piedoso: o resgate de cativos em Portugal na Época Moderna*. [Em linha]. Tese de Doutoramento em História. Universidade do Minho, Setembro de 2010. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13440>.
- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – “As epidemias nas notícias em Portugal: cólera, peste, tifo, gripe e varíola, 1854-1918.” *História, Ciências, Saúde – Mangunhos*, col. 21, núm. 2. [Em linha]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Abril-Junho de 2014, pp. 687-708. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702014000200687&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702014000200687&script=sci_abstract&tlng=pt).
- *Correia, Fernando da Silva*. [Em linha]. CIUHCT. [Cons. 16 de Setembro de 2017]. Disponível em: <http://ciuhct.org/pt/correia-fernando-da-silva>.
- *Fernando da Silva Correia*. [Em linha]. ResearchGate. [Cons. 6 de Novembro de 2017]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277195649\\_Fernando\\_da\\_Silva\\_Correia](https://www.researchgate.net/publication/277195649_Fernando_da_Silva_Correia).
- ALVAREZ, José Carlos – “Rumo a África. Contribuição para o estudo da presença das companhias de teatro e dos actores portugueses em África (1900-1974)” [Em linha]. *Teatro*, nº 19, s. d., pp. 63-79. [Consult. 3 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/revistas-e-periodicos/revista-camoes/revista-no19-teatro/1513-1513/file.html>.
- ALVES, Jorge Fernandes – “Ricardo Jorge e a Saúde Pública. Um «Apostolado Sanitário»” [Em linha]. *Arquivos de Medicina* 22 (2008), pp. 85-90. [Consult. 19 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/am/v22n2-3/22n2-3a08.pdf>.
- ALVES, Manuel Valente – *História da Medicina em Portugal. Origens, ligações e contextos*. Porto: Porto Editora, 2014.
- ANDRADE, Adriano Guerra – *Dicionário de pseudónimos e iniciais de escritores portugueses*. [Em linha]. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1999. [Consult. 7 de Setembro de 2018]. Disponível na internet:

[https://books.google.pt/books?id=8u4hGRIHT8cC&dq=velho+galeno&hl=pt-PT&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.pt/books?id=8u4hGRIHT8cC&dq=velho+galeno&hl=pt-PT&source=gbs_navlinks_s).

ARAÚJO, Renata – “Influência, origem, matriz” In ROSSA, Walter e RIBEIRO, Margarida Calafate (Org.) – *Patrimónios de Influência Portuguesa: modos de olhar*. [Em linha]. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 47-63. [Consult. 19 de Janeiro de 2017]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/37429>.

AZEVEDO, Ricardo Charters d’ – “Histórias de um arquivo”. [Em linha]. *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2016), pp. 466-477. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-3o-congresso-internacional>.

BAIGET, Tomás – “Reseñas. Archivos y cultura: manual de dinamización”. In *El profesional de la información*, vol. 10, nº 9. [Em linha]. Setembro 2001. [Consult. 18 de Maio de 2018]. Disponível na internet: [https://www.researchgate.net/publication/28157489\\_Archivos\\_y\\_cultura\\_Manual\\_de\\_dinamizacion](https://www.researchgate.net/publication/28157489_Archivos_y_cultura_Manual_de_dinamizacion).

BALLESTER, M.<sup>a</sup> José Casaus (Ed.) – *El Condado de Aranda y la nobleza española en el Antiguo Régimen*. [Em linha]. Colección Actas Historia. Zaragoza: Institución «Fernando el católico» (C.S.I.C.), 2009. [Consult. 16 de Junho de 2018]. Disponível na internet: [https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/67/\\_ebook.pdf](https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/67/_ebook.pdf).

BARRADAS, José - “Registo de Joaquim Joaquim Manuel CORREIA sobre a Bismula” [Em linha]. *Bismula. Histórias, Crónicas e Imagens da Bismula – Sabugal*, 22 de Setembro de 2013. [Consult. 29 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <http://bismula.wordpress.com/2013/09/22/registo-de-joaquim-manuel-correia-sobre-a-bismula/>.

BARRAL, Ángel Arcay – “Debates e clasificación sobre os arquivos familiares: o arquivo dos Malvar”. [Em linha]. *Actas do 4º Congresso Casa Nobre* (Novembro de 2017), pp. 623-639. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-4o-congresso-internacional-book-of-the-4th-international-congress>.

BELL, Victoria – “Medicamentos e vida privada na primeira metade do século XX: o combate às infecções antes e depois da penicilina”. [Em linha]. *Revista Portuguesa*

- de *História* (2016), pp. 359-379. [Consult. 5 de Novembro de 2017]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10316.2/40696>.
- BELLO, Carmen Urgellès e BORRELL, Àngels Crehuet – *El patrimoni bibliogràfic y documental. Claves para su conservación preventiva*. Espanha: Ediciones Trea, S. l., 2002.
- BERNARDINO, Mayara Cristina e GRACIOSO, Luciana de Souza – “Patrimônio, fazendas históricas e organização do conhecimento: indicações gerais para a construção de linguagens de representação da informação”. [Em linha]. *Actas do 4º Congresso Casa Nobre* (Novembro de 2017), pp. 670-684. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-4o-congresso-internacional-book-of-the-4th-international-congress>.
- BOAS, Maria José Falcão Trigoso da Cunha Villas e CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte “O Arquivo Saldanha Albuquerque e Castro Ribafria e Lima e Mello Falcão Trigoso no espaço e no tempo” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 127-130.
- BONNÍN SALAMANCA, Francesc – “Accesibilitat i difusió web per al fons fotogràfic i documental del geòleg Bartomeu Darder i Pericàs (Palma, 1894 - Tarragona, 1944)”. [Em linha]. *Girona 2014. Archivos e Industrias Culturales*. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.girona.cat/web/ica2014/ponents/textos/id38.pdf>.
- BORJA DE AGUINAGALDE, Francisco – “Archivos de família, archivos domésticos. Retos y oportunidades en un entorno de cambios.” [Em linha]. *Actas do 4.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2017), pp. 590-603. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-4o-congresso-internacional-book-of-the-4th-international-congress>.
- “El archivo de la Casa de Zavala” In *Cuadernos de historia-geografia*. [Em linha]. Vasconia. N° 6 (1985), pp. 199-311. [Consult. 15 de Maio de 2018]. Disponível na internet: <http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/vasconia/vas06/06199311.pdf>
- BUSHEY, Jessica - *International Council on Archives (ICA) “Access to Memory” (AtoM): Open-source software for archival description*. [Em linha]. [Consult. 25 de

- Julho de 2018]. Disponível na internet: [https://www.ica-atom.org/download/ICA-AtoM\\_JBushey.pdf](https://www.ica-atom.org/download/ICA-AtoM_JBushey.pdf).
- CABRAL, Maria Luísa Rosendo – *Património bibliográfico e bibliotecas na construção da identidade colectiva. Entre um conceito e o seu desenvolvimento, 1750-1800*. [Em linha]. Tese de Doutoramento em História Moderna. Volume 1. Agosto, 2013. [Consult. 18 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/11407>.
- CALAFATE, Pedro (Dir.) – *História do Pensamento Filosófico Português. O Século XX*. Volume V, tomo 2. Lisboa: Editorial Caminho, Abril de 2000.
- CÂNDIDO, Paula – *Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia*. S. l., s. d.
- CÂNDIDO, Paula – *Arquivo Pessoal Doutor Fernando da Silva Correia – Inventário Preliminar*. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, 1994.
- CANINAS, João Carlos - “Associativismo e defesa do património (1980-2010)” In CUSTÓDIO, Jorge (Coord.) – *100 Anos de património. Memória e identidade*. 2ª edição. Lisboa: Igespar, Novembro de 2011, pp. 281-293.
- COSTA, Rui Pinto – *Luta contra o cancro e oncologia em Portugal: Estruturação e normalização de uma área científica (1839-1974)*. [Em linha]. Porto: CITCEM, FLUP e Edições Afrontamento, Lda, Março de 2012. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id024id1411&sum=sim>.
- COSTA, Rui “Sob o olhar da construção da memória. Ricardo Jorge na tribuna da História”. [Em linha]. *Varia* (2014) [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <https://eg.uc.pt/handle/10316/46442>.
- COOK, Terry - “Ghosts in the family: Historians, Archivists, and the Documentary Past”, In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 33-43.
- “CORREIA, Maximino José de Moraes (1893-1969)” In *Universidade de Coimbra*. [Em linha]. [Consult. 25 de Maio de 2018]. Disponível na internet: [https://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/autores/CORREIAMaximinojosedemoais](https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CORREIAMaximinojosedemoais).
- CORREIA, Miguel Brito – “A salvaguarda do património é um fenómeno internacional.” *P&C*, nº 59 (Julho a Dezembro de 2015), pp. 42-43.

- COUTO, Matilde Thomaz do – *O Museu José Malhoa. As Caldas e a República*. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação e Museu José Malhoa, 2010.
- CRUZ, Ana Margarida da Costa – “O Arquivo da Família Espírito Santo Silva observado na perspectiva das funções arquivísticas: organização, descrição e difusão” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 733-742.
- DELICADO, Ana – *A musealização da ciência em Portugal*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.
- Directores-Gerais de Saúde* [Em linha]. Lisboa: Direcção-Geral de Saúde. [Consult. a 19 de Junho de 2018]. Disponível em: <https://www.dgs.pt/institucional/notas-historicas.aspx>.
- DUARTE, Miguel Serieiro – *Uma vila que gravita em redor de uma Instituição Assistencial. A recuperação do património urbanístico do Hospital das Caldas até 1533*. [Em linha]. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta. Lisboa, Janeiro de 2008. [Consult. 25 de Junho de 2017]. Disponível na internet: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/695>.
- ECO, Umberto – *A biblioteca*. Viseu: Difel, 1987.
- *Como se faz uma tese em ciências humanas*. 6.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Editorial Presença, 1995.
- EDMONSON, Ray e UNESCO – *Memória do Mundo: Diretrizes para a Salvaguarda do Património documental*, 2002. [Consult. 21 de Maio de 2017.] Disponível na internet: <http://www.unesco.org.uy/ci/fileadmin/comunicacion-informacion/mdm.pdf>.
- ESLAVA OCHOA, Esther – “Archivo de la Familia Ponce de León (marquesado del Castillo del Valle de Sidueña)” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 703-710.
- FARELO, Mário – “Os morgadios dos Nogueiras: entre a estratégia de poder e a lógica documental” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 185-203.

- FENOGLIO, Norma Catalina “Evaluacion/Patrimonio documental: una relacione necessária” [Em linha]. *Girona 2014. Archivos e Industrias Culturales*. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.girona.cat/web/ica2014/ponents/textos/id17.pdf>.
- FERNÁNDEZ GRANADOS, Lucía - “Organización de archivos personales de científicos: el caso del F-LTQ” [Em Linha]. *Jornadas Archivando: valor, sociedad y archivos* (5 e 6 de Novembro de 2015). [Consult. 10 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [https://archivosierrapambley.files.wordpress.com/2015/12/lucc3ada-fernc3a1ndez-granados\\_master\\_archivando\\_2015.pdf](https://archivosierrapambley.files.wordpress.com/2015/12/lucc3ada-fernc3a1ndez-granados_master_archivando_2015.pdf)
- FERNANDES, Paula (Coord.) – *Actas das II Jornadas de Estudo sobre as Misericórdias*. [Em linha]. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 2009. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <https://www.cm-penafiel.pt/wp-content/uploads/2016/10/ActasdasIIJornadasdeEstudosobreasMisericrdias.pdf>.
- FERNANDES, Sofia – “Proteger o seu arquivo de família, através de contractos de depósito” In ROSA, Maria de Lurdes e NÓVOA, Rita Sampaio da (Coord.) – *Arquivos de Família: Memórias Habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. [Em linha]. Lisboa: IEM, Colecção Instrumentos de Trabalho 1, 2014, pp. 77-93. [Consult. 7 de Outubro de 2018]. Disponível na internet: [http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos\\_guia/assets/basic-html/page-2.html](http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos_guia/assets/basic-html/page-2.html).
- FOLGADO, Deolinda – “Património inclusivo. Das expectativas aos desafios” In CUSTÓDIO, Jorge (Coord.) – *100 Anos de património. Memória e identidade*. 2ª edição. Lisboa: Igespar, Novembro de 2011, pp. 323-335.
- GALVÃO-TELLES, João Bernardo – “O Arquivo da Casa de São Paio: história e memória de uma família aristocrática” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 281-305.
- GARCIA, Elisa e AMENDOEIRA, José – “O Curso de Visitadoras Sanitárias em Portugal 1929-1952”. *Pensar Enfermagem*. [Em linha]. Vol. 18, nº 1. 1º Semestre de 2014, pp. 77-85, p. 84. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://pensarenfermagem.esel.pt/files/Artigo7\\_77\\_85.pdf](http://pensarenfermagem.esel.pt/files/Artigo7_77_85.pdf).



- GARNEL, Rita – “Dos médicos, da medicina e da doença na I República (1910-1920)”  
In VELOSO, A. J. Barros (Coord.) – *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa: By the Book, 2017, pp. 142-156.
- GEARY, Patrick J. – *O mito das nações. A invenção do nacionalismo*. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Gradiva, Setembro de 2008.
- “Girona 2014: 1 congresso, 3 acontecimientos” In *Girona 2014. Archivos e Industrias Culturales*. [Em linha]. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://www.girona.cat/web/ica2014/esp/presentacio\\_ica2014.php](http://www.girona.cat/web/ica2014/esp/presentacio_ica2014.php).
- GODINHO, Vitorino Magalhães – *Problematizar a sociedade*. Lisboa: Quetzal Editores, 2011.
- GOMES, Saúl António - “Caldas da Rainha, das origens ao século XVIII. Problemas sobre história local e história global” In PATRIMÓNIO HISTÓRICO – GRUPO DE ESTUDOS –IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 1991): *Comunicações*. 1.<sup>a</sup> edição. Caldas da Rainha: Gráfica da Ponte, Março de 1995, pp. 37-98.
- GONÇALVES, Eveline Figueiras – *A Fotoautobiografia como espaço de recordação: fragmentos em álbuns de memória sobre a Universidade Federal da Paraíba no Arquivo Afonso Pereira*. [Em linha]. Universidade Federal da Paraíba, 2016. [Consult. 24 de Maio de 2018]. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8846>.
- GONÇALVES, Manuel Silva; GUIMARÃES, Paulo Mesquita e PEIXOTO, Pedro Abreu – *Arquivos de Família. Organização e Descrição*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Vila Real, 1996.
- GRAÇA, Almerinda Meireles – *O arquivo de Luísa Ducla Soares: uma construção de letras*. [Em Linha]. Dissertação de mestrado em Arquivística, FCSH/UNL, Março de 2011, p. 3. [Consult. 17 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/7170/1/Graca%20AM%202011%20-%20O%20Arquivo%20de%20Luisa%20Ducla%20Soares\\_v3.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/7170/1/Graca%20AM%202011%20-%20O%20Arquivo%20de%20Luisa%20Ducla%20Soares_v3.pdf).
- GUEDES, Gracinda Maria Ferreira – “Fundos pessoais e familiares do Arquivo da Universidade de Coimbra: ponto de partida para questões e reflexões”. [Em linha]. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Vol. 30 (2017), pp. 516-544.



- [Consult. 30 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: [https://impactum.uc.pt/pt-pt/artigo/fundos\\_pessoais\\_e\\_familiares\\_do\\_arquivo\\_da\\_universidade\\_de\\_coimbra\\_ponto\\_de\\_partida%C2%A0para](https://impactum.uc.pt/pt-pt/artigo/fundos_pessoais_e_familiares_do_arquivo_da_universidade_de_coimbra_ponto_de_partida%C2%A0para).
- “Guia de hotéis – Casa dos Plátanos”. *Boa Cama. Boa Mesa – Expresso*. [Em linha]. S. d. [Consult. 20 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: <http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/guia/casa-dos-platanos>.
- HALL, Stuart *et al* – *Modernity na introduction to Modern Societies*. [Em linha]. Blackwell Publishers. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <https://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Hall-Identity-Modernity-1.pdf>.
- HALL, Stuart e GAY, Paul du – *Questions of Cultural Identity*. [Em linha]. Londres: SAGE Publications Ltd., 2003. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.456.9523&rep=rep1&type=pdf>.
- HARRISON, Rodney – *Heritage. Critical Approaches*. USA: Routledge, 2013.
- HENRIQUES, Luís e ROSA, Maria de Lurdes – “O Arquivo da Casa da Lapa (1804-1832) e os seus inventários: gestão dos bens e memória dos antepassados”. [Em linha]. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXIX (2016), pp. 89-132. [Consult. 17 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: [http://dx.doi.org/10.14195/2182-7974\\_29\\_2](http://dx.doi.org/10.14195/2182-7974_29_2).
- HEYMANN, Luciana Quillet – “Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller.” [Em linha]. *Revista de Estudos Históricos*, v. 10, nº 19 (1997), pp. 41-66. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2041/1180>.
- ICA – ISSAR (CPF). *Norma internacional para os registos de autoridade arquivística relativos a instituições, pessoas singulares e famílias*. [Em linha]. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo e BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 1998. [Consult. 8 de Março de 2018]. Disponível na internet: <http://arquivos.dglab.gov.pt/servicos/documentos-tecnicos-e-normativos/descricao/>.
- IRALA HORTAL, Pilar – “Patrimonio fotográfico y nuevas tecnologías: el archivo de jalón Ángel y la realidade aumentada” [Em linha]. *Girona 2014. Archivos e*

- Industrias Culturales*. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.girona.cat/web/ica2014/ponents/textos/id12.pdf>.
- IRANZO MUÑO, Maria Teresa – “Arqueologia del archivo: inventários de los condes de Aranda” In BALLESTER, M.<sup>a</sup> José Casaus (Ed.) – *El Condado de Aranda y la nobleza española en el Antiguo Régimen*. [Em linha]. Colección Actas Historia. Zaragoza: Institución «Fernando el católico» (C.S.I.C), 2009, p. 86. [Consult. 16 de Junho de 2018]. Disponível na internet: [https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/67/\\_ebook.pdf](https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/29/67/_ebook.pdf).
- ISAD(G). *Norma geral internacional de descrição arquivística*. [Em linha]. Lisboa: Ministério da Cultura e Instituto dos Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo, 2002. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <http://arquivos.dglab.gov.pt/servicos/documentos-tecnicos-e-normativos/descricao/>.
- JÚDICE, Assunção e BORGES, Leonor Calvão – “Arquivo da Quinta das Lágrimas: estratégias familiares e patrimoniais e seus reflexos na organização, descrição e conservação documental. [Em linha] *Actas do 4.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2017), pp. 649-669.
- LACERDA, Silvestre “Prefácio. O soldado Prático e o «Marechal» Afonso. Os arquivos resultam da actividade humana...” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 11-13.
- LAFUENTE URIÉN, Aránzazu – “Los archivos nobiliarios en España: el Archivo de la Nobleza” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 663-685).
- LAGE, Maria Otília Pereira – *Abordar o Património Documental: Territórios, práticas e desafios*. [Em linha]. Cadernos neps, Universidade do Minho, 2002. [Consult. 8 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/792>.
- Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*. [Em linha]. DIRECÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. [Cons. 25 de Setembro de 2017]. Disponível em: <https://dre.pt/application/dir/pdf1s/2001/09/209A00/58085829.pdf>.

- LEITÃO, Henrique – “Apresentação” In VELOSO, A. J. Barros (Coord.) – *Médicos e Sociedade. Para uma História da Medicina em Portugal no século XX*. 1.<sup>a</sup> edição. Lisboa: By the Book, 2017, pp. 6-15.
- LE GOFF, Jacques – “Memória”. In *História/memória. Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-50.
- LEME, Margarida – “O Arquivo Costa no Arquivo Óbidos-Palma-Sabugal” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 479-490.
- LIMA, Luís Fernando Horta – *Estratégias de classificação dos arquivos familiares e pessoais contemporâneos: o exemplo do arquivo da família Benito Maçãs*. [Em linha]. Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação. Outubro, 2015. [Consult. 17 de Outubro de 2016]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/17163>.
- LOPES, Filipa – “Dar voz aos proprietários”: *Da memória familiar à relação o seu arquivo de família*. Lisboa, Junho de 2017.
- MARQUES, Carla Sofia Fernandes – “Coleção de cartas recebidas pelo Doutor Joaquim de Carvalho: catálogo.” [Em linha]. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXVI (2012), pp. 81-107. [Consult. 16 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/node/83748>.
- MARQUES, Patrícia Cardoso – *O Arquivo Castro/Nova Goa: construção de catálogo. A aplicação do Modelo Sistémico*. [Em linha]. Dissertação em Ciências da Informação e da Documentação – Arquivística. FCSH-UNL, Outubro, 2013. [Consult. 17 de Dezembro de 2017]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/12225>.
- MARTINS, Guilherme d’Oliveira – “Património como valor humano” In CUSTÓDIO, Jorge (Coord.) – *100 Anos de património. Memória e identidade*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Igespar, Novembro de 2011, pp. 337-340.
- MARTINS, Lúcia de Azevedo; SILVA, Ana Cristina de Santana e FERREIRA, Teresa Duarte – “O Arquivo Pombal no âmbito dos arquivos de família da Biblioteca Nacional de Portugal: modelo arquivístico para o conhecimento de uma grande Casa nobiliárquica” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 523-533.

- MATTOSO, José – Breves reflexões sobre o individual e o colectivo em História. In *A Escrita da História: teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, p. 57-64.
- “O arquivo e a construção social do passado” [Em linha]. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, nº 2 (1988), pp. 121-132. [Consult. a 16 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/5375>.
- MCGARRY, K. J. – *Da documentação à informação: um contexto em evolução*. Lisboa: Editorial Presença, 1984.
- MEDEIROS, Enderson – “A Patrimonialização e o Arquivo enquanto património: um olhar antropológico”. [Em linha]. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 25, nº 1 (Jan/jun. 2011), pp. 35-45. [Consult. 16 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1619/A%20PATRIMONIALIZA%C3%87%C3%83O%20E%20O%20ARQUIVO%20ENQUANTO%20PATRIM%C3%94NIO%20UM%20OLHAR%20ANTROPOL%C3%93GICO.pdf?sequence=1>
- MENDES, José Amado – “A biografia na história” In *PATRIMÓNIO HISTÓRICO – GRUPO DE ESTUDOS – IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 1991): Comunicações*. 1.<sup>a</sup> edição. Caldas da Rainha: Gráfica da Ponte, Março de 1995, pp. 9-19.
- MENESES, Ana Sandra – “O arquivo da casa do Avelar: estudo e protecção”. [Em linha]. *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2016), pp. 390-409. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-3o-congresso-internacional>.
- MIGUEL, José Pereira – *A Direcção-Geral de Saúde. Notas históricas*. [Em linha]. Lisboa, 2006. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/MuseuSaude/itenerarios/Paginas/DGSNotasHistoricas.aspx>.
- MOISÃO, Cristina – “1.<sup>a</sup> parte. Hospitais Medievais de Lisboa” histórias da história.” [Em linha]. *Revista Ordem dos Médicos*. Novembro de 2012, pp. 68-72. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Hospitais\\_Medievais\\_de\\_Lisboa.pdf](http://ordemdosmedicos.pt/wp-content/uploads/2017/09/Hospitais_Medievais_de_Lisboa.pdf).
- MOLINA NORTES, Juana - *La puesta en valor del patrimonio documental científico: los archivos de los centros de investigación y su difusión a través de internet*. [Em

- linha]. CSIC - Unidad de Recursos de Información Científica para la Investigación (URICI), 2002. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://digital.csic.es/handle/10261/74830>.
- MONTALBÁN JIMENÉZ, Juan A. – “Reseña” [Em linha]. *Anales de documentación*, nº 5 (2002), pp. 437-438. [Consult. 10 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: [https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/5994/1/AD5%20\(2002\)%20p%20437-443.pdf](https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/5994/1/AD5%20(2002)%20p%20437-443.pdf).
- MORAIS, J. A. – “Peste bubónica, gripe pneumónica, varíola, tifo epidémico e malária: surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX – II Parte”. [Em linha]. *Tuberculose extrapulmonar em pediatria: um desafio diagnóstico. Revista Portuguesa de Doenças Infecciosas* (Setembro-Dezembro, 2016), pp. 117-124. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://spdimc.org/wp/wp-content/uploads/2017/04/RPDI\\_12-3.pdf](http://spdimc.org/wp/wp-content/uploads/2017/04/RPDI_12-3.pdf).
- MORAIS, J. A. David de – “Surtos epidémicos ocorridos em Portugal na primeira metade do século XX: abordagem histórico-epidemiológica. II – Varíola.” [Em linha]. *Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna*, Vol 19 (Janeiro-Março, 2012), pp. 43-50. [Consult. 18 de Junho de 2018]. Disponível na internet: [https://www.spmi.pt/revista/vol19/vol19\\_n1\\_2012\\_43\\_50.pdf](https://www.spmi.pt/revista/vol19/vol19_n1_2012_43_50.pdf).
- MUNTANER I ALSINA, Carme – “Els Mià de Sitges (Barcelona, Catalunya): un ejemplo de pequeño archivo familiar en el seno de una comunidad rural” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 465-478.
- NARCISO, Luís – *Tratamento e divulgação do fundo da Junta de Turismo de Monte Real*. [Em linha]. Relatório de Estágio de Mestrado em Ciências da informação e da Documentação – Arquivo. FCSH-UNL, Outubro, 2012. [Consul. 12 de Fevereiro de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/10160>.
- NÓVOA, Rita Luís Sampaio da – *A casa de São Lázaro de Lisboa: contributos para uma história das atitudes face à doença (Séc. XIV e XV)*. [Em linha]. Dissertação de Mestrado em História Medieval. FCSH-UNL, Agosto de 2010. [Consult. a 5 de Fevereiro de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/4822>.

- NÓVOA, Rita Luís Sampaio da – “As atitudes face à doença no Portugal dos séculos XIV e XV: A lepra, os leprosos e as leprosarias.” [Em linha]. MIRANDA, Flávio e SEQUEIRA, Joana - *Incipit. Workshop de Estudos medievais da Universidade do Porto*. Faculdade de Letras. Biblioteca Digital (2012), pp. 77-88. [Consult. 5 de Agosto de 2017]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/13319>.
- NÓVOA, Rita Sampaio da – *O Arquivo Gama Lobo Salema e a produção, gestão e usos dos arquivos de família nobre nos séculos XV-XVI*. [Em linha]. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arquivística Histórica. Março de 2016. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/19004>.
- NÓVOA, Rita Sampaio da - “O Arquivo Gama Lobo Salema (Sécs. XV-XX): Temas e problemas entre a história e a arquivística”. [Em linha]. *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2016), pp. 354-369. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-3o-congresso-internacional>.
- NÚÑEZ CHÁVEZ, Jorge – “Los archivos, una alternativa de colaboración con las Industrias culturales y creativas”. [Em linha]. *Girona 2014. Archivos e Industrias Culturales*. [Consult. a 12 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.girona.cat/web/ica2014/ponents/textos/id111.pdf>.
- OLIVEIRA, José Carlos Brandão Tiago de – *A personalidade científica de António Gião*. [Em linha]. Dissertação em História e Filosofia da Ciência. Universidade de Évora, 2012. [Consult. 23 de Maio de 2018]. Disponível na internet: <http://vixra.org/pdf/1602.0155v1.pdf>.
- PAIVA, José Pedro (Coord.) – *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*. Vol. 1. [Em linha]. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2002, p. 12. [Consult. 20 de Março de 2018]. Disponível na internet: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/8630>.
- PATRIMÓNIO HISTÓRICO – GRUPO DE ESTUDOS – *IX Encontro de Professores de História (Caldas da Rainha, 15, 16 e 17 de Maio de 1991): Comunicações*. 1ª edição. Caldas da Rainha: Gráfica da Ponte, Março de 1995.



- P. C. – “Hospital Distrital das Caldas da rainha passou a chamar-se Hospital Dr. Fernando da Silva Correia”. *Jornal das Caldas* (10 de Junho de 1993), s. p.
- PEIXOTO, Pedro de Abreu – “A aplicação das ISAD(G) aos arquivos de família.” [Em linha]. *Páginas A&B: arquivos & bibliotecas*, 4 (1999), pp. 55-70. [Consult. 15 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: <http://revistas.ua.pt/index.php/paginasab/article/view/1176/1090>.
- “A Metodologia de tratamento dos arquivos de família no Arquivo Municipal de Vila Real” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 773-776.
- PEREIRA, João Pedro Martins – *O CAPI sobre uma perspectiva operacional e disciplinar durante a Grande Guerra*. [Em linha]. Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada. Lisboa, Julho de 2012. [Consult. 17 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/6864>.
- PEREIRA, Zélia Maria Cruz – *O universo dos arquivos pessoais em Portugal: identificação e valorização*. [Em linha]. Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Ciências da Informação e Documentação. 2 Volumes. Évora, 2018. [Consult. a 14 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23260?mode=full>.
- PESTANA, Olívia; RIBEIRO, Fernanda e SILVA, Armando Malheiro da – *Medicina e informação. Olhares luso-brasileiros*. Porto: Edições Afrontamento, 2014.
- PIMENTEL, Irene Flunser – “A assistência social e familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40”. [Em linha]. *Análise social*, vol. xxxiv, 151-152 (1999), pp. 477-508. [Consult. 31 de Agosto de 2018]. Disponível na internet: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799127Z7uLZ4su1Vg14KQ1.pdf>.
- PITA, João e PEREIRA, Ana – “Saúde e doença na Beira Interior na obra Portugal Sanitário (1937) Fernando da Silva Correia”. [Em linha]. *Medicina na Beira Interior da Pré-História ao Século XXI*. Cadernos de Cultura, nº 25 (Novembro de 2011), pp. 49-64. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos\\_medicina/vol25-caderno-cultura.pdf](http://www.historiadamedicina.ubi.pt/cadernos_medicina/vol25-caderno-cultura.pdf).
- POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone e RAYBAUT, Paul – *Histórias de vida. Teoria e prática*. 2ª edição. Oeiras: Celta Editora, 1999.



- POMBO, Olga; GUIMARÃES, Henrique M. e LEVY, Teresa – *A interdisciplinaridade. Reflexão e experiência*. 2ª edição. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- RAMALHO, Margarida Magalhães (Coord.) – *Exposição do Mundo Português: Explicação de um lugar*. 1ª edição. Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém, 2016.
- RAPOSO, Eduardo M. (Org.) – *José da Fonte Santa. Memória(s)*. Lisboa: Edições Colibri, Outubro de 1999.
- REIS, João – “Fernando da Silva Correia” [Em linha]. *Arquivos do Instituto Nacional de Saúde*, Vol. VI, 1ª Secção, 1981, pp. 146-152. [Consult. 15 de Dezembro de 2017]. Disponível na internet: <http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/Biblioteca/BiblioDigit/Paginas/ArquivosICT.aspx>.
- RIBEIRO, Fernanda – “Antes e para além do Arquivo Nacional: ruturas e continuidades” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 45-58.
- “Medicina e Ciência da Informação: uma abordagem integradora e interdisciplinar” [Em linha] In DUARTE, Zeny e FARIAS, Lúcio (Org.) – *Medicina na era da informação*. Salvador da Bahia: EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009, pp. 111-125. [Consult. 24 de Maio de 2018]. Disponível na internet: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5424.pdf>.
  - *O Acesso à informação nos arquivos*. [Em linha]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, 2003. [Consult. 15 de Janeiro de 2018.] Disponível na internet: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7058/3/fribeirovol01000061435.pdf>.
  - “O património documental: da memória das instituições à memória da nação”. [Em linha]. *Bibliotheca Portucalensis*, II série, nºs 13-14 (1998-1999), pp. 17-42. [Const. 19 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: [http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos\\_BPMP/0BAD%20001111/0BAD%20001111\\_PDF/BPMP\\_0870-7634\\_sIIIn15-16\(2000-2001\).pdf](http://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/0BAD%20001111/0BAD%20001111_PDF/BPMP_0870-7634_sIIIn15-16(2000-2001).pdf)

- RIBEIRO, Joana Beato – “A «vida nova» de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra” In *Cadernos de Estudos Leirienses. Os militares do distrito de Leiria na 1.ª Grande Guerra em França e em África*. Vol. 16. Leiria: Textiverso, Maio de 2018, pp. 55-76.
- RODRIGUES, Abel – “A criação das Gavetas na Casa de Mateus: um modelo iluminista de gestão da informação” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 597-650.
- *Entre o público e o privado: A génese do Arquivo do Conde da Barca (1754-1817)*. [Em linha]. Dissertação de Mestrado em História das Instituições e Cultura Moderna e Contemporânea. Universidade do Minho, Outubro de 2007. [Consult. 22 de Outubro de 2017]. Disponível na internet: [https://www.academia.edu/28942407/Entre\\_o\\_p%C3%BAblico\\_e\\_o\\_privado\\_a\\_g%C3%A9nese\\_do\\_arquivo\\_do\\_Conde\\_da\\_Barca\\_1754-1817\\_.Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Mestrado\\_em\\_Hist%C3%B3ria\\_Moderna\\_e\\_Contempor%C3%A2nea\\_2007\\_](https://www.academia.edu/28942407/Entre_o_p%C3%BAblico_e_o_privado_a_g%C3%A9nese_do_arquivo_do_Conde_da_Barca_1754-1817_.Disserta%C3%A7%C3%A3o_de_Mestrado_em_Hist%C3%B3ria_Moderna_e_Contempor%C3%A2nea_2007_).
- “O Gabinete do Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1804-1808). Análise da produção informacional.” [Em linha]. *Revista da Faculdade de Letras. História*. Porto, III Série, vol. 10, 2009, pp. 71-90. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8878.pdf>.
- RODRIGUES, Ana Paula Gato – *Da assistência aos pobres aos cuidados de saúde primários em Portugal: o papel da enfermagem 1926-2002*. [Em linha]. Tese de doutoramento em Saúde Pública – Escola Nacional de Saúde Pública – UNL. Lisboa, 2013. [Consult. 19 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/10616>.
- ROSA, Maria de Lurdes - “Apresentação. Arquivos de família: para um roteiro de temas e problemas” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 15-30.
- “Arquivos de família – o que são, para que servem, como preservá-los e estudá-los” [Em linha]. *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2016), pp. 354-369. [Consult. 15 de Janeiro de 2018].

Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-3o-congresso-internacional>.

- “Os espelhos e os seus outros lados. Inventários e gestão da informação documental do Viscondado de Vila Nova de Cerveira/ Marquesado de Ponte de Lisma e família Brito-Nogueira, séculos XV-XIX” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 571-596.
  - “Problemáticas históricas e arquivísticas actuais para o estudo dos arquivos de família portugueses (Épocas Medieval e Moderna)”. [Em linha]. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 9 (2009), pp. 9-42. [Em linha]. [Consult. 19 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet:
  - e HEAD, Randolph C. – *Rethinking the Archive in Pre-Modern Europe: Family Archives and their Inventories from the 15th to the 19th Century*. Lisboa: IEM e Collection Estudos 13, 2015.
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso – *Monumentos pátrios. A arquitectura religiosa medieval – património e restauro (1835-1928)*. [Em linha]. Tese de doutoramento. Porto: 1995. [Consult. 5 de Março de 2017]. Disponível na internet: <http://dited.bn.pt/29821/index.html?m=http%3A>.
- Rubrica “Um médico das Caldas na Grande Guerra” In *Gazeta das Caldas*, desde Fevereiro 2018, em: <https://gazetacaldas.com/> e <http://phcaldas.pt/>.
- SANTOS, Dóris – “Liga dos Amigos do Museu José Malhoa. Como nasce um museu” In SANTOS, Dóris e COUTO, Matilde Tomaz do – *Liga dos Amigos do Museu José Malhoa. Como nasce um museu*. 1ª edição. S. l.: Liga dos Amigos do Museu José Malhoa, 2013, pp. 16-55.
- SERRA, João B. – *21 Anos, pela História. Caldas da Rainha, estudos, notas e documentos*. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, Agosto de 2003.
- (Coord. Ed.) – *Actas do 1º Seminário do Património da Região Oeste*. 1ª edição. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, Outubro de 1996.
  - *Dossier sobre a associação Património Histórico – Grupo de Estudos*. Caldas da Rainha, Fevereiro de 1995.
  - “Pergaminhos das Caldas/ um monumento ímpar em louvor da cidade. Pequena Antologia”. *Jornal das Caldas* (9 de Agosto de 1995).

- SILVA, Ana Margarida Dias da – “Descrição arquivística e catálogo do arquivo do professor doutor Manuel dos Reis (1919-1986).” [Em linha]. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXIX (2016), pp. 133-268. [Consult. 17 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <http://iduc.uc.pt/index.php/boletimauc/article/view/2754>.
- SILVA, Armando Malheiro da – “Arquivística e Cultura Popular: algumas notas sobre o binómio informação e cultura”. Separata das Actas Congresso Cultura Popular. [Em linha]. Maia: Câmara Municipal da Maia, 1999, pp. 73-93. [Consult. 25 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <http://hdl.handle.net/10216/27057>.
- “Arquivo, biblioteca, museu, sistema de informação: em busca da clarificação possível...” [Em linha]. *Cadernos BAD*. nº 1 (jan.-jun 2015), pp. 103-124. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1482>.
- “Arquivos familiares e pessoais. Bases científicas para aplicação do modelo sistémico e interactivo” [Em linha]. *Ciências e Técnicas do Património*, I Série, vol. III (2004), pp. 55-84. [Consult. 22 de Dezembro de 2017]. Disponível na internet: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4083.pdf>.
- SILVA, Priscila Aquino – *O príncipe perfeito e a saúde do reino (Portugal século XV)*. [Em linha]. Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012. [Consult. 18 de Julho de 2018]. Disponível na internet: [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2012\\_Priscila\\_Aquino\\_Silva.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2012_Priscila_Aquino_Silva.pdf).
- SILVA, Sandra Siqueira da – “A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o património cultural” [Em linha]. *Aurora*, ano V, número 7 (janeiro de 2011). [Consult. 16 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/9silva106a113.pdf>
- SILVA, Teresa – *A primeira escola de Serviço Social em Portugal: o projecto educativo fundador e a configuração do campo de conhecimento (1935-1955)*. [Em linha]. Tese de Doutoramento em Serviço Social. Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2016. [Consult. 3 de Setembro de 2017]. Disponível na internet: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2695>.

- SMITH, Laurajane – *Uses of heritage*. [Em linha]. New York: Routledge, 2006. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <https://rbb85.files.wordpress.com/2015/11/laurajane-smith-uses-of-heritage.pdf>.
- SOBRAL, José et al – “Perante a Pneumônica, a epidemia e as respostas das autoridades de saúde pública e dos agentes políticos em Portugal”. [Em linha]. *Varia Historia*, vol. 25, nº 42 (Julho-Dezembro de 2009), pp. 377-402. [Consult. 7 de Novembro de 2017]. Disponível na internet: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752009000200002&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752009000200002&script=sci_abstract&tlng=pt).
- SOUSA, Ivo Carneiro de – *A Rainha D. Leonor (1458-1525). Poder, misericórdia, religiosidade e espiritualidade no Portugal de renascimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.
- SOUSA, Maria João da Câmara Andrade e – “Estudo de um arquivo familiar. Problemas e métodos de investigação.” [Em linha]. *Actas do 3.º Congresso Internacional Casa Nobre – Um património para o futuro* (Novembro de 2016), pp. 342-353. [Consult. 15 de Janeiro de 2018]. Disponível na internet: <https://sites.google.com/site/casanobrecongresso/actas-do-3o-congresso-internacional>.
- “O Arquivo da Casa de Belmonte: o que tempo (ainda) não apagou” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 491-506.
- *O Arquivo da Casa de Belmonte, séculos XV-XIX: Identidade, gestão e poder*. [Em linha]. Tese de Doutoramento em História (Área de Especialização: Arquivística Histórica), Julho 2017. [Consult. a 23 de Junho de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/26855>.
- “Valorizar o seu arquivo de família” In ROSA, Maria de Lurdes e NÓVOA, Rita Sampaio da (Coord.) – *Arquivos de Família: Memórias Habitadas. Guia para a salvaguarda e estudo de um património em risco*. [Em linha]. Lisboa: IEM, Coleção Instrumentos de Trabalho 1, 2014, pp. 95-115. [Consult. 7 de Outubro de 2018]. Disponível na internet: [http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos\\_guia/assets/basic-html/page-2.html](http://iem.fcsh.unl.pt/ebooks/instrumentos1/arquivos_guia/assets/basic-html/page-2.html).

- SOUSA, Pedro Marquês de – *A nossa artilharia na Grande Guerra 1914-1918*. Lisboa: Caleidoscópio, 2017.
- SUBTIL, Carlos Lousada e VIEIRA, Margarida – “História e Memória. Os Tratados de Polícia, fundadores da moderna saúde pública (1707-1956)”. [Em linha]. *Revista de Enfermagem Referência*, III Série nº 7 (Julho de 2012), pp. 179-187. [Consult. 5 de Novembro de 2017]. Disponível na internet: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIIIIn7/serIIIIn7a19.pdf>.
- WATERTON, Emma e WATSON, Steve – *The palgrave handbook of contemporary heritage research*. [Em linha]. Nova York: Palgrave Macmillan, 2015. [Consult. 25 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://orcp.hustoj.com/wp-content/uploads/2015/10/ebook-2015-The-Palgrave-Handbook-of-Contemporary-Heritage-Research.pdf>.
- VASCONCELOS, Francisco de “O Arquivo dos Vasconcelos de Vila do Conde” In ROSA, Maria de Lurdes (Org.) – *Arquivos de Família, séculos XIII-XX: Que presente, que futuro?* Lisboa: Caminhos Romanos, 2012, pp. 107-114.
- Verbo *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo.
- VIEIRA, Ismael Cerqueira – “Expansão urbana, habitações insalubres e a disseminação da tuberculose dos finais do século XIX e meados do século XX em Portugal”. [Em linha]. *Urbana*, vº 6, nº 9 (Agosto-Dezembro de 2014), pp. 102-130. [Consult. 7 de Novembro de 2017]. Disponível na internet: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642618>.
- VIEGAS, Valentino; FRADA, João e MIGUEL, José Pereira – *A Direcção-Geral de Saúde. Notas históricas*. [Em linha]. Lisboa, 2006. [Consult. 17 de Julho de 2018]. Disponível na internet: <http://www2.insa.pt/sites/INSA/Portugues/MuseuSaude/itenerarios/Paginas/DGSNotasHistoricas.aspx>
- VIVAS, Diogo Correia – *Mário Alberto Nunes Costa: a acção arquivística e bibliotecária*. [Em linha]. Dissertação de Mestrado em Ciências da Informação e da Documentação. Outubro de 2012. [Consult. 3 de Março de 2018]. Disponível na internet: <https://run.unl.pt/handle/10362/10173>, p. 1

## Apêndices

1. Modelo de declaração para autorização das entrevistas .....	ii
2. Declaração da entrevistada Doutora Natália Correia Guedes .....	iii
3. Guia para a entrevista à Doutora Natália Correia Guedes.....	iv
4. Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes.....	vi
5. Declaração da entrevistada Dra. Isabel Xavier.....	xxxii
6. Declaração do entrevistado Dr. João B. Serra .....	xxxiii
7. Guias para as entrevistas à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra...	xxxiv
8. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra .....	xxxv
9. Breve cronologia da vida de Fernando da Silva Correia (1893-1966)...	lxix
10. Árvore Genealogia de quatro gerações da família Correia .....	lxxi
11. Obra científica e literária de Fernando da Silva Correia .....	lxxii
12. Cronologia sobre a história custodial do espólio de Fernando da Silva Correia .....	c
13. <i>Quadro Provisório de Classificação</i> (reconstituído) de Paula Cândido .....	cii
14. Recuperação das várias secções e subsecções do campo “Nível de descrição” no tratamento de Joana Vitorino .....	ciii
15. Proposta de quadro orgânico-funcional do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia .....	cxv
16. Registo fotográfico do tratamento.....	cxviii
17. Registo fotográfico do Colóquio e Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia” .....	cxv
18. Registo de autoridade de Fernando da Silva Correia em ICA-AtoM...	cxv
19. Registo da entidade detentora em ICA-AtoM .....	cxv
20. Registo da descrição (nível Fundo) em ICA-AtoM .....	cxv



## **1. Modelo de declaração para autorização das entrevistas**

### **Declaração**

*“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia  
(1893-1966)

No âmbito do Trabalho de Projecto *“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966), do mestrado em Património, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, a aluna Joana Cristina Beato Ribeiro (nº 41147) encontra-se a desenvolver um trabalho de investigação dedicado ao estudo do espólio, vida e obra do doutor Fernando da Silva Correia.

Com vista ao aprofundamento desta investigação, pretende-se recolher testemunhos relacionados com esta temática, a partir da sua fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação do entrevistado), permitindo deste modo a partilha do conhecimento desta realidade, considerando que a identificação e a divulgação de memórias que lhes estão associadas é essencial para o estudo em curso.

Os conteúdos recolhidos poderão constar no trabalho escrito que resultará desta investigação, assim como se perspectiva a sua disponibilização (possivelmente na versão escrita) noutras plataformas de acordo com a evolução da investigação.

É nesse sentido e com os propósitos descritos que, agradecemos, reconhecidos, a sua colaboração que contribui para tornar este num projecto colectivo.

Autorizo, a título gratuito, a fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação) da entrevista realizada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, a respectiva utilização para o presente trabalho de investigação bem como a difusão dos conteúdos recolhidos através noutras plataformas relacionadas com a mesma investigação e projecto.

Nome:

Assinatura:

## **2. Declaração da entrevistada Doutora Natália Correia Guedes**

### **Declaração**

*“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966)

No âmbito do Trabalho de Projecto *“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966), do mestrado em Património, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, a aluna Joana Cristina Beato Ribeiro (nº 41147) encontra-se a desenvolver um trabalho de investigação dedicado ao estudo do espólio, vida e obra do doutor Fernando da Silva Correia.

Com vista ao aprofundamento desta investigação, pretende-se recolher testemunhos relacionados com esta temática, a partir da sua fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação do entrevistado), permitindo deste modo a partilha do conhecimento desta realidade, considerando que a identificação e a divulgação de memórias que lhes estão associadas é essencial para o estudo em curso.

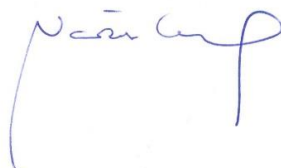
Os conteúdos recolhidos poderão constar no trabalho escrito que resultará desta investigação, assim como se perspectiva a sua disponibilização (possivelmente na versão escrita) noutras plataformas de acordo com a evolução da investigação.

É nesse sentido e com os propósitos descritos que, agradecemos, reconhecidos, a sua colaboração que contribui para tornar este num projecto colectivo.

Autorizo, a título gratuito, a fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação) da entrevista realizada no dia 03/02/2016, a respectiva utilização para o presente trabalho de investigação bem como a difusão dos conteúdos recolhidos através noutras plataformas relacionadas com a mesma investigação e projecto.

Nome: NATÁLIA CORREIA GUEDES

Assinatura:



### **3. Guia para a entrevista à Doutora Natália Correia Guedes**

Entrevista para o Trabalho de Projecto

*“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva  
Correia (1893-1966)

Entrevista com a Doutora Natália Correia Guedes

#### **1. Vida do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966)**

- Traço geral da personalidade do tio;
- Que aspectos recorda ou conheceu a partir do Doutor Fernando:
  - Das relações que tinha com os pais e irmãos;
  - Da sua vida académica;
  - Da sua permanência/ligação nas/às Caldas;
  - Do período da Primeira Guerra Mundial;
  - Do seu 1º casamento - com Mariana Melo Ferrari;
  - Das amizades que terá estabelecido durante a sua permanência nas Caldas;
  - Da sua ascensão a cargos públicos de maior envergadura – permanência em Lisboa;
  - Das alterações que poderão ter surgido na sua vida quando se tornou director do Instituto Ricardo Jorge?
  - Do 2º casamento – D. Aurora Ribeiréte da Silva Correia;
  - Das ocupações dos últimos anos de vida;
- Como vê a sua obra e como o caracterizaria como profissional – médico, investigador...

#### **2. O espólio e a sua história custodial.**

- Como o encontrou na década de 1960?
- Como caracterizaria a acção da D. Aurora junto do mesmo? Foi exclusivamente sua a decisão de leiloar a biblioteca do Dr. Fernando?

- Qual o valor dado ao espólio? Como foram seleccionados os documentos a manter na família e aqueles a depositar na Associação? Por essa altura, reconheceu alguma organização dada pelo produtor?
- Qual a razão para ter depositado e depois doado o espólio à Associação?

3. Associação PH

- Qual a relação que manteve com o Grupo de Estudos?
- Que pormenores conhece da sua história?
- Como viu e vê as tentativas de valorização do espólio?

24 de Janeiro de 2018

#### **4. Entrevista à Doutora Natália Correia Guedes**

3 de Fevereiro de 2018

Joana Ribeiro (J): Aquelas três temáticas que eu enviei à Dra. Natália...

Natália Correia Guedes (N): Sim.

J: ...são mais ou menos o corpo do trabalho que eu vou desenvolver: inicialmente eu vou elaborar uma nota biográfica que depois espero desenvolver mais no futuro, mas como agora a intenção é estudar o espólio, esta será mais curta; depois pretende-se elaborar uma história custodial, incluindo as várias entidades que já detiveram o espólio, para perceber a evolução e o caminho que ele já percorreu...

N: Quem tomou conta de quê.

J: Exactamente e só então vou propor uma nova descrição do espólio que depois estará disponível online, ainda não sei se essa descrição vai estar realmente feita, porque eu vou fazer um esboço virtual e depois irei ou não organizar o espólio realmente dependendo do meu tempo...

N: Claro.

J: E, por exemplo, se a associação concordar com a alteração, porque a partir da descrição que eu estou a pensar fazer o espólio vai modificar-se um bocadinho, portanto veremos depois como se processa essa situação.

O primeiro tópico está relacionado com a vida do Doutor Fernando da Silva Correia e eu acho que é neste aspecto que a Doutora Natália vai dar um maior contributo, porque, no fundo, é das pessoas que estiveram mais próximas dele e com quem é possível falar de toda a sua vida. Em primeiro lugar, o que eu pedia era para fazer um traço geral da personalidade dele: como é que ele era?

N: Muito activo, muito preocupado em ser útil aos outros, preenchendo o seu tempo na totalidade, atento à modernidade e ao passado em simultâneo, tentando recolher o maior número de elementos históricos sobre todos os aspectos, preocupado com a

divulgação da ciência e da história; tem aqui os traços mais importantes, portanto, de bondade, de atenção, de disponibilidade.

J: A sua vida teve vários períodos, a partir dos quais eu vou ordenar o espólio. Para compreender esses períodos eu organizei alguns tópicos que gostaria que a Doutora Natália comentasse. Começando pela relação do Doutor Fernando com os pais, com as duas esposas, com os irmãos, com os sobrinhos...

N: Começando pelos pais, cronologicamente, tinha uma relação de grande afectividade e na correspondência de guerra vê-se esse facto, porque os pais quando lhe escreviam diziam: "há 8 dias que não sabemos de ti, escreve-nos, estamos muito preocupados" e ele imediatamente escrevia três cartas explicando que não tinha tido tempo no dia tal, tinha estado no hospital ocupado a madrugada toda, enfim, dando sempre explicação do motivo porque não tinha sido atento. Por sua vez, preocupava-se, segundo essa correspondência, em seguir os interesses dos pais. O pai, político, republicaníssimo, a quem ele ia dando notícias quer de Coimbra, quer depois da guerra, porque os canais mantinham-se, não é? E a mãe que era uma pessoa dedicada à família e à casa, enfim, uma portuguesa como nessa altura era hábito que, estava em casa a educar os filhos. Quanto às irmãs, tinha uma grande ternura por elas; também lhe escreviam muitas vezes e ele correspondia. As matérias dessas cartas eram sobretudo: falar das pessoas conhecidas, da família que tinha estado doente, do tempo, das plantações que faziam numa quinta aqui ao pé das Caldas. Assuntos de interesse comum, mas que depois se repercutiram nas escolhas que elas fizeram profissionais digamos, uma acabou por ir para assistente social porque ele foi um dos fundadores do Curso de Assistente Social, encaminhou-a, porque os pais não quiseram que ela fosse para medicina porque não era próprio as meninas irem para medicina, naquela altura claro está. A outra enveredou pela música; não foi profissional, não foi pianista digamos, mas era útil sobretudo em actividades da paróquia, era ela que todos os domingos e sábados tocava órgão; piano quando havia festas em família. E o irmão seguia sempre essas matérias. Por sua vez, o mais pequenino que nasce precisamente em 18 de Novembro de 1910, no mês seguinte à proclamação da República, ele acaba por ser o Menino Jesus dos republicanos da casa, que eram todos republicanos. E nessas cartas também há sempre a pergunta: "como é que vai o Joaquim?" (como ele se chamava) Quanto...

J: Uma pergunta...

N: Sim...

J: A irmã que tirou o curso de assistente social foi a Filomena?

N: A número 2, Filomena.

J: A primeira era a Maria Luísa.

N: Maria Luísa. Depois, quanto às duas esposas. A primeira... Eram as duas muito diferentes, eu não conheci tão bem a primeira, mas enfim, sei o enquadramento - era filha do Dr. António Ferrari, médico, director do Hospital Termal. Era uma pessoa muito culta, gostava de literatura, fazia colecções de ex-libris, de selos, que ainda existem esses...

J: Eu já encontrei alguma correspondência em que mandam ex-libris...

N: Ah, por sua vez, os pais tinham uma quinta aqui relativamente perto, na Benedita, em Vale Formoso, onde ele ia passar temporadas e há fotografias dessas estadias. Foi uma grande paixão da vida dele que foi muito curta afinal porque ela tinha um grave problema cardíaco. E acaba por falecer, muito nova, quarenta cinco/quarenta e seis, não sei precisamente a data.

J: Sim.

N: Casou-se outra vez. A sua mulher acompanhou-o bastante; era uma pessoa afável, disponível, que embora não tivesse a formação dele, o acompanhou nos congressos, nas viagens ao estrangeiro, na vida social...

J: Ela já casou com ele depois dele ser director do Instituto Ricardo Jorge, não é? Portanto, ele começou esse cargo em 46...

N: Julgo que sim.

J: Portanto, ela já terá casado com ele depois dessa altura.

N: Isso não sei, não lhe sei dizer. Provavelmente, provavelmente.

J: E a Doutora Natália não sabe exactamente como é que se conheceram?



N: Ela era duma família de Óbidos.

J: Sim.

N: E, portanto, muito próxima, como se conheceram, já não sei mais... [ri-se]. Não era do círculo de amigos dele.

J: Por isso é que ainda deve ser mais curioso.

N: Julgo que já não há ninguém que lhe saiba explicar, porque já todos faleceram. E a nova geração também não sabe, julgo eu.

J: Pois.

N: Da sua idade.

J: Sim.

N: Não deve ter sabido. Bom, o que é certo é que desse segundo casamento também não teve filhos e a relação connosco, sobrinhos, foi muito boa, porque nos adoptou praticamente. Nós vivíamos com os nossos pais, claro está, eu e os meus dois irmãos, mas sempre que havia qualquer actividade em Lisboa, uma conferência, uma exposição, uma visita guiada, ele convidava-nos permanentemente. A certa altura, foi comissário de uma exposição que o marcou bastante sobre a rainha D. Leonor no Mosteiro da Madre Deus e eu tive o privilégio de viajar com ele pelo país para o acompanhar na recolha de objectos; devia ter eu os meus 16/17 anos. Uma oportunidade única!

J: E as outras irmãs também não tiveram filhos?

N: Não, ficaram solteiras. É preciso ver que tudo isto se passa no princípio do século [XX].

J: Sim, exacto.

N: E o meu avô era muito rígido. Tinha o pânico das filhas se casarem com pessoas que não fossem exactamente o que ele gostaria. E nessa altura já começava a haver separações...

J: Sim.

N: E portanto, ele não queria de maneira nenhuma expor as filhas a um mau entendimento conjugal. Resultado: eu sei que, quer uma quer outra, tiveram pretendentes; o pai rasgava as cartas (ri-se) não fossem elas apaixonar-se. Mas aceitaram, aceitaram muito bem essa situação e depois no fim já com os seus sessenta e tal anos, diziam “morreu hoje o rapaz que quis casar comigo; ainda bem que eu não casei senão já era viúva” [ri-se], portanto, encaravam com optimismo.

J: Em relação à vida académica e à vinda para as Caldas, a Doutora Natália sabe de algum pormenor dessa mudança?

N: Ele fez ainda o liceu, uma parte, não sei exactamente até que idade, no Sabugal, distrito da Guarda, onde o pai exercia advocacia, mas vieram para cá em 1906, se não me engano. Mas isso é fácil de saber porque coincidiu com o falecimento do sogro.

J: Sim.

N: Do sogro do meu avô, que era médico em Peniche, chamava-se Fernando Maria Garcia da Silva. E ele tinha propriedades aqui ao pé, na Columbeira, que as duas filhas herdaram – a minha avó e uma irmã. E nessa altura resolveram vir viver para as Caldas porquê? A minha avó herdou a casa onde vivera em Peniche, vendeu-a (eu sei exactamente qual era; em frente da Igreja de S. Pedro) e com esse dinheiro compraram esta, a casa das Caldas. Portanto, estamos cá há 112 anos.

J: Eu já estive a ler alguma informação sobre isso, porque o Dr. João Serra escreveu sobre o Dr. Joaquim Manuel Correia e ele diz que o Dr. Joaquim viveu algum tempo nas Caldas e foi quando conheceu...

N: Na na na. Isso há outra história por trás.

J: Ah...

N: Porque é que ele se casa com uma menina de Peniche? Porque ele no último ano do Curso de Direito em Coimbra, envolveu-se numa insurreição dos estudantes, já relacionada com a República lá está, no final do século XIX.

J: Sim.

N: E nessa altura ele foi preso pela polícia académica. E o pai (que vivia na Ruvina, ao pé do Sabugal) ficou transtornado, furioso.

J: Sim.

N: “Vais de castigo para Peniche como Administrador do Concelho.” Porque esse meu bisavô era muito amigo do governador civil de Leiria, Peniche pertencia a Leiria nessa altura. Bom, ele ficou lá algum tempo e aí conheceu o médico e depois foi um passo até conhecer a filha. Portanto, começou a frequentar a casa do meu bisavô, emprestou um livro à menina e a menina quando abriu o livro viu uma carta que era dele; começaram o namoro. Nessa altura não havia as facilidades que há actualmente. Namorava-se por correspondência ou da janela, sub-repticiamente. Pouco tempo depois, o meu avô pediu licença ao futuro sogro para namorar e este terá dito: “meu amigo, com certeza, tenho muito gosto, mas primeiro vais acabar o curso a Coimbra”. E acabou, casaram-se e foram viver primeiro para o Sabugal, onde ele foi advogado, onde nasceram os filhos todos, excepto o meu pai que nasceu em 1910 já aqui nesta casa.

J: Mas eles tinham uma diferença ainda grande...

N: De quase vinte anos da irmã mais nova. Porque é que eles vieram para cá? É fácil de imaginar porque o clima do Sabugal é muito agreste. Muito frio e com umas condições de qualidade de vida incomparavelmente menores do que aqui, já nessa altura. E as Caldas estavam no topo da qualidade.

J: Sim...

N: Era a estância de Verão mais frequentada...

J: Mais apetecível.

N: E portanto é fácil perceber porque é que a minha avó teria gostado muito mais de vir viver para cá. E aqui tem a resposta, julgo eu, de certo modo.

J: Sim, então a seguir vem a vida académica do Doutor Fernando, não sei que pormenores é que a Doutora Natália sabe, mas...

N: O que eu sei é que ele tinha, sempre teve, uma grande facilidade de comunicação e de contacto com os outros, de fazer amigos. Foi viver para uma república que era na Rua das Esteirinhas, exactamente aquela que vem desenhada na capa da "Vida Errada", que é uma espécie de barco, é uma casa de esquina. Não sei se ainda existe, mas existiu até há muito pouco tempo. E, aí fez grandes amizades para o resto da vida; quando se falava de Coimbra era como o paraíso; as grandes partidas, as grandes paródias, tudo, tudo era Coimbra, até morrer. Era qualquer coisa que ficava no sangue dos alunos de então. Tinham uma convivência que nós cá de Lisboa nunca teremos. É completamente diferente, até porque a cidade é muito mais pequena, grande número de habitantes vive de receber estudantes, formando uma comunidade. As brincadeiras que faziam, a chamada praxe não tem nada a ver com a praxe de Lisboa. Era uma praxe, digamos, saudável, divertida e anedótica! E é isso que ele conta na *Vida Errada*. Depois o que eu conheci, ao vivo digamos, foi a vida académica quando ele fez o doutoramento. Assisti ao doutoramento que em Coimbra tem sempre um protocolo bem diferente dos doutoramentos de Lisboa. Num doutoramento em Coimbra, os professores vão em procissão, todos de capelo e borla, e com um cerimonial de facto muito aparatoso; nunca mais me esquecerei dessa cerimónia.

E dos amigos. Tinha muitos e verdadeiros que em alguns casos que estiveram depois no topo, como o reitor da Universidade de Coimbra - Maximino Correia, como médicos de grande nome que lhe escreviam com assiduidade. E depois todos aqueles com quem contactou como director do Instituto Nacional de Saúde.

J: Ricardo Jorge [em coro].

N: Sim, esse era o nome antigo. E julgo que respondi.

J: Então, algumas dessas amizades depois vão permanecer e isso percebe-se, será talvez Cortez Pinto.

N: Américo Cortez Pinto; já telefonei à família para localizar correspondência, mas eles aparentemente não têm nada.

J: Se calhar doaram ou...

N: Devem ter de certeza. Não, não, não, há um que está a procurar, portanto, eu já contactei aí uns quatro ou cinco parentes até que o quinto me disse que vai procurar, já não é mau.

J: Mas às vezes até o próprio médico se pode ter desfeito das coisas, não é?

N: Pode. Eu acho que não é comum ter tanta correspondência guardada, não é comum. São raras as pessoas, porque até destroem para não ser posto em causa qualquer pormenor que não achem bem ou porque têm a casa minúscula e não cabem caixotes e caixotes, portanto há muita desculpa para destruir os arquivos.

J: Sim, quando é um assunto que já não interessa.

N: Exactamente.

J: Já está ultrapassado... E depois Ibérico Nogueira.

N: Ibérico Nogueira, Cortez Pinto, Lopes Dias (de Castelo Branco)...

J: Havia outro que era Azevedo Leitão, que era daqui e com este chegou a corresponder quando estava em França.

N: Mas isso é relativamente fácil de saber os nomes porque constam da récita de *À sombra do Esculápio*. Vêm lá os nomes quase todos, aliás a Universidade de Coimbra tem os anuários com os nomes todos. *À Sombra do Esculápio* foi uma peça teatral que o meu tio fez para ser representada na Universidade de Coimbra na récita de finalistas.

J: Já encontrei alguns documentos relacionados com a peça. Depois eu falo aqui da ligação que o Doutor Fernando tinha com as Caldas e do momento em que ele veio para cá, a Doutora Natália acha que ele se ligou a esta cidade?

N: Ah, sim sim, imenso. Portanto, as Caldas eram a outra aurícula do coração dele. Coimbra e Caldas. E quanto às Caldas também é preciso ver que quando ele aqui exerceu era praticamente jovem, portanto, ainda mais dinâmico do que quando ele estava com os seus 50/60 anos no Instituto Ricardo Jorge, é completamente diferente. Portanto, houve mesmo a paixão pelo Lactário-Creche e pela

Misericórdia, pelo exercício de sub-delegado de saúde, médico dos Caminhos de Ferro, eu sei lá...

J: Do Hospital, do Balneário das Águas Santas.

N: Não se percebe, não se percebe como é que... ele não parava!

J: É verdade, é impressionante. Então, mal termina os estudos vai para I Guerra, já falamos de alguns pormenores sobre esse período. Aquela questão que eu tinha falado com a Doutora Natália. A Doutora Natália nunca tinha percebido que ele já fazia parte de um corpo militar antes?

N: Não me parece, não me parece. Isto através da correspondência, o que ele diz é “não sei ainda bem se vou ser incorporado”. Há várias cartas em que ele diz isso, “talvez vá para Inglaterra ou para França. O meu amigo tal já foi para o Corpo Expedicionário Português, mas fui convidado para ser assistente de medicina legal, se não me engano, mas ainda não vi nada escrito, nada garante que venha a ser”. Portanto, houve ali uma fase em que...

J: Quando completou 18 ou 21 anos, provavelmente aos 21, foi incorporado no 2º grupo das Companhias de Saúde...

N: Como era habitual.

J: Exactamente, e existe alguma documentação que diz que ele tinha licença para ir para Coimbra, portanto ele devia estar ainda a tirar o curso...?

N: Sim, mas sem estar incorporado provavelmente, dava o nome.

J: Talvez, estas informações estão na sua caderneta militar. Até tem um número de soldado e depois surge nessa caderneta...

N: Era setecentos e qualquer coisa?

J: Não, era 71 ou 61, porque foi um primeiro número que ele teve.

N: Tem razão, porque setecentos e tal era o correio de guerra.

J: Ah, e depois é em 1915 ou 1916 que surge essa tal licença, dando a sensação que ele saiu desse grupo e depois então terá ido para França.

N: Ah, sim, sim. Sei que foi por mar até Marselha, portanto fez Lisboa, Algarve, sul de Espanha e seguiu pelo litoral mediterrânico. Deve ter sido assim. E depois esteve também em Paris; nas licenças, viajava.

J: Sim, ele veio até ao sul de França, Côte d’Azur, depois foi a Lourdes...

N: Sim, sim, onde tirou fotografias; aí é relativamente fácil localizá-lo pela descrição que fez dessa estadia.

J: Isso terá sido já em 1919, talvez... digo isto porque segundo o que eu já vi do percurso do 1º grupo do CAPI, ele deverá ter participado nos momentos de mais actividade, quando tinham missões, por isso, talvez essas licenças tivessem sido mais para o final...

N: Da estadia, há um pormenor muito interessante em que ele conta que o Jaime Cortesão foi gaseado.

J: Sim, o Jaime Cortesão também conta isso no livro de memórias da Grande Guerra.

N: Ah, sim? Sim, porque eles eram muito amigos. Não sei se já lhe contei o episódio do Jaime Cortesão na fortaleza de Peniche.

J: Sim, sim.

N: E há um outro que não é tão conhecido, o Lopes Vieira.

J: É muito interessante por ele num, lembrei-me agora, texto/ artigo que foi publicado na revista Militar em 1930 e qualquer coisa diz que foram 10 médicos na mesma altura que ele, e ele escreve lá o nome de todos ao lado, portanto dá para identificar todos os médicos que foram com ele para a Guerra.

N: Pois, pois. Quer dizer que a Joana já sabe muito, a pouco e pouco vai juntando é...

J: Sim, tem de ser assim. Portanto, quando ele regressou da Guerra, terá sido quando casou que a D. Mariana de Mello Ferrari?

N: Exactamente, Mariana Benedita, que é um nome muito bonito.



J: Mas o casamento terá sido precisamente quando ele chegou da guerra, algum tempo depois, há assim alguma data mais precisa?

N: Não sei quando é que se casaram embora eu tenha, vou procurar, o convite, o convite de casamento.

J: Eu encontrei um documento, entre a correspondência, que ele mandou fazer depois da morte dela, tem duas fotografias dela. Era a prova que ele mandou para ser impressa e obter um orçamento.

N: Então, aí tem a data...

J: Aí tem a data do nascimento e de morte, do casamento não.

N: Do casamento não, vou ver se encontro.

J: É essa que me falta. E a permanência dele nas Caldas, terá sido por vontade própria ou este casamento terá contribuído também para que ele...

N: Não, a família já cá estava instalada, portanto era natural que ficasse cá. Até porque o consultório era aqui no prédio.

J: Ah, era mesmo aqui?

N: Era, sim, sim.

J: Essa foi das questões que nós tivemos, então era mesmo aqui na parte de baixo...

N: Não sei exactamente onde era, sei que ele morava na parte de cima, portanto, a casa estava dividida em duas: pais e irmãs e o novo casal. Agora se era no rés-do-chão se era no primeiro andar o consultório propriamente dito não sei...

J: Mas talvez se conseguisse...

N: Mas há uma fotografia.

J: Pois, era o que eu estava a pensar, que talvez se conseguisse identificar o local...

N: Sim, há uma fotografia, mas não se percebe.

J: Aqui nas Caldas, a Doutora. Natália acha que ele estabeleceu muitas amizades?

N: Ah, sim. Era muito coloquial, muito extrovertido, frequentava o Casino, que nessa altura tinha outro nome...

J: Club de Recreio.

N: Club de Recreio talvez. E é preciso ver que o facto de haver o hospital também lhe facilitava muitos contactos.

J: Exacto.

N: Entre colegas, entre médicos, entre clientes, digamos, utentes dos serviços como agora se chamam.

J: Sim, mas não foi logo para o Hospital, não é? Pelo percurso que eu já vi, ele vai tirar o curso de Medicina Sanitária, logo em [19]19.

N: Sim.

J: E é por isso que ele se torna logo...

N: Especialista em...

J: Subdelegado de saúde, porque era preciso esses curso para poder ter o cargo e depois só em 1921 é que tira o curso de Hidrologia e depois aí é que começa a estudar as questões termais e passa a estar ligado ao Hospital Termal.

N: Pois.

J: Eu acho que ele era segundo médico externo do Hospital Termal, penso que era assim o título do cargo e já terá desempenhado esse cargo depois de tirar o curso de Hidrologia.

N: Agora, se tiver interesse, mostro-lhe toda a bibliografia dele, porque há publicações dessa época sobre Hidrologia.

J: Sobre Hidrologia, exacto.

N: E normalmente nas apresentações ele explica estive aqui, estive acolá e, portanto...

J: Sim, há um livro feito por ele que tem até uma introdução, acho que é de Charles Lepierre que é muito conceituado para a altura...

N: Vinha cá para ver as “águas”, era a especialidade dele... Dele, o grande Charles Lepierre, atenção!

J: Sim, sim. Então o Doutor Fernando terá permanecido nas Caldas até...

N: Até ter sido convidado para ir para o Instituto.

J: E antes ele teve outros cargos no Ministério do Interior ou esses cargos...

N: Do Interior ou da Saúde?

J: Era a Direcção-Geral da Saúde que fazia parte do Ministério do Interior. Mas tem algumas cartas que foram enviadas directamente para o Ministério do Interior e eu fico sem saber se ele nessa altura trabalhava ali ou se aquelas cartas eram enviadas para ali por ele ser o inspector... [da 3ª área da saúde escolar].

N: Isso eu não sei.

J: Porque existiu também uma comissão, eu até sei o nome exactamente, mas que era para averiguar as leis de higiene/ sanitárias...

N: A aplicar.

J: E ele fez parte, sim. E eu não sei se a altura em que ele começou a estar em Lisboa não está relacionada com essas actividades junto do Ministério do Interior. Encontrei entre a correspondência cartas que são enviadas para ele para a Pensão Astória na Rua Braancamp e também outras que são enviadas para a Rua da Artilharia Um.

N: Onde ele se alojava provavelmente era no Hotel Frankfort.

J: Ah, esse ainda não encontrei.

N: Era, era.

J: E depois nessa Rua da Artilharia Um, descobri ontem aliás, era a casa do Doutor Américo Cortez Pinto.

N: Cortez Pinto. Que engraçado!

J: Portanto, ele terá permanecido na casa dele durante algum tempo porque existem muitas cartas para essa rua e algumas são enviadas ao cuidado de Américo Cortez Pinto.

N: Tem graça, essa não sabia.

J: Por isso, talvez ele tenha [aí] permanecido antes de comprar uma casa. Porque depois esteve no Largo do Rato (ou Praça do Brasil) e na Rua Gomes Freire.

N: Sim, sim. Largo do Rato e Praça do Brasil é a mesma coisa, atenção!

J: Pois, há cartas em que aparecem as duas coisas.

N: Porque Largo do Rato é a forma popular, mas o nome oficial é Praça do Brasil. Repare que se andar em Lisboa num táxi, se pedir para ir para a Praça do Brasil o motorista não sabe onde é, se disser Largo do Rato, orienta-se logo.

J: Eu nunca tinha percebido isso.

N: E a casa lá está, é ao pé da Papelaria Fernandes.

J: Então é fácil identificar.

N: É muito fácil.

J: Então ele começa a permanecer em Lisboa no final da década de [19]30, início da década de [19]40 talvez, porque depois vai para o Instituto em 1946.

N: Essa fase não sei desenvolver.

J: Depois - disto já falámos um bocadinho, até por causa da conferência que eu apresentei...

N: Sim.

J: Que alterações é que a Doutora Natália acha que o facto de ele ter aceite o cargo de director do Instituto Ricardo Jorge trouxe para a sua vida? Ficou mais conhecido pelo trabalho? Quando digo mais conhecido, quero dizer nacional e

internacionalmente, do que em relação ao trabalho desenvolvido aqui nas Caldas, por exemplo.

N: Proporcionou-lhe contactos internacionais completamente diferentes daqueles que ele tinha nas Caldas.

J: Exacto.

N: Completamente, porque ele aí, em representação do Estado português correspondia-se com os Institutos europeus similares, como vê agora por essa correspondência. Mas, era também uma paixão; ele entrava no Instituto, não sei se às 9 da manhã e saía à noite, trabalhava de manhã, de tarde e à noite. E vivia em frente; mudou-se para a R<sup>a</sup> Gomes Freire porque era muitíssimo mais prático atravessar a rua para ir para o emprego.

J: Então será mais ou menos nessa altura que ele conhece a Sra. D. Aurora, casam e primeiro vão morar para o Largo do Rato e depois da morte dele...?

N: Sim, sim, sim, Rua Gomes Freire.

J: Sim, na mesma casa. E ela permanece lá até ao final da vida dela?

N: Sim, até falecer.

J: Então permanece na mesma casa.

N: Ele a certa altura comprou uma casa para férias em Óbidos, uma casa do século XVIII que tem muitas chaminés, é a casa que tem mais chaminés em Óbidos - chaminés de lareira, fora da muralha.

J: Sim.

N: Tinha lá grandes amigos, Henrique Moutinho, médico, D. Manuel de Melo Correia, Director do Museu de Arte Popular, o pintor Eduardo Malta, etc.

N: Acabou por a vender quando já estava mais doente e não tinha capacidade para vir aqui.

J: E não existe nenhuma relação entre essa casa e o facto de a D. Aurora ser de Óbidos?

N: Provavelmente.

J: Então, em relação a estes últimos anos da vida dele. O que é que a Doutora Natália recorda, como é que o acompanhou? Quais eram as principais actividades dele?

N: Ele até aos últimos dias nunca deixou de produzir. Talvez a última vez que o vi tenha sido no casamento de um irmão meu, que se casou em Dezembro e ele faleceu poucos dias depois.

J: Foi no dia 19 de Dezembro que ele faleceu.

N: Sim.

J: Portanto o casamento terá sido no início de Dezembro.

N: Exactamente, foi a última vez, mas estive lúcido até à última hora e sempre optimista. Enquanto médico sabia bem que tinha uma grande fragilidade de saúde. E acompanhei-o muitas vezes ainda nesse ano; ele continuava a frequentar tudo o que eram associações e grémios literários, sei lá, museus, tudo...

J: E também ia com frequência à Figueira da Foz, a Vidago...

N: Vila com muitas ligações a Coimbra, havia médicos que exerciam em Coimbra e viviam na Figueira da Foz. Ele estava bastante ligado à Figueira, aliás a peça dele é representada também na Figueira, não é apenas em Coimbra.

J: E a Vidago era para aproveitar as termas...

N: As águas, as águas.

J: Por alguma razão em especial ou era somente por lazer?

N: Talvez pela sinusite que tinha desde adolescente.

J: Os problemas respiratórios.

N: Sim.

J: Isto era mais ou menos o que eu queria saber sobre o Doutor Fernando e agora passamos para o espólio. O espólio foi produzido e reunido durante toda a sua vida,

não é? E em 1959 ele escreve aquela carta ao Dr. Ibérico Nogueira em que diz que tem tudo espalhado e que não consegue organizar, que eu até já mostrei à Doutora Natália. A minha questão é essa, quando a Doutora Natália foi buscar/ reunir o espólio para o salvar, como é que ele se encontrava?

N: Completamente adoc, completamente! Repare que qualquer de nós se não tiver tempo para arrumar vai sobrepondo a papelada, os livros mesmo, mas sabe sempre onde é que estão, naquele canto, naquela janela, naquele... Ele tinha tantas actividades e tão dispersas que nem sempre teve tempo para arrumar, embora as sucessivas mudanças também tenham contribuído para desarrumar. Da casa dele de Lisboa, não veio tudo cá para as Caldas, primeiro estive numa outra casa que era da minha mãe, em Benavente; estive depois numa outra casa que nós também tínhamos naquela altura e depois é que veio aqui para as Caldas quando esta casa já não tinha inquilinos, porque a seguir ao 25 de Abril estive bastante degradada; esperei que fosse recuperada e só quando reunia condições é que transferi para cá a correspondência e todo o espólio. Entretanto conheci o Dr. João Serra, um elemento importantíssimo nesta pequena história. Conheci-o não só por causa do meu tio, mas também por causa do meu avô, visto que nessa altura o Dr. João Serra estava muito entusiasmado a estudar a República. Tendo sido o meu avô o primeiro Presidente da Câmara ou Administrador do Concelho como então se chamava, é claro que o espólio dele interessava; comecei a organizar não só o espólio do meu avô e por arrastamento o espólio do meu tio.

J: E a Doutora Natália ainda tem o do Dr. Joaquim Correia?

N: O do meu avô, tenho, sim; inclusivamente o manuscrito de sua autoria *História do Partido Republicano nas Caldas*.

J: Sim, sim, o Dr. João Serra faz menção a esse manuscrito no [livro] *Terra d'Águas*.

N: Exactamente, comecei a ler a correspondência do meu tio com mais atenção até que constatei que não se referia apenas à vida...

J: Pessoal...



N: Pessoal dele, mas está muito relacionada com as Caldas, tem a ver com o Instituto Ricardo Jorge etc. Mais cem, cem assuntos! Nessa ocasião reconheci que o espólio não interessava apenas à Família, não devia ficar só nas nossas mãos; apresentei ao Dr. João Serra a proposta da Associação promover o inventário, disponibilizando-o a título de depósito temporário no PH com esse objectivo, para depois decidir qual seria o melhor destino, até porque o PH tinha acabado de nascer, só tinha 3 ou 4 anos de vida. E, portanto, ainda não tinham suficiente solidez nos objectivos. O arquivo veio então da minha casa para a sacristia da Igreja de S. Sebastião.

J: De S. Sebastião, sim.

N. Foi acompanhado por uma grande mesa de apoio. A pouco e pouco, à medida que ia sendo inventariado, ainda mais atenção lhe davam no PH. Disse eu ao Dr. João Serra, “Quando encontrar um sítio com condições de segurança e de conservação, tenho muito gosto em o oferecer”. Aí está.

J: Sim, mas foi no timing perfeito para eu agora fazer este trabalho, não é?

N: Pois foi. Encerra-se da melhor maneira este ciclo de itinerância.

J: Agora há alguns aspectos ainda dessa história custodial. Por exemplo, em relação ao leilão da biblioteca, a Doutora Natália acha que foi uma decisão completamente exclusiva da Sra. D. Aurora? E como é que foi a acção dela junto deste enorme espólio?

N: Ela embora gostasse muito do marido, está fora de causa, não tinha a noção da dimensão intelectual dele e da importância da acção que teve a nível internacional e nacional, sobretudo; era um espólio que lhe dizia pouco, falar da peste no século XVI ou falar de sífilis ou falar... No fundo o que ela quis foi garantir a sobrevivência que a reforma provavelmente não lhe dava.

J: Sim e tendo em conta o valor de algumas das obras que o Doutor Fernando tinha...

N: Acabou por vender.

J: E provavelmente também quis aumentar o espaço livre.

N: A casa era grande, era e é, a casa onde viviam era muito razoável. São opções, opções de vida, se a pessoa não usufruir dos objectos ou dos documentos, a que título é que os deixa permanecer em casa, prejudicando-se financeiramente?

J: Exacto.

N: E podendo constituir um fundo que lhe é útil para a sua doença ou para o seu final de vida. É claro que a família toda ficou desgostósissima, mas tem que se compreender essa decisão.

J: Então a maior parte da biblioteca foi leiloadada. Depois sabemos que ainda alguns livros permaneceram...

N: Curiosamente esta nova geração de sobrinhos-netos (filhos de um cunhado do meu tio) não sabia que tinha havido um leilão, também porque eram minúsculos, à época, deviam ter 2 anos/ 3 anos, quando ele faleceu.

J: E será que estes livros que foram doados agora à Doutora Natália foram seleccionados pela viúva ou...

N: Foram seleccionados pelos sobrinhos-netos dela.

J: Mas eles estavam na casa da viúva.

N: Estão, ainda estão.

J: Será que ela fez alguma selecção das obras do Doutor Fernando, uma vez que estas...

N: É natural porque estavam numa só estante com o nome dele e correspondem à sua obra [quase] completa. Foi a minha sorte!

J: Sim, porque não é nada fácil reunir os livros...

N: Nada, nada... mas eu tenho qualquer coisa de íman, não sei se é por ser conservadora de museu, vêm ter comigo as coisas antigas da Família.

J: Fantástico.

N: Não é a primeira vez, nem a segunda vez. Pedem-me será que... Olhe está aqui à frente uma delas, não sei se lhe contei... A família do meu marido...

J: Não.

N: Representa a Senhor Santo Cristo dos Milagres. A família do meu marido é dos Açores e eu várias vezes perguntei à minha sogra, “não tem nada dos Açores que lhe recorde memórias da família, além das fotografias e dos retratos é claro”, “não, não”, “não tem nenhum Senhor Santo Cristo, que é a devoção maior dos Açores”... “Não, não, não tenho”. Aqui há uns dois anos uma amiga minha a quem morreu a mãe, tinha de fazer partilhas e dar destino a muitos objectos e perguntou-me, “olha lá eu tenho um quadro bordado com escamas, conchinhas com uma personagem estranhíssima ao centro, anda lá ver o que é”. E eu disse-lhe, “É um registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres dos Açores” e perguntou: “mas tu queres isto?”, “Então não quero, fazes-me feliz!” Limpei-o, arranjei-o e está ali em lugar de honra.

J: Sim. A Doutora Natália também me contou algumas das razões para ter doado o espólio, mas queria perguntar assim mais directamente, ainda mais tendo em conta que a Doutora Natália tem um enorme conhecimento em relação ao património. Qual é o valor que considera que este espólio pode ter enquanto património documental, enquanto património cultural no geral... e, não só o valor que tem para a família, mas também enquanto cidadã.

N: Com a minha experiência de meio século de vivência patrimonial, chego à conclusão de que quem estima mais o património é a comunidade local - onde nasceu a pessoa, onde viveu a pessoa, onde lhe é valorizado o seu património. Portanto, dizer que Malhoa trabalhou aqui ou que o Bordalo Pinheiro tinha a fábrica acolá, mais o Fernando Correia, mais o... sei lá as outras muitas personalidades...

J: Sim, Raúl Proença.

N: Que foram ilustres, Raul Proença que nasceu aqui mesmo ao lado (e que também é da minha família), isso é que é curioso. Portanto, ilustra e honra a terra. E quando se conjuga a autarquia estar interessada, haver uma associação de património e haver uma Natália que oferece, não pode ser melhor! Porque repare, se este espólio fosse parar à Torre do Tombo ou à Biblioteca Nacional, ou enfim a outro qualquer

local, não é que o espólio não merecesse, não é isso que interessa, mas daqui a 100 anos talvez houvesse uma Joana Ribeiro que estudasse o espólio, é a realidade. Ao passo que assim estando na própria terra tem outro significado completamente diferente.

J: Chama mais a atenção de outras pessoas...

N: É, é... sim, sim.

J: Depois a outra questão era - e a Doutora Natália também já me falou um bocadinho disto - se reconhecia alguma organização dada pelo produtor, neste caso pelo Doutor Fernando. Se quando a Doutora Natália, por exemplo, seleccionou alguma da correspondência...

N: Sim.

J: Ela tinha alguma organização?

N: Não tinha... Tinha por dossiês digamos, mas na prática há maços de correspondência só dele para a família, só da família para ele, portanto, estão por núcleos. Embora não identificados. Por sua vez, estes últimos, os clichés de vidro que acabaram de me dar esta semana (isto é actualíssimo), todos estão numerados e relacionados com as publicações. É claro que tudo isto não tem a apresentação que agora lhe damos, não são os dossiês com etiquetas informatizadas, nem pensar, é tudo manuscrito, mas temos de pensar que não era essa a preocupação do autor; já muito fez ele.

J: Sim, agora estou a pensar mesmo em relação à correspondência se houvesse esse tipo de grupos...

N: Sim, isso estava facilitado...

J: Sim, em relação à correspondência que já está no espólio, se existiam esses grupos, eles foram apagados, porque a correspondência está toda organizada por números como...

N: Sim, sim. Relativamente aos selos [que faltam em alguma correspondência] as minhas tias retiravam-nos das cartas para os oferecer, porque a certa altura houve

missionários em África que pediam selos, porque tinham valor numismático que aplicavam nas suas obras sociais. As senhoras paroquianas recortavam os selos, metiam em envelopes e mandavam-nos para lá.

J: Por acaso essa é uma questão que pode ser um bocadinho [interessante], pelo que eu percebi o Doutor Fernando também era bastante religioso.

N: Sim.

J: Ele até fazia parte de uma associação de médicos católicos, portanto...

N: Sim, sim.

J: Mas, por exemplo, o Dr. Joaquim Manuel Correia não tinha essa convicção...

N: Era respeitador, digamos, deixava que a família praticasse, o que era muito importante. Se virmos agora, os pais de família ateus não deixam que a mulher vá à missa, nem os filhos pratiquem, nem coisa nenhuma. Portanto, o meu avô não falava muitas vezes de Deus, nos seus textos, não era exagerado. Sabemos que respeitava a prática que a mulher e as filhas tinham e que era convicta. Por sua vez, era respeitador de um modo geral, aliás, como político também era respeitador das ideologias dos outros partidos.

J: Sim, aliás, eu estou a perguntar isso precisamente por causa disso, porque os republicanos...

N: Não era fanático, de maneira nenhuma. E depois houve aquele episódio que eu já lhe contei no outro dia ou não lhe contei? Dos frades de S. Bernardino?

J: Não, acho que não.

N: Não contei?! Esse define muito bem como era o meu avô. Havia e ainda continua a existir, um convento de Franciscanos, em S. Bernardino, perto de Peniche. Logo a seguir a ele ter sido eleito presidente/ administrador do concelho, uma noite, alta noite, vieram bater-lhe à porta num grande estardalhaço, “mas que é isto, o que se passa?” Então era um conjunto de soldados com os frades de S. Bernardino porque tinha havia a ordem da extinção dos conventos e todos eram expulsos, ou iam viver com as famílias... E o meu avô, “mas o que é isto?”, “Então ó senhor Doutor, onde

é que se põem os frades?” E ele admiradíssimo, “mas quem é que mandou fazer uma coisa destas?” Eles mostraram uma ordem de prisão assinada pelo meu avô que ele de imediato reparou que era falsa. Para não pôr em causa quem falsificara a sua assinatura, não disse nada aos soldados. Disse-lhes: “você vão imediatamente para o tribunal que eu às 7 da manhã estou lá para decidir” e lá foram. No dia seguinte julgou-os, meia hora depois já devia estar tudo na rua. Foi acompanhá-los ao comboio e conta isto tudo na tal História do Partido Republicano. Bom, passados 50 anos ou 60 anos, eu encontro um colega meu, historiador franciscano, e perguntei-lhe “o que está a fazer senhor padre, Pinto Rema?” “Estou a estudar a história do Convento de S. Bernardino. "A certa altura o abade foi expulso, foram todos presos para as Caldas...” Quer dizer, contou-me o mesmo episódio na perspectiva do D. Abade...

J: Exacto.

N: Na versão do D. Abade, "o Administrador do Concelho era tão boa pessoa que deu um postal a cada um para nós respondermos e mandaremos notícias na volta do correio". (Ri-se). Imagine bem isto, é o máximo, representa primeiro o respeito pelos frades de S. Bernardino independentemente de cumprir ou não a lei e além disso o cuidado no tratamento. Passados uns anos, como a minha filha é directora do Museu do Telhal.

J:... do Telhal (em coro).

N: Descobriu nas investigações que tem feito sobre a história da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus que um dos frades estava a passar férias ou tinha passado pelo convento de S. Bernardino por essa altura, portanto foi um dos presos. E que conta nas suas memórias, “curiosamente o administrador do concelho (o meu avô) era do Sabugal e duma terra muito perto da dele que é Rapoula do Côa”. Isto é uma coincidência incrível, não é?

J: Fantástico.

N: Como é que se juntam todos estes testemunhos a contar a mesma história. E aí tem.

J: Pronto, era só uma curiosidade realmente, em relação a toda a família [- a questão da religiosidade]. Depois a outra questão que eu tinha era em relação entre a Doutora Natália e a própria Associação, porque além de conhecer o Dr. João Serra depois a Doutora Natália também se tornou...

N: Depois ainda houve a colaboração da Dra. Margarida que veio cá algumas vezes a casa, quando o arquivo começa a ser tratado. Depois passou para S. Sebastião e o trabalho continua a ser feito lá.

J: Sim, porque o trabalho que eu conheço, o que me foi dito é que grande parte foi feito pela Dra. Paula Cândido.

N: Mas a Dra. Margarida também esteve a trabalhar no inventário.

J: Margarida Gouveia, sim.

N: Margarida Gouveia exactamente.

J: E, portanto, a Doutora Natália também se tornou sócia da Associação.

N: Não pertenço à Associação, eu sou em espírito (ri-se), sou apenas apoiante incondicional, emérita.

J: Ah, não? Eu julguei que quando a Doutora Natália tinha feito a publicação *População e sociedade caldenses no século XVI* em 1992...

N: Ah, isso foi porque o Dr. João Serra, não sei a que propósito, me perguntou ou fui eu mesma que lhe disse que eu já tinha feito um estudo sobre a população das Caldas tal, tal, tal. Quando eu estava na Faculdade, quando eu era da idade da Joana... Estava a fazer um trabalho para o Professor Oliveira Marques com todo o rigor com que me ensinou. E ele disse então, “ah, estamos a fazer umas publicações dispersas sobre...”

J: História local.

N: História local; foi assim que foi publicado,

J: Ah, pensei que nessa altura a Doutora Natália se tivesse tornado sócia.

N: Não, não.



J: Pronto, então a relação com o Grupo de Estudos foi mais ou menos a partir do Dr. João Serra e depois...

N: Foi e continuou com a Dra. Isabel Xavier.

J: A Dra. Isabel exacto que depois se manteve como membro da direcção da associação durante mais tempo. Da história da associação o que a Doutora Natália conhece é mais desta relação com o Dr. João Serra...

N: Sim, e depois muitas vezes me mandou convites para ir a conferências, mas é difícil porque são cá nas Caldas e eu vivo em Lisboa. Às vezes coincide, mas não é sempre.

J: A última questão era como é que a Doutora Natália tem acompanhado e tem reagido às várias tentativas da associação de valorizar e divulgar o espólio.

N: Totalmente de acordo. A Família agradece e fica muito honrada.

J: Por exemplo, logo que o espólio foi recebido houve uma exposição no Museu, ainda não era Museu do Hospital, era só Palácio Real que terá sido com algumas das obras do Dr. Fernando...

N: Exactamente.

J: E depois os "Pergaminhos", a publicação dos Pergaminhos. Os dois grandes momentos de divulgação do espólio.

N: Exactamente.

J: E, entretanto, esperemos...

N: Que isto vá por diante.

J: Exactamente.

N: O que eu lhe proponho é que quando já estiver um pouco mais adiantada no seu estudo que se combine com a Dra. Isabel Xavier e venham cá ver o que seleccionei.

J: Se calhar, quando a Doutora Natália quiser.

N: Lá para a Páscoa.

J: Porque nós temos que planear mais ou menos o que iremos publicar na Gazeta porque vão sair duas ou três publicações por mês até Setembro. Ainda são bastantes.

## **5. Declaração da entrevistada Dra. Isabel Xavier;**

### **Declaração**

*“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966)

No âmbito do Trabalho de Projecto *“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966), do mestrado em Património, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, a aluna Joana Cristina Beato Ribeiro (nº 41147) encontra-se a desenvolver um trabalho de investigação dedicado ao estudo do espólio, vida e obra do doutor Fernando da Silva Correia.

Com vista ao aprofundamento desta investigação, pretende-se recolher testemunhos relacionados com esta temática, a partir da sua fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação do entrevistado), permitindo deste modo a partilha do conhecimento desta realidade, considerando que a identificação e a divulgação de memórias que lhes estão associadas é essencial para o estudo em curso.

Os conteúdos recolhidos poderão constar no trabalho escrito que resultará desta investigação, assim como se perspectiva a sua disponibilização (possivelmente na versão escrita) noutras plataformas de acordo com a evolução da investigação.

É nesse sentido e com os propósitos descritos que, agradecemos, reconhecidos, a sua colaboração que contribui para tornar este num projecto colectivo.

Autorizo, a título gratuito, a fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação) da entrevista realizada no dia 30/01/2018 a respectiva utilização para o presente trabalho de investigação bem como a difusão dos conteúdos recolhidos através noutras plataformas relacionadas com a mesma investigação e projecto.

Nome: Isabel Tavares de Costa Xavier

Assinatura: Isabel Xavier

## **6. Declaração do entrevistado Dr. João B. Serra;**

### **Declaração**

*“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966)

No âmbito do Trabalho de Projecto *“Há correias que imprimem movimento”*: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia (1893-1966), do mestrado em Património, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, a aluna Joana Cristina Beato Ribeiro (nº 41147) encontra-se a desenvolver um trabalho de investigação dedicado ao estudo do espólio, vida e obra do doutor Fernando da Silva Correia.

Com vista ao aprofundamento desta investigação, pretende-se recolher testemunhos relacionados com esta temática, a partir da sua fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação do entrevistado), permitindo deste modo a partilha do conhecimento desta realidade, considerando que a identificação e a divulgação de memórias que lhes estão associadas é essencial para o estudo em curso.

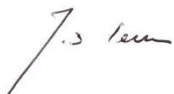
Os conteúdos recolhidos poderão constar no trabalho escrito que resultará desta investigação, assim como se perspectiva a sua disponibilização (possivelmente na versão escrita) noutras plataformas de acordo com a evolução da investigação.

É nesse sentido e com os propósitos descritos que, agradecemos, reconhecidos, a sua colaboração que contribui para tornar este num projecto colectivo.

Autorizo, a título gratuito, a fixação em suporte áudio e escrito (mediante aprovação) da entrevista realizada no dia 29/01/2018, a respectiva utilização para o presente trabalho de investigação bem como a difusão dos conteúdos recolhidos através noutras plataformas relacionadas com a mesma investigação e projecto.

Nome: João B. Serra

Assinatura:



## **7. Guias para a entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra**

Entrevista com a Dra. Isabel Xavier, directora da Associação PH na actualidade

1. O espólio e a sua história custodial
  - Que aspectos conhece dessa história?
  - Que valores reconhece no espólio – que interesses pode suscitar? – científico, etc.;
  - Como viu e vê as tentativas de valorização do espólio.
2. Associação PH, é talvez a melhor pessoa para contar a história da associação diacronicamente, como é que se constituiu e qual foi a sua evolução? – em que aspectos considera que a evolução da Associação influenciou a divulgação e valorização do espólio, ao limitar (por exemplo) a realização de acções/projecto, etc. a partir do mesmo entre 1995 e 2017.

Entrevista com o Dr. João Serra, historiador e director da Associação PH aquando da incorporação do espólio

1. O espólio e a sua história custodial
  - Que aspectos conhece dessa história?
  - Que valores reconhece no espólio?
  - Conhece a razão para ter sido depositado e depois doado à Associação.
  - Como viu, participou e acompanhou as tentativas de valorização do espólio.
3. Associação PH, é a melhor pessoa para contar a história da incorporação do espólio na Associação, o que recorda desse processo?
4. Como foi estudar o Dr. Fernando e algumas das suas obras para a elaboração da obra *Pergaminhos das Caldas*.

## **8. Entrevista à Dra. Isabel Xavier e ao Dr. João B. Serra**

30 de Janeiro de 2018

Joana (J): Esta entrevista é mais uma formalidade, porque nós já fomos falando...

Isabel (I): Claro.

J: ...e a Dra. Isabel já sabe mais ou menos o que pretendo fazer, mas eu vou explicar. Seleccionei o modelo de trabalho de projecto para poder estudar o espólio, mas ao mesmo tempo ter abertura para elaborar um trabalho que vá além duma dissertação. Porque a minha ideia é fazer uma proposta de um projecto mais ambicioso do que somente a descrição do espólio em si, até porque em parte já está feita. Mas a qual pretendo alterar, seguindo a proposta da minha orientadora e adoptando um mais recente modelo de descrição e ordenação documental que vão de encontro às especificidades dos arquivos pessoais e dos arquivos familiares. Porque esses arquivos ou foram organizados como os arquivos de estado ou respeitando simplesmente a ordenação que estes já tinham previamente. O que, por vezes, pode não representar ordenação nenhuma e torna difícil a sua consulta. Eu tenho vindo a perceber que no caso do espólio aqui em estudo para me informar sobre determinado assunto é necessário percorrer todo o espólio, consultando uma caixa aqui e indo procurar outro documento ali e é muito difícil...

[A Dra. Isabel foi dando mostras de concordar com algumas das informações que lhe estava a dar, assim como de conhecer também ela essa situação.]

I: Mas esse foi o critério adoptado, porque eu também comecei a notar que estava assim tudo espalhado, digamos, pelas caixas e não encontrava nenhum critério, nem nenhuma lógica e perguntei à Paula Cândido e ela disse-me exactamente isso, o que para mim foi uma novidade, porque como sou professora não sou especialista em arquivos e portanto não compreendia como é que o espólio tinha sido organizado. Segundo ela era assim: a ordem é a que vem, mesmo que esteja tudo estropiado e de qualquer maneira, nós recebemos e assim pomos.

J: Sim, eu já li vários textos em que se aponta esse critério como o Santo Graal dos arquivistas – a ordem dos documentos que, deveria ter uma explicação...

I: Mas neste caso não tem.

J: Essa ordem seria aquela que o próprio produtor da informação teria dado, mas o que acontece, e, no caso deste espólio, é que ele já foi mexido por várias pessoas. A própria Doutora Natália mexeu e retirou até objectos do próprio espólio. (...) Assim sendo, acho que é interessante fazermos esta descrição da documentação como ela está para podermos ter um antes e um depois e a minha ideia é principalmente fazer um esboço do que seria este espólio organizado de acordo com as novas teorias, portanto não sei ainda se irei realmente mexer na documentação, mas assim podemos partir dos números e das cotas que ela já tem e fazer um esboço de como deveria ser organizada de acordo com as fases da vida do Doutor Fernando, é assim a minha ideia e é, por exemplo, o que o Doutor Armando Malheiro da Silva defende, assim como outros arquivistas.

I: Sim, a mim também me parece mais útil. Eu lembro-me de ler Fidelino Figueiredo numa altura em que trabalhei sobre a Biblioteca Nacional na I República, em que ele se queixa muito porque as famílias que doavam, por exemplo, bibliotecas de falecidos queriam forçosamente que aqueles livros, e era assim que a Biblioteca Nacional os tinha, estivessem todos num conjunto, formassem um espólio específico e alguns até tinham sala, eram outras instalações. E, portanto, ele dizia que quase ninguém tinha acesso àqueles livros, porque deviam estar integrados na biblioteca com as suas cotas próprias e pronto, mas as pessoas nem queriam pensar nisso. Quase sempre se deixa uma série de restrições quando se oferece, neste caso a Doutora Natália Correia Guedes, a Joana já leu a carta...

Joana: Sim.

I: Ela não põe restrição alguma. Ela diz que oferece o espólio e que nós podemos fazer com ele o que quisermos, entre aspas. Na altura queríamos fazer a digitalização e a disponibilização online e ainda tenho esse projecto, embora tenha sido um pouco mais difícil do que supunha e esteja um pouco adiado. A carta só diz que se alguma vez a associação se desfizer, fica para o arquivo municipal ou em último caso para o arquivo distrital, porque o municipal nunca mais se...

J: Sim, não se desenvolveu oficialmente...



I: Pois, não...

J: O projecto, que estava a explicar, terá uma nota biográfica do autor para explicar as várias secções que eu depois irei dar nessa descrição e irá ter uma história custodial e nessa história custodial é que eu queria incluir a história da própria associação...

I: Muito bem.

J:...porque, no fundo, elas estão ligadas e a partir do momento em que o próprio espólio integra as colecções da associação Património Histórico elas passam a ter uma história comum.

I: Exactamente.

J: É nesse sentido que eu queria que a Dra. Isabel me ajudasse: a compreender a história da associação e também a história do espólio dentro da associação. Desde que a associação foi constituída, como é que foi evoluindo e como é que a própria evolução mais linear ou menos linear da associação teve influência tanto no tratamento arquivístico como na divulgação do espólio do Doutor Fernando da Silva Correia.

I: Sim, teve vários... Bem, começando pelo princípio, é a melhor maneira. Porque é que eu entrei nesta associação? Eu fui aluna no curso de História na Faculdade de Letras entre [19]77 e [19]81 do Dr. João Serra. Eu não o conhecia muito bem - sabia que ele era das Caldas. Tinha sido colega da sua irmã. E depois de terminado o curso, um dia encontramo-nos furtivamente aqui nas Caldas e ele perguntou-me o que é que estava a fazer. Eu disse que estava a dar aulas e ele perguntou-me: “está só interessada em dar aulas, não quer fazer investigação?”, ao que eu respondi “estou muito interessada em fazer investigação” e ele: “então vamos aqui criar um grupo”. Na altura existia a Casa da Cultura nas instalações do antigo casino e então criou-se uma espécie de um núcleo a que já se chamou Património Histórico, dentro de uma estrutura mais vasta que era essa cooperativa. E começámos a reunir lá, um grupo que não é exactamente o mesmo que fundou a associação, mas que tinha alguns dos elementos que depois a fundaram. Começámos a delinear linhas de investigação e, entretanto, isto na década de [19]80, surgiu um projecto que foi feito

na Casa da Cultura, mas que foi uma iniciativa do Grupo de Amigos do Museu da Cerâmica - uma exposição de cerâmica, eles organizavam a exposição, mas nós (o Professor João Serra essencialmente) fazíamos o catálogo. Portanto, houve uma exposição de cerâmica entre 1927 e 1977 com um catálogo, mas além disso os textos foram também publicados na revista *Cerâmicas* do Cencal e eu fiquei encarregada de fazer uma parte que era a parte técnica. Entrevistei várias pessoas, o Professor João Serra também; era sobre os métodos da cerâmica tradicional e fiz um texto para esse catálogo. Existem outros textos, uma cronologia feita pela Paula Cândido, que foi a tal que foi completada pelo Cláudio agora há pouco tempo e deu origem a um livro. Foi à volta disso que iniciou o núcleo e depois começaram a surgir mais trabalhos. E, entretanto, havia o projecto da Casa da Cultura ter uma grande intervenção arquitectónica, ficou tudo parado, como sabe, até hoje. Então a cooperativa suspendeu a sua actividade e o PH passou provisoriamente para a sacristia da Capela de São Sebastião e fundámos a associação em Janeiro de 1993, sendo 13 pessoas, salvo erro, os sócios fundadores. Começou com o incentivo do Dr. Mário Gonçalves, que não foi logo associado, mas que era um anfitrião, afinal a Capela pertencia ao Centro Hospitalar das Caldas da Rainha. Temos ali ainda a placa que estava à entrada. E aí – brincadeira - até se dizia que de uma união de facto passou a ser um casamento, portanto, a associação ganhou estatuto jurídico autónomo, mas já existia, já tinham sido publicados vários livros, houve o livro do Compromisso porque também se fez uma exposição, houve um trabalho de investigação no hospital e fez-se uma exposição com os paramentos e outras peças. O PH começou a funcionar a partir daí e pelos vistos foi logo em 1993, mas isso eu nem estava com essa impressão, foi por causa da Joana que eu aprendi isso, veio logo a doação, a doação não, aí é que estava mesmo à guarda do PH...

J: Um depósito não oficial...

I: Um depósito dito não oficial porque nunca houve propriamente documento nenhum que definisse exactamente qual era o estatuto sob o qual o espólio estava nas mãos do PH, mas houve um investimento muito grande por parte do PH, em que eu pessoalmente pouco contribui. Sempre estive mais ligada à cerâmica e à investigação nessa área, embora também tenha feito os textos de um catálogo relacionado com as fotografias do espólio do José Neto Pereira, que também nos foi

posto à guarda praticamente na mesma altura, porque a exposição foi feita também em 1993. Mas acompanhei isso de certo modo: foram compradas as caixas, os papéis e houve uma formação, digamos assim, do próprio Dr. João Serra, junto da Paula Cândido que começou a trabalhar nisso também sob um programa qualquer que havia na época...

J: Pelo que eu vi, a Dra. Paula esteve também ligada à organização arquivística, digamos assim, da associação comercial e talvez...

I: Ah, penso que não é bem assim. Isto é histórias atrás de histórias. Nós tivemos nessa altura um convite ou uma encomenda de um trabalho sobre a associação comercial que nós fizéssemos e tivemos outro dos bombeiros. E quem ficou encarregada da parte da ACCRO, da Associação Comercial, foi a Paula Cândido que era uma menina nesse tempo e quem ficou a trabalhar nos bombeiros foi a Margarida Araújo. A Paula leu as actas todas da associação e fez uma cronologia brutal, no bom sentido, anos e anos em que ocorreu, temos ali tudo da associação comercial feito e eu já escrevi sobre isso. A partir da cronologia escrevi um texto sobre a associação comercial, mas explicando que toda a base da investigação tinha sido feita pela Paula, é um trabalho insano que ela teve, só que depois não transformou aquilo num texto...

J: Num texto, num trabalho final...

I: Não a trabalhou. Ela chegou a ser minha colega na Escola, fez estágio para Professora e depois lá foi para arquivista, a vida lá deu as suas voltas e ela nunca concluiu e também nunca houve ninguém... a certa altura eu também peguei naquele trabalho que está feito, mas a encomenda, digamos assim, não ficou estabelecida porque não finalizou. A Paula leu tudo, tudo e foi pondo, ao fim e ao cabo é um método parecido com aquele das notícias da Gazeta, não é? O que aí é diferente é que nós vamos com o fito de encontrar notícias sobre cerâmica e sempre que aparece faz-se uma entrada e ali é mesmo os conteúdos, não é? E podia fazer-se um trabalho bem interessante a partir daquela base de dados, que é muito interessante. Mas voltando ao espólio, naquela altura foi feita uma exposição para, tal qual também se fez com as fotografias, dar uma certa visibilidade ao caso e um dos projectos que o Doutor Fernando Correia tinha era os chamados *Pergaminhos*

das Caldas que nos anos [19]60, nas Gazetas eu vi várias vezes referido, “agora é que vai sair e vai ter o patrocínio deste e o patrocínio daquele”, ele fez portanto, uma compilação de textos sobre as Caldas, desde textos muito antigos até textos muito mais recentes e depois na verdade não chegou a publicar, portanto, nós tendo isso em mãos, nós que é como quem diz o Dr. João Serra e a Paula fizeram isso e o livro foi lançado com o apoio também do Hospital, foi lançado já naquele, ainda me lembro muito bem, naquela parte de trás que é uma espécie de um anfiteatro com um jardim que há por trás do Museu do Hospital e das Caldas, esteve a Dra. Deolinda Ribeiro, que tinha pertencido nos anos 50 se calhar e não sei se antes, o Doutor Fernando Correia quase que quis criar um grupo de Estudos também, do património e da História porque ele além de ser médico era muito interessado por essas áreas como a Joana sabe e portanto ela também veio falar e tal, foi quando ela ficou com os tais livros que eram do Doutor Fernando Correia que estavam na nossa posse. E desde então foi feito esse trabalho arquivístico da Paula Cândido que não foi até ao fim e nós entretanto recebemos mais coisas, eu lembro-me até eu de lá ir, anos depois, à casa da Doutora Natália Correia Guedes aqui nas Caldas, foi quando a conheci, porque ela tinha mais sacos e mais caixotes estão para ali tudo a monte porque eu nunca abri, nunca quis saber o que lá ia dentro e portanto as coisas foram ficando e cada vez se foi tornando mais notório que não estavam bem lá em cima na sacristia porque era muito húmido, porque estava tudo muito cheio, entretanto há um... a associação sempre viveu muito da figura do Dr. João Serra, não é? Ele conseguia pôr as pessoas a trabalhar fazia equipas, mas a ideia e a parte principal, a autoria de tudo isto é dele e portanto ele entretanto foi-se embora, não quer dizer que alguma vez ele cá tenha estado porque ele sempre trabalhou fora das Caldas e vivia em Lisboa, mas foi para a presidência da República. Arranjou-se outra direcção, digamos assim, que eu não integrei, mas em que era presidente o Professor Nicolau Borges e foram feitas coisas, mas nada em relação ao Doutor Fernando da Silva Correia e, portanto, o espólio ficou ali, as coisas ficaram ali, foi uma luta muito grande da parte do Nicolau, ver se arranjava novas instalações. Ainda teve uma sala na Biblioteca Municipal, mas depois estávamos avassalados ao seu horário de funcionamento, não tínhamos como aqui temos uma chave que podemos entrar e sair a qualquer altura. O funcionamento do PH acabou por ficar uma parte lá em cima [na Capela] e outra aqui [na Biblioteca], mas esse sistema nunca funcionou,

houve algum equipamento ou assim que depois trouxemos para aqui mas praticamente não estava aqui nada e mesmo a outros níveis a acção do PH esteve bastante mais parada. Entretanto eu candidatei-me à direcção em 2007, nem houve eleições nos prazos em que era suposto, os estatutos prevêem eleições de 2 em 2 anos e houve só uma a meio. Foram-se publicando alguns livros, foram-se fazendo algumas coisas e fez-se muita coisa até, umas conferências, mas quer dizer, em relação ao espólio nada. E, entretanto, passei a estar eu à frente da direcção, durante ali dois anos, até às comemorações do Centenário da República também houve bastante actividade, eu ia com a força toda, mas também vá nunca mais consegui realizar eleições, continuámos com aquele espaço. Quando eu recebi aquele espaço parecia um armazém, tivemos que ir para lá uma equipa, estava tudo a monte, quase não se conseguia passar; porque depois o Nicolau trabalhou mais aqui e as coisas lá estavam indescritíveis e pronto, lá arrumámos o mais possível, mas aquilo também era um espaço muito difícil. E depois umas das lutas era arranjar uma nova sede, o que acabou por ser possível só passados muitos anos. O PH esteve praticamente inactivo, houve esse projecto da Caixa de Crédito Agrícola, publicámos um ou outro livro, mas muito pouco e a partir de 2014, assinámos um protocolo com a Câmara para ocupar aqui estas salas, fizemos eleições, portanto, houve umas reuniões preliminares em que eu apresentei um projecto, fizemos eleições no fim de 2014 salvo erro, em Dezembro. Fizemos a transferência das coisas de um lado para o outro em Janeiro de 2015, com a ajuda da junta de freguesia, do Sr. Vítor Marques e depois em Março foi a arrumação disto com uma equipa, vinha o Dr. Mário Gonçalves sempre, vinham alguns muito aficionados, eu o Quitó, a Cândida Calado, a Natacha chegou a vir algumas vezes também, o Nicolau, o Rui Correia nesse tempo também se entusiasmou e lá arrumámos isto, tudo assim como está, foram postas ali aquelas prateleiras, o desumidificador, pronto, começou-se a criar condições para termos funcionamento e depois nessa altura uma grande preocupação é colocar o espólio como deve ser e foi nessa altura, acho que é em 2015, que eu trouxe cá a Doutora Natália Correia Guedes e que ela depois fez aquela carta a oferecer o... Ela usa o verbo oferecer, nunca me esqueci, não é doar, não é dar, é oferecer o espólio. O meu projecto à volta do espólio, era completar a catalogação, digamos assim, mas refazer um bocado, tinha agora de ser posta numa nova base em folha de Excel e digitalizar, disponibilizando-o online. Havia a

intenção de isso ser feito em protocolo com o Arquivo Distrital de Leiria, com um protocolo de colaboração entre o PH e o Arquivo, com a Paula Cândido lá e nós aqui e ela também aqui, ao fim e ao cabo pertence aos dois lados. E foi também nessa perspectiva, mas de qualquer modo na perspectiva de relançar o PH em geral, mas isso era um assunto central, quando apresentei a candidatura havia 3 vertentes ou assim, e uma delas era essa questão do espólio com esta perspectiva e então a ideia de conseguir um estágio do IEFP e conseguimos, portanto candidatámo-nos em Julho desse ano e a Joana começou a trabalhar cá em Setembro, no fim de Setembro de 2015 e pronto, o trabalho logo, ela teve formação com a Paula Cândido também, aprendeu com a Paula Cândido e começou a trabalhar no espólio, era praticamente o que ela fazia durante todos os dias, embora a gestão corrente do PH também, eu agora tenho um monte de coisas que estão atrasadas e assim, porque eu tenho muito trabalho para além da associação e é muito difícil conseguir trazer as coisas em dia. E depois o grande empurrão se é que se pode chamar assim, porque ocorreu praticamente ao mesmo tempo, começou o lançamento, numa reunião a 14 de Setembro, e a Joana, por exemplo, começou aqui a trabalhar a 21 de Setembro, foi o estabelecimento da colaboração com o projecto das Caldas Cidade Cerâmica. Portanto, outra vez sobre o patrocínio e a orientação do Professor João Serra e, portanto, o PH a partir daí começou a assinar protocolos com a Câmara, já houve dois de um conjunto de iniciativas dentro do programa que depois passou a chamar-se Molda, foi depois rebaptizado Molda e iniciativas que o PH tem responsabilidade, mas que integram o programa da Molda, muitas foram sendo feitas, outras estou a ver que nunca mais saem, mas isto é sempre assim, não é?

J: Sim.

I: Quando há um programa vasto, faz-se uma parte e outra parte vai ficando para trás. E, por outro lado, aconteceu que começámos também com aquele programa de conferências que eu agora também não tenho tido coragem sem alguém a ajudar-me, de continuar nos mesmo moldes, embora também haja uma proposta excelente que também foi orientada pelo Dr. João Serra e tenho tido muito trabalho, muitas publicações, muita coisa e aqui com uma pessoa presente, portanto a Joana acabou por ficar não só o estágio de 9 meses como depois foi feito um contracto de 6 meses no âmbito da Molda 2016, portanto, aquilo que se chamou que era apoio ao

secretariado e depois nós acabámos por assinar com ela um contracto sem termo, portanto, isto deu de Setembro a Junho, o IEF – o primeiro, depois um contracto de 6 meses que foi até ao fim do mês de Dezembro e depois a partir de Janeiro, de 2 de Janeiro um contracto sem termo certo, mas eu sempre a dizer que não era fácil que o PH pudesse e uma vez que... Quando fizemos o contracto eu disse-lhe, quando o PH não poder e virmos que não temos hipótese eu, o PH despede-te com, não é com justa causa, é, uma das hipóteses é a extinção de um posto de trabalho, se nós não o podermos manter, temos de o extinguir.

J: Claro.

I: E disse-lhe sempre para ela concorrer para outros sítios e foi o caso, ela acabou por ir para a Gulbenkian como sabes e, portanto, daí desde Junho estamos outra vez sem ninguém e agora é que estamos outra vez a concorrer a um estágio do IEF. Sem ninguém não, nós temos a Marta, mas a Marta está mais dedicada à parte só da questão das Caldas Cidade Cerâmica, embora às vezes também me ajude com muitas coisas do PH, porque isso está combinado com a Câmara. Ela está contratada por meio do PH. Portanto, agora houve um grande avanço, deu-se assim uma grande revalorização do espólio em função desta tese de mestrado da Joana. Lá está quando o PH se está a mexer mais e as coisas estão a funcionar acabam por aparecer oportunidades, acabam por surgir hipóteses, não é? E agora esta exposição que estamos a preparar da I Guerra Mundial, das fotografias e esta publicação na Gazeta e tudo isto, quer dizer, eu tenho esperança que tenha havido uma certa acalmia estejamos com condições para – nunca parámos – mas haver, a minha ideia era também diversificar, não era ser só a cerâmica, não ser só, mas também outras áreas, outras áreas, nomeadamente esta.

J: Sim e é interessante, porque pelo que eu já vi, a associação, dispõe ela própria de um património documental, digamos assim, muito mais vasto do que o próprio espólio do Doutor Fernando da Silva Correia e seria interessante até valorizar tudo esse património documental, porque só valorizar um é...

I: É pouco.

J: É pouco sim.



I: Nós temos, em termos de fotografia temos muito... Temos o espólio de José Neto Pereira que era um fotógrafo que fotografou tudo e mais alguma coisa nas Caldas. Era um fotógrafo profissional, são fotografias ótimas. Depois, temos várias fotografias do espólio do Visconde de Sacavém que foram compradas por um colecionador, um senhor que era das Caldas, chamado Casimiro, era um grande cabeleireiro que depois ganhou relevância e foi para Lisboa, era lá um grande cabeleireiro. Doou-nos aquelas fotografias e também foi feita uma exposição – são estas que estão para aí [aponta para as paredes da sede da associação PH]. Portanto, temos imensas fotografias dos fotógrafos mais importantes desta época porque depois também nos foi doada uma colecção do Sr. João Maria Ferreira, um espólio importantíssimo de fotografias que foi comprando. A Câmara pôs à nossa guarda um espólio fotográfico dos finais do século XIX e do princípio do século XX que era do Dr. Vasco Trancoso, que a Câmara comprou, está tudo aí catalogado pela Joana Vitorino. Temos também da família Paramos, algumas fotografias também de finais do século e inícios do século XX. E depois temos, em termos documentais, o espólio do Dr. Júlio Lopes e temos muita coisa do Grandela que adquirimos. Quando fez o trabalho sobre o Grandela, de que foram publicadas já duas edições, o Dr. Vasco Trancoso comprou cartas, livros, coisas que eram do próprio Grandela, quis desfazer-se disso e depois quem comprou foi o PH agora já em 2015, já nesta fase em que estamos agora aqui nestas instalações. Estas instalações são boas, permitem-nos ter o espólio relativamente bem arrumado, as caixas é que estão um bocado estragadas e tal, mas o espaço agora é bom.

Quem orientou o “espaço de arquivo” foi a Paula Cândido. Nós temos ali muitas prateleiras por montar, porque sobraram algumas prateleiras, foi feito um cálculo e quando nós vemos uma sala vazia, dá a impressão que cabe lá este mundo e o outro. Nós tínhamos ideias de pôr até o arquivo aqui nestas prateleiras aqui, mas ficava muito menos resguardado, mas assim uma sala só para esse fim, pode ser desumidificada, pode ser tratada de outro modo e depois ainda temos estas coisas que a Gazeta nos deu que eu não sei o nome sequer que isto tem, são uma espécie de uns carimbos, de umas gravuras...

J: Sim.

I: ...para publicar nas Gazetas daquele tempo [do século XX] e eu não sei, eu penso que tudo isto precisava de ser, de ter uma visibilidade maior de ter, haver...

J: E também ser no fundo, inventariado, melhor organizado. No fundo, todo o património da associação devia ser...

I: E lá está por isso é que nós precisamos mesmo de alguém dedicado, num horário largo. Eu às vezes penso que as pessoas que estão já reformadas e assim, ainda as desafio elas dizem que sim, mas depois acabam por... também têm o seu ritmo e os seus problemas, mas lá está, quando estava cá a Joana Vitorino ela ficava muito triste, muito desiludida, porque ela ao princípio julgava que não ia estar aqui sozinha ou então comigo, ela julgava que as pessoas tivessem o hábito de vir à associação, mas não porque a associação estava a reanimar praticamente naquela altura e nunca tinha havido muito esse hábito porque as instalações não puxavam, não permitiam. Aqui podia ter-se ganho essa, essa... embora a associação tenha feito muita coisa, nunca teve uma vida associativa muito intensa, em termos dos sócios se juntarem. Eu ainda fiz aí um almoço, promovi um almoço e entrou assim uma quantidade de sócios e houve uma refiliação agora em 2015. Portanto, as pessoas foram todas convidadas a refiliar-se e depurou-se quem é que queria continuar e quem é que deixava, mas mesmo esses que quiseram continuar, muitos não têm tido uma participação grande, as pessoas também vão envelhecendo, eu queixo-me do mesmo, também não estou mais nova, os mais novos muitas vezes também...

J: Têm muitas actividades...

I: Também têm os seus problemas porque muitos não têm empregos fixos e precisam de ganhar, fazer a vida, mas ganhar dinheiro com isso, não pode ser um trabalho inteiramente voluntário e portanto é difícil, mas a carolice apesar de tudo é suficiente para manter isto a funcionar e o gosto é fazer coisas no âmbito do património, da história local. Há aqui umas tantas linhas de orientação, digamos, a cerâmica que é sempre fundamental, mas depois é o património em geral e são estes espólios realmente. Participarmos na formação, acções de formação, por exemplo, de professores. O Professor Nicolau que é agora por coincidência o director do Centro de Formação Associação de Escolas do Centro-Oeste, CFAE Centro-Oeste, que é sediado ali na escola Bordalo Pinheiro, ainda agora propôs ao PH uma acção

de formação em que o PH tem uma participação muito grande e eu também gostaria que aquele dia de conferências que haver no dia da exposição também fosse considerado para efeitos de formação de professores, ou seja, quem vai tem um dia de formação, fica com créditos vá lá, correspondentes ao tempo da duração que é pouco, mas sempre conta alguma coisa.

Quem participa, em princípio para que conte, tem que fazer qualquer coisa. Nós já temos participado em várias acções de formação, mesmo naquele período em que era novamente eu, mas ainda não estávamos aqui, também fui coordenadora de uma acção de formação do centro de formação, porque, lá está, o Nicolau continua a ser membro do PH e a estar interessado, embora um pouco afastado.

J: Sim, uma das questões – a Dra. Isabel quase que chegou lá – é se podemos considerar que a associação é uma associação de defesa de património ou se actua em vários âmbitos, não é? Porque na década de 90 criaram-se várias associações de defesa de património, exactamente com...

I: Esse fim...

J: ...esse nome.

I:... e esse nome, não nós debatemos muito essa questão em tempos, na década de [19]90 e dissemos sempre que o nosso intuito era estudar o património, era estudá-lo e a nossa defesa era essa. Se o critério de defesa não for propriamente ir para a rua com cartazes, que era o que se fazia mais na altura, embora possamos também enveredar por aí e agora há um caso concreto que é da instalação cerâmica atrás do chafariz das 5 bicas – os Jardins d’Água ou como lhe chamem, eu gosto de chamar Quatro Estações. Realmente, nesse caso, tem que haver mesmo uma intervenção de facto mais cívica, mais muscular se quiser, mas nós sempre dissemos que a nossa vocação, isso está até naquele texto introdutório do site, que foi escrito por mim, em que se fala exactamente da necessidade de estudar o património, de, portanto, colaborar numa defesa que o salvguarde neste ponto de vista...

J: O estudo como uma forma de defesa do património.

I: É, é, nós somos um grupo de estudos, muitas vezes nós dizemos a associação Património Histórico, nem sequer temos a palavra associação no nosso nome, que é uma coisa rara, há quem diga que acha que isso seria ilegal agora, mas o que é certo é que o que veio em Diário da República é Património Histórico – Grupo de Estudos de Caldas da Rainha. Só que nós dizemos que somos associação, por isso é que escrevemos normalmente o nome associação com letra minúscula e depois Património Histórico com letra maiúscula e é por isso que somos conhecidos como PH, o PH, porque nós somos um Grupo de Estudos antes de sermos uma associação, e, portanto, temos essa vertente dos espólios, de preservar a memória. Também comprámos entretanto aqueles exemplares todos da revista...

J: O Século Ilustrado.

I: Do Século Ilustrado, que também era do Dr. Vasco Trancoso. E há outras pessoas que, entretanto, nos têm dado outras coisas: um senhor chamado Fernando Sousa, deu-nos tudo o que era do pai, que era também uma daquelas pessoas que juntava muitas coisas, temos aí também.

J: Isso por acaso seria interessante, a própria associação procurar reunir arquivos das comunidades...

I: Já temos feito isso, pelo menos em relação ao Ferreira da Silva, aos cartazes. E as pessoas... veio na Gazeta, nós fizemos esse apelo por várias maneiras, mas as pessoas, houve algumas que responderam, mas uma coisa muito reduzida. Isto acontece essencialmente quando as pessoas têm as coisas e têm o mínimo de consciência que não devem deitar fora, não são delas, eram do pai, eram de não sei quem e as pessoas não sabem o que é que hão-de fazer e então preferem doar, é uma verdade que nós estamos abertos a receber tudo o que tenha eventualmente valor, não é?

J: Então algumas questões em relação ao que a Dra. Isabel disse. Pelo que nós percebemos no início ali da década de 2000, a associação funcionou de forma mais irregular, digamos assim, e principalmente em relação ao espólio isso teve consequência, não é?

I: Sim.

J: Porque houve esse trabalho da Dra. Paula Cândido, mas depois não foi feito mais nenhum...

I: Não houve continuidade...

J: Isso terá tido como principais causas o quê? A pouca actividade da associação? A pouca divulgação da existência do próprio espólio? Algum desinteresse pela personalidade do Doutor Fernando da Silva Correia?

I: Não, não acho que tenha sido uma coisa pensada, julgo eu, aconteceu assim, aconteceu naturalmente. Eu penso que houve necessidade de responder à própria entrega ou como queiramos chamar e aí houve esse trabalho todo da Paula Cândido, com condições da Paula Cândido continuar porque ela teve de alguma forma paga, porque houve um programa da IMOVIP, coisa que agora o IEFP é um sucedâneo desses programas. E a própria Margarida Araújo também chegou a trabalhar com este espólio...

J: Sim, na própria cronologia da associação que foi feita nessa altura é mencionado o nome da Dra. Paula Cândido e de mais duas senhoras...

I: Que são?

J: Margarida Araújo e Helena Pinto.

I: Ah, sim. Acontece que, entretanto, a associação viveu várias vicissitudes. A Margarida Araújo, não sei se a Joana a conhece...

J: Não, acho que não.

I: A Margarida Araújo numa outra altura da vida dela, quando era mais nova, tinha uma grande disponibilidade para o PH e foi ela que trabalhou até no inventário dos bens móveis do Hospital. Foi minha colega de curso e também integrou não logo desde início, mas esteve na Casa da Cultura e depois foi para a Alemanha com o marido ou assim...

Mas antes disso, estava muitas vezes no PH, na outra sede, mesmo inóspita como era e esteve até ligada à própria criação do Museu do Hospital e das Caldas, que funcionou através de equipas ligadas ao Dr. Paulo Henriques que foi quem fez

aquela distribuição das salas, aquela criação dos núcleos. E a Margarida Araújo também trabalhou aí aquando da publicação do livro do Compromisso que é também uma publicação anterior à própria criação da associação e ela é que esteve ligada a isso e à exposição inicial que depois viria a dar o Museu do Hospital e das Caldas. Havia muitos projectos em simultâneo. E a Helena Pinto também veio a trabalhar, depois acabou por ficar como coordenadora do Museu do Hospital e das Caldas e fixou-se cá e a Paula é que, entretanto, seguiu para fazer o curso de Ciências Documentais e depois foi para o Arquivo Distrital de Leiria e afastou-se um pouco. E eu penso que naquela fase, 1996, acho que foi quando foi eleito o Presidente Sampaio, e depois em 2002, ainda ficou o Professor João Serra como Presidente da associação...

J: Sim.

I: ...mas depois o resto da equipa devia ter trabalhado mais, que não trabalhou. E em 2000/2002 por aí estava o professor Nicolau e, lá está, houve outros projectos, foi quando foi publicada aquela notícia... Ah, e era o Luís Nuno, eu queria referir-me era ao Luís Nuno, ao Professor Luís Nuno Rodrigues. O Luís Nuno Rodrigues começou a colaborar com o PH ainda era estudante do curso de História e depois ele esteve muito ligado à exposição que houve no Museu Malhoa, uma exposição que dá origem a um livro e que é exactamente sobre toda a história do museu, da criação do museu e isso assim e foi ele que trouxe o arquivo, foi através dele que veio o arquivo do Dr. Júlio Lopes, entretanto, ele teve uma carreira académica muito bem-sucedida, não é? É um grande historiador, não sei se o conhece hoje em dia...

J: Não o conheço pessoalmente, mas já ouvi falar...

I: Fez o que é normal hoje em dia, fez mestrado, doutoramento fez não sei quê, casou-se, ficou em Lisboa e ele ainda hoje é membro do PH. Ele está sempre disponível, ainda no ano passado veio fazer uma das conferências para colaborar, mas foi um dos primeiros a querer-se refiliar, mas claro que está longe, deixou de ter uma ligação tão grande. A Margarida Araújo também não conseguiu continuar com os seus trabalhos, também desligou-se praticamente inteiramente e houve ali a certa altura, ainda antes, naquele período em que ainda era o Dr. João Serra, mas não estava cá o presidente e em que o resto da direcção também não agiu. (...)

E depois é que ficou então o Professor Nicolau à frente e realmente o arquivo passou para segundo plano. Ele depois ficou em vez da Helena Pinto, como coordenador do Museu do Hospital e das Caldas, embora se tivesse mantido como professor, as pessoas julgavam até que o PH era no Museu do Hospital e das Caldas, não havia propriamente aquela separação tão nítida e houve uma secundarização de facto do espólio.

[Chegada do Dr. João Serra]

J: Nós já falámos um bocadinho... Este documento é para o Dr. João Serra assinar, dando autorização para eu depois poder utilizar...

I: Ainda não assinei, mas vou assinar.

J: A minha ideia é depois utilizar a transcrição e depois eu mando a transcrição para ser autorizada. O que eu estive a dizer à Dra. Isabel que, em parte, tem acompanhado o que eu tenho feito, é que o meu trabalho de projecto, tem várias vertentes e eu escolhi exactamente a modalidade de trabalho de projecto para poder planear um projecto maior, digamos assim, porque inicialmente a ideia era começar logo por uma biografia intelectual, foi mais ou menos isso que eu previ, porque percebi que através do espólio do Doutor Fernando da Silva Correia seria possível, porque existem vários momentos das publicações que ele fez e eu achei que esse trabalho seria interessante, mas depois a conversar com os orientadores, decidimos que antes de poder partir para esse trabalho, que deveria de se perceber se o espólio está bem organizado, se estava tudo a postos para começar esse trabalho mais a sério e então decidimos que iria começar primeiro por fazer essa descrição. E a descrição que eu irei propor que ainda não sei se irei realmente fazê-la no espaço, mas irei pelo menos pensá-la informaticamente, não é? Vai partir da premissa de que este espólio é um espólio pessoal e ao mesmo tempo familiar porque acaba por reunir uma série de documentação que também era do Dr. Joaquim Manuel Correia e da própria família do Dr. Fernando, portanto, a ideia é pensar o espólio precisamente dessa perspectiva e existem actualmente várias propostas para que eles sejam organizados não como normalmente a documentação arquivística é organizada - de acordo com a ordem que ela tem, pensando que essa ordem terá sido dada pelo seu produtor -, mas, no caso da família, pelas várias gerações e, no caso dos arquivos



personais, através dos vários momentos da sua vida e isso iria permitir que fosse mais fácil a consulta do próprio espólio, mas também que se percebe-se a relação entre a própria documentação e acaba por, uma vez que, o trabalho de descrição inicial já foi feito e já corresponde à forma como ele foi encontrado, fazendo a partir de agora este trabalho de divisão ou de reestruturação desta informação conseguimos manter as duas descrições, portanto, acho que pode ser interessante. Os resultados que pretendo apresentar neste trabalho de projecto dividem-se em 3 partes, uma primeira em que vou fazer uma nota biográfica a partir de alguns trabalhos que já existem, até do próprio Dr. João Serra sobre o Doutor Fernando da Silva Correia, depois uma segunda onde vou contar a história custodial do espólio e é aí que entra principalmente a associação, porque a partir do momento em que o espólio foi depositado na associação, a história do espólio e da associação acabam por ser conjuntas, não é? Porque o espólio passa a estar subordinado àquilo que é a própria associação. E depois uma última parte em que proponho o que eu pretendo fazer no futuro para continuar o projecto e que vai ao encontro desse trabalho mais sério a estudar as obras do Doutor Fernando da Silva Correia que eu acho que pode ser um trabalho fantástico porque ele tem imensas obras e estuda várias temáticas e era interessante conhecê-lo como pessoa e como investigador, médico... E, no fundo, o que eu queria nesta entrevista e das informações que o Dr. João Serra me pode dar, prende-se essencialmente com a questão da incorporação do próprio espólio na associação, nessa altura em que o Dr. João Serra estava mais ligado à associação, alias à sua própria criação, não é? Portanto, o que lembra da constituição da associação e da integração do espólio na associação? Porque é que a Dra. Natália decidiu doar o espólio à associação...

João Serra (S): Eu não estou certo das datas...

J: Sim...

S: Portanto, vai ter que ver depois o que é que está antes e o que é que está depois. E eu não tenho a certeza se o espólio foi doado e depois se deu aquilo que eu vou relatar ou se foi o contrário. Mas na minha cabeça, na minha memória as duas coisas estão associadas, isto é: estão associados a iniciativa da Doutora Natália Correia Guedes de pôr à guarda da associação Património Histórico este espólio importante

e os projectos em que a associação esteve envolvida e eu também, em particularmente, de recuperação do património edificado do Hospital Termal. E este segundo aspecto é que eu relataria e depois a Joana tenta relacionar um com o outro porque eu não estou muito certo das datas, mas algures ali nos finais da década de [19]80 e o início da década de [19]90, ao mesmo tempo que estava na criação desta futura associação que inicialmente era um Grupo de Estudos, eu estive na criação desse Grupo 88/89 e, ao mesmo tempo, tive um papel na direcção da Casa da Cultura, aliás o Grupo surgiu como um Grupo de Estudos da Casa da Cultura. A Casa da Cultura era uma cooperativa de acção cultural e nessa altura ela encontrava-se numa situação de certa forma crítica, porque tinha deixado de ter financiamentos do Estado e, entretanto, o Centro Hospitalar decidiu fazer obras no edifício da antiga Casa da Cultura. Já dentro de uma lógica de recuperação do seu património que incluía a Casa da Cultura e posteriormente os Pavilhões do Parque. E a cooperativa Casa da Cultura era presidida pelo Dr. Mário Gonçalves, na mesma altura presidente do conselho de administração do Centro Hospitalar. É ele que me convida para integrar a sua direcção e eu ocupava uma espécie de vice-presidência, não sei se o cargo existia, mas era uma espécie de número 2 do Dr. Mário Gonçalves e nós debatíamos muito quer como membros da Casa da Cultura quer como conselheiro, colaborador do Dr. Mário Gonçalves que fazer desse património edificado. E, entretanto, nesse conjunto de discussões e trocas de impressões começou a ganhar uma certa pertinência a ideia de propor a transformação dos Pavilhões do Parque em hotel. Na altura, estávamos salvo erro, no segundo governo do Professor Cavaco Silva, era Ministro do Comércio e Turismo um senhor que foi até há pouco tempo presidente da Caixa Geral de Depósitos, Alexandre Relvas, tutelava a Secretaria do Estado do Turismo, a qual tinha lançado um conjunto de projectos para recuperação do património para fins turísticos. Lançou aqueles projectos das casas de habitação para fins turísticos em que as pessoas alugavam as suas casas, etc., e também a instalação de equipamentos de turismo em áreas patrimoniais, em edifícios patrimoniais e eu lembro-me de ter uma reunião na Secretaria de Estado do Turismo que funcionava no Palácio Foz, na altura com o Secretario de Estado, o Presidente do Conselho de Administração e eu. Aí esteve presente também o Presidente do Conselho Geral, existia um órgão chamado Conselho Geral dos Hospitais que era um organismo representativo da opinião pública e que dava parecer sobre as

actividades dos hospitais, sobre o seu relatório de actividades e sobre o seu exercício, ele era presidido na altura, no final dos anos [19]80, pelo Engenheiro Pedro Pessoa de Carvalho que era o Presidente do Conselho de Administração da Secla. Para ter uma ideia o Engenheiro Pedro Pessoa de Carvalho morreu uns anos depois eu sucedi-lhe no cargo de Presidente do Conselho Geral do Centro Hospitalar, portanto, no conjunto pessoas que se reunia para um pouco debater o futuro das instituições nomeadamente dos Pavilhões do Parque. Nessa reunião no Palácio Foz, o então secretário de Estado, chamava-se Alexandre Relvas, sugeriu/afirmou que achava muito boa a ideia de transformar os Pavilhões do Parque num hotel e que podia dar um contributo para isso, que escolhia um arquitecto da Direcção Geral do Turismo ajudar a fazer um estudo prévio para saber se o hotel cabia nos Pavilhões do Parque, portando, fazer um ensaio que nos ajudasse. Determinou e escolheu esse arquitecto à nossa frente, indicou para o fazer o arquitecto Correia Guedes. Ora o arquitecto Correia Guedes é marido da Doutora Natália Correia Guedes e durante alguns meses ele, eles tinham casa nas Caldas, portanto, ele aproveitou a vinda às Caldas para se inteirar da história dos Pavilhões do Parque, dos projectos de arquitectura originais do Rodrigo Berquó, ou seja, nós funcionámos como uma espécie de grupo de apoio ao arquitecto Correia Guedes...

I: Ele não deve ter o nome Correia, pois não João?

S: Tem.

I: Então mas não é ela que é Correia.

S: Ela é Correia e ele é Corrêa.

I: Ah, são os dois! Que giro! E eu achava que ela era Correia Guedes, Correia dela e Guedes do marido, mas é giro terem ambos Correia, peço desculpa.

S: É Correia, Corrêa...

I: Corrêa.

S: ...ele é de origem açoriana e da família do primeiro presidente da República eleito Manuel de Arriaga, sobrinho neto ou por aí. Tanto que eles têm, tinham os dois espólios, o espólio do... [Manuel de Arriaga], que eu também consultei para

um trabalho que fiz, uma biografia sobre o presidente da República que foi publicado pelo Diário de Notícias ou coisa assim parecida. Portanto, neste processo, neste conjunto de opiniões, projectos, etc., a certa altura, penso que foi o Presidente do Conselho de Administração do Hospital, que tendo em conta o que nós conhecíamos da actividade do Doutor Fernando Correia pôs a hipótese, neste grupo informal de discussão, pôs a hipótese de atribuirmos o nome, de propormos à tutela o nome Fernando Correia ao Hospital das Caldas da Rainha, Hospital Distrital.

J: Exacto.

S: Na altura, o Ministério estava a convidar os hospitais a darem nomes de pessoas ou a proporem nomes uma vez que as designações distrital e tal tinham desaparecido e, portanto, houve muitos hospitais, Pedro Hispano em Matosinhos, uma série de hospitais que deram nomes. E então eu fiz uma primeira aproximação à biografia do Doutor Fernando Correia, fazendo alguma pesquisa na Biblioteca Nacional e adquirindo alguns livros dele para fundamentar uma proposta para a atribuição do nome Fernando Correia, essa proposta não chegou ao fim, como é evidente, porque era preciso um conjunto de pareceres de entidades locais e ela parou ali na Câmara ou na Assembleia Municipal, e entretanto o Dr. Mário Gonçalves ou perdeu o entusiasmo ou ele próprio deixou o lugar, já não me lembro bem. Mas, portanto, há uma simultaneidade, eu já não sei bem o que é primeiro...

J: Eu acho que é esta situação, pelo menos pela cronologia que eu já vi, sim.

S: Pronto, e isso aproxima-me da Doutora Natália Correia Guedes, eu conhecia-a, mas não tinha assim tão próxima. Por um lado, o trabalho com o marido e, por outro lado, a atribuição do nome e há aqui uma relação, no fundo, estamos a tratar de questões patrimoniais simbólicas ou materiais de um, materiais do outro. Estamos a tratar de encontrar um destino para os Pavilhões do Parque, um destino que os salve da ruína, estamos a tentar encontrar um bom patrono para o hospital. Os patronos tradicionais que é a Rainha D. Leonor, etc., pareciam todos já gastos ou já usados e ali fazia sentido um médico, era um hospital distrital, um hospital de doenças gerais e um médico que tinha sido um médico de saúde pública, um médico que tinha exercido na terra, um médico também do hospital, pareceu-nos é por aí. E nestes conjuntos de contactos, a certa altura eu apresentei à Doutora Natália Correia

Guedes a criação da associação Património Histórico que estava é criada, salvo erro, em 1992 por aí.

I: Pois, a escritura foi em Janeiro de 1993...

S: 1993, portanto estamos a concluir que aquele Grupo de Estudos já não faz sentido como um Grupo de Estudos da Casa da Cultura...

I: Porque foi suspensa a cooperativa para obras.

S: Pois, que era preciso criar aqui uma nova instituição para ter mais agilidade e capacidade de ser interlocutora de outras instituições e, nessa altura ela visitou as instalações que eram ali as instalações cedidas pelo Hospital e ela disse: “bom, sendo assim, se calhar faz sentido que vocês venham a ter este espólio e logo se vê depois o futuro, mas para já ele também corre riscos ali em Benavente, não está lá ninguém, portanto aquilo às tantas pode acontecer uma desgraça qualquer e nós vamos, se vocês conseguirem lá ir buscá-lo”. Acho que a Câmara nos ajudou no transporte e assim fiz e lá fomos, isto é o que eu me lembro, para mim as duas coisas estão ligadas, a questão do nome dele, portanto, é um processo que decorre em simultâneo, não chegou ao fim, o Hospital não atribuiu nome nenhum, nem o dele nem qualquer outro...

J: Sim. (...)

J: Eu tenho aqui a tal cronologia de que tinha falado ao Dr. João Serra. E aqui está a associação, começa em Março de [19]90 e depois diz que o grupo já existia...

S: Sim.

J: Tem algumas informações sobre o espólio do Doutor Fernando, surge a 16 de Setembro de [19]92 uma sessão de esclarecimento e debate sobre a proposta de atribuição do nome do Doutor Fernando Correia ao Hospital Distrital destinado ao pessoal médico e para médico do mesmo Hospital, com a presença do Dr. João Serra.

S: Pois, porque essa era uma das entidades que tinha de dar parecer...

J: Eu acho que estão aí alguns pareceres são dessa altura, eu já vi essa documentação...

I: Há um conjunto de pareceres mas é a propósito do PH que acompanha esta cronologia...

J: Não, mas é a proposição da atribuição do nome do Doutor Fernando...

I: Ah, isso nunca vi...

J: Porque eu já vi um dossier que tem mesmo o nome do Doutor Fernando, mesmo com informações sobre o espólio do Doutor Fernando Correia e aparece um documento do Dr. Mário Gonçalves e um outro que até tem uma nota biográfica do Doutor Fernando, que eu penso que seria na altura do director do Instituto Ricardo Jorge, eu estive a ver essa informação. E depois, em Novembro de [19]92 foi a publicação do livro da Dra. Natália e depois aparece aqui a 16 de Janeiro de [19]93 a transferência do espólio do Dr. Fernando para a associação, pronto e tem aqui...

I: Já tinha sido a escritura.

J: ... uma breve descrição.

I: Não vem aí em que dia foi?

J: Talvez esteja aqui... a escritura foi no dia 8.

I: Pois...

J: Está aqui.

I: Tinha ideia que era logo no início do ano.

J: E depois há aqui uma breve descrição que diz que tem várias caixas e volumes de correspondência, encontra-se em Benavente e que foi oferecido/ confiado à associação pela Dra. Natália e a organização ficou a cargo da Margarida Gouveia, Paula Cândido e Helena Pinto que era o que já tínhamos falado, depois aparece aqui em Fevereiro de [19]93, comerciantes aceitaram colaborar com a associação oferecendo pastas para o arquivo do Doutor Fernando Correia...

S: Eles iam lá pagar à Tália.

J: Depois houve a selecção de uma parte de fotografias do arquivo do Doutor Fernando da Silva Correia que foram expostas na livraria 107...

S: Sim.

J: E a exposição bio-bibliográfica em Maio de [19]93. E depois eu sei...

S: Essa exposição foi no Museu do Hospital, não foi?

I e J: Sim.

J: Eu tenho ali o folheto que está disponível online no site da Biblioteca das Caldas. E depois existe aqui em Fevereiro de [19]94 a descoberta dos *Pergaminhos das Caldas*.

S: Sim, foi a...

I: A Paula.

S: A Paula Cândido.

J: E depois, uma das coisas que eu também queria perguntar ao Dr. João Serra é em relação à nota biográfica...

S: Sim.

J: Esse trabalho que fez para os Pergaminhos, como é que o fez? O que é que achou? O que é que estudou do Doutor Fernando? Eu já li, tem uma nota biográfico, depois também uma parte em que se explica mais ou menos o trabalho desenvolvido para...

S: Sim.

J:... para a descrição que foi a Dra. Paula Cândido e como é que se processou esse trabalho?

S: Pois, disso eu não me lembro muito bem. Lembro-me dela ter encontrado esses documentos, de ter sugerido que valia a pena pegar naquilo porque a obra estava praticamente pronta, portanto, havia uma selecção feita, os textos, os textos eram interessantes e portanto a primeira preocupação foi verificar tudo. Nós sabíamos que



ele tinha sido um homem que se dedicou à história, mas sabíamos que não era um historiador e, portanto, verificámos texto a texto e verificámos que por vezes ele aligeirava aqui e acolá as terminologias, fazia uma interpretação livre do texto, ou seja, que o tornava mais coloquial e nós repusemos aquilo tudo, texto a texto, exactamente como estava no original.

I: A edição crítica.

S: Fizemos a recondução, até porque como ele muitos dos textos copiou à mão, depois...

J: Sim.

S: Aqui e ali escapou-lhe uma palavra ou, como nós fazemos, normalmente enganamo-nos e, portanto, foi tudo corrigido. E a biografia dele, eu só me lembro que ela foi feita com base numa, nessa altura nós não conhecíamos ainda por completo o que estava dentro das caixas e, portanto, o que fizemos foi junto de dois ou três alfarrabistas adquirir um conjunto de obras dele que tivessem, que nos ajudassem a explicitar um pouco da biografia. Essas obras infelizmente perdemos-las, porque no lançamento do livro convidámos uma pessoa que tinha trabalhado com ele para apresentar, fornecemos-lhe e depois ela, entretanto, não devolveu e não recuperámos, não é?

J: Eu por acaso já tinha reparado...

I: Eu já tinha contado isso e eu disse mesmo quem era à Joana, mas julgava eu...

J: Ah, sim, sim, já tínhamos falado do assunto.

I:...que os livros eram mesmo do Doutor Fernando Correia, agora é que estou a aprender.

S: Não, não, eram do PH, foram comprados pelo PH, quer dizer, foram comprados por mim, mas com a ideia de serem...

J: Era possível talvez tentar recuperá-los, mas é difícil.

S: Alguns talvez existem na colecção dele.

J: Não, mas...

I: Não, porque os livros foram vendidos, a viúva deu os papéis à sobrinha, mas vendeu a biblioteca...

S: Deu muito trabalho reunir aquilo, foi com a ajuda do senhor Herminio...

I: Ah, sim, Herminio.

S:...Herminio e outros, aqueles alfarrabistas do Porto e eles sempre que encontravam alguma coisa, separatas, havia muitas separatas...

J: Eu também andei a ver...

S:...era um lote bastante extenso e portanto, isto é o que eu me lembro, não tenho assim mais nada de especial. Não fiz entrevistas, foi uma biografia basicamente feita como fazem os historiadores, com os documentos e com os livros...

J: Sim, por acaso, estou a lembrar-me, em relação aos textos que estavam no livro, algum deles tinha sido transcrito, provavelmente sim, do documento original. É que eu, entretanto, encontrei algumas cartas da Dra. Deolinda em que ela se propunha a fazer esse trabalho de paleografia para ajudar o Doutor Fernando...

S: Pois.

J: Portanto, se calhar algumas das transcrições até possa ter sido ela a fazer...

S: Talvez.

I: Eu achei muita graça que quando fiz um texto, que ainda por cima nunca foi publicado, para sair nas comemorações dos 50 anos das novas instalações da Escola Bordalo Pinheiro, li as Gazetas de [19]59 a [19]65 e encontrei lá várias vezes referências aos Pergaminhos e eu achei muita graça e anotei isso e depois pensava que eu tinha descoberto uma grande coisa, mas entretanto fui ler os pergaminhos por outra razão qualquer e está na introdução que ele vem na Gazeta fala, portanto, o João também deve ter isso ver as gazetas daquele tempo.

J: Estão lá pelo menos duas notícias...

I: Ele tinha a ideia de publicar ele e dizia quem ia patrocinar e não sei quê, a Gazeta fartou-se de publicar coisas...

S: Pois foi, pois foi.

I:... e afinal, olhe...

S: Já me estou a lembrar... É aquilo foi com o nosso contributo para... E aquele livro é interessante, não é?

I: É Muito interessante, é muito interessante...

J: Sim, sim.

S: A única coisa é que não houve um único texto, não havia um único texto que tivesse bem transcrito.

I: Que engraçado.

S: Nem um só e nós, com a exceção de um ou dois textos que eram, por exemplo, houve textos, havia um texto do, talvez do Luiz Teixeira, que era uma mistura de vários textos, ele tinha...

I: Ah...

S: ...agrupado para dar um texto sozinho e nós tivemos que ir ver o que é que era de cada um, de modo que...

J: Pois...

S: E aí fomos...

I: E separá-los, não é?

S: E separá-los, isto é daqui, isto é dacolá, houve muitas coisas assim...

I: Que engraçado, que engraçado.

S:...houve bocados em que ele saltou e não assinalou, para tornar o exto mais fluido, a ideia dele era jornalística e portanto nós reconduzimos aquilo ao original, foi esse um trabalho louco, louco...

J: Sim...

S: Estive horas e horas na Biblioteca Nacional, nunca mais chegava ao fim e foi mais meu do que da Paulinha, porque a Paulinha tinha pouco tempo...

I: Sim, sim, ainda era muito menina...

S:...Tinha pouco tempo para isto. Eu aqui há tempos encontrei, conheci um homem que foi Professor na Escola de Saúde Pública e que escreveu qualquer coisa sobre o Fernando da Silva Correia, no Instituto, fez um trabalho sobre o Instituto Ricardo Jorge, e disse-me qualquer coisa que seja preciso, eu tenho muito gosto...

I: Então nesse caso, talvez devêssemos contactá-lo para a exposição.

S:... chama-se Luís Graça.

J: Eu já vi...

S: Luís Graça...

I: Luís Graça.

S: Ele ajudou-me na questão do Manuel Ferreira, porque o pai dele é da Lourinhã e foi militar em Cabo Verde nos anos [19]40, ele forneceu-me 70 fotografias, este Luís Graça e é um homem fantástico, é muito competente neste domínio, foi Professor, está jubilado, mas também tem lá gabinete, eu fui encontrar-me com ele lá no gabinete da Escola de Saúde Pública e disse-me alguma coisa que precise e ele tem qualquer coisa escrito sobre o Fernando da Silva Correia.

J: Sim, eu já passei pelo nome dele, pesquisei algumas coisas...

I: Então se calhar é melhor eu falar com ele por causa da exposição...

S: Eu tenho o e-mail dele e o telefone.

J:...mas algumas pessoas que estudam esta época e acabam por passar pelo Doutor Fernando da Silva Correia, aliás uma das pesquisas, até fiz uma simples pesquisa no Google e dá-nos logo imensos livros de pessoas que já o citaram, portanto...

S: Sim.

I: Por exemplo, há uma senhora chamada Teresa Silva...

J: Sim.

I:...que esteve comigo, encontrou-se comigo outras vezes e foi lá à sacristia da Capela, que fez uma tese de doutoramento que não é sobre o Fernando da Silva Correia, mas que é sobre aquela escola...

J: De Serviço Social.

I: Sim, que agora está integrada na Lusíada, portanto, com Bolonha não teve a capacidade de continuar autónoma...

S: Aquele Ivo, não é? Também consultou...

I: Não sei...

S:...doutorou-se sobre a Rainha D. Leonor, um professor de Coimbra...

I: Ah...mas esse não foi...

S: Fez uma tese sobre a Rainha D. Leonor, consultou também o arquivo.

I: E depois eu dei-lhe...

I: Pronto, só que ela depois de já estarmos aqui, o ano passado, sei que foi uma altura em que eu tive assim uma data de chatices e de repente tive duas coisas que me alegraram: uma foi ela, ela a dizer-me: “eu vou-me oferecer para salvar o espólio, vou ficar ele, há uma entidade que está interessada”; e eu disse-lhe “não é preciso que agora está tudo impecável” e lá lhe contei o que é que se tinha passado entretanto, ela até ficou de vir cá ver, mas nunca veio. Mas essa senhora também, pelo menos, em função da escola...

S: Eu estou um bocadinho atrasado, tenho boleia à minha espera para ir para Lisboa, há mais alguma coisa?

J: No fundo já falámos mais ou menos de tudo. A única questão que eu ia pôr e posso colocar, se calhar, aos dois é: porque é que acham que este espólio deve ser valorizado? Que valores é que lhe reconhecem e como é que acham que se pode constituir como um património e pode ser, principalmente, uma vez que está numa

associação que estuda a história local das Caldas, como é que se pode recuperar este património, tendo em vista conhecer aspectos da história caldense e da sua relação com a cidade.

S: Então eu respondo-lhe muito brevemente porque estou com este problema de ter uma pessoa à minha espera. A vida dele e os interesses dele foram muito diversificados e, portanto, eu imagino que este acervo reflecta essa diversidade, mas o que esta associação desde o princípio reclamou foi que a ideia de fazer estudos não é independente da ideia de recolher, guardar e classificar materiais que de outra forma se perderiam e isso é um serviço público. Nós prestamos nas Caldas, mas podíamos prestar noutro sítio qualquer. Prestamos não no sentido de saber mais sobre o local, mas no sentido de saber mais sobre o mundo, porque nós não temos um problema com as Caldas, temos um problema com a história e as Caldas fornece-nos um ensejo para a estudar, para estudar a história da I Guerra ou a história da Medicina ou a história dos hospitais ou a história da puericultura, por exemplo, que também foi um assunto sobre o qual ele se dedicou ou sobre a saúde pública, etc. Nesse sentido, ele é um arquivo exemplar e mostra que estas instituições podem ajudar não apenas a satisfazer a curiosidade das pessoas, mas a preservar patrimónios, é por isso que se chama Património Histórico e tanto ajuda a preservar património edificado como património arquivístico, etc. E ao longo do tempo desenvolvemos vários projectos destes, nalguns casos os espólios estão aqui, noutros casos estudamos nos sítios onde estavam, desenvolvemos o trabalho e eles ficaram melhor do que estavam antes, mais conhecidos e mais defendidos. Acho que sim, que foi um pouco esta a ideia, os arquivos, não é os arquivos porque nós não somos arquivistas, é os arquivos como conhecimento, como acervo do conhecimento e de memória ao serviço de estudo, etc.

J: Como património.

S: Pois, podemos estudar, outras pessoas podem estudar. Acho que valorizá-lo é permitir o estudo e o conhecimento, hoje há instrumentos de conhecimento mais ampliados, se nós conseguirmos colocar uma parte desse arquivo online, alguns documentos dele, então aí...

I: O nosso projecto é esse.

S:...melhoraremos sensivelmente o conhecimento e permitiremos um acesso mais generalizado e mais fácil...

I: O nosso projecto era esse, portanto, o tal projecto com que eu e a direcção primeira no retomar das actividades nos candidatamos, em parceria ou em protocolo com o arquivo distrital, mas não foi possível.

S: Com o arquivo distrital.

J: Eu poderei fazer isso com uma parte do espólio, porque à partida a descrição que eu vou fazer vai ficar no AtoM que está disponível, não sei se está para todos, mas pelo menos para quem tem conta e por isso, fica uma parte consultável e uma parte pode ficar digitalizada...

S: Sim.

I: Mas o nosso projecto era mesmo ficar como está o arquivo, com um link para a Torre do Tombo, portanto integrando...

J: Sim, a Dra. Paula Cândido já me falou disso...

I: E ainda não desisti totalmente da ideia.

[Saída do Dr. João Serra.]

I: (...) A conversa, entretanto, fez-me lembrar de alguns pormenores. Essa questão de não ter sido possível, foi porque foi mesmo negada essa possibilidade à Paula Cândido, portanto, eu escrevi uma carta...

J: A digitalização.

I: Sim, seria feito no Arquivo distrital, porque este tipo de equipamento que nós possuímos é para imagem, não dá para documentos. Não foi possível, pois o Arquivo Distrital não poderia disponibilizar os meios humanos para o processo de digitalização. Ainda houve a proposta de o PH contratar alguém que fosse lá fazer esse trabalho, nós tínhamos a Joana nessa altura a fazer o estágio do IEFP cá, eu ainda fui ao IEFP saber se havia essa possibilidade de ela ser destacada para ir para Leiria e disseram que sim que o problema era nosso, desde que tivesse isso tudo definido e ainda propus que ela, todos os dias não podia ser, senão a sede estava

fechada, mas que, pelo menos temporariamente, podia ir uma vez por semana, mas depois olha...

J: Até porque, tendo que se fazer a digitalização lá, a própria documentação teria que ir para lá...

I: Mas a nossa proposta era de irem umas tantas e voltarem, irem umas tantas e voltarem, não era para ficarem lá.

J: Pois, mas isso era, digo eu...

I: Logisticamente era um bocado complicado, não é? Antes disso o próprio Professor Nicolau tinha uma ideia de concorrer com o espólio para um programa da Gulbenkian, em que depois pagam, digamos que, a logística neste sentido dos equipamentos, era a palavra que me estava a faltar, para a digitalização, para o tratamento, mas nós temos que ter instalações e temos que ter alguém, mas isso também pode ser subsidiado e isso assim. Só que o Nicolau tinha essa ideia, mas depois isso esbarra para o PH e para o Fernando Correia com termos aquelas instalações tão exíguas.

E então depois o Nicolau dizia sempre que devíamos fazer isso e cheguei a falar com a Paula para preparar a candidatura, digamos assim, porque é uma candidatura para todos os efeitos. E ela disse-me que não teria hipótese nenhuma, pois considerava que estava direccionado para os espólios mais antigos, por isso é que ganhou facilmente o espólio do Hospital e das Caldas...

J: E não se concorreu à outra.

I: Pois, nem mais pensei nisso, nem mais pensei nisso, porque... mas pronto, depois nem uma, nem outra. Mas eu não tenho ainda... porque esta também é logisticamente complicada, levar as pastas para Leiria e voltarem as pastas para cá...

J: Sim, sim, seria mais fácil talvez trazer para aqui o equipamento necessário...

I: Ah, não isso não porque acho que aquilo é uma brutalidade, custa milhares e milhares de euros.



J: Ah, pronto, então é uma coisa mesmo muito...

I: É, é uma coisa que só existe àquele nível lá nos arquivos, portanto, ela diz que a coisa não fica bem, não dá para pôr a esse nível. Provavelmente poderemos fazer uma coisa mais caseira, mas pronto não tem o impacto...

A Doutora Natália já me tinha falado destes projectos para os Pavilhões do Parque, só que eu não tinha noção de que era a partir daí que se tinha vindo estabelecer...

J: Pois, eu também não.

I: ...este primeiro, isto para mim foi novidade.

J: Sim e foi bom porque deu para perceber ali...

I: Esclarece ali uma origem...

J: Exacto.

I: ...uma origem mesmo...

J: Sim e o Dr. João Serra acabou por dar um bocadinho a sensação de que o PH fazia parte da cooperativa, mas acaba por ser quase uma continuidade das actividades dessa cooperativa, não é?

I: Estava a olhar para ali, durante a exposição, era essa outra ideia que eu queria dizer, que entretanto esqueci-me outra vez. E pensei que disparate, não falei quando enumerei as fotografias, do espólio fotográfico da antiga Casa da Cultura, nós devíamos fazer uma história da antiga Casa da Cultura, porque nós fomos de facto herdeiros das coisas que, algumas que ficámos logo com elas e outras que fomos resgatar, que é outra história. Andei ali que tempos misturada em papeis insuportavelmente horrorosos a salvar o que podia, mas isto não, isto ficou no Museu do Hospital e das Caldas e foi recuperado há pouco tempo. Todas as actividades eram fotografadas, portanto, nós temos as fotografias das actividades todas, nós temos ali fora até uns armários em metal com fichas e coisas da vida associativa e ali tapado manhosamente há montes de papéis, porque depois quem ia para as instalações dos Pavilhões do Parque pôs lá tudo numa sala lá no parque, aquilo estava aberto, a Joana lembra-se disso...

J: Sim, sim.

I: Então eu entrei numa sala, eu o Quitó, o Dr. Mário Gonçalves, a mulher do Dr. Mário Gonçalves, que foi só quem eu consegui reunir para trabalhar lá comigo e andámos a remexer naquela porcaria toda e algumas mandámos para ser lixo, outras trouxemos e para além disso também recuperámos e foi aí que eu recuperei uma quantidade absurda daquele livro do Professor João Serra que é sobre a cerâmica, que um conjunto de artigos Arte e indústria...

J: Sim, sim.

I:... da cerâmica, que estava dado como esgotado e havia ali imensos, porque ainda foi em 1991 salvo erro, ainda foi antes da associação. E, portanto, trouxemos isso tudo, muitas pastas de arquivo também da contabilidade, mas também trouxemos e temos uma enorme colecção, também toda catalogada, vá lá, de cartazes que a Casa da Cultura tinha, também estavam no Museu do Hospital e das Caldas e que eu também trouxe e que foi até o meu sobrinho Manuel Xavier que tinha tempo livre, estava entre, *between jobs*, não é bem o caso, mas estava à espera de entrar para um doutoramento e que esteve aqui a fazer um trabalho de voluntariado com a Joana, um período grande, uns três ou quatro meses e catalogou os cartazes todos. Porque eles tinham cartazes das coisas que faziam e cartazes de outras associações, de todo o lado, de teatro...

J: Que lhes mandavam.

I:...que lhes mandavam e, portanto, temos um espólio muito interessante, por exemplo, uma exposição pelo menos também era bem... tudo isto - aquelas secretárias mais vetustas eram da Casa da Cultura e estas assim da entrada eram da Casa da Cultura, eram do antigo Casino e depois serviram como mobiliário do PH na outra parte e agora aqui também. Há uma continuidade entre a Casa da Cultura e até certo ponto nós, que foi quem ficou apesar de tudo com coisas eram da Casa da Cultura e é uma história interessante também que podia ser feita.

J: Sim, eu acho que sim, existem imensas histórias que ainda podem ser feitas.

I: Assim haja pessoas que vontade de arregaçar as mangas. Se houver depois mais alguma dúvida ou qualquer coisa que eu me lembre...

[Fim.]

## **9. Breve cronologia da vida de Fernando da Silva Correia (1893-1966)**

20 de Maio de 1893 – Nasceu em Alfaiates, Sabugal.

1911-1917 – Frequentou o curso de Medicina na Universidade de Coimbra.

1911 – Viajou com o Orféon Académico de Coimbra a França.

1917 – Recebeu um convite para 1.º Assistente de Medicina Legal na Universidade de Coimbra.

10 de Janeiro de 1918 – Partiu de Lisboa para integrar o Corpo de Artilharia Pesada Independente, iniciou a sua participação na Grande Guerra (1914-1918).

14 de Maio de 1919 – Desembarcou em Lisboa, terminou a sua participação na Grande Guerra.

1919 – Terminou o curso de Medicina, ao apresentar a sua tese de formatura. Coursou em Medicina Sanitária em Coimbra. Abriu um consultório nas Caldas da Rainha.

1921 – Terminou o curso de Hidrologia, em Lisboa.

26 de Novembro de 1921 – Foi nomeado subdelegado de saúde das Caldas da Rainha.

28 de Janeiro de 1922 – Inicia o desempenho de funções como subdelegado.

1924 – Foi responsável pela criação do Laboratório Municipal das Caldas da Rainha.

Outubro de 1925 – Faz parte do grupo de ilustres que funda o jornal “Gazeta das Caldas”.

18 de Novembro de 1925 – Participou na criação do Lactário-Crèche Rainha D. Leonor.

19 de Janeiro de 1927 – Foi nomeado delegado de saúde das Caldas, o lugar ficou vago depois de António de Melo Ferrari ser nomeado Director clínico do Hospital Rainha D. Leonor das Caldas.

2 de Dezembro de 1928 – Integrou a Comissão Instaladora da Misericórdia das Caldas da Rainha.

1929 – Foi encarregado de elaborar um inquérito sobre Higiene Municipal.

1930 – Fundou um Dispensário de Profilaxia Social nas Caldas da Rainha, que incluiu também uma “Casa de Repouso”.

1932 – Fez concurso para delegado de saúde de Lisboa. Integrou uma comissão para estudo das bases da reforma da Assistência.

1934 – Iniciou o desempenho de funções enquanto inspetor da 3.ª área de saúde escolar.

1935 – Começou a sua carreira de professor, leccionando no Instituto Central de Higiene e no Instituto de Serviço Social de Lisboa.

1938 – Terminou o doutoramento em Coimbra com a dissertação *Portugal Sanitário (Subsídios para o seu estudo)*.

1941 – Foi equiparado a bolseiro do Instituto para a Alta Cultura.

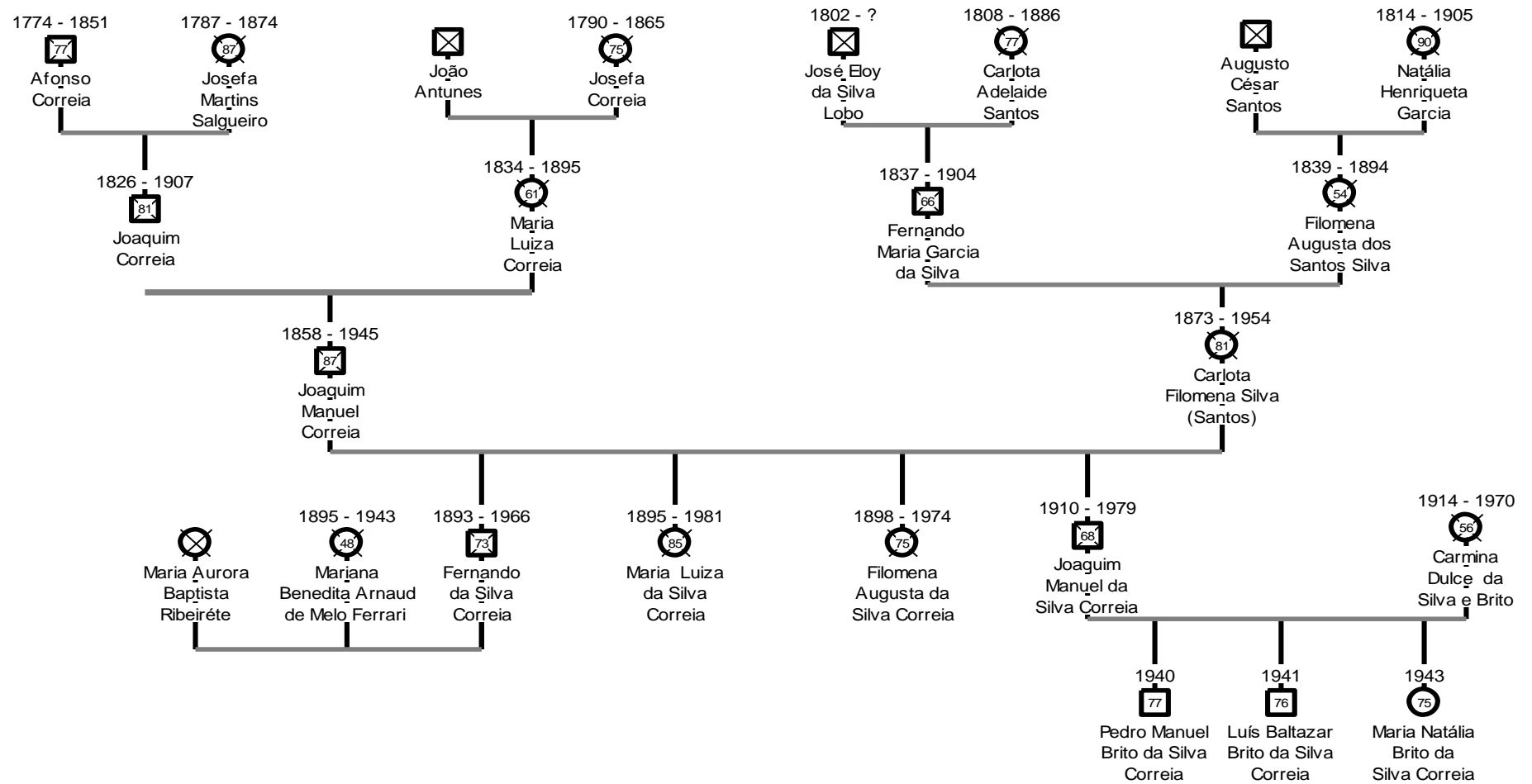
1943 – Foi convidado para dirigir do *Boletim de Assistência Social*.

1946 – Foi nomeado director do ISHRJ.

1961 – Aposentou-se.

19 de Dezembro de 1966 – Faleceu em Lisboa, aos 73 anos.

## 10. Árvore Genealógica de Fernando da Silva Correia



## 11. Obra científica e literária de Fernando da Silva Correia

Ano	Título	Cotas das obras existentes no PH
1911	<i>Homenagem a João de Deus. Escola Maternal</i>	312
1915	<i>A máscara. Peça em I Acto</i>	48, 493, 1589
1917	<i>À sombra do Esculápio. Peça em 4 actos</i>	
1919	<i>Profilaxia das febres tifóides A e B pela Vacinação</i>	
1922	<i>Guia prático das águas minero-medicinais portuguesas</i> (Prefácio de Charles Lepierre)	
1924	“Laboratório Municipal das Caldas da Rainha”. <i>Boletim da Escola Agrícola Móvel de Caldas da Rainha</i>	
1924	“Uma família de poli-sindactilos”. <i>Arquivos de Anatomia Patologica e Patologia Geral da Faculdade de Medicina de Coimbra</i>	
1925	“Présence de Taenia chez un enfant de deux mois”. <i>Extrait des Comptes rendus des séances de la Société de Biologie</i>	
1925	“A fiscalização municipal dos leites”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1925	“As acetonurias nos não diabéticos: trabalho laboratorial baseado em 41 observações pessoais”. <i>Jornal da Sociedade das Sciencias Médicas</i>	
1927	“A fiscalização dos leites nas grandes cidades” (II Congresso Nacional de Medicina)	

1927	“A higiene infantil e as dificuldades da sua realização em Portugal” (II Congresso Nacional de Medicina)	
1927	Breviário das mães: conselhos de higiene da primeira infância (Ed. Lactário-Creche Rainha D. Leonor)	872
1928	“Um balneário português do século XV (Caldas da Rainha)”. <i>Instituto</i> , Revista Científica e Literária	
1929	<i>Compromisso da Confraria da santa Casa da Misericórdia de Lisboa</i>	
1929	<i>A higiene municipal em Portugal em 1929</i>	1792, 3720, 3722, 3723, 3833
1930	<i>A protecção à infância numa pequena cidade portuguesa: Caldas da Rainha.</i>	
1930	<i>O hospital termal das Caldas da Rainha: a sua história, as suas águas, as suas curas.</i>	287, 1590, 3524, 4579
	<i>ABC da Civilidade</i> (Ed. Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha)	
1930	<i>O ABC das Mães (Conselhos sobre o modo de criar as crianças)</i>	3788, 4522
1930	“Compromisso do Hospital das Caldas dado pela Rainha D. Leonor sua fundadora em 1512”. <i>Instituto</i> , Revista Científica e Literária	670, 2830, 2912, 2925, 3582, 4351
1930	“Um tipo de ficha termal”. <i>Portugal médico</i>	3293
1930	“Assistência hidro-medicinal”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	



1931	“A protecção à infância numa pequena cidade portuguesa (Caldas da Rainha)”. (Dixième Session de l'Association Internationale pour la Protection de l'Enfance)	
1931	“Quelques considérations sur l'organisation de la lutte contre la tuberculose et la syphilis dans les oeuvres de protection de d'enfance”. (Dixième Session de l'Association Internationale pour la Protection de l'Enfance)	3607, 3996
1931	“A centralização dos serviços de higiene”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	4570
1931	<i>Breviário de higiene</i> (Ed. Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha)	3898
1931	<i>Breviário de Higiene Moral</i> (Ed. Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha)	
1931	“Os inimigos da Higiene”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	1699, 1751
1931	<i>Leonor de Lencastre: tragédia d'uma grande alma</i>	290, 2014, 2551, 2856, 2934, 4460(?)
1932	<i>A actualização do primitivo compromisso da Misericórdia</i>	868, 3833
1932	“Doenças sociais e higiene”. (I Semana Portuguesa de Higiene)	4447
1932	“A centralização dos serviços de higiene”. <i>A Medicina Contemporânea</i> (I Semana Portuguesa de Higiene)	4570

1932	<i>Relatório e contas de Sete anos de gerência (1925-1932)</i> (Ed. Lactário-Creche Rainha D. Leonor)	
1932	<i>A higiene Municipal nas suas relações com a educação e a assistência</i>	
1933	<i>Vida Errada - O Romance de Coimbra</i>	995, 1002, 1023, 1100, 1780, 2014, 2475, 2477, 3751, 4580
1933	<i>Um ensaio de acção médico-social: relatório.</i> (Ed. Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha)	273
1933	<i>Técnica Sanitária (Guia dos delegados de saúde)</i>	4459
1933	“A Louça das Caldas”. <i>Cerâmica e Edificação</i>	3589
1934	“A medicina e a higiene escolar em Portugal”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1934	“O Hospital das Caldas”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	4005
1934	<i>Caldas da Rainha</i>	
1934	<i>Problemas de Higiene e Puericultura</i>	3187, 3947
1935	“A educação física e a medicina em Portugal”. <i>Imprensa Médica</i>	
1935	“La protection de l'enfant à la campagne au point de vue médico-pédagogique”. (XI Session de l'Association Internationale pour la Protection de l'Enfance)	3637, 3703, 3968

1935	“Alguns aspectos da Hidrologia médica portuguesa”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1936	“Portugal dans l'Histoire de l'hygiene”. (III Congrès Internacional d'Histoire des Sciences)	4244
1936	“Organização dos serviços de Saúde Escolar nas escolas de Ensino Primário”. <i>Boletim do Instituto de Orientação Profissional</i>	
1936	“Um século de medicina escolar em Portugal”. <i>Saúde Escolar</i>	4222
1936	“Um ano de medicina escolar nos liceus portugueses”. <i>Saúde Escolar</i>	1150, 3662
1936	“Os serviços médico-escolares nos liceus da 3. <sup>a</sup> área do 1.º período de 1935-1936”. <i>Saúde Escolar</i>	
1936	“As visitadoras da 3. <sup>a</sup> área no ano lectivo de 1935-1936”. <i>Saúde Escolar</i>	
1936	“Quanto custou o Hospital das Caldas”. <i>Álbum das Caldas</i>	2508
1937	“Esbôço da história da higiene em Portugal”. Separata de <i>Portugal Sanitário (Subsídios para o seu estudo)</i>	2778, 3502
1936/37	“As visitadoras dos liceus”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1937	“O Ensino da Higiene nos liceus”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1937	“O serviço de inspecção médico-escolar no 3. <sup>a</sup> área de 1935-36”. <i>Saúde Escolar</i>	4332
1938	<i>Portugal Sanitário (Subsídios para o seu Estudo)</i> . Dissertação para Doutoramento em Medicina na Universidade de Coimbra  (Ed. Direcção-Geral de Saúde Pública)	2680, 2881, 3908, 4480

1938	“A assistência cristã desde o século IV ao século X”. <i>Acção Médica</i>	1700
1938	“A assistência nos primeiros tempos do cristianismo”. <i>Acção Médica</i>	
1938	“A higiene do corpo e do espírito: assistência, higiene e educação”. <i>Saúde Escolar</i>	479, 3229
1938	“Alguns aspectos do problema do alcoolismo em Portugal”. <i>Imprensa Médica</i>	
1938	“Hospitais das Misericórdias”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1938	<i>Curriculum Vitae de Fernando da Silva Correia</i>	872, 4464
1938	“Assistência, higiene e educação”. <i>Saúde Escolar</i>	
1938	“Alguns aspectos do problema da profilaxia da cegueira em Portugal”. <i>Portugal Médico</i>	4367
1938	“Das diaconias ao Serviço Social moderno”. <i>Estudos</i> (Coimbra)	3228, 3708, 4020
1939	“A idade de ouro da assistência cristã: a assistência na Idade Média”. <i>Acção Médica</i>	3231, 3951
1939	“A assistência moderna e a tradição”. <i>Imprensa Médica</i>	1773, 2024, 2396, 4442
1939	<i>Cinco anos ao serviço da Saúde Escolar</i>	
1939	<i>Mandamentos da saúde para os rapazes da escola</i> (Ed. Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha)	
1939	“Pediatria social: a Medicina preventiva e a escola”. <i>Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura</i>	4437, 4453

1939	“O papel do médico e do professor na saúde das crianças”. <i>Saúde Escolar</i>	
1939	“A Ordem dos Médicos e a saúde escolar”. <i>Saúde Escolar</i>	1247, 4459
1939	“Alguns aspectos do problema do cancro em Portugal”. <i>Portugal Médico</i>	
1939	<i>O Dr. Serras e Silva e a pedagogia do exemplo</i>	
1939	“A selecção das visitadoras e a unificação do ensino das agentes do serviço social”. <i>Saúde Escolar</i>	3883, 4436
1940	“Um documento importante para a História do Hospital de Todos os Santos”. <i>Imprensa Médica</i>	
1940	<i>A ordem na Medicina: o que o público pensa da Medicina (Velho Galeno)</i>	3769, 4072, 4534, 4528
1940	“A assistência aos pobres no comêço da nacionalidade portuguesa”. <i>Congresso do Mundo Português</i>	
1940	“Algumas teses sôbre a História da Assistência em Portugal”. <i>Congresso do Mundo Português</i>	
1940	“Subsídios para a história da actividade científica da Faculdade de Medicina de Coimbra”. <i>Congresso do Mundo Português</i>	409, 1320, 21901940
1940	<i>O tráfico das brancas: conferência...</i>	1750, 1892
1940	“Uma família de gagos”. <i>Saúde Escolar</i>	
1940	“Terapêutica etiológica”. (Velho Galeno)	4226, 4227, 4228, 4230, 4231, 4232, 4234, 4235, 4236, 4237, 4238, 4239,

		4535, 4546
1941	“A responsabilidade dos universitários na sanidade da Nação”. <i>Saúde Escolar</i>	1749
1941	“A medicina portuguesa... essa desconhecida”. <i>Jornal do Médico</i> (Velho Galeno)	
1941	“Exame de consciência”. <i>Jornal do Médico</i>	3380, 3946
1941-42	“A causa da morte da Infanta Santa Joana: uma história clínica do século XV”. <i>Imprensa Médica e A Medicina Contemporânea</i>	
1941	“Notas de clínica e patologia da idade escolar”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	4248, 4339
1941	“As doenças das regiões quentes nas suas relações com a patologia metropolitana”. <i>África Médica</i>	
1941	“A Saúde Escolar... essa desconhecida”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	4229
1942	“A misericórdia de Lisboa”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	1242
1942	<i>Higiene rural: cartas abertas a um jovem médico</i> (Velho Galeno)	
1942	“Dois notáveis hospitais portugueses”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	3705
1942	“Os velhos hospitais da Lisboa antiga: ao professor Dr. Celestino da Costa”. <i>Revista Municipal</i>	1688
1942	“Uma reforma da assistência”. <i>Imprensa Médica</i>	1772, 2022
1940/1942	<i>Os desportos e o velho do Restelo</i>	4444
1942	“História das Misericórdias. O conceito social moderno de instituição «Misericórdia»”. <i>A Medicina</i>	

	<i>Contemporânea</i>	
1942	“O distrito de Leiria na história da Assistência”. <i>Acção Médica</i>	4006, 4445
1942/1944	“Hospitais pré-quincentistas portugueses: a lição da história”. <i>Imprensa Médica</i>	1701, 3947
1942/1943/ 1944	“Alguns aspectos sanitários do distrito de Leiria”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	3704
1943	“Os hospitais medievais portugueses”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	1241, 1710
1943	“Sousa Martins, apóstolo da assistência médica”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1943	“A medicina termal portuguesa na época da restauração”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	3666
1943	“O julgamento da rainha D. Leonor: seguido de três relatórios médicos: I - A história clínica d'el-rei D. João II: II - A história clínica da infanta Santa Joana: III- Rainha D. Leonor pelo Dr. Júlio Dantas”. <i>Ocidente</i>	1692, 1777, 2005, 2018, 3252, 4465
1943	“A assistência médica em Portugal durante o século XVI”. <i>Imprensa Médica</i>	3501
1943	“O valor da assistência hospitalar hidro-medicinal”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	2494, 4215, 4387
1943	“Estudos sobre a história da assistência. A assistência pré-cristã”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	
1943	“A origem florentina dos grandes hospitais portugueses”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	2397, 4209
1943	“Algumas efemérides mais importantes referentes à protecção à infância em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	

1943	“Victor Ribeiro”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	
1943	“Confusão de conceitos e denominações”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833, 4009
1943	“Algumas efemérides referentes à assistência aos alienados em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	
1943	“As misericórdias portuguesas, sua origem e possível reforma”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	
1943	“Algumas efemérides referentes às misericórdias”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1943	“O regimento das capelas e hospitais”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1943	“Um notável documento da misericórdia de beja salvo da destruição”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1943	“Valor e atribuições das misericórdias actuais”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1943	“As jornadas das mãis de família”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1943	“Algumas efemérides referentes à assistência aos tuberculosos em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833, 3993
1943	“Cartas abertas a um jovem médico”. <i>Boletim da Assistência Social</i> (Velho Galeno)	314, 1388, 1950, 3389, 3395, 3400, 3402, 3411, 3412, 3413, 3894, , 3954, 4028, 4116, 4120, 4174, , 4487



1943	“A preparação dos chefes em Medicina”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“A medicina termal portuguesa na época da restauração”. <i>Imprensa Médica</i>	3666
1944	Origens e formação das misericórdias portuguesas: estudos sobre a história da assistência	1160, 1161, 1164, 1171, 1240, 1244, 3499, 3500, 3674, 3706, 3855, 3856, 3857, 4116, 4201 4441, 4450, 4523, 4526
1944	“A assistência entre os hebreus antes do cristianismo”. <i>Imprensa Médica</i>	
1944	“Bandeiras das Misericórdias”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“Higiene rural: cartas abertas a um jovem médico”. <i>Jornal Médico</i>	
1944	“Charitas Monumenta Historica”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	2027, 3833, 4467
1944	“A origem dos grandes hospitais portugueses”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“Algumas efemérides referentes às águas das Caldas da Rainha”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	3833
1944	“Os inimigos da Assistência”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	1250, 3833, 4184
1944	“Alguns aspectos do problema hospitalar em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“Projecto de compromisso da misericórdia das Caldas da Rainha”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833

1944	“Fases para a organização das confrarias de Misericórdia”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“O ensaio de assistência social das Caldas da Rainha”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“As colônias de férias portuguesas em 1944”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1944	“Algumas efemérides referentes às colônias de férias”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“Uma ciência esquecida: a deontologia; Uma ciência desprezada: a medicina; Uma ciência ignorada: a administração”. <i>Imprensa Médica</i>	3976
1945	“I Semana Portuguesa de Higiene: relatório”. <i>Jornal do Médico</i>	232, 462, 3719, 4536
1945	“A Lepra e as gafarias”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	
1945	“A assistência Social em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“As indicações da I Semana Portuguesa de Higiene de 1931”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“O Hospital de Santo António para crianças pobres”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“O regimento do hospital de todos os santos”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“A assistência "Direito" e a assistência «Dever»”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“Cortejos de oferendas”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“Profilaxias dum grande crime vulgar (o aborto)”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“Lixo atirado às ruas”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833

1945	"Permanentes" em crianças". <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“A assistência aos antigos combatentes em Portugal”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1945	“Projecto de regulamento do serviço duma parteira municipal (enfermeiras puericultoras”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	3833
1946	“Higiene rural: cartas abertas a um jovem médico”. <i>Jornal do Médico</i> (Velho Galeno)	
1946	“Um caso de intoxicação alimentar colectiva”. <i>Jornal do Médico</i>	4116
1946	“A abrir” <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“Ricardo Jorge (Notes biographiques) ”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“A lição da História - evolução geral do Instituto Superior de Higiene”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“O actual Instituto Superior de Higiene (relatório)”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“O papel moderno do subdelegado de saúde”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“O Grupo de Amigos do Prof. Ricardo Jorge”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“Um caso de intoxicação alimentar”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“Política sanitária”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1946	“Cartas abertas a um jovem médico Mulheres de médicos”. <i>Jornal do Médico</i> (Velho Galeno)	

1946	“Na posse do cargo de director do Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1946	“A responsabilidade dos industriais na sanidade da Nação”	2040, 3415
1946	“A responsabilidade dos universitários na puericultura da nação”. <i>Revista Portuguesa de Pediatria e Puericultura</i>	2023, 4027, 4488, 4491
1946	“Um caso de intoxicação colectiva por mariscos”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947	“A Abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947	“3º Curso de aperfeiçoamento para subdelegados de saúde (1947)”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947	“Alguns aspectos sanitários e da História da Assistência em Espanha (relatório duma viagem de estudo em 1947). I parte - A preparação dos sanitaristas em Espanha - Alguns Institutos de Higiene Espanhois: Madrid, Barcelona, Girona, Valência, Granada, Córdoba e Sevilha. Resumo e Conclusões/ II parte - Subsídios para a História da Assistência na Península. Hospitais de Madrid, Toledo, Barcelona, Casa de convalescentes da Barcelona, Monserrat. Hospital Provincial de Valência. João Luís Vives e sua influência na Assistência. Hospitais de Granada, Córdoba e Sevilha”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947	“Curso de Medicina Sanitária de 1947”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947	“Curso de visitadoras sanitárias 1946-1947”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	

1947	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge em 1947 (Relatório e Contas)/ Movimento geral de Análises Bacteriológicas/ Movimento geral de Análises Químicas/ Mapa das despesas processadas e pagas”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1947/ 1948	“A arquitectura do Hospital de Todos os Santos: subsídio para a sua história”. <i>Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa</i>	2088, 4095
1947	“A propósito de Medicina social”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	3726, 3853, 4118
1947	“A classificação sanitária das estâncias hidroclimáticas”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1947	“Um século de medicina escolar em Portugal”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	4222
1948	“A Abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1948	“Higiene e Medicina Social Concelhias”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1948	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricargo Jorge em 1948 (Relatório e contas)/ Movimento geral de Análises Bacteriológicas/ Movimento geral de Análises Químicas”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1948/1949	“Duas medicinas que se ignoram”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1948	“Crónicas da vida médica. Carta aberta a um jovem médico sobre os perigos do jornalismo”. <i>A Medicina Contemporânea (Velho Galeno)</i>	
1948	“O estudo do meio social, topografias médicas”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1949	“Higiene e medicina social concelhias”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	

1949	“A abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1949	“As criadas - portadoras da saúde e da doença”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1949	“A responsabilidade dos médicos na sanidade da Nação”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1949	O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricargo Jorge em 1949 (Relatório e contas)/ Movimento geral de Análises Bacteriológicas/ Movimento geral de Análises Químicas/ Movimento do Laboratório da Junta Sanitária de Águas/ Mapa comparativo das despesas feitas no Instituto/ Revistas assinadas/ Publicações permutadas pelo Instituto/ Relação permutadas editadas pela Direcção-Geral de Saúde”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1949	“Higiene rural: cartas abertas a um jovem médico”. <i>Acta Endocrinologica et Gynaecologica</i> (Velho Galeno)	
1949	“O Culto da Rainha Dona Leonor pela Serva de Deus Mafalda”. <i>Boletim de Assistência Social</i>	3833
1950	<i>Origens, evolução e conceito do serviço social</i>	4179
1950	“Higiene rural: cartas abertas a um jovem médico”. <i>O Médico</i> (Velho Galeno)	
1950	“Bases científicas e pedagogia social da higiene e da segurança no trabalho e nas indústrias: simpósio sobre higiene e segurança industrial”. <i>Boletim da Ordem dos Engenheiros</i>	3315
1950	“A Abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1950	“Uma lição da História da Higiene”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	

1950	“Prêmios por monografias de interesse sanitário”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1950	“Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências: As bases científicas do ensino sanitário; A renascença da Assistência em Portugal e Espanha”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1950	“A responsabilidade dos operários na Sanidade da Nação”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1950	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricargo Jorge em 1950 (Relatório e contas)/ Movimento geral de Análises Bacteriológicas/ Movimento geral de Análises Químicas/ Mapa comparativo das despesas processadas e pagas/ Movimento geral de análises do Laboratório da Junta Sanitária de Águas/ Livros comprados no ano 1950/ Lista de publicações oferecidas à “Biblioteca no ano de 1950/ Lista de publicações permutadas no ano de 1950/ Revistas assinadas no ano de 1950”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1950	“Cartas abertas a um jovem médico”. <i>O Médico</i> (Velho Galeno)	314, 1388, 1950, 3389, 3395, 3400, 3402, 3411, 3412, 3413, 3894, , 3954, 4028, 4116, 4120, 4174, 4487
1950	“História Geral e conceito do serviço social”. <i>Clínica Contemporânea</i>	
1951	“S. João de Deus: algumas razões humanas do êxito de João Cidade”	

1951	“A abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“Presidente da República Marechal António Óscar de Fragoso Carmona”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“Subsídios para a história de 25 anos da defesa da Saúde Pública em Portugal (1926-1950)/ I - De 1926 a 1928 (sendo Director-Geral o Prof. Ricardo Jorge)/ II - De 1928 a 1945 (sendo Director-Geral o Dr. José Alberto de Faria)/ III - A partir de 29 de Abril de 1946 (sendo Director-Geral de Saúde o Dr. Augusto da Silva Travassos)/ IV - Algumas realizações de vários serviços”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“A competência profissional dos subdelegados de saúde”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“Esboço da História da Medicina Social em Portugal”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge em 1951”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951-52	“A Medicina Social no Ultramar Português”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1951	“O Culto pela Rainha D. Leonor”. <i>O Médico</i>	
1951	“A lição da rainha D. Leonor em matéria de Assistência”. <i>Imprensa Médica</i>	1698, 2096, 2901, 2921, 3584, 3715
1951	“Esboço da história da medicina do trabalho em Portugal”. <i>Clínica Contemporânea</i>	1175, 1182



1951	“A competência profissional dos subdelegados de saúde”. <i>O Médico</i>	2666, 3716
1952	Carta aberta a um antigo Ministro (Velho Galeno)	1747, 2479, 3899, 4042
1952	“Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. <i>Imprensa Médica</i>	
1952-53	“Dr. Carlos d'Arruda Furtado”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1952	“A abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1952	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge em 1951 (Relatório e contas)”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1952	“O cinquentenário do Instituto de Higiene”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1952	“Curso de Medicina Sanitária de 1951”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1952	“No Cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. <i>O Médico</i>	
1952	“A propósito do cinquentenário do Instituto Ricardo Jorge”. <i>A Medicina Contemporânea e Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa</i>	
1952	“As bases científicas da Medicina Social (Sociologia médica). Nota prévia”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	3071, 3072, 3794
1953	“O que a saúde pública deve ao Doutor Oliveira Salazar”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1953	“A abrir”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1953	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge em 1952 (Relatório e contas)”. <i>Boletim do Instituto</i>	

	<i>Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1953	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge em 1953 (Relatório e contas)/ Lista de livros entrados no Instituto em 1953/ Movimento geral de Análises Bacteriológicas em 1953/ Movimento geral de Análises Bromatológicas em 1953/ Movimento de análises da Junta Sanitária de Águas em 1953/ Movimento de Secretaria/ Mapa das despesas processadas e pagas em 1953”. <i>Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge</i>	
1954	“V Centenário da Rainha D. Leonor (2 de Maio de 1958)”. <i>Boletim de Assistência Social</i>	3833
1954	“A engenharia e a saúde pública em Portugal”. <i>O Médico</i>	
1954	“As bases científicas da higiene moderna”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	866, 1702, 1952
1954	<i>Portugal na História da Medicina Social I (Assistência, Higiene e Medicina do Trabalho)</i>	291, 1167, 1181, 1172, 1380, 3661
1955	“A preparação dos médicos para a defesa da saúde pública”. <i>O Médico</i>	1791, 2339, 2349, 3137
1955	“A contribuição dos médicos portugueses para o progresso das ciências médicas”. <i>Jornal Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa</i>	1402, 2875, 3148
1955	“Institutos de Higiene”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	1403, 2809, 3213
1955	“A engenharia e a saúde pública em Portugal, I Algumas tradições e conceitos fundamentais”. <i>O Médico</i>	1376, 1400, 1707, 2348, 2583, 3111, 3261
1955	“A engenharia e a saúde pública em Portugal, II A orgânica e a legislação que regulam a administração sanitária”. <i>O Médico</i>	1376, 1400, 1707, 2348, 2583, 3111, 3261

1955	"Impressões do Orfeon/ Carta Aberta de um barítono sexagenário" In <i>Bodas de Diamante do Orfeon Académico de Coimbra 1880-1955</i>	2825
1956	“João Luís Vives e o renascimento da assistência”. <i>O Médico</i>	2836
1956	“O Doutor Serras e Silva e a pedagogia do exemplo”. <i>O Médico</i>	285, 3139, 4111
1956	“Plano de estudos da história da assistência em Espanha”. <i>O Médico</i>	2835, 3135
1956	<i>Regulamento do primeiro Hospital Escolar que houve em Portugal: o Hospital Del Rei, de Coimbra, de 1508</i>	
1956	“Charitas Monumenta Historica”. <i>Boletim de Assistência Social</i>	3833
1956	“As topografias médicas e a necessidade do estudo sanitário constante do País”. <i>Revista Portuguesa de Medicina</i>	1401, 1708, 2343
1956	A contribuição dos médicos portugueses para o progresso das ciências médicas	1402, 2875, 3148
1956	“Relatório da Comissão encarregada de proceder ao estudo do programa da instalação do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge”. <i>Boletim dos Serviços de Saúde Pública</i>	
1957	“Doutor Augusto da Silva Carvalho”. <i>Boletim Clínico dos Hospitais Cíveis de Lisboa</i>	
1957	“O ensino da saúde pública na Faculdade de Medicina de Coimbra”. <i>Imprensa Médica</i>	1280, 2286, 2288, 2892, 3220
1957	“O Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge”. <i>Boletim de Assistência Social</i>	3833

1957	“Portugal, pioneiro da assistência termal”. <i>Clínica, Higiene e Hidrologia</i>	970, 1196, 2045, 2771
1957	“Subsídios para a História da Saúde Pública em Portugal”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	2779
1957	“Relatório das actividades do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge no ano de 1956”. <i>Boletim dos Serviços de Saúde Pública</i>	
1957	“Relatório das actividades do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge no ano de 1957”. <i>Boletim dos Serviços de Saúde Pública</i>	
1957	“Necrologia. Dr. Augusto da Silva Carvalho”. <i>Boletim Clínico dos Hospitais Cíveis de Lisboa</i>	
1957	A propósito das bodas de rubis do «Curso do Maximino»	1014, 2746, 2751
1957	“João Luís Vives e o renascimento da Assistência”. (XXIII Congresso Luso-Espanhol)	2836
1957	“Esboço dum plano Geral de Estudo da História da Assistência em Espanha”. (XXIII Congresso Luso-Espanhol)	
1957	“O Conceito de Medicina Social”. (XXIII Congresso Luso-Espanhol)	1265, 1274
1957	<i>Portugal na História da Medicina Social II</i> (Esboço da História das Ciências do Homem em Portugal)	291, 1167, 1181, 1172, 1380, 3661
1958	“A rainha D. Leonor e os Braganças”. <i>Ocidente</i>	253, 596, 1790, 2662, 2829, 3277
1958	“Ricardo Jorge na hierarquia dos físicos-mores, médicos municipais e sanitaristas portugueses”. <i>Boletim dos Serviços de Saúde Pública</i>	604

1958	“Subsídios para a história da saúde pública portuguesa do séc. XV a 1822”. <i>O Médico</i>	674, 874, 973, 977, 1706, 2337
1958	“As comemorações do V centenário da Rainha D. Leonor”. <i>O Médico</i>	1641, 1642, 3036, 3047
1958	“O prestígio, as obras e as lições de Ricardo Jorge”. <i>Ocidente</i>	592
1958	“O Centenário dum «rapaz» de há 75 anos”. <i>Rua Larga</i> .	606, 1840, 1843, 2219, 2673
1958	<i>A Rainha D. Leonor. Exposição no Mosteiro da Madre de Deus</i>	2841
1958 (Maio)	“A Rainha D. Leonor e a assistência aos pobres”. <i>Menina e Moça. Revista da Mocidade Portuguesa Feminina</i>	2090, 2095
1958 (15 de Maio)	“O Culto pela Rainha D. Leonor”. <i>Gazeta das Caldas</i> (Número especial comemorativo do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor)	2659
1959	“1858-1958. No Centenário de Ricardo Jorge - Ricardo Jorge julgado pelos seus contemporâneos”. <i>Boletim de Assistência Social</i>	597
1959	<i>A vida, a obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge</i>	415
1959	“O Centenário de Ricardo Jorge”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	603
1959	“As comemorações do V centenário da Rainha D. Leonor”. <i>O Médico</i>	1641, 1642, 3036, 3047
1959	A obra da Rainha D. Leonor pela Educação Nacional	1636, 1651, 2900, 2928

1959	“Uma lição de José Leite de Vasconcelos”. <i>Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos «Dr. José Leite de Vasconcelos»</i>	2688
1959	“Ricardo Jorge patriota e historiador”. <i>Imprensa Médica</i>	605
1959	“Uma Conferência”. <i>XXV Aniversário do Museu Provincial de José Malhoa</i>	2092
1960	<i>Vida Errada - O Romance de Coimbra</i> (2ª edição)	995, 1002, 1023, 1100, 1780, 2014, 2475, 2477, 3751, 4580
1960	“Regimento proveitoso contra a pestenença”. <i>Boletim dos Hospitais Cíveis de Lisboa</i>	594, 601, 602, 1801
1960	“De sanitare in Lusitania monumenta histórica”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	1105, 1185, 1319, 1789, 1834, 2360, 3265, 3593
1961	“Um notável médico conselheiro do Infante Dom Henrique”. <i>Ocidente</i> (Congresso Internacional de História dos Descobrimentos)	590, 1693, 1694, 1797, 1959
1961	“As lições de Maximiano Lemos”. <i>Imprensa Médica</i>	598, 3268
1961	“Doutor Augusto d'Esaguy”. <i>Imprensa Médica</i>	599
1961	“A saúde pública entre os hebreus”. <i>Acção Médica</i>	6, 2167, 3265, 3427
1961	“A colaboração dos clínicos na História da Medicina”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	593, 1705, 2173
1961	“Exame de consciência”. <i>Semana Médica</i>	600

1962	“Quem foi o primeiro provedor da Misericórdia de Lisboa”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	417, 305
1962	“Um distinto cirurgião portuense Dr. José de Melo Ferrari”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	36, 40, 2586, 3131, 3890
1962	“Uma obra de arte votada ao ostracismo”. <i>Ocidente</i>	
1963	“O centenário da publicação de um livro notável”. <i>Coimbra Médica</i>	
1963	“De sanitate in Lusitania monumenta historica II”. <i>Boletim da Assistência Social</i>	1105, 1185, 1319, 1789, 1834, 2360, 3265, 3593
1963	“A propósito de Educação Sanitária”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	2452, 3133
1963	“Uma obra de Arte votada ao ostracismo”. <i>Ocidente</i>	
1963	“Algumas notas para a História da Medicina de Coimbra”. <i>A Medicina Contemporânea</i>	
1964	“Subsídios para o estudo da cópia do Santo Sudário existente da Igreja da Madre Deus de Lisboa”. <i>Acção Médica</i>	311, 2172, 2913, 3008
1964	“Três livros sobre clínica termal portuguesa do século XVII”. <i>O Médico</i>	296, 1831, 3587
1964	“Um grande administrador hospitalar português de há três séculos (1656)”. <i>Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa</i>	
1964	“Política sanitária: uma lição de Garcia d'Orta”. <i>Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa</i>	1650, 1835

1966	“Moeda árabe rara. Uma lição do Prof. David Lopes”. <i>Arqueologia e História</i>	3999
1995	<i>Pergaminhos das Caldas</i>	



Ano	Título	Cotas das obras existentes no PH
Obras coordenadas ou prefaciadas por Fernando da Silva Correia		
1928	Jorge de S. Paulo <i>História da Rainha D. Leonor e da fundação do Hospital das Caldas</i>	
1929	<i>Compromisso da Misericórdia de Lisboa</i>	
1930	<i>Compromisso do Hospital das Caldas dado pela Rainha D. Leonor</i>	
1944	Jorge de S. Paulo <i>A medicina termal portuguesa na época da Restauração</i>	
1945	José Lopes Dias <i>12 lições sobre serviço social</i>	
1946	<i>Regimento do Esprital de Todos os Santos de El-rey nosso senhor de Lisboa: que deu el-rey D. Manuel no ano do senhor de 1504 e que é pela primeira vez dado em livro pelo Laboratório Sanitas em Novembro de 1946 nesta cidade de Lisboa</i>	
1956	António Sampaio Madail <i>O concelho das Caldas da Rainha: monografia sanitária</i>	
1959	Jorge de S. Paulo <i>Antiguidades das Caldas da Rainha e do tempo da Rainha D. Leonor</i>	
1959	“O Compromisso do Hospital das Caldas 1512”. <i>Acção Médica</i>	670, 2830, 2912, 2925, 3582, 4351
1959	<i>Antiguidades das Caldas e do tempo da Rainha D. Leonor</i>	
1967-68	<i>O Hospital das Caldas da Rainha até ao Ano de 1656</i>	

Ano	Título	Cotas das obras existentes no PH
Traduções de Fernando da Silva Correia		
1910	Júlio Verne <i>Um drama na Livonia</i>	

## **12. Cronologia sobre a história custodial do sistema de informação pessoal e familiar de Fernando da Silva Correia**

- 24 de Julho de 1959 – Os “livros (...) e os mil papeis” de Fernando da Silva Correia estavam a monte “(em estantes, 7 cadeiras e três mesas e até no chão!” do seu quarto, salas e corredor, nas suas casas em Lisboa, Caldas da Rainha e Óbidos.
- 10 de Dezembro de 1969-18 de Fevereiro de 1970 – Leilão da biblioteca de Fernando da Silva Correia, no Centro de Profilaxia (Lisboa).
- Final da década de 1960 – Reunião do espólio de Fernando da Silva Correia pela Doutora Natália Correia Guedes, ficou depositado em Benavente.
- 16 de Janeiro de 1993 – Recolha e depósito (informal) da maior parte da documentação do espólio reunido na sede da associação Património Histórico, na sacristia da capela de São Sebastião. Teve início o acondicionamento e tratamento da documentação.
- 15 de Maio de 1993 – Utilização de fotografias do espólio para a montra da Livraria Loja 107.
- 20 de Maio de 1993 – Inauguração da exposição bio-bibliográfica *Fernando da Silva Correia, 1893-1993: um apontamento biográfico*.
- Julho de 1993 - Teve início o acondicionamento, tratamento e descrição da documentação em Filemaker Pro da Mackintosh.
- Outubro de 1994 – Conclusão do inventário preliminar, elaborado por Paula Cândido.
- 14 de Julho de 1995 – Lançamento da obra *Pergaminhos das Caldas*.
- 1997-1999 – O PH recebeu um novo conjunto de documentos, inventariado por Paula Cândido, assim como a correspondência. Foi efectuada uma primeira tentativa de classificação através de um quadro provisório de classificação.
- 2010 – Utilização de documentos do arquivo para uma exposição (comemorativa do centenário da República): *As Caldas e a República*.
- Agosto de 2014 – Visita à sacristia da capela de Teresa Silva, para consulta do arquivo.
- Janeiro de 2015 – Mudança de sede da associação Património Histórico para o edifício da Universidade Sénior Rainha Dona Leonor.
- 2015 – Doação oficial do arquivo pela Doutora Natália Correia Guedes.
- Setembro de 2015-Maio de 2017 – Descrição arquivística de parte da documentação por Joana Vitorino.

Março de 2017- Início do projecto para a exposição (comemorativa do centenário da Grande Guerra): *Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia*.

Maio de 2017-actualidade – tratamento, estudo e descrição arquivística por Joana Ribeiro.

8 de Novembro de 2017 – Apresentação da comunicação, “Memórias e documentos de um director do (antigo) Instituto Central de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1946-1961)” no I Encontro dos Museus e Instituições de Ciência e Ciências da Saúde da área metropolitana de Lisboa.

2 de Dezembro de 2017 – Apresentação da comunicação “Entre os patrimónios por explorar: o espólio do Doutor Fernando da Silva Correia”, no *V Congresso Casa Nobre: um património para o futuro*.

11 de Janeiro de 2018 – Aula à turma 9<sup>ª</sup>A do Agrupamento de Escolas D. João II sobre sensibilização para o património local, através do caso de Fernando da Silva Correia.

16 de Fevereiro-14 de Setembro de 2018 – Publicação quinzenal da rubrica “Um Médico das Caldas na Grande Guerra” na *Gazeta das Caldas*.

Maio de 2018 – Publicação do artigo “A «vida nova» de Fernando da Silva Correia na Grande Guerra” no 16<sup>º</sup> volume dos *Cadernos de Estudos Leirienses – Os Militares do distrito de Leiria na 1.ª Grande Guerra em França e em África*.

11 de Junho de 2018 - Acordo de colaboração entre a associação Património Histórico - Grupo de Estudos e a Direcção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (através do Arquivo Distrital de Leiria e da Dra. Paula Cândido).

2 de Julho de 2018 – Acordo de colaboração entre o Museu da Saúde/ Instituto Nacional Doutor Ricardo Jorge e a associação Património Histórico - Grupo de Estudos para a valorização do espólio do Doutor Fernando da Silva Correia.

24 de Agosto de 2018 – Entrega de parte do arquivo ao Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa – Universidade Lusíada, para digitalização, no âmbito do protocolo de colaboração em desenvolvimento.

22 de Setembro-25 de Novembro de 2018 – Colóquio e Inauguração da Exposição *Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia*, no Museu José Malhoa.

### **13. Quadro Provisório de Classificação (reconstituído) de Paula Cândido**

Secção A – Estudante e Escritor (1902-1919)

Subsecção A1 – Universidade de Coimbra (1911-1917)

Subsecção A2 – Escritor (1902-1919)

Subsecção A3 – Serviço Militar (1917-1919)

Secção B – Médico, Professor, Investigador e Escritor (1919-1966)

Subsecção B1 – Geral

Subsecção B2 – Inspector da Saúde Escolar 3ª Área (1934-1946)

Subsecção B3 – Director do Instituto de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1946-1961)

Subsecção B4 – Associação de Socorros Mútuos Rainha D. Leonor

Subsecção B5 – Aurora Ribeirete da Silva Correia

Subsecção B6 – Balneário das Águas Santas

Subsecção B7 – Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha

Subsecção B8 – Laboratório Municipal Rainha Dona Leonor

Subsecção B9 – Lactário-Creche Rainha Dona Leonor

Subsecção B10 – Joaquim Manuel Correia

Subsecção B11 – Investigador

Subsubsecção B11.1 – História da Medicina e da Assistência

Subsubsecção B11.2 – Investigação Médico-Científica

Subsubsecção B11.3 – História Local

Subsubsecção B11.4 – História

Subsecção 12 – Escritor

Subsecção 13 - Professor

[Nota: Por engano, saltou-se um número nas últimas secções, engano que aqui não foi repetido.]

**14. Recuperação das várias secções e subsecções do campo “Nível de descrição” no tratamento de Joana Vitorino**

(F) Fundo – Arquivo Pessoal do Dr. Fernando Correia

SC (Secção)	SCC (Subsecção)
Acordãos	Supremo Tribunal de Justiça
Actas	
Agendas	Agendas pessoais
Análises	Águas
Apontamentos	
Arquivo Fotográfico	Fotografias
Artigos	Diário de Notícias
	Gazeta das Caldas
	Jornais
	Memórias Pessoais
	Revistas
Aviso	
Bibliografias	Higiene
Biografias	Jorge de S. Paulo
Cartas	
Cartões	Cartões de Visita
Colecções	Cartões
	Gravuras
	Postais
	Propaganda Médica
Comunicações	Congresso Luso-Espanhol
	Depoimentos

	Discursos
<b>Comunicados</b>	
<b>Conferências</b>	
<b>Congressos</b>	Hidrologia
	Medicina Tropical
	União Nacional
<b>Convites</b>	Casamento
<b>Correspondência</b>	Cartões
	Correspondência expedida
	Correspondência oficial
	Correspondência particular
	Correspondência pessoal
	Correspondência recebida
	Ofícios
	Telegramas
<b>Crônicas</b>	Excertos
<b>Cursos</b>	Administração sanitária
	Agentes sanitários
	Documentos
	Engenharia Sanitária
	Lições
	Manuais
	Medicina Sanitária
	Médicos
	Palestras

	Programas
	Programas de cursos
	Regulamentos
	Relatórios
	Subdelegados de Saúde
	Trabalhos
	Visitadoras Sociais
<b>Dados Estatísticos</b>	
<b>Declarações de Voto</b>	
<b>Desenhos</b>	Papel Vegetal
<b>Diários de Viagem</b>	Caldas da Rainha
	Espanha
<b>Discursos</b>	
<b>Documentos</b>	Agendas
	Apontamentos
	Cadernos
	Cartas
	Certidões
	Circulares
	Colecções
	Comunicações
	Cópias
	Correspondência
	Correspondência, fotografias
	Curriculum



	Cursos
	Declaração de voto
	Decretos Leis
	Despesas
	Discursos
	Documentação pessoal/ Documentos pessoais
	Documentos Vários/ Documentação Vária
	Editais
	Escola Nacional de Saúde Pública
	Estatutos
	Faturas
	Folhetos
	Fotocópias
	Fotografias
	Genealogias
	Instituto Superior Ricardo Jorge
	Jornais
	Julgamentos
	Lactário Rainha D. Leonor
	Listas
	Louvores
	Medicina
	Medicina Preventiva
	Mensagens de Natal

	Normas
	Peças de Teatro
	Plantas
	Poemas
	Processos
	Processos Pessoais
	Programas
	Quadro de Honra
	Recibos
	Recordações
	Reflexões
	Relatórios
	Revisão de Provas
	Separatas
<b>Documentos e Correspondência</b>	
<b>Documentos e Jornais</b>	
<b>Ensaaios</b>	
<b>Ensino</b>	
<b>Estatutos</b>	Centro de Assistência Social Infantil
	Ordem dos Médicos
<b>Fotografias</b>	Cópias Heliográficas
<b>Gravuras</b>	Medicina
<b>Instituto Ricardo Jorge</b>	Relatórios
<b>Instituto Superior de Higiene Ricardo Jorge</b>	
<b>Instituto Superior Dr. Ricardo Jorge</b>	Documentos

<b>Inventários</b>	Material de Laboratório
<b>Louvores</b>	Júlio Lopes
<b>Manuscritos</b>	Medicina
<b>Mapas</b>	França
	Hospitais Medievais
	Países
	Portugal
<b>Minutas</b>	
<b>Narrativas</b>	
<b>Notas bibliográficas</b>	Estâncias termais
<b>Palestras</b>	Alcoolismo
	Higiene
<b>Panfletos</b>	
<b>Pautas Musicais</b>	
<b>Peças de Teatro</b>	Textos
<b>Plantas</b>	Cidades
	Edifícios
<b>Poemas</b>	Caldas da Rainha
	Diversos
	Rainha D. Leonor
<b>Postais</b>	Colónia Balnear Dr. Oliveira Salazar
<b>Programas</b>	Comemorações
	História da Higiene
	Instituto Superior Ricardo Jorge
	Teatro

<b>Projectos</b>	Instituto Nacional de Endocrinologia
	Laboratórios de Saúde Pública
<b>Publicações</b>	Acordo Ortográfico
	Águas
	Album das Caldas
	Anais
	Anuários
	Apontamentos
	Arquivos
	Artigos
	Atas
	Bibliografias
	Biografias
	Boletins
	Brochuras
	Cadernetas
	Cadernos
	Catálogos
	Cartas
	Circulares
	Códigos de Postura
	Colóquios
	Compromissos
	Comunicações
	Conferências

	Congressos
	Críticas
	Crónicas
	Curriculum
	Decretos
	Decretos Leis
	Discursos
	Dispensários
	Dissertações
	Documentos publicados
	Editais
	Elogios
	Elogios Históricos
	Ensaaios
	Estatística
	Estatutos
	Estudos
	Estudos Históricos
	Exposições
	Flyers
	Folhetos
	Guias
	Instruções
	Inquéritos
	Jornadas

	Jornais
	Legislações
	Lendas
	Lições
	Livros
	Manuais de Ensino
	Material Médico-cirúrgico
	Memórias
	Monografias
	Notícias
	Opúsculos
	Palestras
	Panfletos
	Peças de Teatro
	Poesia
	Postais
	Programas
	Propaganda Médica
	Provas
	Publicidade
	Reclamações
	Recortes de Jornais
	Regulamentos
	Relatórios
	Revistas

	Romances
	Roteiros
	Separatas
	Suplementos
	Teatro
	Teses
	Trabalhos
	Turismo
<b>Publicações e Correspondência</b>	
<b>Regulamentos</b>	Estação Agrónoma Nacional
	Instituto Português de Reumatologia
	Mendicidade
<b>Relatórios</b>	Assistência
	Instituto Dr. Ricardo Jorge
	Instituto Ricardo Jorge
	Instituto Superior Ricardo Jorge
	Liceu Afonso de Albuquerque
	Liceu André de Gouveia
	Liceu de Bocage
	Liceu de Fialho de Almeida
	Liceu de João de Deus
	Liceu de Mousinho da Silveira
	Liceu Rodrigues Lobo
	Saúde Pública
	Zagreb

<b>Roteiros</b>	Caldas da Rainha
<b>Teatro</b>	Comédia
<b>Temas</b>	Palestras
<b>Testamentos</b>	Serras e Silva
<b>Textos</b>	Caldas da Rainha
	Medicina
	Vida Estudantil
<b>Trabalho(s) de Investigação</b>	Apontamentos
	Artigos
	Bibliografias
	Biografias
	Comunicações
	Conferências
	Crónicas
	Cronologias
	Discursos
	Dissertações
	Exposições
	Inquéritos
	Inventários
	Investigação Histórica
	Investigação Médica
	Higiene escolar
	Monografias
	Palestras



	Questionários
	Regulamentos
	Relatórios
	Revisão de Provas
	Revistas
	Teses
	Vida e Obra
Vida Académica	Cursos
	Provas

## **15. Proposta de quadro orgânico-funcional do sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia**

Subsistema de Informação Fernando da Silva Correia (FSC)

Secção A – Adolescência e Juventude (1902-1917)

Subsecção A1 – Estudante (1902-1911)

Subsecção A2 – Estudante universitário (1911-1917)

Subsecção A3 – Membro do Orféon Académico de Coimbra

Subsecção A4 – Escritor (1902-1917)

Subsecção A5 – Praça dos Serviços de Saúde Militar (1915-1916)

Secção B – Idade Adulta (1917-1961)

Subsecção B1 – Oficial do Corpo de Artilharia Pesada Independente – Grande Guerra (1917-1919)

Subsecção B2 – Médico Municipal, Subdelegado, Delegado e Sub-inspector das Caldas da Rainha (1921-1934/36)

Subsubsecção B2.1 – Director do Laboratório Municipal Rainha Dona Leonor (1924-1934/36)

Subsubsecção B3 – Director do Posto Médico dos Comboios de Portugal nas Caldas da Rainha

Subsecção B4 - Médico externo do Hospital Termal

Subsecção B5 – Médico do Lactário-Creche Rainha D. Leonor (1925-?)

Subsecção B6 – Director Clínico do Balneário das Águas Santas (1927-?)

Subsecção B7 – Médico da Misericórdia das Caldas da Rainha (1928-?)

Subsecção B8 – Encarregado do Inquérito “Higiene Municipal” (pela Direcção Geral de Saúde Pública) - 1929

Subsecção B9 – Fundador e Director do Dispensário de Profilaxia Social das Caldas da Rainha e da sua Casa de Repouso (1930-1934)

Subsecção B10 – Inspector da Saúde Escolar (1934/36-?)

Subsubsecção B10.1 - Redactor da revista *Boletim de Saúde Escolar*

Subsecção B11 – Membro da Comissão do Sub-secretariado da Assistência da Direcção Geral da Saúde Pública/ Ministério do Interior (1932-?)

Subsubsecção B11.1 – Director do *Boletim de Assistência Social* (1943-?)

Subsubsecção B11.2 – Delegado e dirigente da secção das Caldas da Rainha da Organização Nacional «Defesa da Família»

Subsubsecção B11.3 – Presidente da Sub-Comissão da Assistência das Comemorações Centenárias na Província da Extremadura (1940)

Subsecção B12 – Membro do Conselho Directivo da Ordem dos Médicos (1938-1946)

Subsecção B13 – Professor e Director do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1935-1936; 1946-1961)

Subsubsecção B13.1 – Director do *Boletim do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge* (1946-1953)

Subsubsecção B13.2 – Membro do Conselho Superior de Higiene e Assistência Social (1946-1961)

Subsubsecção B13.3 - Comissário das Comemorações do Centenário do nascimento do Doutor Ricardo Jorge (1958)

Subsubsecção B13.4 – Comissário das Comemorações do V Centenário do nascimento da Rainha D. Leonor (1958)

Subsecção B14 – Professor do Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-1957)

Subsecção B15 – Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

Subsecção B16 – Investigador

Subsubsecção B16.1 – Textos, Artigos e Obras

Subsubsecção B16.2 – Encontros e Sociedades Científicas

Subsecção B17 – Actividade Literária

Subsubsecção B17.1 – Escritor

Subsubsecção B17.2 – Publicista

Secção C – Velhice (1961-1966)

Subsecção C1 - Investigador aposentado

Subsistema Doutor Joaquim Manuel Correia (JMC)

Subsistema Carlota Filomena da Silva Correia (CFSC)

Subsistema Maria Luísa da Silva Correia (MLSC)

Subsistema Filomena Augusta da Silva Correia (FASC)

Subsistema Joaquim Manuel da Silva Correia (JMSC)

Subsistema Mariana Benedita Arnoud de Mello Ferrari Correia (MMF) e outros membros da família Mello Ferrari

Subsistema Maria Aurora Baptista Ribeiréte da Silva Correia (MABR)

## **16. Registo fotográfico do tratamento**



*Imagens 1 e 2 – Sede da associação Património Histórico, na Universidade Sénior Rainha Dona Leonor.*



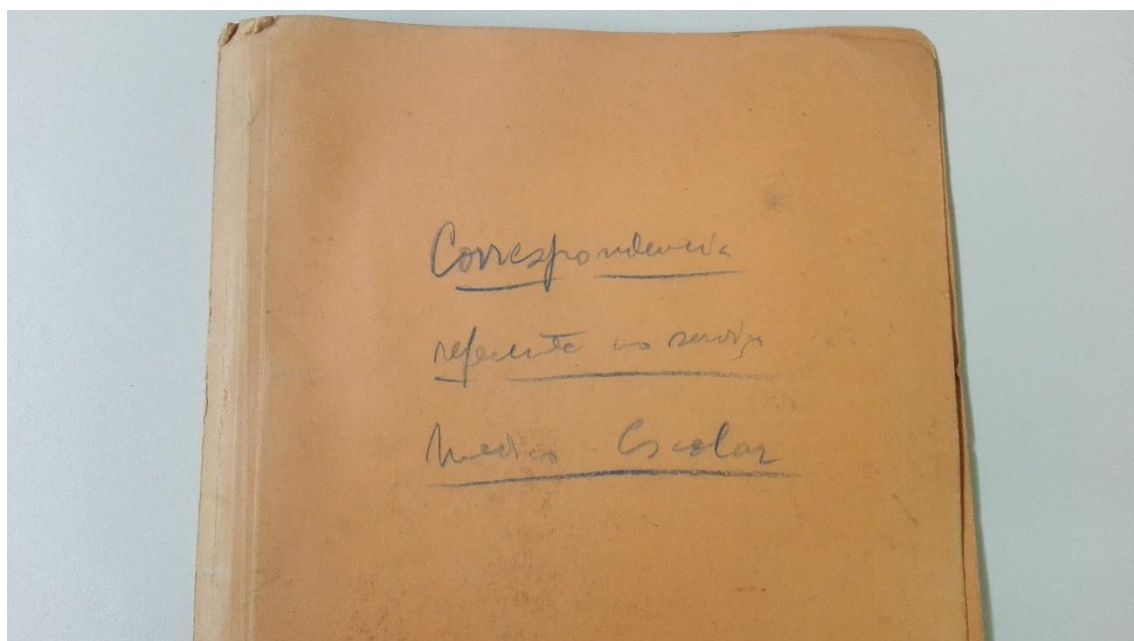




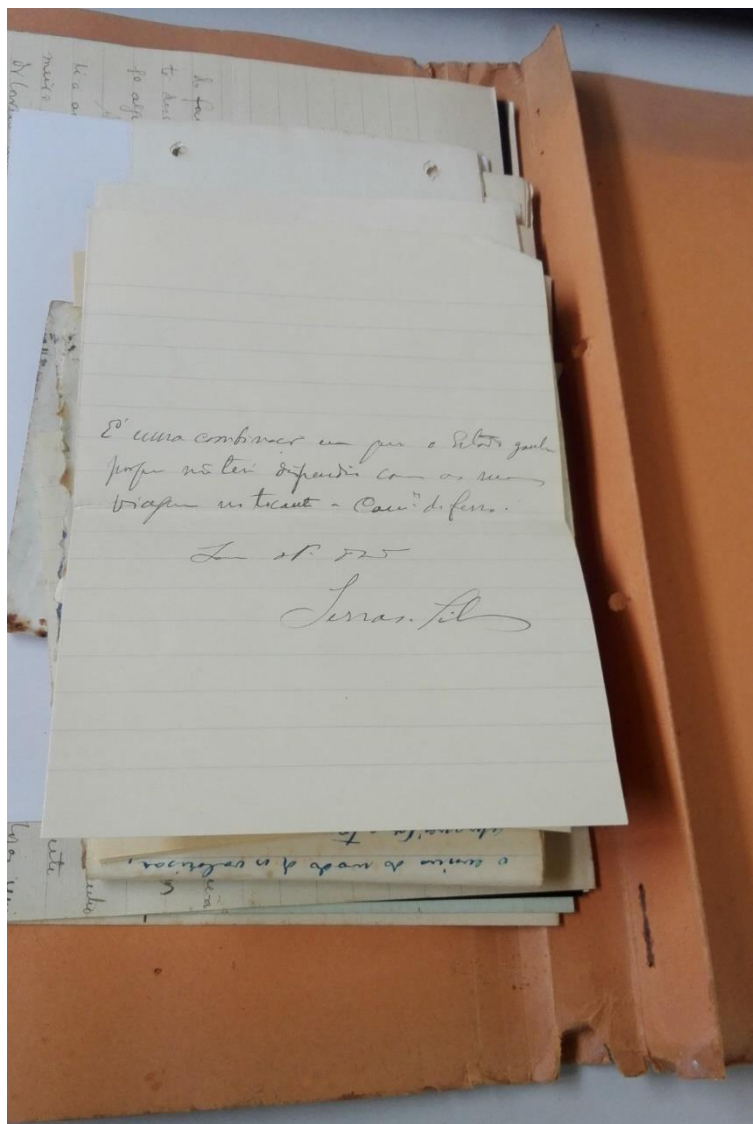
*Imagens 3, 4 e 5 – Perspectivas da sala de arquivo, com as unidades de instalação do Arquivo Fernando da Silva Correia.*



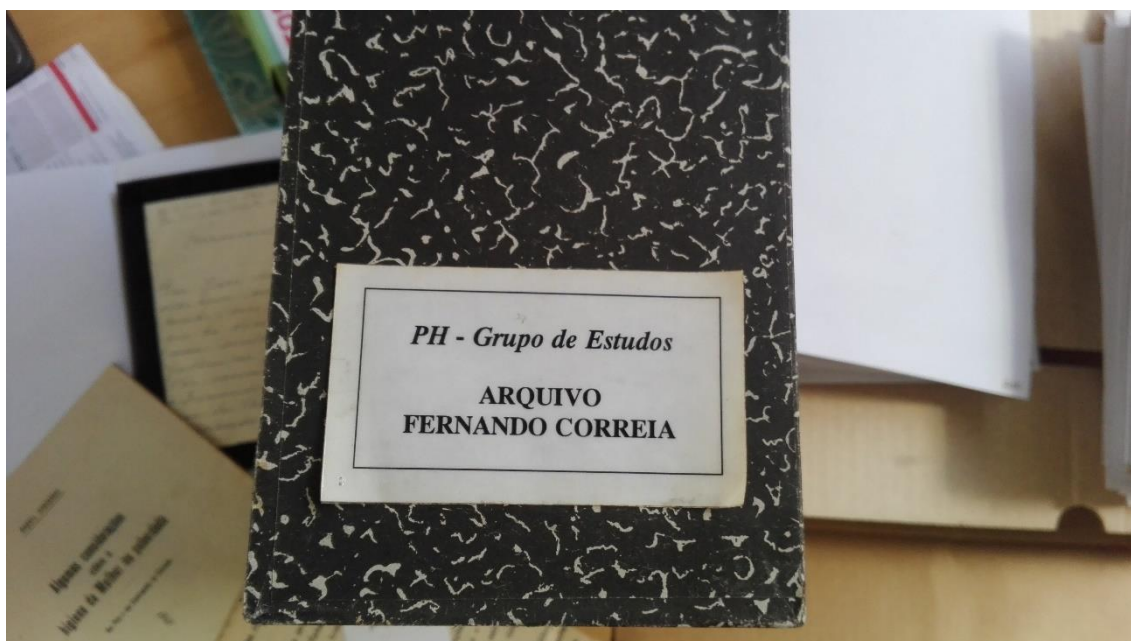
*Imagem 6 – Documentação que ainda não estava descrita ou acondicionada nas unidades de instalação utilizadas para este Arquivo.*











*Imagens 7 a14* – Pormenores da documentação e das unidades de instalação do Arquivo, alguns com vestígios da acção do excesso de humidade relativa.



## **17. Registo fotográfico do Colóquio e Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”**





*Imagens 15 a17 – Abertura do Colóquio da Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”. Oradores Coronel Luís Alves de Fraga e Tenente-Coronel Rui Pires de Carvalho, com a moderadora do Painel I, Dra. Isabel Xavier. Espectadores do colóquio durante a manhã.*





*Imagens 18 e 19* – Durante o Painel II: oradores Eng.º Carlos Fernandes e Major Joaquim Cunha Roberto; oradores Dr. Nuno Prates, Dr. José Raimundo Noras e Doutor Sérgio Neto, com a moderadora Dra. Dóris Santos.



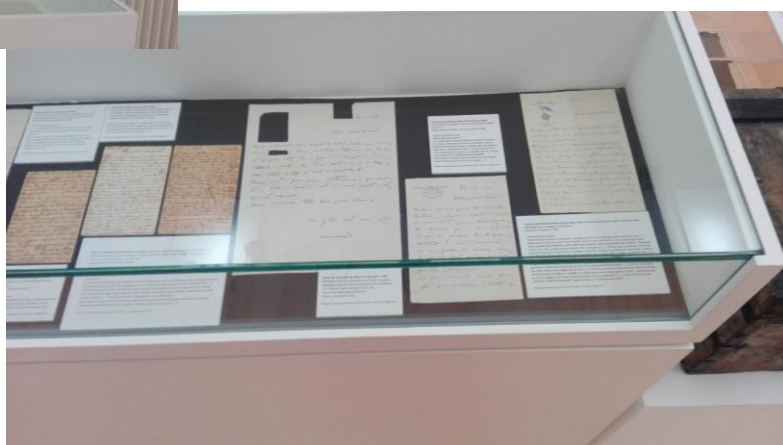
*Imagem 20* – Pormenor do painel III, com as oradoras: Doutora Natália Correia Guedes, Joana Beato Ribeiro, Dra. Paula Cândido, sob a moderação da Doutora Carmina Montezuma.





*Imagem 21 – Inauguração da Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”, na fotografia encontram-se: dirigentes locais, representante da Escola de Sargentos do Exército, director do Museu José Malhoa, presidente da direcção do PH e equipa responsável pelo projecto e familiares de Fernando da Silva Correia.*





*Imagens 22 a 30 – Pormenores da Exposição “Um Médico na Grande Guerra. Fernando da Silva Correia”, reunindo reproduções das fotografias de Fernando da Silva Correia e textos explicativos em painel, documentos e objectos pessoais.*



## 18. Registo de autoridade de Fernando da Silva Correia em ICA-AtoM

Encontra-se disponível através do link: <http://www.arquivisticahistorica.fcsh.unl.pt/index.php/correia-fernando-da-silva>.

The screenshot displays the ICA-AtoM web interface. At the top, the header includes the 'atom' logo, the text 'Arquivística Histórica', a search bar with the placeholder 'Procurar', a 'Navegar' dropdown menu, and a user profile 'Joana Ribeiro'. The main content area is titled 'Correia, Fernando da Silva' and shows a breadcrumb trail 'Registo de autoridade > Correia, Fernando da Silva'. The record is organized into three expandable sections: 'Zona de identificação', 'área de descrição', and 'área de controle'. The 'Zona de identificação' section lists the entity type as 'Pessoa', the authorized name as 'Correia, Fernando da Silva', and alternative names as 'Silva, Fernando Correia da;' and 'Correia, Fernando' and 'Velho Galeno'. The 'área de descrição' section provides the dates of existence (n. 1893-05-21 - m. 19-12-1966) and a historical note about his birth in Sabugal, his studies in Leiria and Coimbra, and his military service in France during WWI. The 'área de controle' section lists the country as Portugal, the identifier as PT/PH - CR/FSC, and the governing rules as the ISAAR(CPF) standard. On the right side, there is an 'Exportar' button with a download icon and the text 'EAC'. The bottom of the image shows a Windows taskbar with various application icons and a system clock indicating 09:19 on 01/10/2018.

atom Arquivística Histórica Procurar Navegar Joana Ribeiro

### Correia, Fernando da Silva

Registo de autoridade > Correia, Fernando da Silva

#### Zona de identificação

Tipo de entidade	Pessoa
Forma autorizada do nome	Correia, Fernando da Silva
Forma(s) paralela(s) de nome	<ul style="list-style-type: none"><li>Silva, Fernando Correia da; Correia, Fernando</li></ul>
Outra(s) forma(s) do nome	<ul style="list-style-type: none"><li>Velho Galeno</li></ul>

#### área de descrição

Datas de existência	n. 1893-05-21 - m. 19-12-1966
História	Nasceu no Sabugal, filho de Joaquim Manuel Correia e Carlota Filomena Santos e Silva. Estudou no Sabugal, em Leiria e em Coimbra, onde terminou o curso de Medicina em 1917. Entre 1918 e 1919, esteve em França, no contexto da Grande Guerra (1914-1918), ...

#### área de controle

Identificador da descrição	Portugal
Identificador da instituição	PT/PH - CR/FSC
Regras ou convenções utilizadas	CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS - ISAAR(CPF): Norma Internacional de Registos de Autoridade Arquivística para Pessoas Colectivas, Pessoas Singulares e Famílias. Trad. Grupo de Trabalho para a

Exportar  
EAC

## 19. Registo da entidade detentora em ICA-AtoM

Encontra-se disponível através do link: <http://www.arquivisticahistorica.fcsh.unl.pt/index.php/patrimonio-historico-grupo-de-estudos>.

The screenshot displays the ICA-AtoM web interface. The header includes the 'atom' logo, 'Arquivística Histórica', a search bar, a navigation dropdown, and user information 'Joana Ribeiro'. The main content area is titled 'Património Histórico - Grupo de Estudos' and shows the 'Entidade detentora' as 'Patrimonio Historico - Grupo de Estudos'.

**Zona de identificação**

Identificador	PT/PH - CR/
Forma autorizada do nome	Património Histórico - Grupo de Estudos
Outra(s) forma(s) do nome	• Associação Património Histórico - Grupo de Estudos; PH

**Zona de contato**

Endereço	Endereço: Rua Vitorino Fróis Praça da Universidade, Pólo 1 2500-256 Caldas da Rainha Portugal Localidade: Caldas da Rainha Nome do país: Portugal Código Postal: 2500-256
Email	caldas.ph@gmail.com
URL	http://phcaldas.pt/

**Contato principal**

Rua Vitorino Fróis Praça da Universidade, Pólo 1 2500-256 Caldas da Rainha Portugal  
Caldas da Rainha PT 2500-256

[Website](#) [Email](#)

**Área de descrição**

História	O Grupo Património Histórico iniciou a sua atividade em 1990 como unidade de produção cultural da Casa da Cultura. A partir de 1992, começou a receber núcleos documentais e outros bens patrimoniais que
----------	---

On the left side, there is a sidebar with a placeholder image for 'Património Histórico - Grupo de Estudos' and a 'Limite de transferência' section showing '0 de 1 GB (< 1%)'.

## 20. Registo da descrição (nível Fundo) em ICA-AtoM

Encontra-se disponível através do link: <http://www.arquivisticahistorica.fcsh.unl.pt/index.php/ra010>.

The screenshot displays the ICA-AtoM web interface. The header includes the 'atom' logo, 'Arquivística Histórica', a search bar, a 'Navegar' dropdown, and user information 'Joana Ribeiro'. The main content area is titled 'Fundo PT/PH - CR/FSC - Sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia (Preliminar)'. On the left, a sidebar shows 'Património Histórico - Grupo de Estudos' and a list of records, with the current record selected. The main record is divided into two sections: 'Zona de identificação' and 'Área de contextualização'. The 'Zona de identificação' section contains fields for 'Código de referência' (PT PT/PH - CR/ PT/PH - CR/FSC), 'Título' (Sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia), 'Data(s)' (1850-1970 (Produção)), 'Nível de descrição' (Fundo), and 'Dimensão e suporte' (O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia é composto por documentos em suporte papel e papel fotográfico de diferentes dimensões. Estes estão acondicionados em unidades de instalação de variadas dimensões em cartão e papelão ...). The 'Área de contextualização' section contains fields for 'Nome do produtor' (Correia, Fernando da Silva (n. 1893-05-21 - m. 19-12-1966) with a biographical summary), 'Entidade detentora' (Património Histórico - Grupo de Estudos), and 'História do arquivo' (Final da década de 1960 - Reunião do espólio de Fernando da Silva Correia pela Doutora Natália Correia Guedes, ficou depositado em Benavente). On the right, there are links for 'Relatórios', 'Exportar' (Dublin Core 1.1 XML, EAD 2002 XML), and 'Pessoas e outras entidades relacionadas' (Correia, Fernando da Silva (Produtor)). The Windows taskbar at the bottom shows the date and time as 21:15 on 30/12/2018.

atom Arquivística Histórica Procurar Navegar Joana Ribeiro

Património Histórico - Grupo de Estudos

Acervo Procura rápida

▼ Fundo PT/PH - CR/FSC - Sistema de info...  
Fundo PT/PH - CR/FSC - Sistema de in...  
Fundo Sistema de informação pesso...

### Fundo PT/PH - CR/FSC - Sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia (Preliminar)

**Zona de identificação**

Código de referência	PT PT/PH - CR/ PT/PH - CR/FSC
Título	Sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia
Data(s)	• 1850-1970 (Produção)
Nível de descrição	Fundo
Dimensão e suporte	O sistema de informação pessoal e familiar Fernando da Silva Correia é composto por documentos em suporte papel e papel fotográfico de diferentes dimensões. Estes estão acondicionados em unidades de instalação de variadas dimensões em cartão e papelão ...

**Área de contextualização**

Nome do produtor	<a href="#">Correia, Fernando da Silva</a> (n. 1893-05-21 - m. 19-12-1966) História biográfica : Nasceu no Sabugal, filho de Joaquim Manuel Correia e Carlota Filomena Santos e Silva. Estudou no Sabugal, em Leiria e em Coimbra, onde terminou o curso de Medicina em 1917. Entre 1918 e 1919, esteve em França, no contexto da Grande Guerra (1914-1918), ...
Entidade detentora	<a href="#">Património Histórico - Grupo de Estudos</a>
História do arquivo	Final da década de 1960 - Reunião do espólio de Fernando da Silva Correia pela Doutora Natália Correia Guedes, ficou depositado em Benavente.

[Relatórios](#)  
**Exportar**  
[Dublin Core 1.1 XML](#)  
[EAD 2002 XML](#)  
*Pessoas e outras entidades relacionadas*  
[Correia, Fernando da Silva \(Produtor\)](#)

21:15  
30/12/2018

## **Anexos**

1. *Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia* por Paula Cândido ... cxxxiv
2. *Normas de Arquivo* por Joana Vitorino ..... cxlix
3. Carta de doação da Doutora Natália Correia Guedes ..... clvi

## **1. Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia por Paula Cândido**

### Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia

#### Nota

Trabalho executado para a disciplina de Arquivística do 2º ano do Curso de Especialização em Ciências Documentais – opção Arquivo, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, lecionada pelo Dr. Armando Malheiro da Silva e Dr. Júlio Ramos, no ano letivo de 1998/99.

O trabalho que a seguir se apresenta é um resumo do que foi possível recuperar do original. De salientar que não foi possível recuperar o trabalho original que foi entregue ao Professor Armando Malheiro da Silva.

#### 1. Introdução

As bibliotecas, arquivos e centros de documentação têm um papel ativo na preparação do cidadão do século XXI, compete-lhes desenvolver estratégias, adaptar-se a esta nova sociedade e tornar acessível a todos a informação.

Neste contexto evolutivo de mudança - a Arquivística, sentiu necessidade de se repensar de se reformular, para tal, procurou uma base científica, um objeto e um método, e procura ascender a um plano de igualdade relativamente às demais ciências. É necessário a aplicação, a investigação e a divulgação de resultados desse trabalho, para que esta consolide o seu novo estatuto.

Na aplicação prática desta nova visão da Arquivística, e pela via do estudo de caso, o trabalho de reconstituição do Arquivo Pessoal do Dr. Fernando da Silva Correia, constituiu e constitui um desafio, pelas constantes dúvidas que suscita.

Deste trabalho consta um enquadramento teórico onde se faz referência ao historial do arquivo, uma biografia, uma cronologia, uma lista de trabalhos publicados, bem como a explicação da base teórico-metodológica de suporte do trabalho.

Em CD-ROM é apresentada uma base de dados, que serviu de auxiliar ao tratamento desta informação.

O trabalho que se apresenta é o possível até ao momento, não está de forma alguma completo, está em construção, sujeito a revisões e alterações constantes.

1

## 2. O Arquivo Pessoal de Fernando da Silva Correia

O arquivo pessoal de Fernando da Silva Correia é formado por centenas de caixotes contendo a mais variada e importante documentação que foi acumulada ao longo de uma vida intelectualmente intensa.

O referido Arquivo Pessoal foi confiado em janeiro de 1993, ao Grupo Património Histórico - Grupo de Estudos da Casa da Cultura das Caldas da Rainha pela Dr.<sup>a</sup> Natália Correia Guedes, sobrinha do produtor.

A documentação chegou à sede do Grupo PH em caixotes e completamente baldeada, com as mudanças perdeu-se a ordem que possa ter sido deixada pelo produtor.

Os trabalhos de organização tiveram início em julho de 1993, numa fase inicial ou 1ª fase, realizou-se a limpeza da documentação e colocou-se em pastas numeradas e, simultaneamente, foi atribuído um número de ordem a cada documento. Para este trabalho foi criada uma base de dados no programa Filemaker Pro da Mackintosh.

No decurso das tarefas, foi encontrado um extenso lote de textos ordenados pelo produtor com um evidente propósito editorial. Uma pesquisa atenta sobre a correspondência e pelos recortes de jornais existentes no Arquivo Pessoal, permitiu reconstituir os contornos e os passos desse projecto de Fernando Correia, dando origem à publicação do livro "Pergaminhos das Caldas".

Na fase inicial de tratamento da documentação foram sentidas grandes dificuldades para classificar a documentação, os quadros de classificação apriorísticos que conhecíamos não respondiam às necessidades que este arquivo pessoal apresentava, e não víamos que solução encontrar. O trabalho foi ficando suspenso, por falta de tempo, mas também porque faltava uma base de apoio a um trabalho que pretendia ser sério, a documentação colocava perguntas para as quais não tínhamos resposta.

A maior parte dos documentos deram entrada na base de dados, por título e com a respetiva descrição física, situação que estava longe de ser ideal, mas que no entanto já permitia a consulta.

Em 1997, a Dr<sup>a</sup> Natália Correia Guedes voltou a contactar o Grupo PH, no sentido de entregar mais documentação de seu tio, a mesma foi rececionada, igualmente, em caixotes sem qualquer ordem, sendo constituída essencialmente por jornais (cerca de 180 títulos) e correspondência (cerca de 6.628 cartas e postais).

A ficha informática possibilitou dar continuidade ao trabalho e integrar na mesma a documentação recém-chegada.

2

Entramos, então, no que podemos considerar a 2<sup>a</sup> fase dos trabalhos, para tal deu-se início à construção de um plano de classificação que procurou respeitar os ciclos da vida e as fases de atividade do produtor, não deixando de ter em linha de conta, o acesso à informação por eventuais investigadores interessados.

Este fundo documental é atualmente constituído por 4768 registos distribuídos por 280 caixas. É sem dúvida, em trabalho que está longe de estar completo, quer a nível físico quer intelectual.

3

### 3. BASE TEÓRICO- METODOLÓGICA

Os arquivos pessoais e de família são importantes fontes de informação, pois pela complexidade e heterogeneidade que apresentam exigem soluções que fogem à vertente tecnicista, que tem sido a base de todo o trabalho arquivístico feito no nosso país.

A aparente simplicidade que apresenta um arquivo pessoal se comparado com uma grande estrutura institucional ou empresarial, desmorona-se, logo que se entra em contacto com o sistema de informação, a complexidade e a diversidade que o constitui, revela-se um desafio que exige por parte do arquivista um estudo intenso.

As dificuldades sentidas pela inoperância dos quadros de classificação apriorísticos, a partir de classificações anti-naturais, que adulteravam por completo a sua ordem original, dando origem a terríveis lacunas na reconstituição destes sistemas de informação, faziam sentir a necessidade de um suporte teórico de apoio.

Neste contexto e face à necessidade crescente da existência de uma base teórica, o manual, *Arquivística: Teoria e prática de uma Ciência da Informação*, vem de forma exemplar colmatar esta lacuna e revela-se um poderoso instrumento de auxílio a todos os profissionais que sentem que o esquema normativista, não responde de forma alguma às necessidades, e torna-se imprescindível a existência de um suporte teórico de apoio, a todas as questões que se colocam perante um sistema de informação.

Procurámos aplicar estes princípios científicos a um caso prático, o arquivo pessoal do Dr. Fernando da Silva Correia, constatamos que o objecto a ser estudado quanto ao factor estrutura orgânica é unicelular e quanto ao factor serviço/uso é centralizado, não subsistémico, e partimos para a interpretação de um sistema deste tipo tentando confirmar os princípios gerais, as modelações teóricas e as hipóteses formuladas no pólo teórico do método quadripolar da *Arquivística*. Na aplicação da metodologia de abordagem tivemos sempre em linha de conta a interacção dos pólos epistemológico, teórico, técnico e morfológico.

Este arquivo pessoal centra-se na pessoa de Fernando da Silva Correia, esta situação faz justiça à nova estrutura da sociedade portuguesa, a família nuclear, adequada ao individualismo liberal-burguês da era pós-industrial. Fernando da Silva Correia tem um percurso riquíssimo com uma vida profissional intensa e uma produção intelectual

contínua e diversificada nos diversos campos do saber, como a Medicina, Termalismo, Saúde Pública, História Local, entre outros.

Para início de trabalho fez-se um estudo biográfico do percurso de vida do titular do arquivo. Esta tarefa é imprescindível na reconstituição de um



arquivo pessoal, este não possui em si uma estrutura administrativa ou judicial de suporte, e no caso deste arquivo e no estado em que a documentação chegou não existe vestígio algum da matriz original. Coloca-se então a questão: Como recuperar a estrutura/organicidade?

São os ciclos da vida e as fases de actividade do indivíduo que dão o suporte que vai permitir a reconstituição do seu sistema de informação, a estrutura/organicidade de um indivíduo radica nos seus estádios psicossomáticos de desenvolvimento e nos seus ciclos de existência activa. O estudo exaustivo do percurso do Dr. Fernando da Silva Correia, veio dar coerência e orientação ao trabalho, o respeito pelo autor permite de forma natural o acesso à informação.

Este trabalho está em construção, e até ao momento, podemos apresentar o seguinte:

Estabelecemos duas grandes secções:

Secção A – ESTUDANTE E ESCRITOR (1902 -1919)

Secção B – MÉDICO, PROFESSOR, INVESTIGADOR E ESCRITOR (1919-1966)

A Secção A refere-se à sua fase da sua vida enquanto estudante nos liceus e na universidade de Coimbra e inclui o cumprimento do serviço militar (1917-1919).

A Secção B procura abranger as mais variadas atividades da sua vida. Tem início em 1919, quando este inicia a sua actividade de clínico geral nas Caldas da Rainha e término em 1966 com a sua morte. Esta secção é, sem dúvida, onde encontramos mais informação, foi dividida em diferentes subsecções e subsubsecções, que pretendem abranger todas as áreas de profissionais e também outras áreas de interesse do próprio. Sempre que possível estabelecemos as balizas cronológicas da subsecção em causa.

De referir que, até ao momento, não se encontrou documentação relativa à infância. Secção A – ESTUDANTE E ESCRITOR (1902-1919) é constituída por quatro subsecções. Ainda não apareceu documentação referente à sua passagem pelos Liceus da Guarda (1902-1904) de Leiria (1904-1907) e de Coimbra que frequentou entre 1908-1911. Subsecção A1 -

UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1911-1917), até ao momento, foram identificadas, uma série de revistas e documentos simples como o cartão

de estudante da Universidade, cartão de sócio da Associação Académica de Coimbra e um abaixo-assinado.

5

Subsecção A2 - ESCRITOR (1902-1919) identificamos uma série de artigos escritos pelo próprio e publicados em jornais e revistas de Coimbra, peças de teatro escritas entre 1908 e 1917, designadamente, A Sombra do Esculápio, A Máscara, O Romance de Coimbra e ainda, poemas e contos.

Subsecção A3 - SERVIÇO MILITAR (1917-1919), foram identificados os documentos simples: um louvor, bilhete de identidade de Oficial Miliciano e um álbum de fotografias. Secção B – MÉDICO, PROFESSOR, INVESTIGADOR E ESCRITOR, (1919-1966)

Subsecção B1 - GERAL, - subsecção muito vasta, constituída por 1110 registos informáticos, mas até ao momento, ainda não foi encontrada outra solução. Esta subsecção é constituída, pelas seguintes séries: Palestras, conferências e discursos, estes proferidos por diferentes autores, muitos deles amigos do Dr. Fernando Correia sobre temas científicos e culturais de interesse para este. Normas, regulamentos e estatutos de diferentes organismos nacionais e estrangeiros. Relatórios, impressos de diversas instituições nacionais e estrangeiras. Monografias, na maioria sobre Assistência. Boletins. Panfletos, com propaganda médica, publicidade e turísticos. Programas de teatro, concertos, congressos e turísticos. Mapas de estradas nacionais e estrangeiras, alguns desenhados por F. Correia. Gravuras. Postais ilustrados, está série não incluí o postal ilustrado recebido como correspondência. Desenhos, F. Correia desenhava e rascunhava, retratos, caricaturas, perfis, paisagens. Cartões-de-visita, em maço a aguardar serem ordenados alfabeticamente. Quatro agendas pessoais. Editais. Revistas de carácter geral e especializadas. Jornais, cerca de 180 títulos, na sua grande maioria organizados cronologicamente e por títulos. Recortes de jornais, alguns organizados por ano pelo Dr. Fernando Correia, mas na grande maioria estão em maços sem qualquer ordem cronológica ou temática. Catálogos de exposições e de publicações,

entre outros. Contas, série identificada mas não organizada, constituída essencialmente por facturas, recibos e talões de cheques. Fotografias, a maioria encontra-se em maço, conforme foi encontrada, aguarda tratamento. Correspondência, não se encontra organizada, existe da 1ª fase, 55 registos informáticos, da correspondência que foi aparecendo, mas que não se encontra organizada.

Das dezenas de caixotes de correspondência que recebemos na 2ª fase, limitámo-nos a separar e numerar (nº à parte do registo informático), sem proceder a qualquer outro tipo de tratamento.

A saber mais de 6.628 cartas e postais, os telegramas ainda não foram incluídos. Numa fase seguinte a correspondência irá ser ordenada alfabeticamente e cronologicamente, e registada na base de dados.

6

Nesta grande subsecção encontramos até ao momento, os seguintes documentos simples: Diário de viagens, Diário de uma crise de sinusite, Convite de casamento, Ex-libris, Caderno de Apontamentos, Cadastro, Curriculum, Bilhete de Identidade, Carta de condução, Passaporte.

Subsecção B2 - INSPECTOR DA SAÚDE ESCOLAR 3ª ÁREA (1934-1946), foram identificadas até ao momento as seguintes séries: Relatórios dos liceus da sua área escolar. Portarias e instruções. Inquéritos, feitos pelas visitadoras escolares nas escolas da área da sua jurisdição. Pessoal, mapas mensais dos médicos escolares e das visitadoras. Correspondência, identificada, mas não organizada, dirigida a F. Correia no âmbito da sua actividade como Inspector da Área de Saúde Escolar. Artigos de F. Correia sobre Saúde Escolar e teses de colegas sobre Saúde Escolar.

Subsecção B3 – DIRECTOR DO INSTITUTO SUPERIOR DE HIGIENE DR. RICARDO JORGE (1946-1961), tem uma série de jornais com artigos sobre o Instituto. Comemorações, série com publicações, convites sempre relativos a comemorações deste Instituto. A série Escola Nacional de Saúde Pública, onde consta o projecto, bases gerais relativas ao processo de fundação da supracitada. Publicações do ISHRJ, abordam diferentes temas da área científica, diferentes autores, tem em comum o facto de

todas terem sido publicadas Instituto. Ricardo Jorge, incluí artigos e publicações de diferentes autores sobre a vida e obra do Dr. Ricardo Jorge. Artigos do Dr. Ricardo Jorge, série dedicada à produção escrita do Dr. Ricardo Jorge. Cursos de formação, com as seguintes subséries: Curso para Subdelegados de Saúde, Curso de Aperfeiçoamento para Subdelegados de Saúde, Curso de Visitadoras, Curso de Medicina Sanitária, Curso de Aperfeiçoamento para Médicos, Curso de Reumatologia. Todos estes cursos foram promovidos e ministrados no âmbito das actividades do Instituto Superior de Higiene, logo intimamente associados a esta secção. O Dr. Fernando Correia exercia a sua actividade de docente nestes cursos.

Subsecção B4 - ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS RAINHA D. LEONOR, constituída por correspondência e relatórios.

Subsecção B5 - AURORA RIBEIRETE DA SILVA CORREIA, esposa de Fernando da Silva Correia, foram encontradas imagens de santos com orações, e ainda não foram tratados.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No âmbito da avaliação do trabalho, esta subsecção foi considerada pelo Dr. Armando Malheiro inadequada.

Subsecção B6 - BALNEÁRIO DAS ÁGUAS SANTAS, constituída por uma série de relatórios e outra com guias de inscrição.

Subsecção B7 - DISPENSÁRIO DE PROFILAXIA SOCIAL DAS CALDAS DA RAINHA, foi identificado um relatório.

Subsecção B8 - LABORATÓRIO MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA, foram identificados regulamentos e inventários.

Subsecção B9 - LACTÁRIO-CRECHE RAINHA DONA LEONOR, constituída por uma série de artigos do Dr. Fernando Correia sobre o mesmo.

Subsecção B10 - JOAQUIM MANUEL CORREIA, pai de Fernando da Silva Correia, constituída pelas séries: Editais; História local, artigos e estudos

sobre o concelho do Sabugal; Jornais, de que era assinante. E ainda, um caderno ilustrado com as fábulas de La Fontaine.<sup>2</sup>

Subsecção B11 - INVESTIGADOR, esta subsecção pretende abranger as diferentes áreas de investigação a que se dedicou Fernando da Silva Correia., existem muitos documentos repetidos, ou seja do mesmo trabalho existem exemplares manuscritos, escritos à máquina e revisão de provas.

Subsubsecção B11.1 - HISTÓRIA DA MEDICINA E DA ASSISTÊNCIA (285 registos informáticos), campo de investigação a que Fernando da Silva Correia dedicou grande parte da sua vida, em especial à História da Assistência (193 registos). Foram constituídas as seguintes séries: Faculdade de Medicina de Coimbra, onde se reúnem trabalhos sobre a história e a actividade científica da mesma. Assistência, constituída por trabalhos sobre a evolução das misericórdias, acção da Rainha Dona Leonor, assistência hospitalar, conceito de assistência. Termalismo, trabalhos sobre instâncias termais nacionais e estrangeiras. Medicina, dedicada ao estudo de figuras que marcaram a história da medicina em Portugal, bem como a evolução dos hospitais em Portugal. Saúde Pública, constituída por trabalhos sobre a história da saúde pública em Portugal. Todas estas séries necessitam de revisão.

Subsubsecção B11.2 - INVESTIGAÇÃO MÉDICO-CIENTÍFICA, intimamente associada à sua formação académica, foi um campo exaustivo de produção para Fernando da Silva Correia (321 registos). Esta subsubsecção necessita de revisão, no estado atual dos nossos conhecimentos sobre este sistema de informação, podemos arranjar para esta subsubsecção soluções mais concretas. Foram constituídas até ao momento as

---

<sup>2</sup> No âmbito da avaliação do trabalho, esta subsecção foi considerada pelo Dr. Armando Malheiro inadequada.

seguintes séries: Medicina, Medicina Social, Medicina Sanitária, Saúde Pública, Puericultura, Hidrologia, Higiene e Serviço Social.

Subsubsecção B11.3 - HISTÓRIA LOCAL, constituímos as séries: Caldas da Rainha, Hospital Termal e Sabugal. Resolvemos criar a série artificial, designada: Pergaminhos das Caldas, por se tratar de uma recolha de textos transcritas pelo autor com o objectivo de ser publicado sob este título.

Subsubsecção B12.4 – HISTÓRIA, uma série de artigos sobre história versando sobre vários temas.

Subsecção B13 - ESCRITOR, actividade que o acompanhou ao longo da sua vida, fraccionamos esta sua actividade em artigos, romance, poesia, peças de teatro, biografias e contos.

Subsecção B14 - PROFESSOR - Iniciou-se na docência em 1938 a reger cursos da história da Assistência no Instituto de Serviço Social de Lisboa, mas até ao momento, só apareceu documentação sobre os cursos de formação ministrados no âmbito das actividades do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge.

### 3.1. Comentário Crítico

Apresentado o quadro provisório de classificação não podemos deixar de tecer um comentário crítico a algumas situações.

Dentro da secção B, aparece a subsecção B1-Geral, esta designação neutra inclui os documentos pessoais, bem como todos os que estão relacionados com a sua vida privada. Por enquanto, e até encontrarmos uma solução melhor, optámos por incluir dentro desta subsecção, séries com todo o material bibliográfico (livros, revistas, separatas e boletins) que foram aparecendo. Justificamos tal atitude, pelo facto deste material ter constituído o suporte intelectual na produção de Fernando da Silva Correia, face a tal, não faz sentido tratá-lo fora do seu sistema de informação, fazendo por exemplo, um inventário unicamente bibliográfico. O seu sistema é constituído por informação em sistema (semi)-fechado e em sistema aberto, e não há dicotomia entre estes sistemas de informação, antes porém, complementam-se e completam-se.

Outro aspeto, que não podemos deixar de referir, diz respeito à subsecção B3 e B14. Numa 1ª fase colocámos na subsecção B14, o curso de Subdelegados de Saúde e o de Visitadoras, concluindo mais tarde que

estes cursos foram ministrados no âmbito das actividades do Instituto Ricardo Jorge, logo, intimamente ligados a sua função de Director.

9

A Subsecção B11 merece o seguinte comentário, foi constituída pelo facto da sua produção intelectual não estar associada à sua vida profissional, a sua vida enquanto investigador mescla-se com a vida profissional, é um facto, no entanto, a sua produção intelectual não se cinge a determinada área. Houve trabalhos de investigação, que o acompanharam ao longo da vida. Se, por vezes, determinados trabalhos de investigação se podem relacionar com o seu desempenho profissional da altura, muitos outros produzidos na mesma época, já não podem, neste sentido justifica-se plenamente a existência desta subsecção.

O último aspeto a comentar é relativo à classificação, esta foi estruturada no percurso biográfico do autor, no entanto, não podemos deixar de sentir que esta classificação cria “artificialmente” algumas situações, no sentido em que estabelece divisões que o próprio jamais imaginaria, pois o indivíduo certamente não se dividia desta forma, não deixava de ser médico para ser escritor e conciliava ao longo da vida as diferentes actividades.

Apesar das dúvidas suscitadas, penso que este respeito pelas fases da vida do indivíduo, é sem dúvida, a que melhor responde às necessidades do arquivista na reconstituição de um arquivo do género. Se mesmo respeitando este princípio, há dúvidas, e levantam-se questões constantemente, o que não dizer a respeito dos quadros de classificação apriorísticos. Não há duas pessoas iguais, logo, não há dois arquivos pessoais iguais, as vivências de cada um individualizam-no, tornam-no único. Estamos, então, perante um estudo de caso, à que estudá-lo segundo critérios científicos, que nos permitam respeitar o produtor, este foi o mentor daquele objecto seu, produzido por ele, vivenciado por ele, e se ele não deixou nenhum quadro de classificação da sua produção, à que estudar exaustivamente o seu percurso de vida de forma a respeitar as diferentes fases da sua existência.

O arquivista não deve esquecer o acesso à informação, este aspecto reveste-se de especial importância, mas não pode nem deve ser o principal

motivo que o move, pois, pode cair no erro de reconstituir um arquivo em função de determinado utilizador. Esta situação, faz com que se perca informação para outros eventuais interessados. O arquivista deve conseguir ser imparcial no seu trabalho, esta imparcialidade por vezes é muito difícil, porque até a sua formação base e os seus próprios interesses intelectuais o conduzem por determinado caminho, mas deve estar atento e conseguir alhear-se dos seus interesses.

### 3. Conclusão

10

Este trabalho revelou-se um desafio face à complexidade e heterogeneidade que o constituí. O factor tempo tornou-se o grande adversário, tivemos de definir etapas objectivas, para que este factor não bloqueasse o desenvolvimento do trabalho.

O principal objetivo deste trabalho foi a reconstituição do arquivo pessoal Fernando da Silva Correia, seguindo as orientações teóricas e metodológicas propostas no âmbito da disciplina de Arquivística. Aparentemente o caminho percorrido até ao presente afigura-se como o mais profícuo, embora a fase embrionária em que o trabalho se encontra, não permita ainda elaborar uma avaliação fidedigna dos resultados da aplicação desta metodologia ao tratamento de um arquivo pessoal, pela via do estudo de caso.

Como preocupação principal salienta-se o respeito para com o produtor, através do estabelecimento objectivo dos seus ciclos de vida e fases de actividade, que nortearam a elaboração do plano de classificação arquivístico com o objetivo final de tornar a informação acessível a potenciais investigadores.

Aprendi e jamais cairei no erro de tentar reconstituir um sistema de informação, sem fazer um estudo prévio e exaustivo do produtor e de todas as relações internas e externas do mesmo. Na ausência deste estudo caímos numa cilada, da qual não se sai, ou sai-se com a consciência de que não fizemos o melhor, pois não temos resposta para muitas questões



que a documentação coloca e ficamos com um trabalho mal elaborado sem sabermos quais foram as falhas.

É, sem dúvida, um trabalho que ainda está muito incompleto, à medida que se avança outras soluções mais viáveis vão sendo encontradas, a riqueza e quantidade de informação nele retida, tornam-no num trabalho moroso, e constantemente passível de alteração. A documentação necessita de um tratamento mais minucioso para não se perder informação, será feito este tratamento noutra fase. O tratamento informático revela-se um poderoso auxiliar, a informação nele contida permite em caso de dúvida, o acesso.

As dificuldades que surgiram ao longo da elaboração do trabalho foram todas as que surgem quando se faz um trabalho do género pela primeira vez, e foram sendo ultrapassadas recorrendo à bibliografia existente e às aulas do Dr. Armando Malheiro que com o seu entusiasmo foi auxiliando a ultrapassar etapas quando estas se revelavam quase impossíveis de ultrapassar tendo em conta o tempo disponível para fazer o trabalho.

Não podemos deixar de tecer uma crítica a um curso de Especialização que não prevê para uma cadeira importante como esta de Arquivística, um maior número de horas

11

lectivas, quer para as aulas teóricas quer para um acompanhamento dos alunos na elaboração destes trabalhos práticos. Muitas dúvidas surgiram e no contexto de trabalho académico não chegaram a ser esclarecidas.

O balanço geral é positivo e gratificante e esperamos poder aplicar estes conhecimentos ao longo da minha vida profissional.

## 5. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ivone [et al.] - Dicionário de terminologia arquivística. Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

BARATA, J. S. - Organização de um Arquivo Pessoal: Arquivo Mouzinho da Silveira. Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. Lisboa. ISSN 0007-9421. 2 (1993) 55-67.

COOK, Michael; PROCTER, Margaret - Manual of archival description. 2ª ed. Aldershot: Gower, cop. 1989.

CORREIA, Fernando da Silva - Pergaminhos das Caldas. Caldas da Rainha: Património Histórico-Grupo de Estudos.1995.

GARCIA, Maria Madalena - Arquivo Salazar: inventário e índices. Lisboa:Editorial Estampa. 1992.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, vol. 7, p. 748, vol. 39 (Apêndice), p. 384, e vol. 3 (Actualização), p. 485.

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila - As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. Lisboa. ISSN 0007-9421. 2 (1992) 29-45.

MAGALHÃES, Rodrigo de - Gestão da informação: o caminho do futuro? In

CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E

DOCUMENTALISTAS, 1, Porto, 1985 - A Informação em tempo de mudança: actas.

Porto: BAD, 1985. vol 1, p. 461-477. MCGARRY, K.J. - Da Documentação à

informação: um contexto em evolução. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

PEIXOTO, Pedro de Abreu - Os Arquivos de Família. Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. Lisboa. 1 (1991) 33-44.

PEIXOTO, Pedro de Abreu - Aspectos essenciais para o Desenvolvimento de uma Política de Arquivos Privados. Os Arquivos de Família. Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação. ISSN 0007 - 9421. Lisboa. 1 (1991) 43-48.

12

SILVA, Armando B. Malheiro da - Arquivos municipais e história local: algumas achegas para um novo debate. In ENCONTRO DE HISTÓRIA LOCAL DE ESPINHO, 1, Espinho, 1995 - Actas. Espinho: Câmara Municipal, 1996. p. 121-127.

SILVA, Armando B. Malheiro da - Arquivos de família e pessoais: algumas notas para o seu estudo e organização. In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 4, Braga, 1992 - Actas. Braga: BAD, 1992. p. 265-278.

SILVA, Armando B. Malheiro da, [et al.] - Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação, vol. 1. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

RIBEIRO, Fernanda - Indexação e controlo de autoridade em arquivos. Porto: Câmara Municipal, Departamento de Arquivos, 1996.

REIS, João C. - "Fernando da Silva Correia", in Arquivos do Instituto Nacional de Saúde, Vol. VI, Lisboa, 1981, p. 146-152

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol - Os fundamentos da disciplina arquivística. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1998.

TINOCO, Agostinho Gomes - Dicionário dos Autores do Distrito de Leiria, Leiria: Assembleia Distrital, 1979, p.689-700.

UCHA, Paula Cristina - Inventário do Espólio Humberto Delgado. Lisboa: Fundação Humberto Delgado; IAN/TT; INCM, 1998.

## **2. Normas de Arquivo por Joana Vitorino**

[Documento da autoria da Dra. Joana Vitorino]

[copiado a 1 e 3 de Agosto de 2017]

“Normas de Arquivo

- Descrição sempre do geral para particular

1º Zona de identificação – código referência (1)

- título (2)

- data (3)

- nível de descrição (4)

- dimensão e suporte (5)

(1) Identifica o que se esta a descrever pode não/ coincidir com as cotas do documento. Tem de ser preenchido em todos níveis de descrição/ código do país/ código da entidade detentora/ código da unidade de descrição.

Ex: PT/PHCR (Património Histórico – Caldas da Rainha) /FC (Fernando Correia)

(2) Nome do documento/ formal: nome oficial do documento/ atribuído: nome dado/ consagrado pelo uso

Ex: Título formal: “...” ou o nome do produtor do documento

Título atribuído: “...”/ pode conter palavra fundo ou arquivo

PT/PHCR/FC

Quando o documento é criado pela entidade, o nome da mesma não/ pode ir para **título**

Pode não ser possível atribuir título

◦Título atribuído: “sem título”

A grafia pode ser actualizada, mas o nome no antigo [sic?]/ deve ir para uma nota

Exemplo: Crónica de...

Nota: Chronica

[p. 1]

Se o autor for conhecido deve ser apresentado o nome após a/ descrição do título. Tal como os colaboradores, ou os/ destinatários da documentação.

- (3) Devem ser registadas as datas de produção do documento/ e as datas de acumulação do mesmo. Se não for [sic]/ iguais devem ser registadas as duas. Quando são colocadas datas extremas (2000-2015), se/ for pertinente pode se especificar mais (predominan/temente 2000, 2002, 2005,...).

Se não houver data pode ser colocada uma aproximada.

Quando é cópia regista-se a data de cópias e/ depois no Âmbito e Conteúdo: a data de produção.

As datas devem ser colocadas segundo a datação actual. Quando/ no documento aparece eras, períodos cronológicos, reinados. Etc/ vao [sic] para [o] separador Notas

- (4) Lugar que ocupaca [sic] na organização de um fundo

Fundo: conjunto de documentos de arquivo

Subfundo: subdivisões dos documentos que constam no fundo

Secção: subdivisão do fundo ou do subfundo. Divisões/ dependentes do anterior (fundo ou subfundo). Divisões geográfica, cronológica, funcional, temática

Subsecção: divisão da secção

Série: conjunto de documentos organizados segundo um sistema de arquivagem./ São [sic] conservados juntos pois pertencem ao mesmo processo

O nível de descrição é obrigatório

As subdivisões só as necessárias ao entendimento

- (5) Dimensão: quantidade, volume

Suporte: material, técnica

[2]

Existem vários tipos de documentos

- Documentos textuais
- Documentos iconográficos
- Documentos cartográficos (mapas, plantas, globos, atlas, etc)
- Documentos técnicos ou/e arquitectónicos (desenhos, imagens,/ modelos, maquetas)
- Documentos audiovisuais
- Documentos sonoros
- Documentos não-lineares (comportam um pouco de vários/ documentos)

Os documentos podem vir em livros, cadernos, maços, fotografias,/ caixas, pastas, rolos, discos, base de dados, etc.

Exemplo: Dimensão: 2214 liv., 1384 mc., 3297 processo

Quando a dimensão não é exacta, registar uma aproximada/ precedida de (c)

Exemplo: Dimensão: c. 1000 unidades

Quando existem documentos de natureza diferente, devem ser/ todos registados e em separado

Exemplo: Dimensão: x documentos (y documentos textuais e z documentos iconográficos)

Abreviaturas [em 3 colunas]

cad. – caderno

doc. – documento

folhas – f.

fólio – f.

fragm. – fragmento

liv. – livro

ms. – manuscrito

mf. – microfilme

num. – numérico

páginas – p.

pergaminho = perg.

Bit = b.

Byte = B.

Kilobyte = Kb.

Megabyte = Mb.

Gigabyte = Gb.

Terobyte = Tb.

Petobyte = Pb.

Exabyte = Eb.

Caixa = cx.

dossier = - doss.

maço = mç.

metros lineares = m. l.

pasta = pt.

processo = proc.

rolo = rl.

unidade instalação = u. i.

O suporte pode ser em vários materiais, em vários/ formatos (A4/A3) e várias qualidades (seda, papel vegetal,/ cartolina).

Exemplo: Suporte: na sua maioria papel, de diferentes texturas, e ainda documentos em papel vegetal e cartolina

[p. 3]

+ abreviaturas

pap. – papiro

M. – madeira

T. – têxtil

DUD

CD

Pode-se ainda referir o nome do **autor** [[acrescentado depois:] intelectual: planeia, mas não concretiza/ material: redacção do documento./ autor não

identificado], do produtor, do/ **coleccionador** [[acrescentado depois:] reúne os documento. [sic] Não os produz], do **destinatário** [[acrescentado depois:] às vezes é o autor], etc

Nas descrições devem ser evitados juízos de valor/ deve-se utilizar a grafia + recente/ deve-se evitar utilizar português arcaico/ deve-se utilizar tempo verbal no passado/ deve-se utilizar numeração árabe, excepto nos/ séculos, o [sic] no nome dos reis e papas

Hist. Arquivística é a descrição/ do que o arquivo percorreu/ até chegar ao local onde/ está a ser tratado. Deve-se registar/ os danos e perdas referir data

- Sabe-se através de/ documentação que acompanha/ a entrada dos documentos/ a arquivar.

#### Aquisição do Arquivo

- compra
- dação – entrega de documentos que são conservados para prova/ ou inf [?] para pagamento de uma dívida.
- doação – por vezes vem acompanhada de certas obrigações/ implica mudança de propriedade
- depósito – a documentação fica sob a guarda de uma/ entidade mas não muda de proprietário. Condições/ previamente abordadas
- incorporação – aquisição gratuita e definitiva
- herança – aquisição feita pelo Estado, quando é o único/ herdeiro do falecido

[p. 4]

- legado – aquisição por via testamentaria, sujeita ou não a/ condições.

#### Mudança de propriedade

- permuta – troca de documentos. Mudança de proprietário
- reintegração – entrega de documentos deslocados do seu/ proprietário legítimo
- restituição – devolução de documentos ao proprietário legítimo
- transferência – mudança de arquivos de lugares, com alteração/ ou não de proprietário

Exemplo: Fonte imediata de aquisição ou transferência: Documen/tação **depositada** por..., no ano...

#### **Atenção pois a documentação pode ser confidencial**

Tipologia Documental: tipo de documento

Só é registada se não vier no título.

Exemplo: Tipologia Documental: Bula

As marcas num documento devem ser sempre referidas, bem/ como inscrições, assinaturas

Qualquer alteração ou remoção deve ficar registado/ e esta sujeita ao cumprimento de regras

Quando a alteração se deu por causas naturais não/ necessita de ser descrita.

Pode haver ingressos adicionais em fundos abertos, mas/ raramente nos fechados. Deve ser registado

A organização da documentação pode ser: cronológica;/ numérica, alfabética ou outra.

### **Acesso ao arquivo**

As condições de acesso de reprodução devem ser bem/ explicitas.

- condições de acesso
- condições de reprodução
- idioma
- escrita
- características físicas

[p. 5]

Deve ser referido quem impos determinadas condições de/ acesso a determinado documento, quem tem acesso a[o] mesmo/ ou se é confidencial.

As condições de consulta e utilização do documento devem/ ser bem definidas. Tal como se as mesmas não existirem

### **Idiomas**

ara. – árabe  
eng. – inglês  
lat. – latim  
mad. (?) – mirandês  
por. – português  
cho. – chinês  
fra. – francês  
ita. – italiano

### **Escrita**

Arab. – árabe  
Brai. - braille  
Grek. – grego  
Goth. – gótico  
Latn. – latim

As características físicas e requisitos técnicos implicam/ informar sobre o que é necessário para visualizar ou/ ter acesso a determinado documento. No elemento **Dimensão/ e Suporte** só deve estar implícita alguma necessidade/ específica.

O estado físico do documento pode não permitir a sua/ consulta devendo ser disponibilizadas as cópias se/ houverem.

O local de cópias ou o[s] documentos originais deve ser sempre/ registado – **Existência e localização dos originais:...**

Pode-se fazer referência ao tipo (colectivo, individual/ ou familiar) de entidade responsável pelo documento/ em abordagem. Estas entidades podem ser produtoras,/ autoras ou coleccionadoras do documento.



As datas devem ser colocadas com: ano-mês-dia

Quando é cerca deve ser ([1991c])

([antes de])

([...ou...])

Década conhecida ([\_\_\_\_]) década provável ([30?])

([30-])

Século conhecido ([XX\_\_]) Século provável ([XX-?])

[p. 6]

O nome da pessoa que realizou determinado arquivo se/ for referido deve ser claro e sem abreviaturas.

Os documentos de arquivo devem ser sempre relacionados/ com quem procedeu ao mesmo (pessoa colectiva, singular/ ou família)

### **Exemplo**

Forma autorizada do nome: D. Carlos. 1863-1903, rei/ de Portugal

1º recurso relacionado:

Identificadores e títulos do recurso relacionado: Documentos de D. Carlos, D. Amélia, D. Manuel – fundo documental/ tipo de recurso relacionado

2º recurso relacionado: (1)

Identificadores e títulos do recurso relacionado: Barco com/ dois mastros (Museu do Chiado, nº de inv....)

- pintura – tipo de recurso relacionado (2)

(1) 1º recurso relacionado

Natureza da relação: produtor

Datas de recurso relacionadas/ 1893.1910 (datas de produção de documentação)

(2) 2º recurso relacionado

Natureza da relação: Autor.

Datas de recurso relacionado: Século XIX-XX (datas de produção da pintura)/ Significado das/ datas do recurso relacionado

Como pesquisar a documentação

ponto de acesso: um nome, um termo, uma palavra-chave,/ expressão ou código. Usado para identificar, pesquisar ou/ localizar.

Exemplo para pessoa colectiva

Ponto de acesso normalizado: PH, Património Histórico – Grupo/ de Estudos, Caldas da Rainha/ 1993-

Outras formas do nome: Casa da Cultura (-)

Caldas da Rainha – PH – Património Histórico, Grupo de/ Estudos

[p. 7]

Ponto de acesso normalizado: Património Histórico

Outras formas do nome: PH.

Se for conhecida e legal a ordem pode ser alterada/ e o **PH** aparecer no ponto de acesso normalizado

Registo Nacional de Pessoas Colectivas

Utilização do **fl** [[abaixo] fl. (2000-2015)] ou do **C** [[abaixo] c. 2014] ou do ponto (?) [[abaixo] provável ou desconhecido (2004?)]

Quando se fala em família é o nome da família

Seguido de um (.) e depois a palavra Família.

Exemplo: Vitorino. Família.

Se for necessário acrescentar um qualificador, este/ deve seguir-se à palavra Família, separado por uma (,)

-----

Sistema de Gestão de Base de Dados (SGBD) – programa/ que permite criar e gerir Bases de dados”

[p. 8]

### 3. Carta de doação da Doutora Natália Correia Guedes

Ex.<sup>a</sup> Senhora

Dr.<sup>a</sup> Isabel Xavier

M. II. Presidente da Associação Património Histórico

Apartado 105

2500 - Caldas da Rainha

Ass. Arquivo do Doutor Fernando da Silva Correia

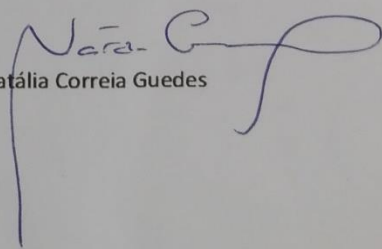
Venho agradecer a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a visita que me proporcionou, no passado dia 17, às novas instalações da Associação “Património Histórico” e felicitá-la pela iniciativa visto que estão agora reunidas as devidas condições para a conservação e divulgação de espólios documentais. Constatando esta premissa que aguardávamos há décadas, cumpre-me agora oficializar a minha decisão de oferecer à vossa Associação o Arquivo de meu tio Fernando da Silva Correia.

A partir desta data as condições de acesso e de divulgação do espólio passarão a ser de vossa inteira responsabilidade. No entanto, caso a Associação venha a ser extinta, o que de modo algum desejo, o espólio deverá reverter para o Arquivo Histórico Municipal das Caldas da Rainha ou, na inexistência deste, para o Arquivo Distrital de Leiria.

Renovo os meus agradecimentos pelo empenho demonstrado na preservação e divulgação do espólio; estou certa que irão ser agora plenamente cumpridos estes objectivos, pondo em evidência a obra e o carácter da personalidade homenageada que se distinguiu nas Caldas, como médico e fundador de diversas infraestruturas de apoio social e, num âmbito nacional e europeu, como investigador e pedagogo da história das Misericórdias e da Saúde Pública, como hidrologista e higienista.

Peço que apresente os meus cumprimentos a todos os vossos Associados, com especial destaque ao Doutor João Bonifácio Serra a quem devemos o lançamento deste projecto.

*Um abraço amigo*

  
Natália Correia Guedes

Av.<sup>a</sup> Marquês de Tomar, 106, 1.<sup>o</sup>esq.<sup>a</sup>

1050-158 Lisboa